

*"O romance
mais impactante
desse escritor."*

NEW YORK TIMES
BOOK REVIEW

JOHN LE CARRÉ

Autor de O jardineiro fiel

O HOMEM MAIS PROCURADO





**JOHN
LE CARRÉ**
O HOMEM MAIS PROCURADO

A MOST WANTED MAN • 2008

.

O homem mais procurado

Título original inglês: *A most wanted man*

John Le Carré – 2008

Tradução: Marcelo Schild

Copyright © 2008 by Le Carré Productions

O contrato celebrado com o autor proíbe a exportação deste livro para
Portugal e outros países de língua portuguesa

2010

Direitos de publicação exclusivos em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 – 20921

Rio de Janeiro, RJ

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

*Para meus netos,
nascidos e não nascidos*

A regra de ouro é ajudar os que amamos a escapar de nós.
FRIEDRICH VON HÜGEL

1

Caminhando pelas ruas de Hamburgo, de braço dado com a mãe, um campeão turco de boxe peso-pesado não pode ser culpado por não reparar que está sendo seguido por um garoto magrelo de sobretudo preto.

Grande Melik, como era conhecido por seus admiradores na vizinhança, era um cara enorme, peludo, desgrenhado e gentil, com um sorriso espontâneo, o cabelo preto amarrado em um rabo de cavalo e um passo suave e despreocupado que, mesmo sem a mãe, ocupava metade da calçada. Aos 20 anos, já era uma celebridade em seu mundinho, e não somente pelas proezas no ringue: foi eleito representante juvenil de seu grupo islâmico de esportes, foi três vezes finalista nos 100 metros borboleta no Campeonato do Norte da Alemanha e, como se isso já não bastasse, também era um astro no gol do time de futebol em que jogava aos sábados.

Como a maioria das pessoas muito grandes, estava mais acostumado a ser olhado do que a olhar para os outros, outro motivo pelo qual o garoto magrelo conseguiu segui-lo durante três dias e três noites consecutivas.

Os dois fizeram contato visual pela primeira vez quando Melik e a mãe, Leyla, saíam da Agência de Viagens al-Umma, onde tinham acabado de comprar passagens de avião para o casamento da irmã de Melik na cidade natal da família, nos arredores de Ancara. Sentindo que alguém o encarava fixamente, Melik olhou em volta e se deparou com um garoto alto e assustadoramente magro, da mesma altura que ele, barba por fazer, olhos avermelhados e fundos e um longo sobretudo negro de mágico no qual caberiam três pessoas. Tinha um *keffiyeh* preto e branco ao redor do pescoço e um alforje de pele de camelo pendurado no ombro. Ele olhou para Melik e depois para Leyla. Sem piscar, retornou o olhar para Melik, dessa vez chamando sua atenção com os olhos ferozes e profundos.

Outra boa razão para ignorar o garoto era a música clássica que as autoridades tocavam a todo volume naquela parte do saguão por meio de uma barreira de caixa de som bem posicionadas. O propósito longe de se espalhar sentimento de paz e de bem estar entre os ouvintes era expulsá-los o quanto antes do local.

Apesar de tudo isso, o rosto do garoto ficou gravado na mente de Melik. E por um breve instante, ele se sentiu constrangido por sua própria felicidade. Mas por que deveria? Algo maravilhoso tinha acabado de acontecer e ele mal conseguia esperar para ligar para a irmã e contar que a mãe deles, Leyla depois de seis meses cuidando do marido moribundo e de um ano com o coração em luto por ele, estava fervilhando de prazer com a perspectiva de comparecer ao casamento da filha, falando sobre o que vestiria, se o dote era grande o bastante e se o noivo era tão bonito quanto todos, incluindo a irmã de Melik, diziam.

Assim, por que Melik não deveria conversar com a própria mãe? E foi o que fez, entusiasmado até a casa. Foi a calma do garoto, ele pensou mais tarde. Aquelas rugas de envelhecimento em um rosto tão novo quanto o meu. Uma visão de inverno em um lindo dia de primavera.

Quando Melik entrou na pequena casa de tijolos que, depois de décadas de economias, era, quase sem dívidas, finalmente de sua mãe, só precisou aguardar poucas respirações antes que a campainha da porta da frente soasse. E, quando retornou para o primeiro andar, lá estava o garoto magrelo, os olhos ardendo do esforço da caminhada, o suor escorrendo em seu rosto como chuva de verão. Em sua mão trêmula, ele segurava um pedaço de papelão no qual estava escrito em turco: Sou um estudante de medicina muçulmano. Estou cansado e quero ficar em sua casa. Issa. E como que para confirmar a mensagem, trazia em torno do pulso um fino bracelete de ouro, com um berloque também em ouro de uma réplica do Alcorão.

Mas Melik estava com a mente cheia de raiva. Tudo bem, ele não era o maior intelecto que sua escola já vira, mas se recusava a se sentir culpado e inferior e a ser seguido e caçado por um mendigo cheio de atitude. Quando o pai morreu, Melik assumira orgulhosamente o papel de homem da casa e protetor de sua mãe e, como confirmação adicional de autoridade, fez o que nem o pai tinha conseguido: como residente turco de segunda geração, deu início ao longo caminho da cidadania alemã para a mãe e para si mesmo. Para isso, todos os aspectos do estilo de vida da família eram examinados meticulosamente, e oito anos de comportamento imaculado eram o primeiro pré-requisito. A última coisa da qual ele ou a mãe precisavam era de um andarilho perturbado alegando ser estudante de medicina e mendigando na porta de casa.

— Saia agora daqui — ordenou rudemente em turco ao garoto magrelo, colocando-se diante dele na porta. — Saia daqui. Pare de nos seguir e não volte.

Sem obter uma reação do rosto perturbado exceto um franzir, como se tivesse levado um golpe, Melik repetiu a instrução em alemão. Mas, quando começou a se mexer para bater a porta, viu Leyla em pé no degrau atrás dele, olhando sobre seu ombro para o garoto e o bilhete de papelão tremendo incontrolavelmente em sua mão.

E viu que ela já tinha lágrimas de pena nos olhos.



O domingo passou e, na manhã de segunda-feira, Melik inventou desculpas para não ir ao mercado de hortifrutigranjeiros do primo em Wellingsbüttel. Disse à mãe que precisava ficar em casa e treinar para o Campeonato Aberto de Boxe Amador. Precisava exercitar-se na academia e na piscina olímpica. Mas, na verdade, ele havia decidido que não era seguro deixá-la sozinha com um psicopata comprido e com delírios de grandeza que, quando não estava rezando ou olhando para a parede, esgueirava-se pela casa, tocando com gosto todas as coisas, como se recordasse delas de muito tempo atrás. O filho julgava Leyla uma mulher incomparável mas, desde a morte do marido, ela estava um tanto inconstante, orientando-se somente pelas emoções. Os que escolhia amar tornavam-se incapazes de cometer erros. A suavidade nos modos de Issa, sua timidez e os rompantes repentinos de alegria tornaram-no um membro instantâneo desse grupo seletivo.

Na segunda e novamente na terça-feira, Issa fez pouco mais do que dormir, rezar e tomar banho. Para se comunicar, falava um turco truncado com um sotaque peculiar e gutural, furtivamente, em disparos, como se falar fosse proibido mas, ainda assim, de um modo incompreensivelmente didático para os ouvidos de Melik. Fora isso, comia. Para onde ia tanta comida? A qualquer hora do dia, Melik entrava na cozinha e lá estava ele, com a cabeça debruçada sobre uma tigela de cordeiro, arroz e legumes, a colher nunca parada, os olhos movendo-se de um lado para o outro como

que para evitar que alguém roubasse a comida. Quando terminava, limpava a tigela com um pedaço de pão, comia o pão e, murmurando "graças a Deus" com um leve sorriso no rosto, como se tivesse um segredo bom demais para ser compartilhado com eles, levava a tigela para a pia e a lavava sob a torneira, algo que Leyla, sob nenhuma circunstância, teria permitido que o próprio marido ou o filho fizessem. A cozinha era domínio dela. Os homens ficavam de fora.

— Então, quando você acha que começará o curso de medicina, Issa?

— perguntou Melik casualmente, ao alcance dos ouvidos da mãe.

— Se Deus permitir, será logo. Preciso estar forte. E preciso não ser mendigo.

— Você sabe que precisará de permissão de residência. E de uma identidade de estudante. Sem falar nos mais ou menos cem mil euros para casa e comida. E um carro bacana de dois lugares para levar as namoradas para passear.

— Deus é infinitamente piedoso. Quando não for mais mendigo, ele fornecerá.

Para Melik, tal autoconfiança ia além da simples devoção.

— Ele nos custa dinheiro de verdade, mãe — declarou, invadindo a cozinha quando Issa estava seguro no sótão. — O quanto ele come... Todos esses banhos.

— Não mais do que você, Melik.

— Não, mas ele não é eu, ou é? Não sabemos quem é.

— Issa é nosso convidado. Quando tiver recuperado a saúde, com a ajuda de Alá, avaliaremos seu futuro — respondeu a mãe altivamente.

Os esforços implausíveis de Issa em passar despercebido somente o tornavam mais suspeito aos olhos de Melik. Deslizando pelo corredor apertado ou preparando-se para subir a escada para o sótão onde Leyla havia lhe preparado uma cama, ele empregava o que Melik considerava uma circunspeção exagerada, pedindo permissão com os olhos de cervo e encostando-se contra a parede quando Melik ou Leyla precisavam passar.

— Issa esteve na prisão — anunciou Leyla com complacência certa manha.

Melik ficou chocado.

— Você tem certeza? Estamos abrigando um criminoso? A polícia sabe disso? Ele contou isso a você?

— Ele disse que na prisão em Istambul dão apenas um pedaço de pão e uma tigela de arroz por dia — disse Leyla, e, antes que Melik pudesse protestar mais, completou com uma das panaceias favoritas do marido falecido: — Honramos o convidado e oferecemos assistência aos necessitados. Nenhum trabalho de caridade deixará de ser recompensado no paraíso — entonou. — Seu próprio pai não esteve na prisão na Turquia, Melik? Nem todos que vão para a prisão são criminosos. Para pessoas como Issa e seu pai, a prisão é um emblema de honra.

Mas Melik sabia que ela tinha outros pensamentos em mente, os quais estava menos inclinada a revelar. Alá respondera às suas preces. Enviara a ela um segundo filho para compensar o marido que perdera. Ela parecia não se importar que ele fosse um criminoso meio louco, ilegal e com delírios a respeito de si mesmo.



Ele era da Chechênia.

Essa foi a conclusão a que eles chegaram quando, na terceira noite, Leyla surpreendeu os dois ao soltar umas duas frases em checheno, algo que Melik jamais a ouvira fazer. O rosto desajeitado de Issa iluminou-se com um sorriso repentino e surpreso que desapareceu tão rapidamente quanto surgiu, e logo depois, o rapaz pareceu emudecer. A explicação de Leyla para seus dotes linguísticos foi simples. Quando menina, na Turquia, ela brincara com crianças chechenas em sua aldeia e havia aprendido algumas coisas da língua delas. Ela adivinhou que Issa era checheno no momento em que colocou os olhos nele, mas manteve o segredo porque, com chechenos, nunca se sabe.

Ele era da Chechênia, a mãe estava morta e tudo que tinha como recordação dela era o bracelete de ouro com o Alcorão, colocado por ela em seu pulso antes de morrer. Mas quando e como ela morreu e quantos anos ele tinha quando herdou o bracelete eram perguntas que Issa não conseguia ou não queria entender.

— Os chechenos são odiados em todos os lugares — explicou Leyla a Melik, enquanto Issa mantinha a cabeça abaixada e continuava a comer. —

Mas não por nós. Você está me ouvindo, Melik?

— E claro que estou, mãe.

— Todos perseguem os chechenos, menos nós — prosseguiu. — É normal em toda a Rússia e no mundo. Não apenas os chechenos, mas também os muçulmanos russos. São perseguidos por Putin, que tem o apoio de Mr. Bush. Enquanto Putin chamar isso de sua guerra ao terror, poderá fazer o que quiser com os chechenos e ninguém o impedirá. Não é assim, Issa?

Mas o breve momento de prazer de Issa passara havia muito tempo. As sombras haviam retornado a seu rosto arruinado, a fagulha de sofrimento aos olhos de cervo, e a mão debilitada fechava-se protetoramente sobre o bracelete. *Fale, desgraçado*, exigia Melik com indignação, mas não em voz alta. Se alguém me surpreende falando turco, eu respondo em turco, é apenas uma questão de educação. Então por que não responde à minha mãe com algumas palavras gentis em checheno, ou está ocupado demais comendo o que ela lhe dá de graça?

Ele tinha outras preocupações. Executando arditamente — Issa estava na cozinha, como sempre conversando com sua mãe — uma inspeção de segurança no sótão que Issa passara a tratar como seu território soberano, fez algumas descobertas reveladoras: comida escondida, como se Issa planejasse fugir; um 3x4 de sua irmã comprometida de quando tinha 18 anos, emoldurado em ouro e furtado da amada coleção de retratos de família da mãe de Melik, que ficava na sala; e a lente de aumento do pai, largada sobre uma cópia das *Páginas Amarelas* de Hamburgo, aberta na seção dedicada aos bancos da cidade.



— Deus deu a sua irmã um sorriso terno — Leyla declarou contente, em resposta aos protestos indignados de Melik de que estavam abrigando um desviado sexual, bem como um ilegal. — Seu sorriso vai aliviar o coração de Issa.

Issa era da Chechênia, então, falasse ou não a língua. Seus pais estavam mortos, mas quando perguntado sobre eles, ficava tão confuso

quanto os anfitriões, olhando docemente para um canto da sala com as sobancelhas levantadas. Ele era apátrida, sem casa, ex-prisioneiro e ilegal, mas Alá forneceria os meios para ele estudar medicina, uma vez que ele não era mais mendigo.

Bem, Melik também sonhara em ser médico e até extraíra do pai e dos tios a promessa de que financiariam seu curso, algo que implicaria verdadeiro sacrifício da família. E se ele tivesse sido um pouco melhor nos exames e talvez jogasse menos bola, é onde ele estaria hoje: na faculdade de medicina, aluno do primeiro ano trabalhando para conquistar a honra da família. Era compreensível, portanto, que a suposição de Issa de que Alá o capacitaria a ter sucesso no que Melik claramente fracassara lhe permitia pôr de lado as advertências de Leyla e, tanto quanto permitisse seu bom coração generoso pedia, testar ele mesmo o convidado.

A casa era dele. Leyla tinha saído para fazer compras e só voltaria no meio da tarde.

— Você estudou medicina, não é? — Ele sugeriu, sentando-se ao lado de Issa para uma intimidade maior e imaginando-se o mais esperto dos interrogadores do mundo. — Legal.

— Estive em hospitais, *sir*.

— Como estudante?

— Estava doente, *sir*.

Por que tanto *sir*? Isso vinha da prisão também?

— Ser paciente não é como ser médico, é? Um médico tem que saber o que há de errado com as pessoas. Um paciente fica lá esperando o médico tratar.

Issa considerou essa afirmação da maneira complicada em que considerava todas as declarações de qualquer tamanho, ora sorrindo para o espaço, ora coçando a barba com os dedos de aranha e finalmente sorrindo brilhantemente sem responder.

— Quantos anos você tem — Melik exigiu, mais direto do que planejava. — Se você não se importa de eu perguntar — sarcástico.

— Vinte e três, *sir*. — Novamente, depois de consideração prolongada.

— Isso é bem velho, não é? Mesmo que você começasse sua residência amanhã, só seria um médico qualificado aos trinta e cinco anos ou algo assim. Além de aprender alemão. Você teria que pagar por isso também.

— Também, e se Deus quiser, eu me casarei com uma boa esposa e terei muitos filhos, dois meninos e duas meninas.

— Não com minha irmã. Ela vai se casar no mês que vem.

— Se Deus quiser, ela terá muitos filhos, *sir*.

Melik considerou sua próxima linha de ataque e mergulhou: — Como você chegou a Hamburgo? — perguntou.

— É irrelevante.

Irrelevante? De onde ele tirou *essa* palavra? E em turco?

— Você não sabia que eles tratam pior os refugiados nesta cidade do que em qualquer outro lugar da Alemanha?

— Hamburgo será minha casa, *sir*. Foi para cá que me trouxeram. É o mandamento divino de Alá.

— *Quem* te trouxe? Quem são *eles*?

— Foi o acerto, *sir*.

— Acerto de quê?

— Talvez povo turco. Talvez povo checheno. Nós pagamos a eles. Eles nos levam para o barco. Colocam no contêiner. Contêiner tinha pouco ar.

Issa estava começando a suar, mas Melik tinha ido longe demais para recuar agora.

— *Nós?* Quem somos *nós*?

— Era grupo, *sir*. De Istambul. Grupo ruim. Homens maus. Eu não respeito esses homens. — O tom superior novamente, mesmo em mau turco.

— Quantos eram?

— Talvez vinte. Contêiner estava frio. Depois de algumas horas, muito frio. Este navio ia para a Dinamarca. Eu estava feliz.

— Você quer dizer Copenhague, certo? Copenhague na Dinamarca. A capital.

— Sim — rindo como se Copenhague fosse uma boa ideia — para Copenhague. Em Copenhague, eu estaria arranjado. Livre de homens maus. Mas este navio não foi imediatamente Copenhague. Este navio deve ir primeiro para a Suécia. Para Gotemburgo. Sim?

— Acredito que haja um porto sueco chamado Gotemburgo — reconheceu Melik.

— Em Gotemburgo, o navio atraca, o navio leva a carga e depois Copenhague. Quando o navio chega a Gotemburgo, estamos muito doentes, com muita fome. No navio eles nos dizem: “Não façam barulho. Suecos duros. Os suecos matam você.” Não fazemos barulho. Mas os suecos não gostam do nosso contêiner. Suecos têm cachorro. — Ele reflete

um pouco. — “Qual é seu nome, por favor?” — Ele diz, alto, o bastante para fazer Melik se endireitar na cadeira. “Documentos, por favor? Vocês fugiram da prisão? Que crimes, por favor? Você fugiu da prisão? Como, por favor?” Os médicos são eficientes. Eu admiro esses médicos. Eles nos deixaram dormir. Sou grato a esses médicos. Um dia eu serei um médico assim. Mas preciso fugir se Deus quiser. Fugir não chance. Tem cerca da OTAN. Muitos guardas. Mas também tem banheiro. No banheiro tem janela. Depois da janela tem grade. Meu amigo pode abrir o portão dessa grade. Meu amigo tem barco. Eu volto para o barco. O barco me leva a Copenhague. Enfim, eu digo. Em Copenhague tinha caminhão para Hamburgo. Senhor, eu amo Deus. Mas o Ocidente eu também amo. No oeste estarei livre para adorá-lo.

— Um caminhão trouxe você para Hamburgo?

— Foi combinado.

— Um caminhão checheno?

— Meu amigo deve primeiro me levar para a estrada.

— Seu amigo da tripulação? Aquele amigo? O mesmo cara?

— Não, senhor. Foi amigo diferente. Chegar à estrada era difícil. Antes do caminhão, precisamos dormir uma noite no campo. — Ele olhou para cima e uma expressão de pura alegria momentaneamente inundou suas feições abatidas. — Foram as estrelas. Deus é misericordioso. Louvado seja Ele.

Lutando contra as improbabilidades dessa história, humilhado por seu fervor e enfurecido tanto pelas omissões quanto por sua própria incapacidade de superá-las, Melik sentiu a frustração se espalhar para seus braços e punhos, e seus nervos de lutador se contraírem no estômago.

— Onde foi que você caiu nesse caminhão mágico que apareceu do nada? Onde você caiu?

Mas Issa não estava mais ouvindo, se é que ouviu em algum momento. De repente — ou de repente para os ansiosos olhos de Melik —, o que quer que vinha sendo construído nele explodiu. Levantou-se como um bêbado e, com a mão na boca, mancou curvado até a porta, abriu-a com dificuldade, embora não estivesse trancada, e seguiu pelo corredor até o banheiro. Momentos depois, a casa estava cheia de uivos e ânsias, algo que Melik não ouvia desde a morte do pai. Aos poucos, cessou, veio então o ruído de água, depois a porta do banheiro foi aberta e fechada. Os degraus do sótão rangeram enquanto Issa subia a escada. Veio em seguida um

profundo e perturbador silêncio, quebrado a cada quinze minutos pelo relógio cuco eletrônico de Leyla.



Às quatro da tarde, Leyla retornou carregada de compras e, interpretando a atmosfera, repreendeu Melik por transgredir seus deveres de anfitrião e desonrar o nome do pai. Ela também se retirou para seu quarto, onde permaneceu em isolamento até a hora de preparar a refeição da noite. Logo o cheiro de comida invadiu a casa, mas Melik permaneceu na cama. Às oito e meia, ela bateu o gongo de bronze para o jantar, um presente de casamento precioso que para Melik sempre soava como reprovação. Sabendo que ela não tolerava demora nesses momentos, ele foi para a cozinha, evitando os olhos dela.

— Issa, querido, desça, por favor! — Leyla gritou e, não recebendo resposta, agarrou a bengala do falecido marido e bateu no teto com a ponteira de borracha, os olhos acusando Melik, que, sob aquele olhar gelado, encarou a subida ao sótão.

Issa estava deitado de lado em seu colchão, de cueca, encharcado de suor. Tinha tirado do pulso a pulseira de sua mãe e a segurava com a mão suada. Em volta do pescoço havia uma bolsa de couro sujo. Seus olhos estavam bem abertos, mas ele parecia inconsciente da presença de Melik. Estendeu a mão para tocá-lo no ombro, mas recuou, horrorizado. O torso de Issa era um xadrez de contusões azuis e alaranjadas. Algumas pareciam chicotadas, outras, pauladas. Nas solas dos pés — os mesmos pés que haviam batido as calçadas de Hamburgo — havia buracos supurados de queimaduras de cigarro. Colocou um cobertor em torno do corpo dele, ergueu-o ternamente e carregou o passivo Issa escada abaixo para os braços de Leyla.

— Coloque-o na minha cama — sussurrou Melik através das lágrimas. — Vou dormir no chão. Não me importo. Vou até trazer para ele a foto da minha irmã sorrindo — acrescentou, e subiu a escada para pegá-la.



O corpo martirizado de Issa estava envolto no roupão de Melik, as pernas machucadas ultrapassando o pé da cama de Melik, a corrente de ouro ainda agarrada na mão, o olhar fixo na *wall of fame* de Melik: fotos do campeão triunfante, seu cinturão de boxe, as luvas vencedoras. O próprio Melik estava agachado ao lado dele. Queria ligar para um médico às suas próprias custas, mas Leyla o proibiu. Perigoso demais. Para Issa, mas também para nós. O que aconteceria com nosso pedido de cidadania? De manhã, a febre deve baixar e ele vai começar a melhorar.

Mas a febre não baixou.

Dissimulada atrás de um lenço e viajando de táxi para desencorajar seguidores imaginários, Leyla fez uma visita inesperada a uma mesquita do outro lado da cidade, onde se dizia que atuava um jovem médico turco. Três horas depois, ela voltou para casa enfurecida. O jovem médico era um tolo e uma fraude. Não sabia nada. Não tinha as qualificações mais elementares, nenhuma noção de suas responsabilidades religiosas. Muito provavelmente, nem era médico.

Enquanto isso, na sua ausência, a febre de Issa afinal tinha baixado um pouco, e ela conseguiu aproveitar as habilidades rudimentares de enfermagem que adquirira no passado, antes que a família pudesse pagar a visita de um médico ou visitar um. Se Issa tivesse ferimentos internos, ela disse, ele nunca teria podido engolir toda aquela comida, então não receou lhe dar aspirina para a febre ou seu caldo de água de arroz com ervas turcas.

Sabendo que Issa, na saúde ou na morte, nunca permitiria que ela tocasse seu corpo nu, deu toalhas a Melik, um cataplasma para a testa e uma tigela de água fria para que o esfregasse de hora em hora. Para fazer isso, Melik, que estava com remorso, viu-se obrigado a soltar a bolsa de couro do pescoço de Issa.

Só depois de longa hesitação e estritamente no interesse do hóspede doente — ou pelo menos ele se convenceu disso — e não antes que Issa se

virasse para a outra parede e caísse num meio sono entrecortado por murmúrios em russo, desatou o fio e tirou a bolsa.

Seu primeiro achado foi um monte de recortes enrolados de jornais russos desbotados, presos com elástico. Ele os espalhou no chão. Em todos havia a fotografia de um oficial fardado do Exército Vermelho. Sessentão, abrutalhado, de boca larga, queixo quadrado. Dois recortes eram anúncios fúnebres, enfeitados com cruzes ortodoxas e insígnias regimentais.

O segundo achado de Melik foi um maço de notas de cinquenta dólares americanos, *novinhas em folha*, dez ao todo presas por um clipe de dinheiro. Ao vê-las, todas as suas antigas suspeitas voltaram. Um fugitivo faminto, sem casa, sem dinheiro e surrado tem quinhentos dólares intocados na bolsa? Ele roubou? Falsificou? Foi por isso que esteve preso? Era o que sobrara depois de ter pago os contrabandistas de Istambul, o gentil tripulante que o escondera e o motorista do caminhão que o levara de Copenhague a Hamburgo? Se ele tem quinhentos sobrando agora, quanto teria no começo? Talvez suas fantasias médicas não sejam afinal tão quiméricas...

Seu terceiro achado foi um envelope branco encardido, amassado numa bola, como se alguém tivesse pensando em jogá-lo fora e depois mudou de ideia: nenhum carimbo, nenhum endereço, a aba aberta. Desamassando o envelope, tirou uma carta datilografada de uma página em letras cirílicas. Tinha um endereço impresso, uma data e o nome do remetente — ou assim ele supunha — em grandes letras pretas no topo. Abaixo do texto havia uma assinatura ilegível em tinta azul, seguida de um número de seis dígitos à mão, mas escrito com muito cuidado, cada algarismo gravado várias vezes, como num aviso de *não esquecer*.

O último achado foi uma chave, uma pequena chave tubular, torneada a máquina, com dentes complexos em três lados: pequena demais para uma porta de prisão, considerou, pequena demais para o portão da tal grade em Gotemburgo. Mas do tamanho certo para algemas.

Recolocando os pertences de Issa na bolsa, Melik colocou-a sob o travesseiro encharcado de suor, para que a descobrisse ao acordar. Na manhã seguinte, a sensação de culpa não o deixaram sair. Durante toda a vigília da noite, estendido no chão com Issa um passo acima dele na cama, tinha sido atormentado pelas imagens do sofrimento no corpo martirizado de seu convidado e pela percepção de sua própria mediocridade.

Como lutador, ele conhecia a dor, ou achava que sim. Como garoto de rua turco, havia sido espancado e retribuído. Numa luta recente pelo campeonato, uma chuva de socos o jogou no escuro vermelho do qual os boxeadores temem não retornar. Nadando contra alemães numa competição, ele testara os limites extremos de sua resistência, ou achava que sim.

Comparado a Issa, ele não sabia de nada.

Issa é um homem e eu ainda sou um menino. Sempre quis um irmão, ele foi entregue na minha porta e eu o rejeitei. Sofreu como um verdadeiro defensor de suas crenças, enquanto eu cortejava a glória barata num ringue de boxe.



Nas primeiras horas da madrugada, a respiração irregular que manteve Melik acordado a noite toda se estabilizou num ritmo constante.

Substituindo o cataplasma, ficou aliviado ao constatar que a febre de Issa baixara. No meio da manhã, Issa estava recostado como um paxá na pilha de almofadas de veludo dourado da sala de visitas, Leyla o alimentava com seu caldo e a corrente de ouro da mãe dele voltara ao pulso.

Doente de vergonha, Melik esperou que Leyla fechasse a porta ao sair do quarto. Ajoelhado ao lado de Issa, ele baixou a cabeça.

— Olhei sua bolsa — disse ele. — Estou profundamente envergonhado do que fiz. Que o misericordioso Alá me perdoe.

Issa entrou num dos seus silêncios eternos, depois colocou a mão no ombro de Melik.

— Nunca confesse, meu amigo — ele aconselhou sonolento, pegando a mão de Melik. — Se confessar, eles vão manter você lá para sempre.

2

Eram seis horas da sexta-feira seguinte quando o banco privado Brue Frères PLC — anteriormente de Glasgow, Rio de Janeiro e Viena e, atualmente, de Hamburgo — encerrou o expediente para o fim de semana.

As 17h30, um zelador musculoso fechara o portão de entrada da bela *villa* avarandada ao lado do lago Binnen Alster. Em minutos, a caixa-chefe havia trancado a casa-forte e ligado o alarme, a secretária-chefe havia dispensado a última das meninas e conferido seus computadores e latas de lixo e a funcionária mais antiga do banco, *Frau* Ellenberger, havia desligado os telefones, colocado sua boina, destrancado a bicicleta do aro de metal no pátio e pedalado para buscar a sobrinha-neta na aula de dança.

Mas não antes de parar por um instante e brincar com o patrão, o senhor Tommy Brue, último sócio vivo do banco e portador de seu famoso nome: — Mr. Tommy, o senhor é pior do que nós, alemães — enfiando a cabeça pela porta do santuário do patrão, protestou no inglês perfeito que fora ensinada. — Por que o senhor se tortura com o trabalho? A primavera está aí. Não reparou que já estão aparecendo as primeiras flores? O senhor está com 60 anos, lembre-se disso. Deveria estar em casa, tomando uma taça de vinho com a senhora Brue em seu jardim! Do contrário, vai se desgastar até desfilar — avisou, mais para exibir seu amor por Beatrix Potter do que por qualquer esperança de corrigir o jeito do patrão.

Brue levantou a mão direita e girou-a em uma excelente paródia da bênção papal.

— Fique bem, *Frau* Elli — respondeu, em uma resignação irônica. — Se meus empregados se recusam a trabalhar para mim durante a semana, não tenho outra escolha além de trabalhar por eles nos fins de semana. *Tschüss* — acrescentou, soprando-lhe um beijo.

— *Tschüss*, Mr. Tommy, e lembranças à esposa.

— Serão transmitidas.

A realidade, como ambos sabiam, era diferente. Com os telefones e corredores em silêncio, sem clientes clamando por atenção e com a esposa, Mitzi, em sua noite de bridge com os Von Essen, o reino de Brue era só dele. Ele podia analisar a semana que chegava ao fim e dar início à

seguinte. Podia também consultar, se estivesse disposto, sua própria alma imortal.



Em deferência ao clima quente demais para a época do ano, Brue vestia camisa social e suspensórios. O paletó do terno feito sob medida estava dobrado cuidadosamente sobre um antigo cabideiro de madeira ao lado da porta: Randolph's de Glasgow, alfaiates dos Brue há quatro gerações. A escrivaninha em que trabalhava era a mesma que Duncan Brue, fundador do banco, trouxera consigo a bordo do navio no qual, em 1908, viera da Escócia com nada além de esperança no coração e cinquenta soberanos de ouro no bolso.

A enorme estante de mogno que ocupava toda uma parede também fazia parte do legado familiar. Atrás do vidro ornamentado jaziam fileiras e mais fileiras de obras-primas da cultura mundial encadernadas em couro: Dante, Goethe, Platão, Sócrates, Tolstói, Dickens, Shakespeare e, um pouco misteriosamente, Jack London. A estante fora aceita pelo avô de Brue como parte de um mau empréstimo, assim como os livros. Será que se sentira obrigado a ler todos eles? A lenda dizia que não. Eram apenas um depósito bancário.

E na parede diretamente oposta a Brue, como uma placa de trânsito eternamente em seu caminho, ficava pendurada a árvore genealógica da família, pintada a mão e emoldurada em ouro. As raízes do antigo carvalho penetravam profundamente nas margens do prateado rio Tay. Os ramos espalhavam-se para o leste, rumo à Europa Antiga, e para o oeste, rumo ao Novo Mundo. Marcadores dourados indicavam as cidades nas quais casamentos com estrangeiros haviam enriquecido a linhagem dos Brue, para não falar de seu patrimônio.

E o próprio Brue era um descendente digno dessa linhagem nobre, mesmo sendo o último. No fundo do coração, ele sabia que o Frères, como apenas a família se referia ao banco, era um oásis de práticas ultrapassadas. O Frères testemunharia seus últimos dias, mas o Frères havia percorrido seu curso natural. É claro que ainda havia Georgie, sua

filha com a primeira mulher, Sue, mas o endereço conhecido mais recente dela era um *ashram* perto de São Francisco. Ser banqueira nunca esteve entre seus objetivos.

Contudo, na aparência, Brue era tudo menos obsoleto. Era bem constituído e cuidadosamente alinhado, com uma frente ampla e coberta de sardas e um emaranhado bem escocês de cabelos ruivos com tons castanhos, o qual de algum modo conseguira domar e dividir ao meio. Ele tinha a segurança da riqueza, mas nenhuma arrogância. Os traços de seu rosto, quando não estavam franzidos pela inescrutabilidade profissional, eram afáveis e, apesar de uma vida inteira como banqueiro, ou por causa dela, não traziam marcas. Quando os alemães diziam que era tipicamente inglês, ele dava uma grande gargalhada e prometia aceitar o insulto com a audácia própria dos escoceses. Se era uma espécie em extinção, também estava secretamente bastante satisfeito consigo mesmo por causa disto: Tommy Brue, pessoa admirável, um homem bom em uma noite escura, nada ambicioso mas ainda melhor por causa disso, esposa de primeira, excelente companhia à mesa de jantar e bom jogador de golfe. Ou era o que diziam, acreditava, e devia ser mesmo verdade.

Depois de dar uma última olhada no fechamento dos mercados e de calcular o impacto sobre os recursos do banco — o desânimo usual das sextas feiras, nada com que esquentar a cabeça — Brue desligou o computador e correu os olhos sobre a pilha de pastas que *Frau* Ellenberger marcara com uma dobra para chamar sua atenção.

Durante toda a semana, ele lutou contra as complexidades quase incompreensíveis do mundo do banqueiro moderno, no qual conhecer para quem emprestava dinheiro era praticamente tão provável quanto conhecer o homem que o imprimira. Em contraste, as prioridades dessas seções das sextas-feiras eram determinadas tanto pelo humor quanto pela necessidade. Se Brue estivesse se sentindo bondoso, poderia passar a noite reorganizando de graça um fundo de caridade de algum cliente; caso estivesse caprichoso, um haras, um spa ou uma cadeia de cassinos. Ou, se fosse a época do ano de fazer contas, habilidade que adquirira por meio de trabalho duro, e não pelos genes da família, ouvia um pouco de Mahler enquanto ponderava os prospectos dos corretores, das casas de capital de risco e de fundos de pensão concorrentes.

Mas hoje ele não desfrutava de tal liberdade de escolha. Um cliente valioso tornara-se alvo de uma investigação da Bolsa de Valores de

Hamburgo e, apesar de Brue ter sido assegurado por Haug von Westerheim, presidente do comitê, de que nenhuma intimação seria feita, sentiu-se obrigado a mergulhar nas últimas reviravoltas do caso. Mas, antes disso, recostado na cadeira, reviveu o momento improvável no qual o velho Haug quebrou as próprias regras ferrenhas de confidencialidade.

No esplendor marmorizado do Clube Anglo-Germânico, um jantar de gala suntuoso está no auge. Os melhores e mais inteligentes membros da comunidade financeira de Hamburgo celebram um dos seus. Tommy Brue completa 60 anos nesta noite, e era melhor que acreditasse nisso, pois seu pai, Edward Amadeus, gostava de dizer: *Tommy, meu filho, a aritmética é a única parte que não mente em nosso negócio*. O clima é eufórico, a comida boa, o vinho melhor, os ricos estão felizes e Haug von Westerheim, um septuagenário dono de uma frota naval, corretor poderoso, anglófilo e espirituoso, faz um brinde à saúde de Brue.

— Tommy, *dear boy*, decidimos que você está lendo muito Oscar Wilde — ele canta em inglês, taça de champanhe na mão, em pé diante de um retrato da rainha quando jovem. — Ouviu falar de Dorian Gray, talvez? Achamos que sim. Achamos que você pegou uma folha do livro. Achamos que nos cofres do seu banco está o retrato hediondo de Tommy em sua verdadeira idade atual. Enquanto isso, ao contrário de sua querida rainha, você se recusa a envelhecer graciosamente, e fica sorrindo para nós como um elfo de 25 anos, exatamente como nos sorria quando chegou aqui de Viena, há sete anos, para nos privar de nossas suadas riquezas.

Os aplausos continuam enquanto Westerheim pega a mão elegante da esposa de Brue, Mitzi, e, com galanteria adicional por ser vienense, beija-a e informa que sua beleza, ao contrário da de Brue, é de fato eterna. Com emoção sincera, Brue se levanta da cadeira com a intenção de apertar a mão de Westerheim, mas o velho, embriagado tanto por seu triunfo quanto pelo vinho, envolve-o num abraço de urso e sussurra em seu ouvido: — Tommy, *dear boy*... essa investigação sobre um certo cliente seu... vamos cuidar dela... primeiro adiamos por motivos técnicos... depois jogamos no Elba... parabéns, Tommy, meu amigo... você é um sujeito decente...

Colocando os óculos de meia armação, Brue estudou novamente as acusações contra o cliente. Outro banqueiro, ele imaginou, já teria telefonado para Westerheim e agradecido sua palavra discreta, confirmando-a. Mas Brue não o fez. Não conseguiu cobrar do *old boy* uma promessa precipitada feita no calor de seu sexagésimo aniversário.

Pegando uma caneta, ele rabiscou uma nota para *Frau Ellenberger*: *Primeira coisa na segunda-feira, ligue para a Secretaria do Comitê de Ética e pergunte se uma data foi marcada. Obrigado! TB. Feito, pensou. Agora o velho pode escolher em paz se deve avançar com a audiência ou matá-la.*

A segunda tarefa imperdível da noite era *Mad Marianne*, como Brue a chamava, mas apenas com *Frau Ellenberger*. Marianne, viúva sobrevivente de um próspero comerciante de madeira de Hamburgo, era a novela mais antiga do Brue Frères, a cliente que torna realidade todos os clichês de um banco privado. No episódio de hoje à noite, ela passou recentemente por uma conversão religiosa pelas mãos de um pastor luterano dinamarquês de trinta anos e está prestes a renunciar a seus bens mundanos — mais pertinentemente, a trigésima parte das reservas do banco — a favor de uma misteriosa fundação sem fins lucrativos sob seu controle pastoral.

Os resultados de uma investigação privada encomendada por Brue por sua própria iniciativa estão à sua frente e não são animadores. O pastor foi recentemente acusado de fraude, mas absolvido quando as testemunhas não foram apresentadas. Ele gerou filhos do amor com várias mulheres. Mas como o pobre Brue, o banqueiro, pode quebrar o encanto da cliente apaixonada sem perder a conta dela? *Mad Marianne*, Marianne a Louca, tem baixa tolerância para más notícias, na melhor das hipóteses, como ele descobriu mais de uma vez às próprias custas. Foi preciso todo o seu charme para impedi-la de transferir a conta para algum garoto de fala doce no Goldman Sachs. Um filho perde uma fortuna e Marianne tem momentos em que o adora, mas — outra reviravolta! — ele está atualmente em reabilitação nas colinas de Taunus. Uma discreta viagem a Frankfurt pode ser a resposta...

Brue escreve uma segunda nota para sua sempre leal *Frau Ellenberger*: *Entre em contato com o diretor da clínica e determine se o menino está em condições de receber um visitante (eu!).*

Distraído pelos murmúrios do sistema telefônico ao lado de sua mesa, Brue olhou as luzes dos pinos. Se a ligação fosse para sua linha direta, fora da lista, ele atenderia. Não era, então ele voltou para o rascunho do relatório semestral do Frères, que, apesar de saudável, precisava de brilho. Ele mal se debruçara completamente naquilo e o sistema telefônico o distraía novamente. Era uma mensagem nova ou os resmungos anteriores de alguma forma se insinuavam em sua memória? Às sete da noite de

sexta-feira? Uma linha aberta? Deve ser um número errado. Cedendo à curiosidade, tocou a tecla *replay*. Primeiro, veio um sinal sonoro eletrônico, cortado por *Frau* Ellenberger, aconselhando com cortesia o interlocutor em alemão e depois em inglês para deixar uma mensagem ou ligar novamente no horário comercial. Então surgiu a voz de uma mulher, jovem, alemã e pura como a de criança de coral.



O cotidiano dos banqueiros privados, como Brue gostava de pontificar depois de um ou dois uísques em companhia agradável, não era, como seria de esperar, dinheiro. Não eram mercados em alta, mercados em baixa, fundos de *hedge* ou derivativos. Eram as cagadas. O persistente, ele chegava ao ponto de dizer o *permanente* som da merda no ventilador. Portanto, se você não gosta de viver em estado de cerco incessante, banco privado não é para você. Ele tocou nesse ponto com algum sucesso no discurso de resposta ao velho Westerheim.

Como veterano em cagadas, Brue, ao longo dos anos, desenvolveu duas respostas distintas para o momento do impacto. Se estivesse em reunião do conselho sob os olhos do mundo, ele se levantava, enfiava os polegares na cintura e desfilava pela sala com expressão de calma exemplar.

Na ausência de público, seria mais provável que ele preferisse a segunda opção, que era congelar na posição em que a notícia o atingira, passando rapidamente o dedo indicador no lábio inferior. O que ele fazia agora, enquanto reproduzia a mensagem pela segunda vez. E depois uma terceira, começando pelo sinal sonoro inicial.

Boa noite. Meu nome é Annabel Richter, sou advogada e desejo falar pessoalmente com o Sr. Tommy Brue o mais rápido possível em nome de um cliente que represento.

Que eu represento mas não nomeio, observou Brue metodicamente pela terceira vez. Um tom seco, sotaque do sul da Alemanha, educado e econômico. *Meu cliente me instruiu a transmitir seus melhores votos a um senhor... — ela faz uma pausa, como se consultasse um roteiro — a um senhor Lipizzaner. Eu repito isso. O nome é Lipizzaner. Como os cavalos,*

sim, Mr. Brue? Aqueles famosos cavalos brancos da Escola Espanhola de Equitação em Viena, onde seu banco estava anteriormente? Acho que seu banco conhece muito bem Lipizzaners.

Ela sobe o tom. Uma mensagem factual sobre cavalos brancos torna-se o pedido de socorro de um menino de coral em perigo. *Mr. Brue, meu cliente tem muito pouco tempo à disposição. Naturalmente, não desejo falar mais por telefone. Também é possível que esteja mais familiarizado com a posição dele do que eu, o que agilizaria o processo. Por isso, ficaria muito grata se me ligasse de volta no meu celular ao receber esta mensagem para que possamos marcar uma reunião.*

Ela podia ter parado por aí, mas não. A música do coral fica mais nítida: *Se for tarde da noite, é aceitável, Mr. Brue. Até muito tarde. Eu vi uma luz agora mesmo quando passei pelo seu escritório. Talvez não esteja mais pessoalmente no trabalho, e outra pessoa esteja. Em caso afirmativo, por favor, essa pessoa deve gentilmente passar esta mensagem a Mr. Tommy Brue com urgência, porque ninguém além de Mr. Tommy Brue tem o poder de agir neste assunto. Obrigada pelo seu tempo.*

E obrigado pelo seu tempo, Frau Annabel Richter, pensou Brue, levantando-se e, com o polegar e o dedo ainda presos no lábio inferior, indo para a janela da baía como se fosse o meio de fuga mais próximo.

Sim, de fato, meu banco conhece *muito* bem as Lipizzaners, senhora, se por *banco* se refere a mim e a minha única confidente, *Frau Elli*, e não a outra alma viva. Meu *banco* pagaria muito dólar para ver o último de seus Lipizzaners sobreviventes galopar no horizonte, de volta a Viena, de onde vieram, para nunca mais voltar. Talvez saiba disso também.

Um pensamento doentio veio até ele. Ou talvez tenha estado com ele nesses sete anos, e só agora decidiu sair das sombras.

Na verdade, o que procura é um dólar mais alto, *Frau Annabel Richter* — você e seu santo cliente com pouco tempo?

É um trabalho de chantagem que você está realizando, por algum acaso remoto?

E você talvez, com sua pura voz de coro e seu ar profissional de alto propósito, estaria me dando uma dica — você e seu cúmplice, desculpe, cliente — de que os cavalos Lipizzaner possuem a curiosa propriedade de nascerem negros e só ficarem brancos com a idade — e foi assim que eles deram o nome a um certo tipo de conta bancária exótica inspirada no eminente Edward Amadeus Brue, OBE, meu amado falecido pai, a quem

em todos os outros aspectos continuo a reverenciar como o pilar da probidade bancária, em seus últimos dias de saladas em Viena, quando o *black money* do Império do Mal em colapso sangrava como numa hemorragia através da cortina de ferro?



Brue deu uma volta lenta pela sala.

Mas por que diabos você fez isso, querido pai meu?

Por que a vida inteira negociou sob seu bom nome e o de seus antepassados, e viveu em particular e em público nas mais altas tradições da cautela, do humor e da confiabilidade escocesas... por que colocar tudo isso em risco por causa de um bando de bandidos e saqueadores de tapetes do Oriente, cuja única conquista fora roubar os bens de seu país no momento em que ele mais precisava deles? Por que abrir seu banco para eles — seu banco amado, sua coisa mais preciosa? Por que oferecer refúgio seguro ao saque mal ganho, juntamente com termos sem precedentes de sigilo e proteção?

Por que esticar todas as normas e regulamentos ao ponto de ruptura e além, numa tentativa desesperada — e como Brue percebeu, mesmo na época — e imprudente de se estabelecer como o banqueiro preferido em Viena de bandidos russos?

Tudo bem, você odiava o comunismo e o comunismo estava no leito de morte. Você não podia esperar os funerais. Mas os bandidos com quem você estava sendo tão gentil faziam parte do regime!

Sem nomes, camaradas! Apenas nos dê seu saque por cinco anos e nós lhe daremos um número! E quando você vier nos visitar, seus Lipizzaners já estarão em branco-lírio, investimentos crescidos e crescendo! Fazemos como os suíços, mas somos britânicos, por isso fazemos melhor!

Só que não, pensou Brue, as mãos nas costas. Parou para espiar pela janela da sacada.

Não fazemos porque grandes homens que perdem suas bolinhas de gude na velhice morrem; porque o dinheiro se desloca e os bancos também; e porque pessoas estranhas chamadas *reguladores* surgem em

cena e o passado desaparece. Exceto que isso nunca acontece realmente, não é? Umas poucas palavras da voz de menina de coro e tudo volta galopando para casa.

Quinze metros abaixo dele, a cavalaria blindada da cidade mais rica da Europa rugia para casa para abraçar seus filhos, comer, ver televisão, fazer amor e dormir. No lago, *skifs* e pequenos iates percorriam o crepúsculo vermelho.

Ela está lá fora, pensou. Ela viu minha luz acesa.

Ela está lá fora, praticando suas escalas vocais com o assim chamado cliente, enquanto discutem o quanto eles vão me cutucar por não soar o apito sobre as contas Lipizzaner.

Também é possível que você esteja mais familiarizado com a posição do meu cliente do que eu.

Bem, também é possível que não, *Frau Annabel Richter*. E para ser franco, não quero ser, embora pareça que devo.

E como você não me conta mais nada sobre seu cliente por telefone — uma reticência que eu aprecio — e como não possuo poderes supersensoriais, é improvável que o identifique entre a meia dúzia de sobreviventes de Lipizzaner — supondo que exista algum — que não foram baleados, presos ou simplesmente esqueceram onde no céu trancaram aqueles poucos milhões, não tenho alternativa, na melhor tradição da chantagem, a não ser atender seu pedido.

Ele discou o número dela.

— Richter.

— Aqui é Tommy Brue, do Brue's Bank. Boa noite, Frau Richter.

— Boa noite, Mr. Brue. Gostaria de lhe falar assim que for conveniente, por favor.

Como agora, por exemplo.

Com uma voz um pouco menos melodiosa e um pouco mais cortante do que quando pedia sua atenção.

O Atlantic Hotel ficava a dez minutos a pé do banco, ao longo de uma trilha cheia de cascalho que contornava o lago. A seu lado, uma segunda trilha arquejava e bufava de ciclistas cansados voltando para casa. Uma brisa fria se levantou e o céu ficou preto-azulado. Longas gotas estavam começando a cair. Em Hamburgo essa chuva é chamada de feixe de fios. Sete anos atrás, quando Brue era novo na cidade, sua caminhada por entre a multidão poderia ter sido retardada pelos vestígios de sua compostura

britânica. Esta noite ele abria seu caminho com o cotovelo pronto para algum guarda-chuva predatório. Na entrada do hotel, um porteiro de capa vermelha levantou a cartola para ele. No saguão, Herr Schwarz, o porteiro, deslizou a seu lado e o levou à mesa que Brue sempre escolhia para os clientes que preferiam conversar sobre negócios fora do banco. Ficava no canto mais distante entre uma coluna de mármore e pinturas de antigos navios hanseáticos, sob o olhar agudo do segundo Kaiser Wilhelm, em azulejos azul-marinho.

— Espero uma senhora que nunca tive o prazer de conhecer, Peter — confidenciou Brue, com um sorriso de cumplicidade masculina. — Uma *Frau* Richter. Suspeito que ela seja jovem. Por favor, garanta que ela seja bonita também.

— Farei meu melhor — prometeu gravemente Herr Schwarz, vinte euros mais rico.

Do nada, Brue se lembrou de uma conversa dolorosa que teve com Georgie, quando a filha tinha nove anos. Ele estava explicando que mamãe e papai ainda se amavam, mas iam viver separados. Era melhor viver separado em um relacionamento amoroso do que brigar, ele dissera a ela, a conselho de um psiquiatra que detestava. E como dois lares felizes eram melhores que um infeliz. E como Georgie seria capaz de ver mamãe e papai quantas vezes quisesse, só que não juntos como antes. Mas Georgie estava mais interessada em seu novo filhote.

— Se você tivesse apenas um *schilling* austríaco nesse mundo, o que você faria? — ela cobrou, coçando pensativamente a barriga. — Invista, é claro, querida. O que você faria? — Daria a alguém — ela respondeu.

Mais surpreso consigo mesmo do que com Georgie, Brue tentou descobrir por que estaria agora se punindo com essa história. Deve ser porque as vozes delas são parecidas, ele decidiu, de olho nas portas giratórias. Será que ela vem com um microfone escondido? Ou o "cliente", se ela o trouxer? Bem, se for assim, eles estarão sem sorte.

Lembrou-se da última vez em que conheceu um chantagista: outro hotel, outra mulher, britânica residente em Viena. Convocado por um cliente do Frères que não queria confiar seu problema a mais ninguém, Brue a convidara para um chá nos discretos pavilhões do Sacher. Era uma senhora imponente, vestida de luto. A “garota” dela se chamava Sophie.

— Ela é uma das minhas melhores, Sophie é sim, então, naturalmente, eu sinto vergonha — ela explicou de trás da aba do chapéu preto. — É que

ela está pensando em ir aos jornais, entende? Eu disse a ela que não vá, mas ela não quer me ouvir, ela é tão jovem. Seu amigo tem algumas maneiras rudes, nem todos eles são legais. Bem, ninguém quer ler sobre si mesmo nos jornais, não é? Não nos jornais. Não quando eles são diretores de uma grande empresa pública, é doloroso.

Mas Brue havia consultado previamente o chefe de polícia vienense, que por acaso também era cliente do Frères. A conselho do policial, ele humildemente consentiu em pagar uma quantia vultosa, enquanto os detetives de Viena à paisana gravavam a conversa de uma mesa próxima.

Desta vez, porém, ele não tinha o chefe de polícia a seu lado. O alvo pretendido não era um cliente, mas ele mesmo.



No grande salão do Atlântico, como na rua lá fora, era hora do rush. De seu posto privilegiado, Brue observava com facilidade os frequentadores que chegavam e partiam. Alguns usavam peles e joias, outros, o uniforme fúnebre do executivo moderno, outros ainda os jeans rasgados do *clochard* milionário.

Uma procissão de homens idosos em *dinner jackets* e mulheres em vestidos de noite com lantejoulas emergiu de um corredor interno, liderada por um pajem empurrando um carrinho cheio de buquês embrulhados em celofane. *Algum velho rico está fazendo aniversário*, pensou Brue, e se perguntou por um momento se seria um de seus clientes e se *Frau Elli* havia mandado uma garrafa... Provavelmente não é mais velho do que eu, reconheceu corajosamente.

As pessoas realmente pensavam nele como velho? Provavelmente sim. Sua primeira esposa, Sue, costumava reclamar que ele havia *nascido* velho. Bem, sessenta anos estavam no contrato desde o início, se se tem a sorte de chegar lá. O que Georgie disse uma vez quando começou a virar budista? "A causa da morte é o nascimento."

Ele olhou seu relógio de ouro, presente de Edward Amadeus no vigésimo primeiro aniversário. Em dois minutos ela estará atrasada, mas

advogados e banqueiros nunca se atrasam; nem são chantagistas, presumiu.

Atrás das portas um mistral soprava na rua. A capa do porteiro de cartola batia como asas inúteis enquanto ele corria de uma limusine para outra. Uma chuva torrencial começou a cair, fazendo com que carros e pessoas desaparecessem em uma névoa leitosa. Dali, como sobrevivente único de uma avalanche, apareceu uma figura pequena e atarracada, com roupas disformes e um cachecol enrolado na cabeça e no pescoço. Horrorizado por um momento, Brue imaginou que ela tinha jogado uma criança nos ombros, até perceber que era uma enorme mochila.

Ela subiu os degraus, deixou que as portas giratórias a levassem, entrou no saguão e parou. Estava impedindo a passagem das pessoas atrás dela, mas se sabia disso não se importava. Tirou os óculos molhados de chuva, puxou uma ponta do cachecol das profundezas do anoraque, secou os óculos e recolocou-os no nariz.

Herr Schwarz se dirigiu a ela, que assentiu secamente. Ambos olharam na direção de Brue. *Herr* Schwarz tentou acompanhá-la, mas ela balançou a cabeça. Movendo a mochila para um ombro, avançou para ele entre as mesas, os olhos fixos à frente, ignorando os outros convidados no caminho.

Nenhuma maquiagem, nenhum centímetro de pele abaixo da garganta, registrou Brue enquanto se levantava para cumprimentá-la. O movimento fluido e firme de um corpo pequeno e capaz dentro de roupas desalinhadas. Um pouco belicosa, mas as mulheres de hoje eram assim. Óculos redondos, sem armação, refletindo os candelabros. Praticamente não piscava. Pele de menina. Cerca de trinta anos mais nova do que eu e 30 centímetros mais baixa, mas chantagistas vêm em todos os tamanhos e ficam um pouco mais jovens a cada dia. Um rosto de corista para combinar com a voz de corista.

Nenhum cúmplice visível. Jeans azul-escuros, coturnos. Uma beleza em miniatura disfarçada. Forte mas vulnerável, absolutamente determinada a ocultar seu calor feminino e fracassando. Georgie.

— *Frau* Richter? Maravilhoso! Sou Tommy Brue. O que posso lhe oferecer?

Uma mão tão pequena que ele, instintivamente, apertou-a com menos força — Eles têm água aqui? — ela perguntou, olhando furiosamente para ele através dos óculos.

— É claro.

Chamou um garçom.

— A senhora veio a pé?

— De bicicleta. Sem gás, por favor. Sem lima. Temperatura ambiente.

Sentou-se diante dele, empostada no centro de seu trono de couro, as mãos presas contra os braços, joelhos apertados com força e a mochila a seus pés enquanto o estudava: primeiro as mãos, depois o relógio de ouro e os sapatos e em seguida os olhos, mas apenas brevemente. Parecia não ver nada que a surpreendesse. E Brue, em retorno, submetendo-a a uma inspeção igualmente inquisitiva, mas um pouco mais furtiva: o modo tutorado pelo qual bebia a água, cotovelo para dentro, antebraço cruzando a parte superior do corpo; a autoconfiança que demonstrava no ambiente rico o qual parecia determinada a reprovar; o ar disfarçado de uma boa educação; a estilista oculta que não consegue se esconder de verdade.

Ela removeu o lenço e revelou uma boina de lã. Uma mecha errante de cabelo castanho e dourado cruzava sua testa. A jovem recolocou-a no cativado antes de tomar um gole d'água e voltar a inspecionar Brue. Os olhos, ampliados pelos óculos, eram firmes e de um tom verde cinza. *Salpicados de mel*, ele lembrou: onde tinha lido aquilo? Em um dos 12 romances sempre na cabeceira de Mitzi. Seios pequenos e altos, deliberadamente indecifráveis.

Brue extraiu um cartão de visitas de um bolso na costura de seda azul de seu paletó Randall's e, com seu sorriso cortês, entregou-o a ela através da mesa.

— Por que Frères? — perguntou. Sem anéis, unhas curtas como as de uma criança.

— Foi ideia de meu avô.

— Ele era francês?

— Não. Apenas gostaria de ter sido — respondeu Brue, dando a resposta padrão. — Era escocês. Muitos escoceses se sentem mais próximos da França do que da Inglaterra.

— Ele tinha irmãos?

— Não. Eu tampouco.

Ela se agachou para alcançar a mochila, abriu o zíper de um compartimento e depois outro. Brue percebeu em ordem rápida: lenços de papel, frasco de líquido para lentes de contato, celular, chaves, bloco de notas, cartões de crédito e uma gorda pasta de advogado, marcada e

numerada. Nenhum gravador identificável ou microfone, mas com a tecnologia de hoje, como ter certeza? Além do mais, sob aquela roupa podia estar usando um cinto com 12 quilos de dinamite.

Ela entregou um cartão a ele.

SANTUÁRIO NORTE, leu Brue. Uma fundação cristã de caridade para a proteção de pessoas sem nacionalidade na Região Norte da Alemanha. Escritórios no leste da cidade. Telefones e números de fax, e-mail. Número da conta no Commerzbank. *Trocarei umas palavras com o gerente local deles na segunda-feira se for necessário e checarei sua categoria de crédito*, pensou. Annabel Richter, advogada. As palavras do pai, voltando para assombrá-lo: *Jamais acredite em uma mulher bonita, Tommy. São uma classe de criminosas, a melhor que existe.*

— É melhor dar uma olhada nisto aqui também — ela disse, jogando uma carteira de identidade para ele.

— Ora, qual é a necessidade disso? — ele protestou, apesar do mesmo pensamento ter lhe ocorrido.

— Talvez eu não seja quem diga que sou.

— É mesmo? Quem mais poderia ser?

— Alguns clientes meus são procurados por pessoas que dizem ser advogados mas não são.

— Que horror! Meu Deus... Espero honestamente que isso nunca aconteça comigo. Bem, obviamente, pode acontecer, não é mesmo? E eu não saberia. Que pensamento horrível — declarou com falsa frivolidade, mas, se esperava que ela se juntasse a ele, ficou decepcionado.

Na fotografia, ela aparecia de cabelo solto, óculos mais antigos e o mesmo rosto, sem o olhar furioso. Annabel Richter havia nascido em 1977 em Freiburg im Breisgau, o que fazia dela o mais jovem possível para poder ser advogada na Alemanha, se é que era.

Ela tinha se afundado na cadeira como um boxeador relaxando entre rounds enquanto continuava a observá-lo através dos óculos de avó, com seu pequeno corpo aumentado pelas roupas, coberto e belo.

— Já ouviu sobre nós? — ela perguntou.

— Perdão?

— Santuário Norte. Já ouviu falar do nosso trabalho? Nenhuma informação lhe chegou?

— Creio que não.

Sacudindo a cabeça lentamente, ela olhou ao redor do salão em descrença. Os casais de idosos em sua elegância. Os jovens ricos barulhentos no bar. O pianista da casa tocando canções de amor nas quais ninguém prestava atenção.



— E quem financia sua instituição de caridade? — perguntou Brue em seu tom mais prático.

Ela encolheu os ombros.

— Algumas igrejas. O Estado de Hamburgo, quando está se sentindo generoso. Nós nos viramos.

— E há quanto tempo está no negócio? Sua organização, quero dizer.

— Não estamos no negócio. Somos *pro bono*. Cinco anos.

— E a senhora?

— Dois. Mais ou menos.

— Em tempo integral? Trabalha em mais alguma área? — querendo, na verdade, dizer: "Está fazendo um bico?, chantagem por fora?"

Ela estava cansada de perguntas.

— Tenho um cliente, Mr. Brue. Oficialmente, ele é representado pelo Santuário Norte. Contudo, há pouco tempo, contratou-me como advogada pessoal para todas as questões relacionadas a seu banco e deu-me consentimento para entrar em contato com o senhor. É o que estou fazendo agora.

— Consentimento? — seu sorriso falso abria-se cada vez mais.

— Instruções. Qual a diferença? Como indiquei ao telefone, a situação de meu cliente em Hamburgo é delicada. Existem limites em relação ao que está disposto a me contar, além de limites em relação ao que posso dizer ao senhor. Acredito, depois de horas na companhia dele, que o pouco que me diz seja verdade. Não toda a verdade, mas talvez uma pequena parte, editada para meu consumo, mas ainda assim verdadeira. É um julgamento que precisamos fazer em minha organização. Precisamos nos satisfazer com o pouco que temos e trabalhar com isso. Preferimos ser enganados a sermos cínicos. Somos assim. E o que defendemos —

acrescentou desafiadoramente, deixando Brue com a acusação não manifesta de que ele acharia melhor que as coisas fossem ao contrário.

— Entendo — assegurou-lhe. — E respeito — ele estava em uma luta de esgrima. Sabia como proceder.

— Nossos clientes não são o que consideraria clientes normais, Mr. Brue.

— É mesmo? Não acredito que já tenha conhecido um cliente normal — piada da qual ela também se recusou a compartilhar.

— Nossos clientes são, basicamente, mais parecidos com o que Frantz Fanon chamou de *Condenados da Terra*. Conhece o livro?

— Já ouvi falar, mas não cheguei a ler, infelizmente.

— Efetivamente, eles não têm nacionalidade. Com frequência, estão traumatizados. Têm tanto medo de nós quanto do mundo no qual entraram e do mundo que deixaram para trás.

— Entendo. — Não era verdade.

— Meu cliente acredita, esteja certo ou errado, que o senhor é sua salvação, Mr. Brue. Ele veio a Hamburgo por sua causa. Graças ao senhor, ele poderá permanecer na Alemanha legalmente e estudar. Sem o senhor, retornará ao inferno.

Brue avaliou dizer um "oh, céus" ou "mas que triste". Contudo, quando encontrou o olhar imóvel dela, pensou melhor.

— Ele acredita que precisa apenas mencionar *Lipizzanner* e lhe dar um certo número de referência, não sei a que ou a quem ele se refere, e acho que nem ele, e, abracadabra, todas as portas se abrirão para ele.

— Posso perguntar há quanto tempo ele está aqui?

— Digamos que há cerca de duas semanas.

— E precisou de tanto tempo para entrar em contato comigo, apesar de eu ter sido a razão para sua vinda, supostamente? Acho um pouco difícil de entender.

— Ele chegou aqui em más condições e aterrorizado, sem conhecer um único ser humano. É a primeira vez que vem ao Ocidente. Não fala uma palavra de alemão.

Ele começou novamente a dizer "entendo", mas mudou de ideia.

— Além disso, por razões que nem consigo começar a decifrar, ele detesta o fato de que abordar o senhor seja de algum modo necessário. Pelo menos metade do tempo, preferiria permanecer em negação e morrer

de fome. Infelizmente, considerando sua situação aqui, o senhor é a única chance dele.



Era a vez de Brue, mas de fazer o quê? *Quando estiver em um buraco, não cave, Tommy, apenas construa mais defesas.* O pai outra vez.

— Perdoe-me, *Frau* Richter — começou respeitosamente, apesar de não considerar, de forma alguma, ter feito algo que exigisse perdão —, quem ou o que, precisamente, passou a seu cliente a informação, a impressão, prefiro dizer, de que meu banco poderia realizar tal milagre por ele?

— Não é apenas o banco, Mr. Brue. Trata-se do senhor, pessoalmente.

— Receio estar um pouco intrigado em relação a como isso poderia ser verdade. Eu estava lhe perguntando sobre a fonte da informação.

— Talvez um advogado tenha dito a ele. Algum de nós. — Acrescentou, com autodepreciação.

Ele escolheu outra abordagem.

— E em que língua, posso perguntar, obtive tal informação de seu cliente?

— Sobre Lipizzaners?

— Sobre outras coisas também. Meu nome, por exemplo.

O rosto da jovem era duro como uma rocha.

— Meu cliente diria que essa pergunta é irrelevante.

— Posso perguntar se havia intermediários presentes quando ele lhe passou as instruções? Um intérprete qualificado, por exemplo? Ou consegue se comunicar diretamente com ele?

A mecha de cabelo escapou novamente da boina, mas desta vez ela a segurou e enrolou com a mão enquanto olhava furiosa ao redor.

— Russo — disse. — E, com um súbito interesse nele: — Fala russo?

— Aceitavelmente. Bastante bem, na verdade — ele respondeu.

A admissão pareceu disparar nela alguma espécie de autoconsciência feminina, pois sorriu e, pela primeira vez, encarou-o diretamente.

— Onde aprendeu?

— Eu? Oh, em Paris. Muito decadente.

— Paris! Por que Paris?

— Fui mandado para lá pelo meu pai. Era algo em que ele insistia.

Três anos na Sorbonne e muitos poetas barbudos exilados. E a senhora? — o momento de conexão havia terminado. Ela estava revirando a mochila.

— Ele me deu uma referência — disse. — Algum número especial que reavivará a memória Lipizzanner. Talvez reavive a sua também.

Ela rasgou uma página do bloco de notas e entregou-a a ele. Seis dígitos, escritos a mão, ele presumiu que por ela. Começando com 77, como as Lipizzaners.

— Faz sentido? — ela perguntou, desafiando-o com o olhar impiedoso.

— O quê?

— O número que acabo de lhe dar é uma referência em uso no Banco Brue Frères? Ou não? — como que falando com uma criança teimosa.

Brue avaliou a pergunta — ou, mais precisamente, como evitá-la.

— Bem, *Frau* Richter, deposita grande ênfase na confidencialidade em relação ao cliente, tanto quanto eu — começou com suavidade. — Meu banco não divulga a identidade dos clientes nem a natureza de suas transações. Estou certo de que respeita isso. Não revelamos nada que não sejamos obrigados por lei. Se me disser *Lipizzaner*, eu escutarei. Se citar um número de referência, consultarei nossos arquivos. — Ele pausou para permitir algum reconhecimento, mas o rosto dela estava firme em oposição determinada. — A senhora mesma, tenho certeza, é absolutamente honesta — continuou. — Claro que sim. Contudo, ficaria surpresa com quantos vigaristas existem no mundo.

Fez sinal para o garçom.

— Ele não é um vigarista, Mr. Brue.

— Claro que não. É seu cliente.

Estavam em pé. Quem levantara primeiro? Ele não sabia.

Provavelmente, ela. Ele não esperava que o encontro fosse tão curto e, apesar do caos em fúria dentro dele, Brue percebeu que desejava que tivesse durado mais.

— Telefonarei quando concluir a pesquisa. O que acha?

— Quando?

— Depende. Se eu não encontrar nada, então em muito pouco tempo.

— Hoje à noite.

— Possivelmente.

— Está voltando agora para seu banco?
— Por que não? Se for uma situação piedosa, como parece sugerir, faremos o possível. Obviamente. Todos nós.
— Ele está se afogando. Tudo que precisa fazer é esticar a mão.
— Sim, bem, lamento que seja um apelo que ouço com muita frequência em minha profissão.
Seu tom despertou a fúria dela.
— Ele confia no senhor — disse.
— Como poderia, se nunca nos conhecemos?
— Tudo bem, ele não confia no senhor. Mas o pai dele confiava. E o senhor é tudo o que ele tem.

— Bem, é muito confuso. Para nós dois, tenho certeza.
Colocando a mochila no ombro, ela marchou pelo saguão em direção às portas giratórias. Do lado de fora, o porteiro de cartola a aguardava com sua bicicleta. Ela tirou um capacete de ciclista da caixa de madeira amarrada ao guidom, colocou-o na cabeça, afivelou-o e depois vestiu uma calça impermeável. Sem um olhar nem um aceno, partiu.



A casa-forte do Frères ficava em uma espécie porão nos fundos do prédio. Media 3,70 metros por 2,60 e seu arquiteto havia sido alvo de piadas de mau gosto sobre quantos devedores inadimplentes caberiam lá — daí o apelido no banco de *oubliette*, ou masmorra.

Com o avanço da tecnologia moderna, outros bancos podem ter se livrado completamente de arquivos e até mesmo de casas-fortes, mas o Frères sustentava sua história e aquilo era o que restava. Enviada de Viena em um caminhão protegido e colocada para descansar em um mausoléu de tijolos pintados de branco cheio de desumidificadores e que era guardado pelos consoles de luzes e números que exigiam um código, uma impressão digital e um par de palavras tranquilizantes. A seguradora também tinha exigido reconhecimento de íris, mas a isso Brue dissera não.

Uma vez lá dentro, Brue seguiu por um beco de cofres empoeirados até um armário de metal encostado contra a parede do fundo. Digitando um

código, abriu-o e procurou entre os arquivos até, consultando a página rasgada do bloco de notas de Annabel Richter, encontrar o que procurava. Era de um laranja desbotado e estava fechada com cliques de metal. Uma aba na lateral apresentava a referência, mas nenhum nome. Sob o brilho amarelado das luzes no teto, folheou as páginas em uma velocidade constante, não as lendo propriamente, mas sondando. Tirou do armário uma caixa de sapatos cheia de cartões com as pontas amassadas pelo uso. Olhou rapidamente um a um e extraiu o cartão que continha a mesma referência da pasta.

KARPOV, leu. *Grigori Borisovich, coronel do Exército Vermelho. 1982. Membro Fundador.*

O ano de sua safra, pensou. Meu cálice envenenado. Nunca ouvi falar em Karpov, mas não teria mesmo, teria? As Lipizzaners eram o estábulo particular dele.

"Toda movimentação nesta conta e todas as instruções do cliente devem ser relatadas imediatamente a EAB antes que qualquer ação seja tomada. Assinado, Edward Amadeus Brue", leu.

Pessoalmente, para você. Bandidos russos na reserva pessoal. Vigaristas menores — gerentes de investimentos, corretores de seguros, colegas banqueiros — podem ficar sentados durante meia hora na sala de espera e se dar por satisfeitos ao serem atendidos pelo caixa-chefe, mas bandidos russos, por ordens pessoais suas, procuram diretamente EAB.

O bilhete não tinha sido impresso. Não trazia o carimbo de *Frau Elli* — na época sua jovem secretária, dedicada e muito particular —, mas sim sua caligrafia nos traçados azuis e finos de sua onipresente caneta-tinteiro, e concluído com sua assinatura completa, na hipótese de um leitor casual — não que, sabe Deus, jamais tenha existido um — ignorar que EAB significava Edward Amadeus Brue OBE, o banqueiro que em sua vida inteira nunca violara as regras — até o fim, quando quebrou todas.

Trancando o armário e depois a casa-forte, Brue colocou a pasta sob o braço e subiu a escadaria elegante até a sala onde, duas horas antes, sua paz de fim de semana fora tão brutalmente perturbada. Os vestígios de *Mad Marianne*, espalhados pela escrivaninha, pareciam de um ano antes, as preocupações éticas da Bolsa de Valores de Hamburgo, irrelevantes.

Mas, outra vez: por quê?

Você não precisava do dinheiro, meu querido pai, nenhum de nós precisava. Tudo que precisava fazer era ficar onde estava: o respeitável

decano do mundo bancário vienense, cuja palavra de ordem era transparência.

E quando invadi seu escritório certa noite e pedi a *Frau* Ellenberger que nos deixasse a sós — *Fräulein*, como era na época, e uma *Fräulein* bem bonita — e fechei propositadamente a porta quando ela saiu, servi um uísque grande para cada um e disse que não aguentava mais ouvir se referirem a nós como Máfia Frères, o que fez?

Você atarraxou no rosto seu sorriso de banqueiro — tudo bem, uma versão dolorosa dele, reconheço —, deu palmadinhas em meu ombro e me disse que havia segredos no mundo que até mesmo um filho amado ficava melhor sem conhecer.

Suas palavras. Uma verdadeira cantada. Até *Fräulein* Ellenberger sabia mais do que eu, mas você a fizera jurar manter silêncio desde o primeiro dia de estagiária.

E você também riu por último, não foi? Estava morrendo na época, mas era mais um segredo que eu não tinha o direito de compartilhar. Justamente quando começava a parecer que a corrida entre o Ceifador e as autoridades vienenses para pegá-lo primeiro teria um final apertado, entra em cena a bem-amada de Westerheim, a Rainha da Inglaterra, que do nada decide, por motivo conhecido por nenhum mortal, enviá-lo para a Embaixada Britânica, onde seu leal embaixador iria, com toda a pompa, nomeá-lo Membro da Ordem do Império Britânico, uma honraria que, segundo me informaram — embora você jamais tenha me contado —, tinha desejado a vida toda.

E, na cerimônia de nomeação, você chorou.

E eu também.

E sua esposa, minha mãe, também teria chorado se estivesse entre nós, mas no caso dela o Ceifador vencera muito tempo antes.

E quando se juntou a ela no Banco Feliz do Céu, o que, de volta a sua famosa prudência, conseguiu realizar dois meses depois, a mudança para Hamburgo tornou-se mais atraente do que nunca.



Nossos clientes não são o que consideraria clientes normais, Mr. Brue.

Com o queixo apoiado na mão, Brue folheou a fina pasta, taciturno. O índice fora alterado e papéis haviam sido removidos para preservar a identidade do titular. Um relatório de encontros — somente os Lipizzaners os possuíam — registrava a hora e o local de reuniões entre cliente desonesto e banqueiro desonesto, mas não o assunto discutido.

O capital do proprietário da conta estava investido em um fundo administrativo *offshore* nas Bahamas, prática padrão para as Lipizzaners.

Os títulos pertenciam a uma fundação em Liechtenstein. A parte do titular na fundação em Liechtenstein tinha a forma de títulos ao portador confiados à guarda do Frères. Seriam entregues ao solicitador mediante apresentação do número da conta, documentos de identidade satisfatórios e o que era eufemisticamente definido como *instrumento necessário de acesso*.

Para detalhes adicionais, ver a pasta pessoal do proprietário da conta, só que não é possível porque ela evaporou no mesmo dia em que Edward Amadeus Brue OBE (oficial da Ordem do Império Britânico) entregou formalmente as chaves do banco ao filho.

Resumindo, nenhuma transferência formal e, até onde fosse possível, sem o devido procedimento: bastaria apenas um "olá, sou eu" do afortunado dono do número de referência, uma carteira de motorista e o dito instrumento para que um volume não declarado de títulos podres trocasse de uma mão suja para outra — o cenário dos sonhos para quem quisesse lavar dinheiro.



— *Exceto...* — murmurou Brue em voz alta.

Exceto que, no caso do coronel Grigori Borisovich Karpov, ex-membro do Exército Vermelho, o solicitador aprovado — se for mesmo ele — é um dos condenados que detestam a necessidade de tal aproximação, preferindo morrer de fome. Ele também está se afogando, e tudo que preciso fazer é esticar a mão. Ele acredita que eu seja sua salvação e que, sem mim, retornará ao inferno.

Mas era da mão de Annabel Richter que estava se lembrando: sem anéis, unhas curtas como as de uma criança.

O engarrafamento havia passado. Sexta-feira. A noite de bridge de Mitzi. Brue olhou para o relógio. Meu bom Deus, para onde foi o tempo? Como ficara até tão tarde? Mas o que é tarde? Às vezes, as partidas duravam quase até o amanhecer. Ele esperava que ela estivesse ganhando. Era importante para ela. Não o dinheiro, mas vencer. A filha, Georgie, era exatamente o oposto. Uma frouxa, isso é o que Georgie era. Nunca ficava feliz, a menos que estivesse perdendo. Jogue-a com os olhos vendados num quarto cheio de homens e, se houver um que, com certeza, não tenha esperanças, pode apostar as botas que ela ficará amiga dele em minutos.

E Annabel Richter do Santuário Norte, qual das duas você é? Uma vencedora ou uma perdedora? Se estiver salvando o mundo, provavelmente a segunda opção. Mas você atacará com todas as armas que tiver, isso é certo. Edward Amadeus adoraria você.

Sem pensar mais, Brue voltou a ligar para o celular dela.

3

A primeira notificação da presença de Issa na cidade chegou à apertada sede da Unidade de Aquisições Internacionais do grandiosamente nomeado Gabinete para a Proteção da Constituição de Hamburgo — em outras palavras, serviço de inteligência interna — no final da tarde do quarto dia em que ele vagara pela cidade, mais ou menos quando tremia e suave na porta de Leyla, implorando para entrar.

A Unidade, como era debochadamente conhecida por seus anfitriões relutantes, não ficava no corpo do complexo principal de Proteção, fora da cidade, mas sim no ponto mais afastado dele, do outro lado do pátio, tão perto da cerca de arame farpado quanto era possível chegar sem efetivamente se cortar. O lar desagradável da equipe de 16 membros, e seu parco complemento de analistas, observadores, ouvintes e motoristas, era um estábulo da SS desativado, com uma torre com um relógio morto e vista desobstruída para os pneus e utensílios de jardinagem espalhados ao redor.

Impingida aos Protetores pelo recém-formado Comitê Conjunto de Administração, o qual clamava para si a missão de remodelar a esplendidamente inepta comunidade de inteligência da Alemanha, a Unidade era vista como a precursora de um plano para eliminar demarcações preciosas em nome de uma organização eficiente e integrada. Apesar de, no papel, estarem sob comando local e carecerem dos poderes concedidos à Polícia Federal, não respondiam ao complexo de Proteção em Hamburgo nem ao quartel-general em Colônia, e sim ao próprio corpo todo-poderoso e nebuloso em Berlim que os impingira aos Protetores.

E quem, ou o que, formava o corpo onipotente em Berlim? Sua própria existência despertava o medo no coração da espiocracia entrincheirada da Alemanha. É verdade que, aparentemente, o Comitê Conjunto de Administração não passava de um grupo de pesos pesados recrutados de cada um dos serviços principais e incumbidos de melhorar a cooperação entre eles após uma série de planos terroristas em solo alemão que haviam falhado por pouco. Depois de um período de gestação de seis meses — segundo a versão oficial —, suas recomendações seriam avaliadas pelos

poderes centrais gêmeos da inteligência alemã, o Ministério do Interior e o Gabinete do primeiro-ministro, e seria basicamente isso.

Ou não.

Pois, na verdade, a avaliação do Comitê tinha um significado de extrema importância: nada menos do que a criação de um sistema totalmente novo de comando e controle cobrindo todos os serviços de inteligência principais e secundários e, de modo atípico até então para o sistema federal alemão, presidida por um novo estilo de coordenador de inteligência — o tsar —, com poderes sem precedentes.

Sendo assim, quem deveria ser o novo e incrível coordenador?

Ninguém duvidava de que ele seria escolhido entre as fileiras sombrias do próprio Comitê Conjunto. Mas de qual facção? Com a estabilidade política alemã presa no limbo de uma coalizão caprichosa, para qual lado ele se inclinaria? Quais alianças, quais objetivos seriam trazidos pelo coordenador para sua missão formidável? Que promessas precisaria manter? E à voz de quem, exatamente, estaria ouvindo quando usasse sua nova vassoura?

Será que a Polícia Federal, por exemplo, continuaria à frente dos anfitriões sitiados na longa batalha pela primazia no campo da inteligência interna? Será que o Serviço Federal de Inteligência Externa continuaria sendo o único corpo autorizado a operar secretamente no exterior? E, se fosse esse o caso, será que ele finalmente se livraria do peso morto de ex-soldados e semidiplomatas que entulhavam suas estações no exterior? — todos homens bons na hora de defender as embaixadas alemãs em períodos de revoltas civis, sem dúvida, mas muito menos adeptos ao negócio cheio de nuances do recrutamento e da administração de redes secretas.

Desse modo, ninguém ficaria surpreso se, infectadas pelo clima de suspeição e de ansiedade que havia tomado conta de toda a comunidade de inteligência da Alemanha, as relações entre os interlocutores misteriosos de Berlim e seus anfitriões relutantes em Hamburgo fossem no máximo geladas, afetando até mesmo os menores aspectos da interação cotidiana; ou que interesses despertados pelo surgimento de Issa em um lado do quintal não necessariamente fossem recíprocos no outro. Realmente, sem o olho imaginativo — exageradamente imaginativo, alguns diziam — do inconstante Günther Bachmann, membro da Unidade, a chegada clandestina do homem que dizia se chamar Issa poderia nunca ter sido notada.

E esse tal Günther Bachmann de Berlim — quem ele era, exatamente, quando estava em casa?

Se existem pessoas no mundo para quem a espionagem sempre tenha sido o único chamado possível, Bachmann era uma delas. Poliglota, nascido depois de uma série de casamentos de uma exuberante alemã-ucraniana, e com a reputação de ser o único oficial em seu serviço que não possuía qualificação acadêmica além da expulsão sumária da escola secundária. Aos 30 anos, já havia fugido pelo mar, trilhado o Kush hindu, sido preso na Colômbia e escrito um romance impublicável de mil páginas.

Contudo, de algum modo, ao ligar todas essas experiências improváveis, ele descobrira tanto sua nacionalidade quanto seu talento natural: inicialmente, como agente ocasional de um distante posto alemão no exterior, depois como agente secreto no exterior fora do corpo diplomático; em Varsóvia por falar polonês, em Aden, Beirute, Bagdá e Mogadíscio por falar árabe e em Berlim por seus pecados, enquanto esfriava a cabeça após desencadear um escândalo quase épico, do qual apenas as descrições mais vagas chegaram ao moinho dos boatos; excesso de zelo, diziam os rumores; uma tentativa de chantagem que fora longe demais; um suicídio, lembrou apressadamente um embaixador alemão.

Depois, cuidadosamente, sob mais um nome diferente, de volta a Beirute, para fazer de novo o que sempre fizera melhor do que ninguém, mesmo que não necessariamente respeitando todas as regras — mas desde quando "regras" eram necessárias em Beirute? —, especificamente procurar, recrutar e coordenar, não importa como, agentes ativos em campo, o que representa o padrão de ouro da obtenção de inteligência real. Por fim, até mesmo Beirute se tornou perigosa demais para ele, e uma escrivadinha em Hamburgo, de repente, passou a parecer o lugar mais seguro — se não para Bachmann, pelo menos para seus chefes em Berlim.

Mas Bachmann nunca seria aposentado à força. Quem dizia que o posto em Hamburgo era uma punição não sabia o que estava dizendo. Preso agora em seus quarenta e poucos anos, era como um vira-latas explosivo e desgastado, com ombros fortes e, frequentemente, com cinzas no paletó, até que fossem tiradas por Erna Frey, sua parceira de trabalho e assistente de longa data. Ele era motivado, carismático e vigoroso, um *workaholic* com um sorriso estonteante. Seus cabelos louros eram de tal forma revoltos que pareciam jovens demais para as rugas entrecruzadas

em sua testa Como um ator, era capaz de lisonjear, de cativar e de intimidar. Podia combinar doçura e palavrões na mesma frase — Quero mantê-lo livre e andando — disse Bachmann a Erna Frey quando estavam lado a lado no úmido covil dos analistas no estábulo da SS, observando Maximilian, o hacker estelar do grupo, conjurar imagens sucessivas de Issa nos monitores. — Quero que diga a quem quer que precise dizer o que lhe mandaram falar, que reze onde precise rezar e que durma onde quer que o tenham mandado dormir. Não quero que ninguém interfira nele antes de nós. Muito menos os babacas do outro lado do pátio.



A primeira informação que receberam sobre Issa não despertou o interesse de ninguém. Fora um mandato de busca emitido pelo quartel-general da polícia sueca em Estocolmo de acordo com um tratado europeu, avisando a todos os signatários que um imigrante ilegal russo, cujos nome, fotografia e detalhes foram fornecidos, fugira quando sob custódia sueca e que agora se encontrava em paradeiro desconhecido. Em um único dia, podia surgir meia dúzia de avisos como aquele. No centro de operações dos Protetores, do outro lado do pátio, o aviso foi devidamente registrado, baixado para os computadores, acrescentado às fileiras de avisos similares que adornavam as paredes da sala de recreações e ignorado.

Mas, provavelmente, os traços de Issa se fixaram na retina do olho interior de Maximilian, pois nas horas seguintes, à medida que a atmosfera no covil de pesquisa de Bachmann ficava mais pesada, membros da equipe de outros cantos do estábulo começaram a se aglomerar para compartilhar da empolgação. Aos 27 anos, Maximilian era quase completamente gago, mas tinha a memória de um léxico de 12 volumes e a intuição para juntar trechos independentes de informação. Mas a hora do jantar já passara havia muito tempo quando se recostou na cadeira e uniu os dedos cobertos de sardas sob os cabelos ruivos.

— *Play it again, please*, Maximilian — ordenou Bachmann, quebrando o silêncio de igreja com uma rara expressão em inglês.

Maximilian ruborizou e recomeçou: A fotografia de Issa tirada quando fora preso pela polícia sueca: de rosto inteiro, os dois perfis, com a palavra PROCURADO impressa logo acima e seu nome em letras maiúsculas, como um aviso: KARPOV, Issa.

Um texto de dez linhas em letras espessas descrevia-o como um militante muçulmano fugitivo, nascido há 23 anos em Grozny Chechênia, e recomendava que fosse abordado com cuidado.

Lábios apertados. Nenhum sorriso oferecido ou permitido.

Olhos esbugalhados de dor após dias e noites na escuridão fétida do contêiner. Barba por fazer, magro e desesperado.

— Como podemos saber se ele deu o nome verdadeiro? — perguntou Bachmann. — Ele não deu — agora era Erna Frey quem falava, enquanto Maximilian continuava-se esforçando para responder. — Ele deu um nome checheno mas seus colegas no contêiner o denunciaram. "Ele é Issa Karpov", disseram. "O aristocrata russo fugitivo."

— Aristocrata?

— Está no relatório. Os colegas acharam-no esnobe. Especial, de alguma maneira. Ainda precisamos descobrir o segredo de como ser esnobe em um contêiner.

Maximilian venceu a gagueira: — A polícia sueca acredita que ele tenha retornado ao navio e dado dinheiro à tripulação — disparou, em um esguicho de palavras. — E o último porto onde o navio parou foi Copenhague — a palavra saiu como um triunfo vitorioso da força de vontade sobre a natureza.

Uma filmagem turva de um homem magro, de barba, em um grande sobretudo escuro, usando um *keffiyeh* e um gorro listrado, saltando da traseira de um caminhão no meio da madrugada.

O condutor do caminhão acena.

O passageiro não acena de volta.

Imagens da plataforma da principal estação de Hamburgo, filas e mais filas de táxis amarelos.

A mesma figura magra deitada em um banco da estação.

A mesma figura magra sentando-se, falando com homem gordo que gesticula, aceitando dele um copo de papel com alguma bebida e dando um pequeno gole.

Comparações entre o retrato de Issa tirado pela polícia e fotografias ampliadas do homem magro e barbado no banco da estação.

Outra fotografia do mesmo homem magro e barbado em pé.

— Os suecos mediram a altura dele — disse Maximilian, depois de um par de tentativas. — Ele é alto. Quase 2 metros.

No monitor, surge um medidor ao lado do homem barbado deitado, e depois sentado. O medidor calcula 1,93 metro.

— O que, em nome de Deus, fez você pegar as imagens da estação de trens de Hamburgo? — protestou Bachmann. — Alguém dá a você uma fotografia tirada pela polícia sueca de um homem que foi para a Dinamarca e você localiza o bêbado na estação de trens de Hamburgo? Acho que deveria prendê-lo por ser psíquico!

Ruborizado de prazer, Maximilian levantou desnecessariamente a mão chamando atenção e voltou a clicar no monitor com a outra mão.

Imagem ampliada do mesmo caminhão na plataforma da estação, visto de lado, sem marcações.

Imagem ampliada do mesmo caminhão, visto por trás. Maximilian deu um zoom na placa de registro do veículo. Parte dela estava coberta por um laço feito com um pano preto.

Podia-se ver metade de um emblema da União Europeia e os primeiros dois números de um registro dinamarquês. Maximilian lutou para falar, mas fracassou. Sua bela namorada, a meio árabe Niki, do setor de áudio, falou por ele: — Os suecos interrogaram os outros fugitivos a respeito dele — ela disse enquanto Maximilian concordava abanando a cabeça. — Ele estava a caminho de Hamburgo.

Nenhum outro lugar serviria. Tudo daria certo para ele em Hamburgo.

— Ele mencionou como?

— Não. Era fechado e misterioso. Os companheiros acharam que era maluco.

— Quando saíram do contêiner, todos tinham ficado malucos. Quais línguas ele fala?

— Russo.

— Só russo? Não fala checheno?

— De acordo com os suecos, não. Mas talvez nem tenham tentado descobrir.

— Mas Issa é o primeiro nome dele. Que significa Jesus. Jesus Karpov. Ele tem um sobrenome russo e um nome muçulmano. Como conseguiu isso?

— Niki não o batizou, querido — murmurou Erna Frey.

— E não tem patronímico — reclamou Bachmann. — O que aconteceu com o patronímico russo? Será que deixou na prisão?

Em vez de responder, Niki contou a história em nome do namorado: — Maximilian teve um lampejo, Günther. Se o porto seguinte do navio era Copenhague e o destino do garoto era Hamburgo, ele pensou: que tal conferir as imagens da plataforma da estação sempre que um trem chegasse de Copenhague?

Econômico nos elogios, como sempre, Bachmann fingiu que não a escutara.

— Issa *Sem Patronímico* Karpov foi o único a saltar do caminhão dinamarquês com a placa oculta?

— Ele estava sozinho. Certo, Maximilian?

— Solo — Maximilian concordou, sacudindo a cabeça com entusiasmo. — Ninguém mais saltou do caminhão dinamarquês e o motorista permaneceu na cabine.

— Então me diga quem é o maldito velho gordo.

— Velho gordo? — Niki ficou desconcertada por um instante.

— O maldito velho gordo com o copo de papel. Um velho falou com nosso garoto na plataforma. Chapéu preto de marinheiro. Sou o único aqui que viu o filho da mãe? Não. O garoto respondeu a ele. E em que língua falaram? Russo? Checheno? Árabe? Latim? Grego antigo? Ou será que nosso garoto fala alemão e não sabemos disso?

Maximilian levantou o braço novamente. Com a outra mão, clicou nas imagens do *velho gordo maldito*, aproximando-o. Ele reproduziu a imagem em tempo real e depois em câmera lenta: um velho careca e corpulento de porte militar e botas de cavalaria oferece cerimoniosamente um copo de isopor ou papel ao garoto. Havia algo singularmente digno em seus gestos, quase como os de um padre. E sim, o velho e o garoto estão definitivamente conversando.

— Agora me mostre o pulso dele.

— Pulso?

— Do garoto — Bachmann falou ríspidamente. — O pulso direito do garoto, por Cristo, quando pega o café. Dê um zoom.

Um bracelete fino, de ouro ou prata, com um pequeno livro aberto pendurado.

— Onde está Karl? Preciso do Karl — gritou Bachmann, virando-se e abrindo os braços como se tivesse sido roubado. Mas Karl está bem na sua

frente: Karl, que um dia tinha sido garoto de rua em Dresden, condenado três vezes ainda menor de idade e formado em estudos sociais. Karl do sorriso tímido que dizia "ajude-me".

— Vá até a estação de trens para mim, por favor, Karl. Talvez o encontro casual entre o gordo maldito e nosso garoto não tenha sido por acaso. Talvez estivesse recebendo ordens ou encontrando seu contato. Ou talvez estejamos olhando para um cara velho e triste cuja melhor coisa na vida seja dar copos de café para mendigos jovens e bonitos em estações de trem às duas da manhã. Fale com as pessoas boas que dirigem a missão local de busca dos despossuídos. Pergunte a elas se sabem quem deu ao nosso garoto aquele copo com alguma coisa no meio da madrugada. Talvez ele seja um frequentador habitual. Não mostre fotos, ou ficarão com medo. Use sua fala doce e evite a polícia da estação. Tenha na ponta da língua um singelo conto de fadas. Talvez o velho seja seu tio desaparecido há muito tempo. Talvez você lhe deva dinheiro. Apenas não faça barulho. Seja tranquilo, invisível, como sabe ser. Certo?

— Certo.

Bachmann falou para todos: Niki, sua amiga Laura, dois vigilantes que seguiram Karl para o andar superior, Maximilian e Erna Frey:

— Bem, esta é nossa situação, amigos. Estamos procurando um homem que não tem patrônimo nem qualquer relação com a normalidade. Sua ficha diz que é um militante checheno-russo que comete crimes violentos, foge de uma prisão turca por meio de suborno, e, diga-se de passagem, que diabos estava fazendo lá?, foge da polícia portuária sueca, paga para voltar ao navio do qual desembarcara, entra ilegalmente no porto de Copenhague, aluga um caminhão de Copenhague para Hamburgo, aceita um copo de bebida de um maldito velho gordo com quem conversa só Deus sabe em que língua e usa um bracelete de ouro com o Alcorão. Esse homem merece um respeito considerável. Amém?

Em seguida, Bachmann retornou para seu escritório, seguido de perto por Erna Frey, como sempre.

Será que eram casados?



Sob todos os aspectos conhecidos, Bachmann e Erna Frey eram opostos, e talvez fossem.

Enquanto Bachmann detestava exercícios, fumava, tinha a boca suja, bebia uísque demais e não se ajustava a nada que não fosse trabalho, Erna Frey era alta, em forma e frugal, de cabelo curto e delicado e um caminhar determinado. Carregava o nome cristão de uma tia solteirona e tinha sido enviada pelos pais ricos para o colégio de freiras de elite de Hamburgo no qual estudavam as filhas dos eminentes locais e do qual emergiu carregando o fardo das rígidas virtudes alemãs de castidade, dedicação ao trabalho, piedade, sinceridade e honra. Até serem apagadas por um senso de humor mordaz e um ceticismo saudável. Outras mulheres poderiam ter trocado o nome antiquado por um mais moderno.

Ainda assim, no trabalho, a dupla de poucas afinidades era como marido e mulher, dividindo a mesma sala, telefones, arquivos, computadores, os odores e os hábitos um do outro. Quando Bachmann, desafiando os regulamentos, acendia um de seus detestáveis cigarros russos, Erna Frey tossia ostensivamente e abria as janelas. Mas os protestos terminavam ali. Bachmann podia continuar com as baforadas até a sala ficar impregnada como uma defumaria de peixe e ela não dizia mais nada. Será que dormiam juntos?

Segundo boatos, tentaram fazer sexo uma vez e declararam que era uma área desastrosa. Contudo, nas noites em que ficavam até tarde no trabalho, não hesitavam em deitar juntos no apertado quarto de dormir de emergência que ficava no final do corredor.

E quando o novo time se reuniu pela primeira vez em seu novo lar, na galeria superior do estábulo, redecorada às pressas para as boas-vindas, com o vinho Baden favorito de Bachmann e o javali com framboesas assado em casa por Erna Frey, os dois estavam tão cheios de carinho, interagindo tão bem e intuitivamente, que não foi surpresa para os convidados vê-los de mãos dadas: ou melhor, até o momento em que Bachmann assumiu a tarefa de explicar aos soldados recém-reunidos

justamente para que diabos haviam sido postos na terra. O discurso, cujo tom se alternava entre o grosseiro e o messiânico, foi em parte uma aula idiossincrática de história e em parte um chamado às armas.

Inevitavelmente, passou a ser conhecido como *Cantata de Bachmann*. Assim foi o discurso:

— Quando ocorreu o atentado de 11 de Setembro, havia dois marcos zero — anunciou, dirigindo-se ao grupo primeiro de um lado da galeria e depois dos fundos, antes de surgir como um gênio da lâmpada por baixo das vigas diante deles, socando as palavras conforme falava. — Um deles ficava em Nova York. O outro, do qual não se ouve muita coisa, ficava bem aqui, em Hamburgo.

Simulou um soco contra a janela.

— Aquele pátio lá fora tinha 30 metros de lixo, tudo papel. E nossos barões patéticos da comunidade de inteligência alemã estavam revirando tudo tentando descobrir onde tinham cometido um erro tão terrível. Trouxemos de avião gênios de todo o hemisfério para dar conselhos e proteger suas cabeças. Grandes protetores de nossa sagrada constituição de Colônia, que Deus nos proteja de nossos protetores — gargalhadas, as quais ignorou; — espiocratas de nosso próprio e distinto serviço de inteligência externa; importantes senhoras e cavalheiros do comitê de supervisão de inteligência Bundestag; americanos de mais agências do que jamais ouvi falar, eram 16 na última vez em que contei; todos caindo uns sobre os outros para largar a merda na porta de qualquer pessoa que não na deles mesmos. Digo uma coisa a vocês: tantos babacas inteligentes dedicaram a própria sabedoria naquelas semanas, mas os pobres diabos que estavam tentando administrar a casa e varrer o lixo não conseguiam evitar desejar que tivessem aparecido por aqui algumas semanas antes. Assim, não teria havido Mohammed Atta nem os macacos da mídia gritando sobre eles.

Bachmann circulou pela galeria, cotovelos para fora e punhos cerrados. — Hamburgo pisou na bola. Todo mundo pisou na bola, mas quem caiu foi Hamburgo.

E, interpretando os dois lados de uma entrevista coletiva imaginária: — *Sir, por favor, poderia nos dizer quantos falantes de árabe integram sua operação aqui na cidade?* — grasnou, saltitando para a esquerda. — Na última contagem, um e meio — saltitando para a direita. — *Exatamente quem estavam grampeando e seguindo pela cidade nos meses que*

antecederam o Armagedom? Outro salto curto. — Bem, madame, pensando agora... um par de cavalheiros chineses suspeitos de roubar nossos preciosos segredos industriais... adolescentes neonazistas que pintam suásticas em lápides judaicas... a última geração da Red Army Fraktion... Oh, e 28 geriátricos ex-comunistas que querem restaurar a querida e velha RDA.

Bachmann sumiu de vista para reaparecer em uma extremidade da galeria, com ar sombrio.

— Hamburgo é uma cidade culpada — anunciou calmamente. — Consciente e inconscientemente. Talvez Hamburgo até tenha atraído os sequestradores. Será que eles nos escolheram? Ou fomos nós que os escolhemos? Que sinais Hamburgo transmite para o terrorista islâmico antissionista médio determinado a ferrar com o mundo ocidental? Séculos de antissemitismo? Hamburgo os tem. Campos de concentração nos arredores da cidade? Hamburgo os teve. Tudo bem, devo reconhecer: Hitler não nasceu em Blankenese. Mas não achem que não poderia ter nascido lá. A gangue de Baader-Meinhof? Ulrike Meinhof, nascida perto daqui, era a filha adotiva orgulhosa de Hamburgo. Ela até aprendeu a falar árabe. Uniu-se aos malucos dos árabes e participou de sequestros com eles. Talvez Ulrike tenha sido uma espécie de sinal. Árabes demais amam os alemães pelas razões erradas. Talvez nossos sequestradores também amassem. Jamais perguntamos a eles. E, agora, jamais poderemos perguntar.

Ele deixou que o silêncio durasse algum tempo e depois pareceu se empolgar.

— E também há *boas* coisas em Hamburgo — resumiu com otimismo. — Somos pessoas do mar. Somos uma cidade-Estado totalmente aberta, esquerda-liberal e com conhecimento do mundo. Somos comerciantes de primeira classe com um porto de primeira classe e um faro de primeira classe para o lucro. Para nós, os estrangeiros não são estranhos. Não somos uma cidade do interior com um só cavalo na qual os estrangeiros parecem marcianos. Eles fazem parte da nossa paisagem. Durante séculos, milhões de caras como Mohammed Atta ficaram bêbados com cerveja, comeram nossas putas e retornaram para seus navios. E não dissemos olá nem adeus para eles, nem perguntamos o que estavam fazendo aqui, porque eles fazem parte do cenário. Estamos na Alemanha, mas estamos à parte da Alemanha. Somos melhores do que a Alemanha. Somos Hamburgo, mas

também Nova York. Tudo bem, não temos torres gêmeas. Até aí, Nova York também não tem mais. Mas ainda somos *atraentes*. Ainda temos o *cheiro* certo para as pessoas erradas.

Outro silêncio enquanto Bachmann pesava o que tinha acabado de dizer.

— Mas, se estamos falando de *sinais*, acho que eu culparia nossa recém-descoberta e puxa-saco tolerância à diversidade religiosa e étnica. Pois uma cidade em processo de redenção pelos pecados cometidos no passado demonstrando sua tolerância incansável, impressionante e indiscriminada, bem, também é uma espécie de sinal. É praticamente um convite para que venham nos testar.

Ele estava se aproximando de seu tema preferido, aquele pelo qual todos estavam esperando, a razão pela qual haviam sido arrastados de Berlim ou Munique e relegados a um estábulo decrépito da SS em Hamburgo. Ele estava descarregando a raiva contra o fracasso desanimador dos serviços de inteligência ocidentais — e, acima de tudo, do serviço alemão — em recrutar uma única fonte viva decente contra o alvo islâmico.

— Vocês acham que tudo mudou depois do 11 de Setembro? — perguntou, furioso com eles, ou com si próprio. — Vocês acham que em 12 de setembro nosso excelente serviço de inteligência externa, disparado por uma visão global da ameaça terrorista, fez os agentes vestirem *keffiyehs* e irem para os *souks* de Aden, Mogadíscio, Cairo, Bagdá e Kandahar comprar um pouco de informação sobre quando e onde a próxima bomba explodiria e quem estaria apertando o botão? Tudo bem, todos conhecemos aquela piada ruim: não se pode comprar um árabe, mas pode-se *alugar* um. Pois não conseguimos nem mesmo *alugar* um árabe, cacete! Havia umas duas honrosas exceções, mas não vou chatear vocês com elas. Fora elas, não tínhamos merda *nenhuma* em termos de fontes vivas na época. E não temos merda *nenhuma* em termos de fontes vivas agora.

"Oh, é claro, tínhamos alguns bravos jornalistas, homens de negócios e ajudantes alemães em nossa folha de pagamento, incluindo até mesmo alguns que não eram alemães, mas que estavam felizes em vender seu lixo industrial em troca de uma segunda renda não tributável. Mas não são fontes vivas. Não são imãs radicais, desencantados e venais, nem jovens islâmicos já na metade do caminho rumo ao cinto de explosivos. Não são

os homens principais de Osama nem seus caça-talentos, tampouco seus mensageiros, intendentos ou os responsáveis por seus pagamentos, nem a cinquenta graus de distância. São apenas visitas agradáveis para o jantar.”

Ele esperou até que as gargalhadas cessassem.

— E, quando acordamos para o que não tínhamos, não conseguimos encontrá-lo.

Nós, eles perceberam. *Nós* em Beirute. *Nós* em Mogadíscio e em Aden. O *nós* real de Bachmann. Bachmann havia encontrado fontes vivas, verdadeiras e boas, era o que todo o mundo secreto dizia. Ele as comprava ou alugava, quem se importava? Mas, talvez, também os tivesse perdido. Ou talvez, por segurança, tivesse sido obrigado a renunciar a elas.

— Pensamos que podíamos seduzi-los para que viessem para o nosso lado. Pensamos que podíamos atraí-los com nossos rostos bondosos e carteiras gordas. Ficávamos sentados a porra da noite toda em estacionamentos, esperando que desertores de alto escalão sentassem no banco de trás e fechassem um acordo conosco. Ninguém apareceu. Vasculhamos as ondas de rádio para decifrar seus códigos. Eles não tinham nenhuma merda de código. Por que não? Porque não estávamos mais na Guerra Fria. Estávamos lutando contra os remanescentes de uma nação chamada Islã com uma população de 1,5 bilhão de pessoas e uma infraestrutura passiva para combinar. Achamos que podíamos agir como antes, e estávamos simples, estupidamente *errados*.

A raiva passou à medida que Bachmann se permitiu divergir. — Ouçam, eu estive lá — confidenciou. — Antes de trabalhar com o alvo árabe, joguei com meus oponentes soviéticos. Eu comprava e vendia pessoas. Eu dobrava e redobrava os caras até não poder mais ver minha própria bunda. Mas ninguém decepou minha cabeça. Ninguém explodiu minha esposa e meus filhos quando estavam tomando banho de sol em Bali ou indo para a escola de trem em Madri ou Londres. As regras haviam mudado. O problema era que *nós* não... — Bachmann interrompeu a frase bruscamente e andou até outra parte da galeria para anunciar mais uma mudança de humor.

— E, mesmo depois do 11 de Setembro, nossa amada pátria, perdão, *Heimat*, estava *imune*, é claro! — declarou com uma gargalhada estridente e amarga. — Nós, alemães, podíamos ir pelados a qualquer lugar. Ainda assim! Ninguém nos tocava porque éramos tão maravilhosamente alemães e imunes. Tudo bem, demos abrigo a alguns terroristas islâmicos e um trio

deles foi lá e explodiu as Torres Gêmeas e o Pentágono. E daí? Foi para isso que tinham vindo aqui, e foi o que fizeram. Problema resolvido. Eles tinham atingido o coração do Grande Satã, e se mataram no processo. Nós éramos sua *base de lançamento*, por Deus, e não o alvo! Por que nos preocupar? Assim, acendemos velas pelos pobres americanos. E *rezamos* pelos pobres americanos. E demonstramos a eles muita *solidariedade grátis*. Mas não preciso dizer a vocês que havia muitos babacas neste país que não se importavam muito que a Fortaleza América recebesse uma dose do próprio remédio. Alguns daqueles babacas ocupavam postos bem altos em Berlim, e permanecem neles. E quando veio a guerra do Iraque e nós, bons alemães, permanecemos alheios a ela, ficamos ainda *mais* imunes. E aconteceu Madri. Okay. Aconteceu Londres. Okay. Mas não em Berlim, não em Munique, não em Hamburgo. Éramos simplesmente imunes a *tudo* aquilo.

Escolhendo um canto da galeria, dirigiu-se diagonalmente ao grupo em um tom de voz mais confidente.

— Mas havia dois pequenos problemas, amigos. O primeiro era que a Alemanha estava fornecendo aos Estados Unidos bases militares cinco estrelas a partir de tratados remanescentes do período em que eles eram nossos donos, porque tinham nos derrotado. Lembra-se da bela bandeira negra hasteada por nossos governantes eleitos no Portão de Brandemburgo? *Compartilhamos seu luto*. Ela não foi parar lá por acaso. O segundo pequeno problema era nosso apoio irredutível, desqualificado e culpado ao Estado de Israel. Nós os apoiamos contra os egípcios, os sírios e os palestinos. Contra o Hamas e o Hezbollah. E, quando Israel bombardeou impiedosamente o Líbano, nós alemães apenas consultamos devidamente nossas consciências irrequietas e só falamos de como o pequeno e heroico Estado de Israel poderia ser defendido. E enviamos nossos jovens e corajosos rapazes uniformizados para o Líbano para que fizessem justamente isso: o que não agradou muito os libaneses e os árabes que achavam que havíamos corrido para proteger um valentão covarde e furioso que agia com a permissão e o estímulo dos senhores Bush e Blair e de vários outros bravos chefes de Estado que, por questões de modéstia, preferiram não ter seus nomes incluídos no hall da fama.

"E, então, a primeira coisa que descobrimos foram duas bombas libanesas no sistema ferroviário alemão que, se tivessem explodido, tornariam os atentados de Londres e Madri meros ensaios. Depois disso,

até nossos políticos reconheceram que havia um preço a pagar por mandar publicamente os Estados Unidos ao inferno e, privadamente, puxar o saco deles. As cidades alemãs eram vítimas aguardando seus algozes. E é assim que se encontram na noite de hoje.”

Bachmann olhou ao redor, estudando os rostos das pessoas, um a um. Maximilian ergueu a mão, registrando uma objeção. Niki, a seu lado, fez o mesmo. Outras mãos foram levantadas. Isso agradava a Bachmann, que abriu um grande sorriso.

— Tudo bem, não se deem o trabalho de falar. Vocês estão me dizendo que os libaneses que colocaram as bombas *nem mesmo sabiam* do último desastre no Líbano quando começaram a planejar o atentado, estou certo?

As mãos foram abaixadas. Ele estava certo.

— Eles ficaram irados com um par de charges dinamarquesas muito ruins do profeta Maomé que haviam sido reproduzidas por jornais alemães que achavam que estavam sendo corajosos e nos libertando, certo?

Certo.

— Então, estou errado? Não, *não estou* errado! Não tem a menor importância o que os fez puxar o gatilho. O que realmente importa é que a ameaça contra a qual estamos lidando não vê diferença entre culpa pessoal e coletiva. Ela não diz: "Você é bom e eu sou bom, mas Erna não presta para nada." Ela diz: "Somos todos um monte de apóstatas, blasfemadores, assassinos, pervertidos sem valor que odeiam Deus, então, que se fodam." Para esses caras, e para todos os caras que gostaríamos de conhecer que compartilham da mesma visão, é o Ocidente contra o Islã, sem escalas.

Em seguida, Bachmann foi ao cerne da questão.

— As fontes que nós, párias recém-reunidos aqui, vamos buscar precisam ser trazidas à vida. Elas não sabem que existem até que lhes digamos. Elas não nos procuram. Nós as encontramos. Permaneceremos pequenos. Permaneceremos nas ruas. Nosso interesse é pelos detalhes, não pela visão geral. Não possuímos um alvo preconcebido. Encontramos um homem, o desenvolvemos, vemos o que tem a oferecer e o fazemos ir o mais longe possível. Ou mulher. Nós trabalhamos as pessoas que ninguém alcança. Os caras gorduchos das mesquitas que só falam três palavras em alemão. Ficamos amigos deles e de seus amigos. Ficamos atentos para detectarmos o recém-chegado irrequieto, o nômade invisível a caminho de um lugar, levado de uma casa para outra e de uma mesquita para outra.

"Passaremos um pente fino nos arquivos ressuscitados de *Herr Arni Mohr* e seus colegas Protetores do outro lado do pátio, revisitaremos casos antigos que começaram com um floreio e se dissiparam quando o candidato ficou com medo ou se mudou para alguma cidade cujo posto de inteligência fosse tão idiota que não quisesse nem soubesse lidar com ele. Ignoraremos os protestos de nossos anfitriões e localizaremos nossos candidatos. Mediremos novamente a temperatura deles. Nós fazemos o tempo."

Ele tinha uma última palavra de cautela, apesar de também tipicamente anárquica.

— E lembrem-se, por favor, de que somos ilegais. Não sei realmente dizer o quanto somos ilegais, não sendo um bom advogado como tantos augustos colegas. Mas pelo que me dizem, não podemos nem mesmo limpar a bunda sem consentimento prévio e por escrito do Conselho Superior da Magistratura, da Santa Sé, do Comitê Conjunto em Berlim e de nossa amada Polícia Federal, que não diferencia espionagem de um monte de bosta, mas tem todos os poderes dos quais os serviços de inteligência são apropriadamente privados, para que não nos transformemos sem querer na Gestapo. Agora, vamos ao trabalho de verdade. Preciso de uma bebida.



O bar, aberto a noite toda, era o Hampelmanns e se situava em uma pequena rua de paralelepípedos perto da estação de trem. Um dançarino de ferro batido com chapéu pontiagudo que ficava pendurado na entrada mal iluminada era, na noite de hoje, como na maioria das noites, o anfitrião do cavalheiro conhecido inicialmente pela equipe de Günther Bachmann como o *maldito velho gordo*.

O sobrenome nada espetacular do cavalheiro, que já haviam descoberto, era Müller, mas entre os amigos frequentadores do Hampelmanns era conhecido apenas como o Almirante. Ele tinha voltado depois de passar dez anos preso na União Soviética como recompensa pela carreira de tripulante de submarino na Frota do Norte de Hitler. Karl, o

remodelado garoto de rua de Dresden, o havia localizado e, tendo transmitido por telefone seu nome e paradeiro, observava-o silenciosamente de uma mesa próxima. Maximilian, o gênio gago dos computadores, descobrira como que por mágica sua data de nascimento, sua história pessoal e sua ficha policial, tudo em questão de minutos. E agora o próprio Bachmann estava galgando a escada que descia para o bar no porão. Enquanto descia, Karl, o garoto de rua, passou por ele e sumiu na noite. Eram três da madrugada.

Inicialmente, Bachmann só conseguia ver as pessoas que estavam sentadas perto da luz que vinha da escadaria. Depois, ele percebeu que havia uma vela elétrica em cada mesa e, gradualmente, os rostos ao redor delas. Dois homens esqueléticos vestindo paletós e, gravatas pretas jogavam xadrez. No bar, uma mulher solitária convidou-o a lhe comprar uma bebida. Obrigado, querida, deixe para a próxima, respondeu Bachmann. Em uma alcova, quatro garotos sem camisa jogavam sinuca, observados por duas garotas com olhares mortos. Uma segunda alcova fora cedida a raposas empalhadas, escudos de prata e bandeiras em miniatura com rifles cruzados. E em uma terceira, cercados por modelos de navios de guerra em caixas de vidro empoeirado, nós de marinheiro, fitas de chapéu esfarrapadas e fotografias estampadas de submarinos no auge, estavam sentados três homens muito velhos em uma mesa redonda na qual caberiam 12 pessoas. Dois deles eram magros e frágeis, o que deveria ter transmitido autoridade ao terceiro, cuja careca reluzente, peito e barriga de barril tornavam-no do tamanho dos dois companheiros somados. Mas autoridade, à primeira vista, não era o que importava para o Almirante. Suas mãos gigantescas e imóveis, repousando diante dele sobre a mesa, pareciam incapazes de compreender as memórias que o assombravam. Os olhos pequenos, que há tempos haviam recuado para dentro de sua cabeça lisa, pareciam ter se virado para dentro. Com um aceno de cabeça para os três homens, Bachmann sentou-se tranquilamente ao lado do Almirante e tirou do bolso de trás da calça uma carteira que exibia sua fotografia e o endereço de uma agência fictícia de pessoas desaparecidas baseada em Kiel. Era uma das diversas identidades comuns que Bachmann gostava de ter em mãos para uma eventual casualidade.

— Nós estamos procurando aquele pobre garoto russo com quem esbarrou na estação de trem uma noite dessas — explicou. — Jovem, alto e faminto. Um rapaz digno. Usava um gorro. Lembra-se dele?

O Almirante despertou de seus devaneios o suficiente para virar a cabeça gigantesca e examinar Bachmann enquanto o resto de seu corpo permanecia rígido como pedra.

— Nós, quem? — perguntou finalmente, depois de avaliar o humilde casaco de couro, a camisa e a gravata de Bachmann e seu ar de preocupação decente, quase legítima, como sua moeda de troca.

— O garoto não está bem — explicou Bachmann. — Tememos que venha a se ferir. Ou a outras pessoas. Os médicos em meu escritório estão muito preocupados com ele. Eles querem encontrá-lo antes que algo ruim aconteça. Ele pode ser jovem, mas teve uma vida dura. Como você — acrescentou.

O Almirante pareceu não ouvir.

— Você é um cafetão? — perguntou.

Bachmann balançou a cabeça.

— Policial?

— Se puder encontrá-lo antes da polícia, estarei fazendo um favor a ele — disse, enquanto o Almirante continuava a encará-lo. — Farei um favor a você também — continuou. — Cem euros em dinheiro por tudo que conseguir lembrar dele. Sem devoluções, posso garantir.

O Almirante levantou uma mão gigantesca e, depois de passá-la especulativamente na boca, levantou-se e, sem um olhar sequer para os companheiros silenciosos, mudou-se para a mesa ao lado, que estava vazia e praticamente na escuridão. Almirante comia com decoro, usando vários guardanapos de papel para preservar a limpeza dos dedos e acrescentando grandes doses de Tabasco, que guardava no bolso do casaco. Bachmann tinha pedido uma garrafa de vodka. Almirante acrescentou ao pedido pão, pepino, salsicha, arenque salgado e um prato de queijo Tilsit.

— Eles vieram a mim — disse finalmente.

— Quem?

— O pessoal da missão. Todos eles conhecem o Almirante.

— Onde você estava?

— Na casa da missão. Onde mais?

— Dormindo?

O Almirante abriu um sorriso torto, como se dormir fosse algo que as outras pessoas fizessem.

— Falo russo. Um rato das docas de Hamburgo, mas falo russo melhor do que alemão.

— Como isso aconteceu?

— Sibéria — sugeriu Bachmann, e a grande cabeça balançou num acordo silencioso.

— A missão não fala russo. Mas o Almirante fala — e se serviu de uma dose generosa de vodca.

— Quer ser médico.

— O garoto?

— Aqui em Hamburgo. Quer salvar a humanidade. De quem? Da humanidade, é claro. Um tártaro. Foi o que disse. Um *Mussulman*. Foi ordenado por Alá para vir a Hamburgo e estudar para que possa salvar a humanidade.

— Algum motivo pelo qual Alá o escolheu?

— Compensar todos os pobres-diabos que o pai matou.

— Ele disse quem eram esses pobres-diabos?

— Russos matam todo mundo, meu amigo. Padres, crianças, mulheres, todo o maldito universo.

— O pai matou muçulmanos?

— Ele não especificou as vítimas.

— Ele disse qual era a profissão do pai? Como conseguiu matar tantos pobres-diabos, para início de conversa?

O Almirante tomou outro gole de vodca. E mais um. Em seguida, encheu o copo de novo.

— Ele estava curioso para saber onde ficam os escritórios dos grandes banqueiros de Hamburgo.

Para Bachmann, interrogador experiente, nenhuma informação, por mais exorbitante que fosse, poderia parecer surpreendente: — O que disse a ele?

— Eu ri. Posso fazer isso. "Para que quer um banqueiro? Precisa descontar um cheque? Talvez eu possa ajudar."

Bachmann também riu da piada.

— E como ele recebeu o comentário?

— "Cheque? O que é um cheque?" Depois me perguntou se eles moravam nos escritórios ou se também tinham casas próprias.

— E você?

— "Olhe", disse a ele, "você é um cara educado, e Alá disse a você que se tornasse médico. Então pare de fazer um monte de perguntas estúpidas sobre banqueiros. Venha relaxar em nosso albergue cheio de pulgas,

dormir em uma cama de verdade e conhecer alguns outros bons cavalheiros que querem salvar a humanidade."

— E ele foi?

— Enfiou cinquenta dólares na minha mão. Um garoto tártaro faminto e louco dá a um velho prisioneiro uma nota novinha de cinquenta dólares por um copo de sopa ruim.

Tendo também recebido dinheiro de Bachmann, enchido os bolsos com o que restava na mesa e terminado de beber a garrafa de vodca, o Almirante retornou para os colegas marinheiros na mesa ao lado.



Durante dias após o encontro, Bachmann mergulhou em um de seus silêncios preciosos dos quais Erna Frey não tentava retirá-lo. Até mesmo a notícia de que os dinamarqueses haviam prendido o motorista do caminhão sob acusação de contrabando de pessoas fracassou em animá-lo: — O motorista? — ele repetiu. — O cara do caminhão que o deixou na estação de trem de Hamburgo? *Esse* motorista?

— Sim, *esse* motorista — retrucou Erna Frey. — Há cerca de duas horas. Repassei a informação, mas você estava ocupado demais. De Copenhague para o Comitê em Berlim, do Comitê para nós. É muito importante.

— Dinamarquês?

— Correto.

— De origem dinamarquesa?

— Correto.

— Convertido ao islamismo?

— Nada disso. Leia seus e-mails para variar. É luterano, filho de luteranos. Seu único pecado é ter um irmão no crime organizado.

Agora ela o físgara.

— O irmão mau telefonou para o irmão bom há duas semanas e disse que havia um jovem rico que perdera o passaporte e estava prestes a chegar a Copenhague em certo navio de carga vindo de Istambul.

— Rico? — interrompeu Bachmann. — Rico como?

— O pagamento seria cinco mil dólares adiantados por retirá-lo das docas e outros cinco mil quando chegasse a Hamburgo em segurança.

— Pagos por quem?

— Pelo jovem.

— Por ele mesmo, quando chegasse em segurança? Do próprio bolso? Cinco mil?

— Parece que sim. O irmão bom estava duro, de modo que deu uma de idiota e aceitou o trabalho. Ele nunca viu o nome do passageiro e não fala russo.

— Onde está o irmão mau?

— Preso, claro. Estão sendo mantidos separados.

— O que ele diz?

— Está morrendo de medo e prefere ficar na prisão a ser morto em uma semana pela máfia russa.

— E esse chefe da máfia é só russo ou é muçulmano também?

— O contato do irmão mau em Moscou, segundo ele mesmo, é um gangster poderoso, respeitável e puro-sangue. Ele não tem tempo para muçulmanos e preferiria que eles se afogassem no Volga. O acordo dele com o irmão do nosso motorista foi um favor que fez a um amigo. Não cabia a um humilde vigarista dinamarquês perguntar quem é, ou era, o tal amigo.

Erna Frey sentou-se e, com as pálpebras semicerradas, esperou até que Bachmann se recompusesse.

— O que o Comitê diz?

— O Comitê balbucia. Está obcecado por um imã que vive atualmente em Moscou e desvia dinheiro para instituições de caridade islâmicas duvidosas. Os russos sabem que ele faz isso. Ele sabe que eles sabem o que faz. O que fica além da compreensão humana é saber por que o deixam fazer. O comitê está determinado a acreditar que o imã é o amigo desaparecido do chefe da máfia. Isso apesar do fato de, até onde se sabe, ele não ter histórico de financiar linhas de fuga para andarilhos russo-chechenos rumo à faculdade de medicina em Hamburgo. Oh, e ele lhe deu seu casaco.

— Quem?

— O irmão bom que levou o garoto até Hamburgo ficou com pena dele e temeu que pegasse um resfriado fatal no norte gelado. Assim, deu seu sobretudo a ele. Um sobretudo longo e preto. Tenho outra joia para você.

— O que é?

— *Herr* Igor, no outro lado do pátio, tem uma fonte ultrassecreta infiltrada na comunidade ortodoxa russa em Colônia.

— E?

— Segundo a fonte intrépida de Igor, freiras ortodoxas reclusas em uma cidade próxima de Hamburgo abrigaram recentemente um jovem russo muçulmano um pouco maluco que estava morrendo de fome.

— Rico?

— A riqueza dele não foi estabelecida.

— Mas educado.

— Muito. Igor encontrará a fonte hoje à noite sob condições de extrema confidencialidade para discutir o pagamento pelo resto da história.

— Igor é um babaca e as histórias dele são um monte de merda — pronunciou Bachmann, juntando os papéis na escrivaninha e enfiando-os numa mala velha e surrada que ninguém teria vontade de roubar.

— Para onde está indo?

— Para o outro lado do pátio.

— Fazer o quê?

— Dizer aos heroicos Protetores que este caso é nosso. Dizer a eles que mantenham a polícia longe de nós. E garantir que, se por alguma chance remota a polícia realmente o encontrar, faça a gentileza de não enviar uma resposta armada que começaria uma pequena guerra e, em vez disso, que fique fora de vista e nos informe imediatamente. Preciso que esse garoto faça o que quer que tenha vindo fazer pelo máximo de tempo que puder.

— Você esqueceu suas chaves — disse Erna Frey.

4

— Se não for pegar a *S-Bahn*, por favor não chegue de táxi ao café. — Annabel Richter fora igualmente inflexível a respeito das roupas de Brue. *Para meu cliente, homens de terno são policiais secretos. Por gentileza, vista algo informal.* O melhor que ele conseguira tinha sido uma calça cinza de flanela e o blusão esportivo da Randall's de Glasgow que usava no clube de golfe, além de um casaco de chuva da Aquascutum para caso caísse outro dilúvio. Como um gesto de atenção, abrira mão da gravata.

Uma espécie de escuridão caíra sobre a cidade. A chuva que caíra mais cedo clareara o céu noturno. Uma brisa fria vinha do lago quando ele entrou no táxi e recitou para o motorista as coordenadas dadas por Annabel. De pé em uma calçada estranha em uma parte humilde da cidade, Brue sentiu-se momentaneamente desamparado, mas recobrou a energia quando viu a placa da rua indicada por ela. Os estandes de frutas do mercado *halal* reluziam em verde e vermelho. O brilho das luzes brancas da loja de *kebab* ao lado atravessava a rua.

Dentro da loja, sentada diante de uma mesa púrpura brilhante no canto da sala, estava Annabel Richter com uma garrafa de água sem gás à sua frente e um prato fundo deixado de lado que continha o que, para Brue, parecia tapioca salpicada com açúcar mascavo.

Em uma mesa ao lado, quatro velhos jogavam dominó. Noutra, um casal de jovens em suas melhores roupas fazia a corte com nervosismo. O anoraque de Annabel estava pendurado na cadeira. Ela vestia um pulôver sem corte e a mesma blusa de gola alta. Havia um celular sobre a mesa e a mochila estava no chão. Sentando-se diante dela, Brue sentiu o cheiro de algo quente em seu cabelo.

— Fui aprovado?

Ela correu os olhos pelo casaco esportivo e pela calça de flanela.

— O que encontrou nos arquivos?

— Que há, aparentemente, um caso aguardando mais investigações.

— É tudo que tem para me dizer?

— Neste estágio, lamento que sim.

— Então deixe-me contar algumas coisas que não sabe.

— Tenho certeza de que há muitas.

— Ele é muçulmano. Essa é a primeira. Devoto. Então é difícil para ele lidar com uma advogada.

— Mas é mais difícil para a senhora, certamente?

— Ele me pede para usar um lenço na cabeça. Eu uso. Ele me pede para respeitar suas tradições. Eu as respeito. Ele usa seu nome muçulmano: Issa. Como disse ao senhor, ele fala russo; fora isso, fala um turco ruim com seus anfitriões.

— E quem são os anfitriões, se é que posso perguntar?

— Uma viúva turca e o filho. O marido dela era cliente do Santuário Norte. Quase conseguimos lhe obter a cidadania, mas ele morreu. Agora, o filho está tentando consegui-la em nome da família, o que significa que precisa começar tudo de novo e levar cada membro da família separadamente, o que fez com que ficasse aterrorizado e telefonasse para nós. Eles amam Issa, mas querem se livrar dele. Pensam que serão expulsos do país por abrigarem um imigrante ilegal. Nada os convence do contrário e, hoje em dia, podem muito bem estar certos. Também têm passagens compradas para a Turquia para o casamento da filha e não há a menor possibilidade de o deixarem sozinho na casa. Eles não sabem seu nome. Issa sabe mas não o repetiu, e não o fará. O senhor é uma pessoa que pode ajudar Issa; isso é tudo. Está à vontade com essa descrição?

— Acredito que sim.

— Apenas acredita?

— Estou à vontade.

— Eu também disse a eles, pois era necessário, que o senhor não revelará o nome de ninguém às autoridades.

— Por que eu faria isso?

Ignorando a oferta de ajuda por parte dele, Annabel vestiu atrapalhadamente o anorake e pendurou a mochila no ombro. Dirigindo-se para a porta, Brue reparou em um jovem grandalhão caminhando pela calçada. Seguindo-o a uma distância respeitável, entraram em uma rua transversal. Quanto mais se afastava deles, maior o rapaz parecia. Em uma farmácia, o rapaz olhou rapidamente ao longo da rua, para os carros, para as janelas das casas e para duas mulheres de meia-idade que estudavam a vitrine de uma joalheria. De um lado da vitrine ficava uma loja para noivas com uma foto de um casal digno de um sonho segurando flores de cera, e do outro uma porta de entrada coberta por uma camada espessa de verniz com um botão de campainha luminoso.

Quando estava prestes a atravessar a rua, Annabel parou, tirou a mochila do ombro e retirou seu lenço, com o qual cobriu a cabeça. Depois, puxou cuidadosamente duas pontas do lenço e as amarrou na altura da garganta. De repente, sob a luz da rua, seu rosto parecia desgastado e mais velho.

O rapaz grandalhão destrancou a porta, colocou-os para dentro apressadamente e estendeu uma mão enorme. Brue apertou-a mas não disse seu nome. A mulher, Leyla, era pequena e forte e estava vestida para receber visitas, com um lenço na cabeça, saltos altos e um vestido preto de gola alta. Ela encarou Brue e depois, com desconforto, pegou sua mão, o tempo todo com os olhos no filho. Seguindo Leyla até a sala de estar, Brue soube que tinha entrado em um lar habitado pelo medo.

O papel de parede tinha um tom marrom avermelhado e a tapeçaria era dourada. Capas decorativas bordadas estavam penduradas nos braços das cadeiras. Na base de vidro de um abajur, glóbulos de plasma giravam, se dividiam e se reuniam. Leyla premiara Brue com o trono presidencial. Era do marido falecido, explicou, puxando com nervosismo o lenço que cobria sua cabeça. Durante trinta anos, meu marido não se sentava em nenhuma outra cadeira, ela disse. A poltrona era adornada, horrenda e muito desconfortável. Brue admirou-a devidamente. Ele tinha uma não muito diferente no escritório: herdada do avô, e um inferno de se sentar. Ele pensou em dizer algo nesse sentido, mas achou melhor não. Sou alguém em condições de ajudar. É tudo que sou. Em pratos de sua melhor porcelana, Leyla organizou triângulos de *baklava* com melado e uma torta de creme de lima cortada em fatias. Brue aceitou um pedaço de torta e uma xícara de chá de maçã.

— Maravilhoso — disse quando provou a torta, mas foi como se ninguém tivesse ouvido.

As duas mulheres, uma linda e a outra atarracada, ambas soturnas, sentaram-se em um sofá de chenile. Melik permaneceu de pé, com as costas para a porta. Issa descerá em um minuto, disse, olhando para o teto e escutando. Issa se aprontando. Issa está nervoso. Pode ser que esteja rezando. Ele virá.

— Aqueles policiais mal puderam esperar até que *Frau* Richter tivesse deixado a casa — disparou Leyla, dirigindo-se a Brue, manifestando uma queixa que, evidentemente, estava incomodando. — Fechei a porta da frente depois que ela saiu, levei os pratos para a cozinha e, cinco minutos

depois, eles estavam aqui, tocando a campainha. Mostraram-me identificações e anotei seus nomes, exatamente como meu marido costumava fazer. Estavam à paisana. Não foi o que fiz, Melik?

Ela enterrou um bloco de anotações nas mãos de Brue. Um sargento, um policial, nomes fornecidos. Sem saber o que fazer com aquilo, Brue levantou-se desconfortavelmente e mostrou a anotação a Annabel, que a devolveu a Leyla, sentada a seu lado.

— Eles esperaram até que minha mãe estivesse sozinha em casa — acrescentou Melik da porta. — Eu tinha um treino de natação com a equipe. Revezamento, 200 metros.

Brue acenou com a cabeça manifestando uma simpatia sincera. Fazia muito tempo desde que participara de uma reunião na qual não estivesse no comando.

— Um velho e um jovem — disse Leyla, retomando sua queixa. — Issa estava no sótão, graças a Deus. Quando ouviu a campainha, subiu os degraus e fechou o alçapão. Ele está lá em cima desde então. Ele diz que eles voltarão. Eles fingem que foram embora, depois voltam e deportam você.

— Eles estão apenas fazendo seu trabalho deles — disse Annabel. — Eles estão visitando pessoas de toda a comunidade turca. Chamam de divulgação.

— Primeiro eles disseram que era sobre o clube esportivo islâmico do meu filho, depois era sobre o casamento da minha filha na Turquia no próximo mês, e se tínhamos certeza de que podemos retornar à Alemanha depois. "Claro que temos certeza!", eu disse. "Não se você obteve residência alemã por motivos humanitários", disseram eles. "Isso foi há vinte anos!", eu disse a eles.

— Leyla, você está se preocupando desnecessariamente — Annabel disse severamente. — É uma operação de corações e mentes separar muçulmanos decentes das poucas maçãs podres, isso é tudo. Acalme-se.

A voz não seria um pouco confiante demais? Brue suspeitava que sim.

— Você quer ouvir algo engraçado? — Melik perguntou a Brue, a expressão nada humorística. — Vai ajudá-lo, então talvez deva ouvir isso. Ele não é como nenhum muçulmano que eu já tenha conhecido. Ele pode ser crente, mas ele não pensa como um muçulmano, ele não age como um muçulmano.

A mãe brigou com ele em turco, mas sem sucesso.

— Quando ele estava fraco, certo?, quando ele estava deitado na minha cama, se recuperando?, eu li para ele versos do Alcorão. Um exemplar do meu pai. Em turco. Então ele queria ler por si mesmo. Em turco. Ele sabia o suficiente para reconhecer as palavras sagradas, disse ele. Então eu vou para a mesa onde eu a mantenho aberta, ok?, e digo *Bismillah*, do jeito que meu pai me ensinou... fiz como se eu fosse beijar, mas não o fiz, ele me ensinou isso também, eu apenas toquei com minha testa, e eu o entreguei em suas mãos. “Aqui está, Issa”, eu disse. “Aqui está o Alcorão do meu pai. Ler na cama não é como você deveria fazer normalmente, mas está doente, então talvez esteja tudo bem. Quando volto ao quarto uma hora depois, onde está ele? Deitado no chão. A cópia do meu pai do Alcorão está caída no chão. Para qualquer muçulmano decente, não importa meu pai, isso é impensável! Então pensei: tudo bem. Eu não estou zangado. Ele está doente e caiu da mão dele. Eu o perdoo. É certo ser generoso. Mas quando eu gritei com ele, ele apenas se abaixou e pegou, com apenas *uma mão, não as duas*, e me entregou como se fosse — ele não conseguia encontrar uma comparação adequada — como se fosse um livro qualquer numa loja! *Quem* faria isso? *Ninguém*! Se ele é checheno ou turco ou árabe ou, quero dizer, ele é meu irmão, está certo? Amo o cara. Ele é um verdadeiro herói. Mas no chão... Uma mão... Sem uma oração. Sem nada.

Leyla já ouvira o suficiente. — Quem é você para falar mal do seu irmão, Melik? — ela retrucou, também em alemão para o benefício de sua audiência. — Tocando música suja de rap a noite toda no seu quarto! O que você acha que seu pai pensaria disso?

Na direção do corredor, Brue ouviu pés cautelosos descendo uma escada que rangia.

— Além disso, ele tirou a foto da minha irmã da sala e a colocou em seu quarto — disse Melik. — Apenas pegou. No tempo do meu pai eu deveria matá-lo ou algo assim. Ele é meu irmão, mas ele é estranho.

A voz segura de Annabel Richter assumiu o comando.

— Você perdeu seu dia de assar, Leyla — disse ela com um olhar significativo para a tela fosca que separava a área da cozinha da sala de estar.

— Culpa deles.

— Então, por que você não assa agora? — Annabel sugeriu calmamente. — Dessa forma, os vizinhos saberão que você não tem nada a esconder.

Ela se virou para Melik, que havia se colocado ao lado da janela. — É bom que você esteja vigiando. Por favor, continue. Se a campainha tocar, quem quer que seja, eles não poderão entrar. Diga a eles que você está tendo uma reunião com seus promotores de esporte. Certo?

— Certo.

— Se for a polícia novamente, eles devem vir outra hora ou falar antes comigo.

— Ele não é um verdadeiro checheno também. Ele apenas finge ser — disse Melik.



A porta se abriu e uma silhueta tão alta quanto a de Melik, mas metade de sua largura, avançou em passos lentos na sala. Brue se levantou, o sorriso de banqueiro no ar e a mão de banqueiro estendida. Pelo canto do olho, viu que Annabel também estava em pé, mas não avançava.

— Issa, este é o cavalheiro que você pediu para conhecer — disse Annabel em russo clássico. — Estou confiante de que ele é quem diz ser. Ele veio especialmente vê-lo esta noite, a seu pedido, e não contou a ninguém. Ele fala russo e precisa fazer algumas perguntas importantes. Todos somos gratos a ele e tenho certeza de que, por você e por Leyla e Melik, você vai cooperar com ele em tudo que puder. Estarei ouvindo e representando seus interesses sempre que julgar necessário.

Issa havia parado no centro do tapete dourado de Leyla, os braços ao lado do corpo, aguardando ordens. Quando nenhuma chegou, ele levantou a cabeça, colocou a mão direita no coração e fixou Brue com um olhar de adoração.

— Muito obrigado, senhor — ele murmurou, através dos lábios que pareciam sorrir apesar dele. — Sou privilegiado, senhor. É um homem bom, tenho certeza. É visível em sua postura e suas roupas bonitas. Também tem uma linda limusine?

— Bem, é uma Mercedes.

Por cerimônia ou autoproteção, Issa vestiu o sobretudo preto e pendurou a bolsa de pele de camelo no ombro. Ele havia se barbeado. As

duas semanas de atenções maternas de Leyla suavizaram as fendas em suas faces, dando-lhe, aos olhos de Brue, uma irrealdade seráfica: *esse belo exemplar de menino foi torturado?* Por um momento, Brue não acreditou nele. O sorriso radiante, o estilo de fala empolgado, muito florido, o ar de falsa compostura, eram todos os equipamentos clássicos de um impostor. Mas então, quando eles se sentaram frente a frente na mesa de Leyla, Brue viu o fio de suor na testa de Issa e, quando desceu o olhar, percebeu que as mãos dele estava em cima da mesa, como que esperando para ser acorrentado. Viu a fina corrente de ouro em seu pulso, e o Alcorão de ouro pendurado nela para protegê-lo. E soube que estava olhando para uma criança destruída.

Mas permaneceu senhor de seus sentimentos. Devia se considerar inferior a alguém apenas porque esse alguém foi torturado? Devia evitar julgamentos pela mesma razão? Havia um ponto de princípio aqui.

— Bem, seja bem-vindo — começou ele, brilhantemente, em um russo cuidadosamente aprendido, curiosamente comparável ao de Issa. — Acho que temos pouco tempo. Portanto, devemos ser breves, mas eficientes. Posso chamá-lo de Issa?

— Concordo, senhor.

O sorriso novamente, seguido por um olhar para Melik em sua janela e depois para Annabel, que havia ocupado um lugar no canto mais distante da sala, uma pasta sobre os joelhos.

— E você não vai me chamar pelo nome — disse Brue. — Acredito que isso tenha sido acordado. Certo?

— Está combinado, senhor — respondeu Issa com entusiasmo. — Todos os seus desejos estão de acordo! Permite que faça uma declaração, por favor?

— Claro.

— Vai ser curta!

— Por favor.

— Desejo apenas ser um estudante de medicina. Desejo viver uma vida de ordem e ajudar toda a humanidade para a glória de Alá.

— Sim, bem, isso é muito admirável e tenho certeza de que chegaremos a isso — disse Brue e, como sinal de suas intenções comerciais, tirou um bloco de notas de couro de um bolso interno e uma caneta de ouro de outro. — Mas, enquanto isso, vamos falar de alguns

fatos elementares, se não se importa. Começando com seu nome completo.

Mas isso evidentemente não era o que Issa queria ouvir.

— Senhor!

— Sim, Issa.

— Leu a obra do grande pensador francês Jean-Paul Sartre, senhor?

— Não posso dizer que sim.

— Como Sartre, sinto nostalgia do futuro. Quando eu tiver futuro, não terei passado. Terei apenas Deus e meu futuro.

Brue sentiu os olhos de Annabel nele. Não podia vê-los, mas os sentia. Ou achava que sim.

— No entanto, hoje à noite somos obrigados a abordar o presente — rebateu. — Então, por que não informa seu nome completo? — a caneta pronta para anotar.

— Salim — respondeu Issa após um momento de indecisão.

— Algum outro?

— Mahmoud.

— Então Issa Salim Mahmoud.

— Sim, senhor.

— E esses são seus nomes ou os nomes que você escolheu para si mesmo?

— Eles são escolhidos por Deus, senhor.

— Sim. — Brue sorriu para si mesmo deliberadamente, em parte para aliviar a tensão, em parte para mostrar que estava no comando. — Então deixe-me perguntar uma coisa, posso? Estamos falando em russo. Você é russo. Antes de Deus escolher seu nome atual, você tinha um nome russo? E um patronímico russo para acompanhar? Que nomes, por exemplo, alguém encontraria na sua certidão de nascimento, eu me pergunto?

Tendo consultado Annabel com os olhos baixos, Issa enfiou a mão esquelética no sobretudo, depois na camisa e puxou uma bolsa suja de camurça. E dela tirou dois recortes desbotados de jornal, que ele deslizou sobre a mesa.

— *Karpov* — Brue ruminou em voz alta. — Karpov é quem? Karpov é seu *sobrenome*? Por que me dá esses pedaços de jornal?

— É insignificante, senhor. Por favor. Eu não posso — Issa murmurou, balançando a cabeça suada. Suas mãos haviam se juntado. Seus dedos longos e finos acariciavam o Alcorão de ouro em seu pulso.

— Bem, para mim, temo que seja significativo — disse Brue, com a maior gentileza possível, sem abrir mão da vantagem. — Receio que seja realmente muito significativo. Você está me dizendo que o coronel Grigori Borisovich Karpov é ou era parente seu? É isso o que você está me dizendo? — Ele se virou para Annabel, a quem em sua mente ele vinha se dirigindo o tempo todo. — Isso é realmente bem difícil, Frau Richter — ele reclamou em alemão, começando rigidamente, depois moderando instintivamente o tom. — Se seu cliente tem uma reivindicação a fazer, ele deve dizer quem é fazer a reivindicação, ou retirá-la, com certeza. Ele não pode esperar que eu jogue nos dois lados da rede.

Um momento de confusão aconteceu enquanto Leyla dizia algo melancólico a Melik em turco, e Melik respondia algo tranquilizador.

— Issa — disse Annabel quando todos se calaram novamente. — É minha opinião profissional que, por mais doloroso que seja para você, tente responder à pergunta do cavalheiro.

— Senhor, como Deus é grande, desejo apenas viver uma vida de ordem — Issa repetiu com a voz estrangulada.

— Mesmo assim, tenho medo de precisar de resposta para minha pergunta.

— É logicamente verdade que Karpov é meu pai — Issa confessou finalmente com um sorriso sem alegria. — Ele fez tudo o que era necessário na natureza para garantir esse título, tenho certeza. Mas eu nunca fui filho de Karpov. Agora não sou filho de Karpov. Se Deus quiser, senhor, jamais serei na vida filho do coronel Grigori Borisovich Karpov.

— Mas o coronel Karpov está *morto*, ao que parece — ressaltou Brue, com mais brutalidade do que pretendia, acenando com a mão para os recortes na mesa.

— Ele está morto, senhor, e se Deus quiser, ele está no inferno e permanecerá no inferno por toda a eternidade.

— E antes que ele morresse, na época em que você nasceu, eu deveria dizer, que nome ele deu a você além de seu patronímico, que é presumivelmente Grigorevich?

Issa baixou a cabeça, balançando-a de um lado para o outro.

— Ele escolheu o mais puro — disse ele, levantando a cabeça e zombando de Brue de maneira consciente.

— Mais puro em que sentido?

— De todos os nomes russos, o mais russo do mundo. Eu era o *Ivan* dele, senhor. Seu doce e pequeno Ivan da Chechênia.

Não sendo do tipo que deixava um momento ruim perdurar, Brue decidiu mudar de assunto.



— Ouvi que você veio para cá da Turquia. Por um caminho *informal*, digamos? — Brue sugeriu, num tom alegre que ele poderia ter usado em uma festa.

Leyla, apesar das instruções de Annabel, havia retornado da cozinha.

— Eu estava numa prisão turca, senhor. — Ele desatara o bracelete de ouro e o segurava na mão, agitando-o enquanto falava.

— E por quanto tempo, se posso perguntar?

— Cento e onze dias e meio exatamente, senhor. Na prisão turca, há todo incentivo para se estudar a aritmética do tempo — exclamou Issa, com uma risada áspera e sobrenatural. — E antes da Turquia eu estava na Rússia, sabe! Na verdade, em três prisões, por um período agregado de oitocentos e quatorze dias e sete horas. Se desejar, posso listar minhas prisões em ordem de qualidade — ele continuou descontroladamente, a voz subindo em insistência lírica. — Sou um conhecedor, garanto, senhor! Havia uma prisão tão popular que eles precisavam dividi-la em três partes. Sim! Em uma parte dormíamos, em outra éramos torturados e na terceira havia um hospital para recuperação. A tortura era eficiente e, após a tortura, a pessoa dorme bem, mas infelizmente o hospital estava abaixo do padrão. Isso é um problema em nosso estado russo moderno, eu diria! Os enfermeiros eram especialistas em privação do sono, mas notavelmente deficientes em outras habilidades médicas. Permita-me uma observação, senhor. Para ser um bom torturador, é extremamente necessário ter uma disposição compassiva. Sem empatia pelo sujeito, não se pode ascender às verdadeiras alturas da arte. Eu encontrei apenas um ou dois da classe superior.

Brue esperou um momento para o caso de haver mais, mas Issa, seus olhos escuros arregalados de excitação, esperava Brue. E mais uma vez foi

Leyla quem, inadvertidamente, conseguiu quebrar a tensão. Incomodada com o estado de excitação emocional de Issa, incapaz de entender sua causa, ela correu de volta para a cozinha e pegou um copo de cordial, que colocou diante dele na mesa, enquanto fixava primeiro Brue e depois Annabel com uma carranca reprovadora.

— E pode-se perguntar por que você estava na prisão, em primeiro lugar?

Brue retomou. — Ah sim senhor! Por favor, pergunte! Por nada — gritou Issa, agora com a imprudência de um erudito condenado falando do cadafalso. — Ser checheno já é crime, garanto-lhe. Nós, chechenos, nascemos extremamente culpados. Desde os tempos tsaristas, nossos narizes são culpadamente chatos e o cabelo e a pele criminalmente escuros. É uma ofensa duradoura à ordem pública, senhor!

— Mas seu nariz não é chato, se assim posso dizer.

— Para minha infelicidade, senhor.

— Mas, de um jeito ou de outro, você chegou à Turquia e da Turquia escapou — sugeriu Brue, tranquilizador. — E veio até Hamburgo. Essa foi uma conquista, certamente.

— Foi a vontade de Alá.

— Com alguma ajuda sua, eu suspeito.

— Se um homem tem dinheiro, senhor, como deve saber melhor do que eu, tudo é possível.

— Ah, mas dinheiro de *quem*? — Brue demandou maliciosamente, aproveitando rapidamente, agora que o dinheiro estava no ar. — Quem forneceu o dinheiro para pagar suas muitas e brilhantes fugas, eu me pergunto?

— Eu diria, senhor — respondeu Issa após uma busca prolongada em sua alma, da qual Brue meio que esperava que a resposta fosse Alá novamente —, eu diria que o nome dele provavelmente é Anatoly.

— *Anatoly*? — Brue repetiu, depois de permitir que o nome ressoasse em sua cabeça... e em alguma câmara distante do passado de seu falecido pai.

— Anatoly está correto, senhor. Anatoly é o homem que paga tudo. Mas especialmente fugas. Conhece esse homem, senhor? — ele interrompeu ansiosamente. — Ele é seu amigo?

— Receio que não.

— Para Anatoly, dinheiro é o propósito da vida. E da morte também, eu diria.

Brue estava a ponto de estender o assunto quando Melik falou de seu posto na janela.

— Ainda estão lá — ele rosnou em alemão, espiando pela borda da cortina. — As duas velhas. Não estão mais interessadas nas joias. Uma está lendo os avisos na vitrine da farmácia, a outra está na porta falando no celular. São feias demais para serem prostitutas, mesmo aqui.

— São apenas duas mulheres comuns — Annabel respondeu severamente, indo à janela e olhando para fora, enquanto Leyla colocava as mãos no rosto e fechava os olhos em súplica. — Você está sendo dramático, Melik.

Mas isso não foi bom o suficiente para Issa que, tendo captado o sentido das palavras de Melik, já estava em pé com o alforje pendurado no ombro.

— O que você está vendo? — ele apelou a Annabel com voz estridente, girando acusadoramente para encará-la. — É sua KGB de novo?

— Não é ninguém, Issa. Se houver algum problema, cuidaremos de você. É para isso que estamos aqui.

E, mais uma vez, Brue sentiu que a voz forçava indiferença demais para ser convincente.

— Então, este Anatoly — Brue retomou a conversa, determinado, quando uma espécie de paz foi restaurada e Leyla, por insistência de Annabel, era despachada para fazer chá de maçã fresco. — Ele deve ser um bom amigo seu, pelo que parece.

— Senhor, de fato podemos dizer que este Anatoly é um bom amigo dos prisioneiros, sem dúvida — Issa concordou com entusiasmo exagerado. — Infelizmente também acontece que ele é amigo de estupradores, assassinos, gângsteres e cruzados. Anatoly tem uma mente aberta em suas amizades, eu diria — acrescentou, limpando o suor com as costas da mão enquanto conseguia dar um sorriso sofrido.

— Ele também era um bom amigo do coronel Karpov?

— Eu diria que Anatoly é o melhor amigo que um assassino e estuprador poderia ter, senhor. Para Karpov, ele adquiriu vagas para mim nas melhores escolas de Moscou, mesmo quando fui rejeitado por motivos disciplinares.

— E foi Anatoly quem pagou sua fuga da prisão. Por que ele fez isso, eu me pergunto? Você ganhou a gratidão dele de alguma forma?

— Karpov pagou.

— Me perdoe. Você acabou de dizer que Anatoly pagou.

— Mas me perdoe, senhor! Por favor, perdoe este erro técnico! Você está certo em me repreender. Espero que isso não apareça no meu registro — ele continuou animadamente, desta vez incluindo Annabel em seu apelo. — Karpov pagou. Essa é a verdade inevitável, senhor. O dinheiro veio das preciosas bugigangas de ouro dos pescoços e pulsos dos mortos da Chechênia, isso é muito correto. Mas foi Anatoly quem subornou os diretores da prisão e os guardas. Foi Anatoly quem me deu a carta de apresentação a sua admirável pessoa. Anatoly é um conselheiro sábio e pragmático que sabe muito bem negociar com funcionários corruptos da prisão sem ofender seus padrões de probidade.

— Carta de apresentação? — Brue repetiu. — Ninguém me mostrou nenhuma carta.

Ele se virou para Annabel, mas sem sucesso. Ela podia congelar o rosto como ele. Melhor até.

— É uma carta da máfia, senhor. Escrito pelo advogado da máfia Anatoly sobre a morte do assassino e estuprador Coronel Grigori Borisovich Karpov, ex-Exército Vermelho.

— Para quem?

— Para mim, senhor.

— Você tem a carta com você?

— Contra o meu coração, sempre.

Deslizando a pulseira de volta para o pulso, ele puxou a bolsa dos recessos do casaco preto mais uma vez e entregou a Brue uma carta amassada. Um cabeçalho impresso nas letras romana e cirílica indicava o nome e o endereço de uma firma de advogados em Moscou. O texto era digitado em russo e começava com *Meu querido Issa*. Lamentava informar que o pai de Issa tinha morrido de um derrame na companhia de queridos companheiros de armas. Ele havia sido enterrado com honras militares. Nenhuma referência a Karpov, mas os nomes *Tommy Brue* e *Brue Frères* foram digitados em negrito e a palavra *Lipizzaner* era seguida pelo número da conta na parte inferior. Assinado, *Anatoly*, sem sobrenome.

— E o que exatamente esse senhor Anatoly disse a você que eu e meu banco podíamos fazer por você?

Pela tela fosca vinham os sons barulhentos de copos e pires.

— Me proteger, senhor. Me dará sua proteção, como o próprio Anatoly. É um homem bom e poderoso, um oligarca de sua bela cidade. Vai me nomear estudante de medicina em sua universidade. Graças a seu grande banco, vou me tornar um médico a serviço de Deus e da humanidade, e viver uma vida ordenada de acordo com um juramento solene dado por seu reverenciado pai ao criminoso e assassino Karpov, e transmitido ao filho quando ele morrer. É o filho de seu pai, acredito.

Brue deu um sorriso hábil. — Ao contrário de você, sim, eu sou de fato o filho do meu pai — ele admitiu, e foi recompensado com outro sorriso brilhante quando o olhar assombrado de Issa deslizou na direção de Annabel, abraçou-a por um momento, como se estivesse escandalizado, e logo a deixou.

— Seu pai fez muitas promessas excelentes a esse coronel Karpov, senhor! — Issa deixou escapar, levantando-se de novo quando o medo e a emoção mais uma vez o dominaram. Ele respirou depressa, fez uma careta selvagem e adotou o tom rouco e autocrático do pai imaginário de Brue: — Grigori, meu amigo! Quando seu filho Ivan vier até mim, embora esperemos que daqui a muitos anos, meu banco o tratará como nosso parente de sangue — ele gritou, estendendo o braço e arranhando o ar com as pontas dos dedos para demarcar o voto sagrado. — Se eu não estiver mais nesta terra, então será meu filho, Tommy, que honrará seu Ivan, isso eu juro a você. Esta é a promessa solene do meu coração, Grigori, meu amigo, e também é a promessa do Sr. Lipizzaner.

A voz dele voltou para a terra.

— Essas, senhor, foram as palavras de seu reverenciado pai, como me foram repetidas pelo advogado da máfia Anatoly, que por amor perverso a meu pai foi meu salvador em muitos infortúnios — ele se interrompeu quando sua voz falhou e sua respiração ficou áspera.

No silêncio que se seguiu, foi a vez de Melik mostrar seus sentimentos: — Você deve tomar cuidado — ele alertou Brue em alemão. — Se o enrolar demais, ele terá um ataque.

E, para o caso de Brue não ter entendido: — Calma com ele, ok? Ele é meu irmão.

Quando Brue finalmente falou, ele o fez em alemão, em palavras de casualidade estudada, dirigidas não a Issa, mas a Annabel. — E temos essa promessa solene por escrito em algum lugar, *Frau Richter*, ou devemos

depende apenas dos boatos do Sr. Anatoly, como nos foi transmitido por seu cliente?

— Tudo o que temos por escrito é o nome e o número de uma conta em seu banco — respondeu ela, tensa.

Brue falou, afetadamente. — Deixe-me explicar meu pequeno problema para você, Issa — disse em russo, selecionando entre as vozes que gritavam em sua cabeça o tom de um homem razoável fazendo suas contas. — Temos um Anatoly, que você me diz que é ou foi advogado de seu pai. Temos um coronel Karpov, que você diz ser seu pai natural, embora você o negue. Mas não temos você, temos? Você não tem documentos e, por sua vez, tem um histórico substancial de prisões que não inspira exatamente a confiança de um banqueiro, seja qual for o motivo.

— Sou muçulmano, senhor! — Issa protestou, sua voz subindo agitada quando ele novamente olhou para Annabel em busca de apoio. — Sou um burro preto checheno! Por que preciso de um motivo para acabar na prisão?

— Preciso ser persuadido, entenda — Brue continuou implacavelmente, ignorando a carranca de Melik. — Eu preciso saber como você obteve informações privilegiadas sobre um cliente valioso do meu banco. Preciso aprofundar um pouco mais as circunstâncias de sua família, começando por onde todas as coisas boas e ruins começam neste mundo: sua mãe.

Estava sendo cruel e sabia disso, até o desejava. Não obstante o aviso de Melik, a imitação grotesca de Edward Amadeus encenada por Issa o havia enojado.

— Quem é ela, sua querida mãe, ou quem era ela? Você tem irmãos, vivos ou falecidos?

No início, Issa nada disse. Seu corpo magro estava esticado para a frente, cotovelos na mesa, a pulseira agora na metade do antebraço emaciado, mãos compridas protegendo a cabeça dentro da gola do casaco preto. De repente, o rosto da criança surgiu e se tornou o de um homem. “Minha mãe está morta, senhor. E bem morta. Minha mãe morreu muitas vezes. Ela morreu no dia em que as valentes tropas de Karpov a arrancaram de sua vila e a levaram ao quartel para Karpov violentá-la. Ela tinha quinze anos. Ela morreu no dia em que os anciãos de sua tribo decretaram que ela havia consentido em seu estupro e ordenaram que um

de seus irmãos fosse matá-la, segundo a tradição de nosso povo. Ela morria a cada dia da gravidez, sabendo que, assim que me trouxesse ao mundo, seria obrigada me entregar a um orfanato militar para filhos de mães chechenas estupradas. Ela anteviu sua própria morte, mas não antecipou as ações do homem que a causara. Quando o regimento de Karpov foi chamado de volta a Moscou, ele decidiu levar o menino com ele como troféu.

— Você tinha que idade?

— Senhor, o garoto tinha sete anos. Velho o suficiente para ter vislumbrado as florestas, as colinas e os rios da Chechênia. Velho o suficiente para retornar a eles sempre que Deus o permitisse. Senhor, desejo fazer mais uma declaração.

— Por favor, faça.

— É um homem benevolente e importante, senhor. Um inglês honrado, não um bárbaro russo. Os chechenos uma vez sonharam que teriam uma rainha inglesa para protegê-los do tirano russo. Aceitarei sua proteção como prometido a Karpov por seu respeitável pai e, em nome de Deus, agradeço de coração. Mas se estamos falando do dinheiro de Karpov, devo recusá-lo com pesar. Nem um euro, nem um dólar, nem um rublo, nem uma libra inglesa, por favor. É o dinheiro de ladrões imperialistas, infiéis e cruzados. É o dinheiro que cresceu da usura, o que é contra nossa lei divina. É o dinheiro que foi essencial para a minha difícil jornada para cá, mas não tocarei mais nele. Por favor, consiga para mim um passaporte alemão, uma autorização de residência e um lugar onde eu possa estudar medicina e rezar com humildade. É tudo que peço, senhor. Eu agradeço.

Seu torso caiu sobre a mesa, enquanto a cabeça se enterrava nos braços. Leyla disparou da cozinha para consolá-lo enquanto ele soluçava. Melik se colocou na frente de Brue como se quisesse proteger Issa de mais ataques. Annabel também estava em pé, mas, por decoro, não se aproximou do cliente.

— Eu também lhe agradeço, Issa — respondeu Brue após um silêncio prolongado. — *Frau Richter*, eu me pergunto se podemos ter uma palavrinha a sós, por favor.



Eles estavam em pé a meio metro de distância um do outro no quarto de Melik, ao lado de um saco de areia para boxe. Se ela fosse trinta centímetros mais alta, eles estariam cara a cara. Seu olhar com reflexos de mel estava firme como rocha atrás dos óculos. A respiração dela era lenta e controlada, assim como a dele mesmo. Com uma mão, ela desamarrou a echarpe e expôs suas feições, desafiando-o a dar o primeiro soco. Mas ela tinha o destemor de Georgie e sua própria beleza inatacável, e parte dele já sabia que estava perdido.

— Quanto disso tudo você sabia? — ele cobrou, com uma voz que lhe era pouco familiar.

— Isso é assunto do meu cliente, não seu.

— Ele é um reclamante, mas ao mesmo tempo não é. O que eu deveria fazer? Ele retira sua reivindicação, mas quer minha proteção.

— Está certo.

— *Não* trabalho com proteção. Sou um banco. *Não* forneço autorizações de residência. *Não* faço passaportes alemães *nem* providencio vagas na faculdade de medicina! — Ele estava gesticulando naturalmente, algo que raramente fazia. A cada negativa martelava o punho direito na palma da mão esquerda.

— Para meu cliente, você é um alto funcionário — ela respondeu. — É dono de um banco, então é dono da cidade. Seu pai e o pai dele eram bandidos juntos. Isso faz de vocês irmãos de sangue. Claro que você o protegerá.

— Meu pai não era um bandido!

Ele se recompôs.

— Tudo bem, suas emoções estão falando. As minhas também, parece. E deveriam. Seu cliente é um caso trágico e você é uma...

— Uma mera mulher?

— Uma advogada consciente dando o seu melhor ao cliente.

— Ele também é seu cliente, Mr. Brue.

Em qualquer outra circunstância, Brue teria contestado vigorosamente, mas deixou passar.

— O homem foi torturado e, pelo que sei, sua mente está perturbada em consequência disso — disse ele. — Infelizmente, isso não significa que esteja dizendo a verdade. Quem pode afirmar que ele não se apropriou dos pertences e da identidade de um companheiro de prisão para fazer uma falsa alegação de progeneritura? Eu disse alguma coisa engraçada?

Ela estava sorrindo, mas no ataque. — Acabou de admitir o direito de primogenitura dele.

— Não admiti nada disso! — respondeu Brue, irritado. — Eu disse o contrário. Eu disse que pode não ter direito de primogenitura! E mesmo que tenha direito de primogenitura, se ele não o reivindica, qual é a diferença?

— A diferença, Sr. Brue, que sem seu banco de merda meu cliente não estaria aqui.

Uma trégua armada se seguiu enquanto cada um avaliava a surpreendente escolha de vocabulário dela. Ele estava tentando ser agressivo, mas não o sentia. Pelo contrário, ele tinha cada vez mais a sensação de pender para o lado dela.



— *Frau* Richter.

— Mr. Brue.

— Não vou admitir, sem provas esmagadoras, que meu banco... meu pai... tenha dado ajuda e conforto a bandidos russos.

— O que vai admitir?

— Primeiro, seu cliente deve fazer uma requisição.

— Ele não vai. Ele tem quinhentos dólares sobrando do dinheiro que Anatoly deu a ele e não vai tocar neles. Ele pretende entregá-los a Leyla quando sair daqui.

— Se ele não reivindicar, não tenho nada a responder e toda essa situação é acadêmica. Menos que acadêmica. Vazia.

Ela considerou isso, mas não por muito tempo. — Tudo certo. Suponha que ele reivindique. Então *o quê?*

Sentindo que ela o estava enganando, ele hesitou. — Bem, primeiro, obviamente, eu precisaria de provas básicas mínimas.

— O que é mínimo?

Brue estava extrapolando. Ele estava se refugiando atrás dos regulamentos que as Lipizzaners haviam procurado contornar. Mas hoje é hoje, não ontem, ele procurava se assegurar. Este sou eu aos sessenta, não Edward Amadeus em seus anos de loucura.

— Prova da identidade, obviamente, começando com a certidão de nascimento.

— Onde conseguiríamos isso?

— Supondo que ele não tenha meios de fornecê-la, eu solicitaria a assistência da embaixada russa em Berlim.

— E depois disso?

— Eu precisaria de prova da morte do pai e de qualquer testamento que ele tenha feito, juntamente com uma declaração juramentada de seu advogado, obviamente.

Ela não disse nada.

— Dificilmente se pode esperar que eu leve em conta alguns recortes de jornal amassados e uma carta duvidosa.

Nada ainda.

— Esse seria o procedimento normal — continuou ele bravamente, ciente de que os procedimentos normais não se aplicavam. — Depois que as provas necessárias forem obtidas, eu recomendaria que leve seu cliente a um tribunal alemão e procure obter um inventário formal ou uma ordem judicial. Meu banco opera aqui sob licença. Uma condição dessa licença é que eu cumpra a jurisdição do estado de Hamburgo e da República Federal.

Outra pausa enervante enquanto ela o lia com seus olhos firmes.

Então essas são as regras. Certo? — ela perguntou.

— Algumas delas.

— O que aconteceria se você as ignorasse? Suponha que um executivo russo esperto, em um terno de mil dólares, tivesse voado de primeira classe de Moscou para receber sua parte. Oi, Mr. Tommy. Sou o filho de Karpov. Seu pai e o meu eram chapas. Cadê meu dinheiro? O que faria então?

— Precisamente o que estou fazendo agora — ele respondeu com espírito, mas sem convicção.

Agora era Annabel Richter a derrotada e Tommy Brue o vencedor. O rosto dela se suavizou em resignação. Ela respirou fundo.

— Certo. Ajude-me. Isso vai além do meu conhecimento. Diga-me o que fazer.

— O que sempre faz, imagino. Entregue-se à piedade das autoridades alemãs e normalize a situação. Quanto antes melhor, pelo que parece.

— Normalizar como? Ele é novo, mais do que eu. Suponhamos que eles não normalizem a situação dele. Quantos mais dos melhores anos de sua vida serão roubados a pancadas?

— Bem, esse é seu mundo, certo? Felizmente, não é o meu.

— São os mundos de nós dois — ela respondeu com rispidez. Seu rosto ruborizou e permaneceu assim. — O senhor apenas não se importa em viver nele. Quer ouvir a melhor parte da história? Não acho que queira. Mesmo assim, irei lhe contar. O senhor me disse para levá-lo a um tribunal. Tentar obter uma legitimação formal do testamento. No instante em que eu fizer isso, é muito provável que ele seja morto. Entendeu? Morto. Ele veio para cá via Suécia. Suécia, depois Dinamarca e Hamburgo. O navio dele não deveria parar na Suécia, mas parou. Às vezes, os navios fazem isso. Os suecos o prenderam. Ele estava tão debilitado por causa da prisão e da viagem que acharam que não conseguiria ficar de pé. De alguma maneira, ele escapou. O dinheiro ajudou. Ele é deliberadamente vago a respeito. Antes de fugir, a polícia sueca tirou sua foto e impressões digitais. Sabe o que isso significa?

— Ainda não.

Ela recuperou o equilíbrio, mas com dificuldade.

— Significa que as impressões digitais e a foto dele estão em todos os sites das polícias do mundo. Significa que, de acordo com o tratado de Dublin de 1990, o qual, sem dúvida, o senhor leu da primeira à última página, os alemães não têm outra opção além de enviá-lo de volta para o expresso sueco. Sem apelações, sem o devido processo. Ele é um prisioneiro fugitivo que entrou ilegalmente na Suécia e é procurado na Rússia e na Turquia, com um histórico de ativismo muçulmano. São os suecos, e não os alemães, que o deportarão.

— Presumo que os suecos sejam tão humanos quanto todo mundo.

— Sim. Eles são. No que diz respeito a imigrantes ilegais, são especialmente humanos. Para os suecos, ele é um imigrante ilegal e um terrorista fugitivo que está tentando escapar das autoridades, ponto. Se os turcos o querem de volta para cumprir o resto da sentença, incluindo mais alguns anos por fugir da prisão por meio de suborno, os suecos irão devolvê-lo e para o inferno com ele. Tudo bem, existe a possibilidade de mil para um de que algum santo sueco interceda, mas não deposito muita esperança em santos. Quando os turcos terminarem de se divertir com ele, irão entregá-lo aos russos para mais da mesma coisa. Por outro lado, é possível que os turcos achem que já o destruíram e abram mão dele. Nesse caso, os suecos entregam-no diretamente aos russos. O que quer que façam, o resultado será mais prisões e mais tortura. O senhor o viu. Quanto mais ele pode aguentar? Está me ouvindo? Não consigo saber. Não conheço seu rosto.

Ele próprio não o conhecia. Ele não sabia o que seu rosto deveria transmitir, ou que sentimento poderia injetar nele.

— A senhora fala como se não houvesse fundamento para um simples apelo piedoso — Brue reclamou com desânimo enquanto ela continuava a encará-lo.

— Ano passado, tive um cliente chamado Magomed. Era um checheno de 23 anos que fora torturado pelos russos. Nada pessoal, nada muito científico, apenas muitos espancamentos. Mas era um garoto delicado, um pouco louco, assim como Issa. Os espancamentos não lhe caíram bem. Talvez tenha apanhado além da conta. Tentamos interná-lo em um asilo, fazendo o papel de piedosos. Ele gostava do zoológico. Eu estava preocupada com ele, de modo que o Santuário gastou todos os seus recursos e contratou um advogado de renome que disse que o caso piedoso era atordoante e foi pensar a respeito. Teoricamente, a Alemanha tem leis rígidas quanto aos lugares para onde não pode enviar as pessoas. Enquanto

aguardávamos o veredicto, planejamos passar mais um dia no zoológico. Magomed não tinha o histórico de Issa. Não era militante nem suspeito de ser islâmico. Não era procurado pela Interpol. As 5 da manhã, arrancaram-no da cama no albergue e colocaram-no em um avião para São Petersburgo. Precisaram amordaçá-lo. Seus gritos foram a última coisa que qualquer pessoa ouviu sobre ele. Annabel ruborizou involuntariamente e respirou: — Na minha faculdade de direito, falávamos muito sobre a lei e a vida — disse. — É um fato da história da Alemanha: lei não para proteger a vida, mas para abusar dela. Foi o que fizemos com os judeus. Na forma americana atual, ela permite tortura e sequestros feitos pelo Estado. E é contagiosa. Seu próprio país não é imune, nem o meu. Não sirvo a esse tipo de lei. Sirvo a Issa Karpov. Ele é meu cliente. Não lamento caso isso o deixe constrangido.

Mas parecia que ela própria estava constrangida, pois seu rosto ficou escarlate.

— O quanto seu cliente sabe da situação na qual se encontra? — perguntou Brue, depois de um silêncio prolongado.

— É meu trabalho dizer a ele, de modo que informei.

— Como ele reagiu?

— O que pode ser notícia ruim para nós não é necessariamente notícia ruim para ele.

Ele demonstrou interesse, mas está confiante de que o senhor resolverá tudo. A casa está sendo vigiada, talvez o senhor não tenha percebido. Aqueles policiais pseudo preocupados que fizeram uma visita cordial a Leyla, sei, até parece que eles realmente estão preocupados.

— Achei que os conhecesse.

— Todos no Santuário os conhecem. São os cães farejadores.

Em parte para escapar do olhar dela e em parte para obter uma pausa curta, Brue caminhou pelo quarto.

— Tenho uma pergunta para seu cliente — ele disse, virando-se para confrontá-la. — Talvez possa responder por ele. De acordo com as condições relativas à conta do suposto pai falecido, existe uma coisa chamada instrumento. Um instrumento seria parte essencial de qualquer requerimento.

— É uma chave?

— Pode ser.

— Uma chave pequena com dentes em três lados?

— Possivelmente.

— Perguntarei a ele — ela disse. Estaria ela sorrindo? Para Brue, parecia que uma fagulha de cumplicidade passara entre os dois, e ele rezou para que tivesse mesmo.

— Isto é, se ele fizer um requerimento, obviamente — acrescentou com firmeza. — Apenas se puder ser convencido. Do contrário, estamos de volta à estaca zero.

— É muito dinheiro?

— Se ele fizer o requerimento e se o requerimento for aprovado, sem dúvida ele lhe dirá a quantia envolvida — Brue respondeu meticulosamente.

Mas então, de repente, o bom coração de Brue tornou-se grande demais para ele, ou ele simplesmente se esqueceu por um momento de que era um banqueiro obstinado de nascença. Brue foi tomado pela sensação lúgubre de que era outra pessoa — alguém real, alguém preparado para abraçar a humanidade em vez de tratá-la como uma ameaça à boa administração financeira, alguém que falava por meio dele: Mas se houver qualquer coisa pessoal que eu possa fazer enquanto isso, quero dizer, para ajudar, honestamente, qualquer coisa que seja razoável, ficaria muito feliz em fazê-la. Na verdade, teria muito prazer. Eu consideraria a oportunidade um privilégio.

Ela o observava tão imóvel que Brue chegou a se perguntar se tinha realmente dito alguma coisa.

— Ajudar como, exatamente? — ela perguntou.

Ele não tinha para onde ir além de seguir em frente, o que dava no mesmo, pois já tinha dado a partida.

— Dentro do razoável, de qualquer maneira que puder. Eu seria orientado pela senhora, claro. Estou presumindo que ele seja autêntico. Preciso fazer isso, obviamente.

— Nós dois precisamos — ela disse com impaciência. — Estou tentando descobrir sobre o que o senhor estava falando quando disse que gostaria realmente de ajudar.

Brue não tinha mais noção do que ela sobre o que havia dito, mas sabia que o olhar de Annabel não o acusava mais: ao contrário, ele sabia que dissera algo que se adequava de algum modo a seus propósitos, mesmo que só começasse a se dar conta neste momento.

— Suponho que, na verdade, estivesse pensando em dinheiro — ele disse com uma leve expressão de vergonha.

— O senhor poderia lhe emprestar dinheiro agora, por exemplo, antecipadamente, de acordo com as expectativas futuras dele?

O banqueiro dentro de Brue voltou a despertar brevemente.

— Por meio do banco? Não. Não enquanto as expectativas dele permanecerem sem fundamento e ele não fizer um requerimento. Isso estaria fora de cogitação.

— Então de que tipo de dinheiro está falando?

— Sua organização não tem reservas para esse tipo de contingência?

— No momento, o Santuário tem recursos suficientes para pagar a passagem dele para o centro de deportação mais próximo.

— E nenhuma... instalação... Onde possa ser abrigado temporariamente?

— Sem que a polícia o encontre em cinco minutos, não.

Brue ainda não tinha desistido totalmente.

— E se ele estiver realmente doente? Se alegar que está doente? Com certeza, ninguém deporta um homem gravemente doente.

— Se alegar que está doente, o que é feito pela metade deles, e fizemos no caso de Magomed, e os médicos concordarem que não esteja em condições de viajar, ele será tratado em um hospital seguro até que esteja suficientemente saudável para ser deportado. Deixe-me perguntar novamente: em que tipo de dinheiro estava pensando?

— Bem, suponho que a quantia dependeria muito da necessidade real — disse Brue, voltando a assumir o papel de banqueiro. — Se puder me dar alguma ideia do que pretende fazer com ele...

— Não posso. É confidencial.

— É claro. E deveria ser. Mas se estivermos falando de, bem, uma quantia modesta, apenas para mantê-lo provido...

— Não tão modesta...

— Então, nesse caso, dadas as circunstâncias, seria dinheiro emprestado de meus recursos pessoais. A seu cliente, é claro. Por seu intermédio, mas para uso dele.

— E precisamos dar alguma garantia?

— Meu bom Deus, não!

Por que ele estava tão chocado?

— Seria apenas um empréstimo informal, o qual se espera que seja devidamente pago, ou não, pode-se dizer. Dependendo da quantia que tiver em mente, é óbvio. Mas não. Nenhuma garantia seria pedida e tampouco necessária.

Ele havia dito. E, agora que o fizera, sabia que acreditava nas próprias palavras, que estava pronto para repeti-las e que, se necessário, repetiria mais uma vez.

Era a vez dela ficar indecisa.

— Poderia ser, bem, muito.

— Ah, mas depende do que seja muito — ele não conseguiu resistir a dar uma resposta, com o sorriso de banqueiro que diz que o que pode parecer muito para você talvez não pareça muito para ele.

— Caso ele acabe não precisando do dinheiro, devolvo-o ao senhor. Precisa acreditar nisso.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Agora, em qual quantia estamos pensando?

O que ela estava calculando? O quanto ele valia ou a cifra que ela tinha em mente? E há quanto tempo já tinha pensado no valor? Desde o momento em que entraram no quarto, ou somente quando ele mencionou a ideia?

— Para o que ele precisa fazer, se eu conseguir convencê-lo, calculo que não será menos de... trinta mil euros — ela disse, falando rapidamente a quantia como que para minimizá-la.

Brue estava atordoado, mas não a ponto de ficar alarmado. Ela não é uma empresária suspeita. Não é uma cliente que estourou seu limite, tampouco uma má pagadora ou uma perdedora brilhante com uma ideia maluca. A ideia maluca foi minha, ou melhor: foi minha e não era maluca.

— Quando quer receber? — ele perguntou antes que pudesse se conter. Mais uma pergunta pronta.

— Muito em breve. No máximo dentro de uns dois dias. As coisas podem acontecer rapidamente para ele. Caso aconteçam, precisarei do dinheiro logo.

— E hoje é sexta-feira. Então por que não fazemos agora, para não perdermos a viagem? E, como a senhora devolverá o que não for gasto, vamos incluir um valor de reserva, que tal? — como se estivessem fazendo algo juntos, que era justamente o que sentia no estado extra corpóreo no qual tinha a impressão de estar.

Como sempre, Brue tinha um talão de cheques à mão, emitido por um grande banco que os compensava rapidamente. Mas onde fora parar sua caneta? Ele tateou os bolsos, apenas para lembrar que a deixara com o caderno sobre a mesa na sala de estar. Ela entregou a própria caneta a Brue e ficou observando enquanto ele fazia um cheque em nome de Annabel Richter no valor de cinquenta mil euros, datado para o mesmo dia, sexta-feira. Em um cartão de visitas que trazia no paletó Randall's, Brue escreveu o número de seu celular e, como que pensando melhor — não há mal em ser enforcado duas vezes! —, seu número direto no banco.

— E imagino que entrará em contato comigo — ele acrescentou em um murmúrio constrangido, quando descobriu que ela ainda o encarava. — Meu nome é Tommy, diga-se de passagem.

Na sala de estar, Issa fora persuadido a recostar a cabeça no sofá enquanto Leyla colocava uma compressa em sua testa e Brue pegava sua caneta esferográfica de ouro.

— É melhor que não volte aqui — rosnou Melik, acompanhando Brue até a porta da frente. — É melhor que não se lembre do nome da rua. Não nos lembraremos do senhor, e o senhor não se lembrará de nós.

Combinado?

— Combinado — respondeu Brue.



— Os Von Essen trapaceiam — anunciou Mitzi, tirando os brincos de safira enquanto se olhava no espelho e Brue a observava da cama. Aos 50 anos, graças a muita manutenção e à atenção de um cirurgião da moda, ela permanecia uma mulher estonteante de 39 anos, ou quase. — Os Von Essen usam todos os truques possíveis — ela prosseguiu, examinando criticamente as veias no pescoço. — Dedos no rosto, dedos nas cartas, coçar a cabeça, bocejos e espelhos. E aquela empregada com jeito de prostituta empurrando drinques para nós e olhando por cima de nossos ombros quando não está fitando Bernhard.

Eram duas da manhã. Às vezes conversavam em alemão, às vezes em inglês e, ocasionalmente, por diversão, em uma combinação das duas

línguas. Hoje falavam alemão: ou a versão suave e vienense de Mitzi para a língua.

— Então você perdeu — insinuou Brue.

— E a casa dos Von Essen cheira mal — ela acrescentou, ignorando-o. — Considerando que foi construída sobre um sistema de esgotos, não é de surpreender. Bernhard jamais deveria ter jogado o rei. Ele é tão impulsivo. Se tivesse se controlado, poderíamos ter formado uma sequência. Já está na hora de ele crescer. Bernhard, o parceiro regular de Mitzi, e não apenas no bridge, como se suspeitava. Mas o que se pode fazer? A vida é um engodo. O velho Westerheim acertara na mosca quando a chamara de melhor primeira dama de Hamburgo.

— Trabalhou até tarde de novo, Tommy? — Mitzi perguntou do banheiro.

— Um pouco.

— Pobrezinho.

Um dia, pensou Brue, você realmente perguntará onde eu estava e o que fiz. Só que você nunca fará isso. Não me perguntará nada que não queira que lhe perguntem. Garota esperta. Muito mais esperta do que eu. Dê a Mitzi a oportunidade e ela mudará totalmente o banco em dois anos.

— Você está seco — ela reclamou, mergulhando na camisola. — Você não está nem um pouco adequado para uma noite de sexta-feira. Está agitado e ocupado. Tomou o remédio para dormir?

— Sim, mas não fez efeito.

— Você bebeu?

— Uns dois uísques.

— Está preocupado com alguma coisa?

— É claro que não. Está tudo bem.

— Que bom. Talvez depois dos 60 só tenhamos vontade de ficar acordados.

— Talvez.

Ela apagou a luz.

— E Bernhard quer nos levar de avião amanhã para almoçar na casa dele em Sylt. Ele tem dois assentos vagos. Você quer ir?

— Parece divertido.

Sim, Mitzi, estou agitado e ocupado. Não, não estou no clima de uma noite de sexta-feira. Acabei de dar os melhores cinquenta mil euros da

minha vida e ainda preciso compreender o porquê. Comprar tempo para ele? O que farei com ele? Hospedá-lo em uma suíte no Atlantic?

Nesta noite de sexta-feira, caminhei sozinho até a casa. Nada de táxis, nada de limusines. Cinquenta mil euros mais leve e sentindo-me melhor por causa deles. Será que me seguiram? Acho que não. Não quando me perdi em Eppendorf.

Caminhei por ruas planas e retas que pareciam todas iguais, e minha cabeça se recusou a me dizer para onde ir. Mas não era medo. Eu não estava despistando quem me seguia, mesmo que houvesse alguém. Foi minha bússola que enguiçou.

Nesta noite de sexta-feira, cheguei três vezes ao mesmo cruzamento e, se ainda estivesse lá, continuaria sem saber para que lado deveria seguir.

Revendo minha vida sem grandes acontecimentos, o que vejo? Fuga. Não importa se o problema era mulher, o banco ou Georgie, o bom e velho Brue sempre estava com um pé fora da porta quando os problemas surgiam. Não foi ele, foram aqueles dois ali. E ele não estava lá e de todo modo, eles me bateram primeiro: esse era o bom e velho Tommy.

Ao passo que Annabel — se é que posso chamá-la assim —, bem, você é exatamente o oposto, não é? Você gosta de colisões. Para valer — imagino que seja por isso que eu esteja pensando Annabel, Annabel quando deveria estar pensando: Edward Amadeus, seu homem louco, morto e amado, veja só em que confusão me deixou!

Mas não estou em uma confusão. Sou um investidor feliz. Não paguei para pular fora, e sim para entrar no time. Os cinquenta mil euros foram meu ingresso. Sou sócio em qualquer plano que tenha dentro da manga. E meu nome é Tommy, diga-se de passagem.

Quem você tem, Annabel? Com quem está conversando? — agora, neste minuto? Com quem se abre quando atinge o fundo do mar?

Com um dos amigos arruaceiros e radicais de Georgie, de cabelo comprido e sem cinquenta mil euros nem bons modos? Ou seria alguém mais velho, um homem do mundo rico que consegue acalmá-la quando perde a linha?

Pais, pensou Brue conforme o remédio para dormir começava a fazer efeito. O meu e o de Issa. Irmãos no crime, cavalgando rumo ao sol poente em Lipizzaners negros que se recusam a ficar brancos.

E seu pai, quem é ele quando está em casa? Alguém como eu? Rejeitado e aviltado — com justiça? Apenas amado, se isso, a uma

distância de 13 mil quilômetros? Mas, ainda assim, ele é parte de você, posso sentir isso. Posso sentir em sua autoconfiança, em seu ar de arrogância social, mesmo quando está salvando os Condenados da Terra.

Issa, pensou Brue. O achado de Annabel. Seu homem criança torturado. Seu checheno maldito que é apenas meio checheno mas insiste que é completamente checheno enquanto dispara ironia contra mim como os imigrantes barbados da Rússia que costumavam ficar em Montparnasse, todos uns gênios.

Era Issa quem deveria sair caminhando por Eppendorf, e não eu.

5

Primeiro, Bachmann ficou incomodado. Depois, ficou preocupado ao ser convocado sumariamente à ampla presença de *Herr* Arnold Mohr, chefe da estação dos Protetores em Hamburgo, ao meio-dia de domingo, horário em que Mohr, ostensivamente cristão, deveria estar desfilando com a família em uma das melhores igrejas da cidade. Bachmann passara a noite pesquisando os arquivos do histórico de *ihadistas* chechenos preparados para ele por Erna Frey, que em um raro surto de autoindulgência viajara para Hanover para o casamento de uma sobrinha. Depois de concluir a leitura, Bachmann cogitara voar para Copenhague e beber umas cervejas com o pessoal da segurança dinamarquesa, dos quais gostava; e se permitissem, trocaria umas palavras com o irmão bom que tinha trazido Issa ilegalmente no caminhão até Hamburgo e lhe dado o sobretudo de presente. Bachmann chegou a telefonar para seu contato em Copenhague: *sem problemas, Günther, enviaremos um carro ao aeroporto.*

Em vez disso, encontrava-se perambulando apreensivamente pelo escritório no estábulo enquanto Erna Frey, ainda com a roupa da festa, estava sentada primorosamente em sua mesa trabalhando em um relatório mensal de custos que deveria enviar para Berlim.

— Keller está aqui — ela informou sem levantar a cabeça.

— Keller? Que Keller? — Bachmann retrucou irritado. — Hans Keller de Moscou? Paul Keller de Amã?

— Doutor Otto Keller, o Protetor dos Protetores, chegou de Colônia há uma hora. Olhe pela janela e verá o helicóptero dele ocupando todo o estacionamento.

Bachmann olhou e emitiu uma exclamação de nojo.

— O que o titio Otto quer da gente agora? A gente furou outro sinal de trânsito? A gente grampeou a mãe dele?

— A reunião é altamente confidencial, operacional e urgente — respondeu Erna Frey, prosseguindo calmamente com o trabalho. — Isso foi tudo que consegui arrancar deles.

O coração de Bachmann afundou.

— Então encontraram meu garoto?

— Se por seu garoto estiver se referindo a Issa Karpov, corre o boato de que estão quase lá.

Bachmann bateu com uma mão na testa em desespero.

— Eles não podem tê-lo prendido. Arni jurou que a polícia não faria isso sem nos consultar antes. *Seu caso, Günther. Seu caso, meu velho*, mas nós trocamos informações. Esse era o pacto.

Um pensamento diferente lhe ocorreu, ainda mais preocupante: — Não me diga que a polícia o prendeu apenas para mostrar que é Arni quem manda!

Erna Frey permaneceu imóvel.

— Minha *Deep Throat*, uma péssima jogadora de tênis da incompetente seção de contraespionagem de Arni, afirma que os Protetores estão chegando perto. Esse é o conteúdo total da mensagem. Ela jamais me perdoará por vencê-la em dois *sets* seguidos por seis a zero, e então me presenteia com boatos que correm no refeitório. Depois, diz que não posso dizer nada a você, de modo que, naturalmente, estou lhe contando — ela disse e, observada por Bachmann, retornou aos seus cálculos.

— Por que está tão azeda hoje? — Bachmann perguntou a ela. — Esse é meu território.

— Odeio casamentos. Considero-os artificiais e ultrajantes. Sempre que vou a um, vejo outra boa mulher indo para o paredão.

— E o pobre-diabo do noivo?

— No que me diz respeito, o pobre-diabo do noivo é o paredão. Keller quer que a reunião seja somente entre os chefes. Você, Mohr e Keller.

— Nenhum policial?

— Nenhum que tenha sido anunciado.

Mais calmo, Bachmann recomeçou a estudar o pátio.

— Então são dois contra um. Os reluzentes Protetores contra a ovelha negra excomungada.

— Bem, apenas se lembre de que vocês estão lutando contra o mesmo inimigo — Erna Frey disse com malícia. — Um com o outro.

O ceticismo dela o impressionou, pois era parecido demais com o dele próprio.

— E você vem comigo — ele retrucou.

— Não seja ridículo. Detesto Keller. Keller me detesta. Eu serei um problema e falarei fora de hora.

Mas, sob o olhar imóvel de Bachmann, ela já estava desligando o computador.



Bachmann tinha motivo para estar preocupado. Vários rumores vinham de Berlim, alguns exagerados, outros perturbadoramente plausíveis. O certo era que as antigas demarcações entre serviços rivais estavam realmente desaparecendo e que o Comitê Conjunto, longe do corpo conselheiro de homens sábios que havia sido criado para ser, tornara-se uma casa amargamente dividida contra si própria. A disputa corrente entre os determinados a defender os direitos civis a qualquer custo e os determinados a restringi-los estava atingindo massa crítica.

O canto esquerdista, se é que tais distinções ainda valiam alguma coisa, era presidido pelo urbano Michael Axelrod, da inteligência externa. Axelrod era um europeu entusiasmado, um arabista e — com reservas — o mentor de Bachmann. No canto direitista, o arquiconservador Dieter Burgdorf, do Ministério do Interior, rival de Axelrod na disputa pelo posto de tsar da inteligência para quando as fundações da nova estrutura estivessem estabelecidas. Burgdorf, amigo desavergonhado de neo conservadores de Washington e o defensor mais aberto na comunidade de inteligência alemã de uma maior integração com a contraparte americana.

Contudo, pelos três meses seguintes, os dois homens, que dificilmente poderiam ter menos em comum, estavam comprometidos a compartilhar poderes iguais e a exercer a obrigação do consenso. E, conforme os dois generais se afastavam cada vez mais, o mesmo acontecia com as tropas de cada um, ambas utilizando todos os meios e manobras disponíveis para a obtenção de vantagens reais ou imaginárias. Como Burgdorf era do Ministério do Interior e Mohr e Keller eram empregados dos serviços de inteligência interna, era apenas lógico que eles buscassem a aprovação do atraente e desavergonhadamente ambicioso Burgdorf — e, como o cortês mas um pouco mais velho Axelrod era da inteligência externa e Bachmann era seu protegido e colega, era lógico que Bachmann fosse de corpo e alma seguidor de Axelrod. Contudo, com as fronteiras entre os dois serviços

sendo alteradas, com o alcance da Polícia Federal contribuindo para a confusão e sem que as linhas de ação do poder de Berlim tivessem sido definidas, quem poderia dizer agora o que seria lógico?

Em uma linguagem menos refinada, era por isso que Bachmann amaldiçoava o mundo enquanto atravessava o pátio com Erna Frey para ser recebido por Arni Mohr, com seu topete de estudante balançando conforme caminhava na direção deles com as mãos carnudas estendidas e os olhos ágeis observando além deles para caso alguém mais importante atravessasse a porta por último:

— Günther, meu caro amigo! Que gentileza sacrificar seu precioso domingo! *Frau* Frey, que surpresa agradável! E tão bem vestida! Providenciaremos imediatamente cópias dos documentos para você! — e, reduzindo a voz por questões de segurança: — A serem devolvidos depois de nossa pequena reunião, por favor. Cada pasta é numerada. Nada sai do prédio. Não, não, depois de você, Günther, por favor! Estou em casa aqui!

O doutor Otto Keller estava sentado sozinho na longa mesa de reuniões feita de mogno, debruçado sobre uma caixa de arquivos, explorando fastidiosamente seu conteúdo com as pontas de seus dedos longos e brancos. Ao ver os três entrarem na sala, levantou a cabeça, percebeu a inclusão de Erna Frey em trajes de festa e retomou a leitura. Uma segunda caixa de arquivos havia sido colocada diante da cadeira reservada para Bachmann. A palavra código *Felix* estava estampada em letras negras na tampa, informando-o que, não importava o que tivesse sido combinado anteriormente, Issa Karpov era o bebê de Mohr e fora batizado com esse nome por Mohr — e classificado por ele como altamente secreto e mais enquanto fazia isso. De uma porta lateral, uma mulher de saia negra entrou rapidamente com um terceiro arquivo para Erna Frey e desapareceu. Lado a lado, Bachmann e Erna Frey embarcaram zelosamente no dever de casa enquanto Mohr e Keller os vigiavam.

RECOMENDAÇÃO URGENTE

Que o fugitivo islâmico *Felix*, procurado internacionalmente, e aqueles ligados a ele sejam objeto de investigação imediata e abrangente pelas polícias do Estado e Federal e pelas agências de Proteção visando um processo público. Mohr.

RELATÓRIO NÚMERO UM

Entregue respeitosamente pelo agente de campo [nome apagado] do Escritório de Proteção de Hamburgo: A fonte é um médico turco recém-chegado a Hamburgo e ligado a uma clínica médica que atende pacientes muçulmanos. Ao chegar na Alemanha, a fonte chegou a um entendimento com este agente, pelo qual permanece ría vigilante como um favor a este Escritório. Motivação: a opinião favorável das autoridades do Estado. Pagamento: somente depois de resultados. Depoimento da fonte: "Na última sexta-feira, participei da oração do meio-dia na mesquita Othman, bem conhecida por vocês pela posição moderada que adota. Eu estava prestes a deixar a mesquita quando fui abordado por uma mulher turca que não me era familiar. Ela desejava falar comigo confidencialmente sobre uma questão urgente, mas não em meu consultório nem na rua. Eu a descreveria como tendo 55 anos, robusta, usava um lenço cinza, suspeito que loura, volúvel.

"Na metade da escada que leva à mesquita há um escritório reservado para a conveniência dos imãs e de dignitários visitantes, o qual estava desocupado. Quando entramos, ela começou a falar sem parar mas, em minha opinião, sem honestidade. Por seu tom de voz, percebi que era de origem camponesa, do nordeste da Turquia. Eu diria que sua declaração continha contradições factuais. Além disso, chorava muito, acredito que para despertar minha simpatia. Minha impressão foi a de uma mulher astuta e com um propósito.

"A história que contou, na qual não acredito, foi a seguinte: ela é residente legal em Hamburgo, mas não é cidadã. Esta hospedando um sobrinho que, como ela, é muçulmano devoto. O rapaz é excitável, acaba de completar 21 anos e sofre de ataques histéricos, febre alta e vômitos, além de estresse mental. Muitos dos problemas vêm da infância, quando foi espancado várias vezes pela polícia por ser um elemento perturbador, além de ter sido confinado em um hospital para delinquentes, onde sofreu abusos. Apesar de consumir grandes quantidades de comida a qualquer hora do dia ou da noite, permanece magro e altamente estressado, caminhando à noite em seu quarto e falando sozinho. Em surtos de excitação nervosa, demonstra sinais de raiva e faz gestos ameaçadores, mas ela não tem medo do rapaz

porque tem um filho que é campeão peso-pesado de boxe. Ninguém jamais derrotou o filho em uma luta. Contudo, ela ficaria agradecida se eu receitasse um sedativo que o fizesse dormir e recuperar a estabilidade mental. É um bom garoto que está determinado a ser médico, como eu. "Sugeri que trouxesse o garoto para o consultório, mas ela disse que ele jamais viria: primeiro, porque estava muito doente, depois porque seria impossível convencê-lo e, por último, porque seria perigoso demais para todos e ela não permitiria. As três desculpas isoladas não me pareceram compatíveis, o que reforçou minha crença de que estivesse mentindo.

"Quando perguntei por que seria perigoso, ela ficou ainda mais agitada. O sobrinho era completamente ilegal, disse, embora, naquela altura, ela tenha deixado de chamá-lo de sobrinho para chamá-lo de hóspede. Ele não poderia sair na rua sem que arriscasse ser preso, além da deportação dela e do filho, agora que seu marido falecido não estava mais presente para subornar a polícia.

"Quando me ofereci para visitar o garoto em sua casa, ela recusou alegando que seria muito perigoso para mim do ponto de vista profissional e que não queria se colocar em perigo dando-me seu endereço.

"Quando perguntei onde estavam os pais do garoto, ela respondeu que, até onde sabia, ambos estavam mortos. Primeiro, o pai havia matado a mãe; depois, o pai fora enterrado em seu uniforme militar. Isso explicava a aflição do garoto. Quando perguntei por que tinha dificuldade em entender o sobrinho, ela respondeu que, em sua demência, ele só falava russo. Em seguida, ofereceu-me duzentos euros que tinha na bolsa para que lhe desse uma receita. Quando recusei o dinheiro e também me neguei a dar a receita, ela emitiu um grito exasperado e desceu a escada correndo. "Fiz perguntas na mesquita. Ninguém parece conhecer essa mulher estranha. Como alguém que acredita na inclusão e que se opõe a todos os atos de terror, sinto-me na obrigação de levar esses fatos ao conhecimento das autoridades, pois suspeito que ela esteja abrigando deliberadamente um indivíduo indesejável e possivelmente radical."

— Feliz por enquanto, Günther? — perguntou Mohr, olhando-o vorazmente com seus olhos pequenos demais. — Dá para ter uma ideia?

— Este é o depoimento completo? — Bachmann perguntou.

— Editado. O depoimento completo é mais longo.

— Posso vê-lo?

— Proteção da fonte, Günther, proteção da fonte.

O doutor Otto Keller parecia não estar ouvindo. Talvez sentisse que não deveria. Como muitos do seu tipo, era advogado por filosofia e por formação. Sua prioridade na vida, longe de ser encorajar os subordinados, era jogar para eles o livro de direito, a única arma que conhecia.

RELATÓRIO NÚMERO DOIS

Extrato do relatório elaborado pelo agente de campo [nome apagado] do Escritório Criminal Federal a pedido do Escritório de Proteção: "As ordens eram identificar um residente legal turco, campeão de boxe peso-pesado, não cidadão, cujo pai estivesse morto e a mãe correspondesse à descrição da fonte. As buscas revelaram Melik Oktay, 20 anos, conhecido como Grande Melik, como possível descoberta. Melik Oktay é campeão de boxe peso-pesado e capitão deste ano da Associação Esportiva Tigres Turcos. Fotografias expostas no ginásio do Centro Esportivo Muçulmano Altona mostram Grande Melik com uma fita negra de luto presa à bermuda de boxe. Melik Oktay é filho dos residentes legais turcos Gül e Leyla. Gül Oktay morreu em 2 007 e foi enterrado de acordo com os costumes de sua religião no cemitério muçulmano no bairro de Bergedorf. Melik e a mãe viúva, Leyla, continuam ocupando uma residência familiar alodial no número 26 da rua Heidering, Hamburgo."

APÊNDICE

Resumo do histórico pessoal de OKTAY Melik, nascido em Hamburgo, 1987. Aos 13 anos, individuo relatado como líder de uma gangue de adolescentes não alemães que se chamavam de Filhos de Gêngis. Envolvido em embates de rua violentos contra elementos anti estrangeiros da mesma idade. Detido duas vezes e advertido. Pai

oferece dinheiro como garantia pelo comportamento futuro do filho. Oferta recusada.

Em debate escolar, o indivíduo, aos 14 anos, defende a expulsão de tropas americanas de todas as terras muçulmanas, incluindo a Turquia e a Arábia Saudita.

Aos 15 anos, indivíduo entra em período no qual não fez a barba e passou a favorecer trajes de estilo islâmico.

Aos 16 anos, indivíduo conquista títulos de campeão geral islâmico de boxe e de natação para a classe sub-18. Eleito capitão de seu clube esportivo muçulmano. Indivíduo faz a barba e reverte aos trajes ocidentais. Entra como baterista em um grupo de rock muçulmano.

Frequência a mesquitas: Foi relatado que o indivíduo caiu sob a influência do imã sunita na mesquita Abu Bakr na rua Viereckstrasse. Depois da deportação do imã para a Síria e do fechamento da mesquita em 2006, nenhuma outra aderência a crenças islâmicas radicais.

— Eles se camuflam — Mohr explicou enquanto Bachmann deixava o relatório de lado e movia a mão em direção ao seguinte.

— Camuflam como? — respondeu Bachmann, genuinamente intrigado.

— Como os comunistas costumavam fazer. São doutrinados em reuniões de treinamento, tornam-se fanáticos. Depois, se camuflam e fingem que não são mais fanáticos. Estão *adormecidos* — disse, como se tivesse criado sozinho o termo. — O clube de esportes; sabemos por um informante confiável de primeiro escalão que se infiltrou como membro e nos fornece, sem exageros, material de primeira classe; o clube de esportes no qual esse Oktay é tão admirado, na opinião de meu informante, é uma *organização de fachada*. Eles treinam boxe e luta livre, tornam-se saudáveis e falam de garotas. E talvez não se comprometam com declarações fanáticas quando estão em grupos grandes porque sabem que sempre estaremos ouvindo. Mas secretamente, em pares e trios, tomando café juntos e na casa dos Oktay, são islâmicos. Militantes. Ocasionalmente, obtivemos isso do mesmo informante, um membro ou outro do grupo, um membro selecionado, escapa. E para onde vai? Para o

Afeganistão! Para o Paquistão! Para as madrassas. Para os campos de treinamento! E, quando retorna, está treinado. Treinado, mas adormecido. Leia o resto, *Frau Frey*. Não julgue prematuramente até que tenha lido o resto, por favor. Precisamos permanecer objetivos. Não devemos ter preconceitos.

— Pensei que estávamos de acordo que esse caso seria meu —
Bachmann disse.

— E é, Günther! Nós concordamos, o caso é seu! É por isso que você está aqui, meu amigo! Seu caso não significa que devamos nos cegar e tapar os ouvidos. Observamos e escutamos, mas não perturbaremos seu caso, certo? Agimos paralelamente. Não cruzamos seus limites nem vocês os nossos. Juntaremos o que sabemos. Em breve, esse Melik Oktay vai a um casamento na Turquia, teoricamente. E com a mãe, claro. É obvio que conferimos. O casamento será realizado. É da irmã dele, sem dúvida. Mas depois do casamento, ou antes, para onde ele desaparecerá? Talvez somente por poucos dias, mas é o que fará. E a mãe, o que faz? Talvez encontre mais garotos que possa recrutar. Tudo bem. Concordo. É circunstancial. É hipotético. Mas somos pagos para pensar hipoteticamente. Então, é o que fazemos. Hipotética e objetivamente. Sem preconceitos.

RELATÓRIO NÚMERO TRÊS

Operação Felix. Relatório da Equipe de Vigilância das Ruas de Hamburgo do Gabinete de Proteção da Constituição.

Bachmann havia ultrapassado seu limite de raiva e entrou em um estado de calma operacional. Gostasse ou não, era informação. Ela havia sido obtida em desrespeito ao acordo e surgira diante dele tarde demais para que pudesse fazer qualquer coisa a respeito. Bem, em seu tempo, ele próprio fizera isso com algumas pessoas. Havia conteúdo ali, e ele o queria.

Possível data retrospectiva de avistamento: 17 dias. Um homem correspondendo à descrição de *Felix* foi observado matando tempo diante da maior mesquita de Hamburgo. Imagens das câmeras de segurança não são claras. Indivíduo inspeciona devotos que entram e saem da mesquita. Indivíduo elege casal de meia-idade que caminha

em direção a seu carro, seguindo-os a uma distância de 10 metros. Quando perguntado em parse o que deseja, indivíduo vira-se e foge. Depois, o casal identificou *Felix* a partir de uma fotografia do procurado.

Nota do agente. Mesquita errada? Mesquita é xiita. *Felix* é sunita? Nota do oficial da reserva: Fontes relatam figura parecida vagando diante de duas outras mesquitas, ambas sunitas, no mesmo dia, mais tarde. Fontes incapazes de identificar *Felix* positivamente.

— Quem diabos o garoto está procurando? — Bachmann murmurou em voz alta para Erna Frey, que agora estava um bom par de páginas na frente dele. Nenhuma resposta.

RELATÓRIO NÚMERO TRÊS (CONTINUAÇÃO)

Melik Oktay está temporariamente empregado no negócio de mercearia de atacado de seu primo. Ele também trabalha meio período na fábrica de velas do tio. Inquéritos discretos sob algum pretexto revelam que, nas duas últimas semanas, sua participação não foi satisfatória, pelos seguintes motivos:

Está resfriado.

Precisa treinar para um evento de boxe que acontecerá em breve.

Tem um hóspede inesperado em casa, a quem deve honrar.

Sua mãe está sofrendo de depressão.

Foi relatado pelos vizinhos que *Leyla Oktay* tem demonstrado um comportamento excitável no período, dizendo a eles que Alá lhe deu um presente precioso, mas se recusando a explicar do que se trata. Compra com extravagância, mas não deixa que ninguém entre na casa alegando que está cuidando de um parente enfermo.

Apesar de politicamente ingênua, é descrita como "profunda", "circunspecta" e, por um vizinho, como "radical, manipuladora e cultivadora de ressentimentos ocultos contra o Ocidente".

— Mas vejam agora o que aconteceu — Mohr pediu a Bachmann.

Bachmann ainda estava tentando se ajustar à situação. Mohr, sem nem mesmo lhe pedir autorização, colocara a casa dos Oktay sob vigilância em

tempo integral. Mohr convidara o departamento de relações públicas da polícia de Hamburgo a fazer uma suposta visita de boa vontade na esperança de terem uma oportunidade de ver o hóspede misterioso. Mohr era um desrespeito a todos os princípios conhecidos de um bom cuidado de inteligência interna, mas seus saques lhe renderam uma bela pilhagem.

RELATÓRIO NÚMERO QUATRO

Operação Felix

Relativo à noite de sexta-feira, 18 de abril.

"Aproximadamente às 20h40, o indivíduo Melik Oktay saiu de sua casa no número 26 da rua Heidering (...). Às 21h10, o indivíduo retornou, seguido a uma distância de 15 metros por uma mulher pequena de cabelos claros com aproximadamente 25 anos que carregava uma mochila grande, conteúdo desconhecido" — é claro que era desconhecido, pensou Bachmann. — "Estava acompanhada por um homem grande com idade entre 55 e 65 anos, cabelos escuros, podendo ser de etnia alemã ou um turco ou árabe de pele clara. Enquanto Melik destrancava a porta da frente da casa, a mulher de cabelos claros vestiu um lenço no estilo muçulmano. Acompanhada pelo homem mais velho, atravessou a rua. Depois, ambos foram admitidos dentro da casa por Leyla, mãe de Melik, que trajava um vestido fino."

— Alguma fotografia? — Bachmann falou rapidamente.

— A equipe não estava preparada, Günther! Por que deveria estar? Foi completamente inesperado. Duas mulheres cansadas, na segunda jornada de trabalho, pedestres, 9 da noite, no escuro. Ninguém disse a elas que seria sua grande noite.

— Então, nada de fotos.

Bachmann prosseguiu com a leitura: "Às 12h05, o homem grande saiu sozinho do número 26 e desceu a rua até sumir de vista."

— Alguém o seguiu? — Bachmann perguntou, olhando para a página seguinte.

— Esse cara era um operador treinado, Günther, o melhor! — Mohr explicou com excitação. — Usou os pequenos becos, voltava por onde já tinha passado. Como é possível seguir um homem assim por ruas desertas à uma da manhã? Tínhamos seis carros disponíveis. Poderiam ter sido vinte. Ele despistou a todos! — concluiu com orgulho. — Além do mais, não queríamos assustá-lo, você entende. Quando um homem é treinado e tem consciência de que está sob vigilância, devemos ser circunspectos. Precisamos agir com tato.

RELATÓRIO NÚMERO QUATRO (CONTINUAÇÃO)

"2h30. Diálogo agitado dentro do número 26. A voz de Leyla Oktay é a mais penetrante. Nossos operadores não conseguiram distinguir palavras com precisão. As línguas faladas foram turco, alemão e uma terceira, acredita-se que eslava. Voz feminina desconhecida interferindo em intervalos, possivelmente traduzindo."

— Eles *realmente* ouviram isso? — Bachmann perguntou, ainda lendo.

— Uma equipe nova em uma van — Mohr respondeu com satisfação.

— Ordenei pessoalmente que fossem até lá. Não houve tempo para instalar microfones direcionais, mas eles ouviram tudo.

"Às 4h, mulher jovem descrita anteriormente saiu da casa vestindo o lenço na cabeça e carregando a mochila. Acompanhada por um homem não visto previamente por nossos agentes, com a seguinte descrição: quase 2 metros de altura, boné e sobretudo escuro e longo, vinte e poucos anos, passos largos, modos agitados, bolsa de cor clara pendurada no ombro. Porta da frente fechada por Melik Oktay depois que saíram. Casal desapareceu, caminhando rapidamente por ruas pequenas."

— Então vocês os perderam — disse Bachmann.

— Apenas temporariamente, Günther! Somente por uma hora, talvez. Mas ligamos tudo logo. Eles caminharam rapidamente por algum tempo, pegaram o metrô, depois um táxi e caminharam novamente. Métodos típicos de contravigilância. Como o cara antes deles.

— E os telefones?

— Estão na página seguinte, Günther. Está tudo aí para você. Celulares à esquerda, linhas fixas à direita. Melik Oktay para Annabel Richter. Annabel Richter para Melik Oktay. Nove chamadas no total. Annabel Richter para Thomas Brue. Thomas Brue para Annabel Richter. Três ligações em um dia. Na sexta-feira. No presente estágio, só podemos fornecer as chamadas realizadas, mas não as conversas. Talvez, retrospectivamente, possamos recuperar parte das conversas. Amanhã, se o Dr. Keller permitir, faremos uma solicitação com a inteligência de sinais. Não é necessário dizer que em tudo é preciso proceder legalmente. Mas o que havia nas bolsas, diga-me? O que havia nas bolsas, *Frau* Frey? O que dois indivíduos suspeitos pegaram no esconderijo dos Oktay, para onde estavam levando o material no meio da noite, e com que propósito?

— Richter? — perguntou Bachmann, levantando os olhos do texto.

— Uma advogada que fala russo, Günther. Família importante. Trabalha no Santuário Norte, uma fundação de Hamburgo. Alguns deles são um pouco de esquerda, mas não importa. São benfeitores. Oferecem assistência a quem está em busca de asilo e a imigrantes ilegais, obtendo residência para eles, ajudando-os com as inscrições. *Etcetera*.

Foi o *etcetera* que deu o tom de desconsideração.

— E Brue?

— Banqueiro. Inglês. Baseado em Hamburgo.

— Que tipo de banqueiro?

— Privado. Somente para gente grande. Donos de frotas navais. Pesos-pesados.

— Alguém tem ideia do que ele estava fazendo lá?

— É um mistério completo, Günther. Talvez, em breve, perguntemos a ele. Com a aprovação do Dr. Keller, naturalmente. O banco teve alguns problemas em Viena — acrescentou. — Uma personalidade um pouco sombria, aparentemente. Você está pronto?

— Para quê?

Levantando o dedo indicador como um empresário, Mohr pediu silêncio e retirou um envelope marrom de uma maleta. Do envelope, retirou duas páginas impressas. Bachmann olhou sorrateiramente para Keller: nenhuma hesitação. Erna Frey havia fechado sua pasta e estava recostada na cadeira, tensa de raiva, encarando o chão.

— *From Russia with love* — anunciou Mohr em um inglês rasgado, colocando as páginas à sua frente. — Recém-saído nesta manhã de nosso

departamento de traduções. Permite-me, *Frau* Frey?

— Permito, *Herr* Mohr.

Ele começou a ler.

— “Em 2003, os órgãos da Segurança de Estado da Rússia iniciaram uma investigação sobre ataques armados não provocados realizados por militantes contra oficiais na região de Nalchik, capital da república russa de Kabardino-Balkaria” — entonou Mohr com muita ênfase na voz.

Ele levantou os olhos para se assegurar de que tinha a atenção de todos. “O líder do grupo criminoso, composto inteiramente de *ihadis* da vizinha Chechênia, foi identificado como um certo Dombitov, diretor de mesquita local conhecida por propagar *visões radicais extremistas*. Armazenados no telefone celular de Dombitov estavam o nome e o telefone do...” — pausa — “indivíduo FELIX” — disse, com grande ênfase, “além de nomes e números de outros *membros criminosos* da gangue. Quando foi interrogado, Dombitov confessou que todos os nomes em seu celular pertenciam a um grupo militante salafita comprometido com atos de violência com o auxílio de...” — pausa significativa — “materiais explosivos feitos em casa, de baixa qualidade, mas altamente eficazes.”

Erna Frey levantou um pouco a cabeça.

— Eles foram torturados — ela explicou em tom deliberadamente casual. — Conversamos com a Anistia. Não ignoramos fontes abertas, *Herr* Mohr. Segundo a testemunha ocular da Anistia, espancaram-nos e colocaram eletrodos neles. Primeiro, torturaram Dombitov. Depois, torturaram todas as pessoas que ele mencionou, que eram todos aqueles que compareciam a sua mesquita. Não havia um grama de provas reais contra nenhum deles.

Mohr estava visivelmente irritado.

— Você leu isto, *Frau* Frey?

— Sim, *Herr* Mohr.

— Você passou por cima de minha autoridade e procurou diretamente meus tradutores, *Frau* Frey?

— Nosso analista baixou o relatório da polícia ontem à noite, *Herr* Mohr.

— Você fala russo?

— Sim. *Herr* Bachmann também.

Mohr já se recompunha.

— Então você conhece o histórico desse *Felix*.

A voz irritante do Dr. Keller interferiu — Leia, por favor. Leia, agora que começou.

Enquanto Mohr prosseguia, Bachmann esticou o pé e o colocou sobre o de Erna Frey.

Mas ela tirou o dela e ele soube que não havia como contê-la.

— "As opiniões inflamatórias e as atividades terroristas de *Felix* foram confirmadas por seus cúmplices, que o descreveram como um *mau pastor*"

— Mohr continuou obstinadamente. — "Apropriadamente, o criminoso *Felix* foi colocado em um centro de detenção prejudicial durante 14 meses enquanto enfrentava duas acusações de ter atacado o posto da polícia rodoviária local e mais uma por ter incitado os colegas muçulmanos a cometerem atos terroristas. Ele confessou ser culpado de todas as acusações."

— Ele foi forçado — disse Erna Frey, com a voz mais carregada.

— Você está insinuando que *tudo* isso foi inventado, *Frau* Frey? — perguntou Mohr. — Você não sabe que temos relações de trabalho excelentes com a Rússia nos campos do crime e do terrorismo?

Sem receber uma resposta, Mohr prosseguiu: — "Em 2005, munido de documentos falsos com o nome de Nogerov, o criminoso *Felix* foi preso por oficiais da Segurança de Estado em função da sabotagem a um gasoduto na região de Bugulma, na república russa do Tatarstão. Uma ação rápida dos órgãos locais identificou a presença de um grupo de dissidentes antissociais vivendo em condições miseráveis em um celeiro isolado nas vizinhanças da cena do ataque.

— O gasoduto estava velho e apodrecido, como todos os outros gasodutos na Rússia — explicou Erna Frey em um tom de contenção sobre-humana. — O gerente da central elétrica local era um bêbado que subornou a polícia para que dissesse que tinha sido sabotagem. A polícia prendeu o grupo mais próximo de excluídos muçulmanos e obrigou-os a denunciar *Felix* como líder. Segundo a Human Rights Watch, a polícia colocou uma carga de explosivos sob as tábuas do chão do celeiro, descobriu-a, deteve o grupo e depois torturou os membros um a um enquanto obrigava os outros a assistir. O máximo que alguém resistiu foram dois dias. Perguntaram a *Felix* se ele achava que conseguiria bater o recorde. Ele tentou, mas não conseguiu.

Bachmann estava rezando para que ela parasse, mas a fúria própria do senso de justiça de Erna Frey fez com que ela prosseguisse:

— O celeiro não ficava nem um pouco perto da cena da explosão, *Herr* Mohr. Ele ficava em um campo 40 quilômetros estrada acima e os garotos não tinham nem mesmo uma bicicleta ou dinheiro para uma passagem de ônibus, muito menos um carro. Era o mês do Ramadã. Quando a polícia chegou para prendê-los, eles estavam jogando uma partida improvisada de hóquei com pedaços de madeira para se animarem, *Herr* Mohr.

Agora, quem conduzia a reunião era o Dr. Otto Keller, de Colônia.

— Então você contesta o relatório, Bachmann?

— Sim e não.

— Com o que concorda?

— Outras pessoas não o contestarão da mesma maneira, se é que o contestarão.

— Que pessoas?

— As predispostas a acreditar nele.

— E para você não existe meio-termo? Você não aceita que o caso contra *Felix* possa ser *parcialmente* verdadeiro? Por exemplo, que ele seja um *jihadi*, como foi sugerido?

— Se vamos usá-lo, é ainda melhor que seja.

— Então um *jihadi* radical ficará feliz em colaborar com você? É o que está sugerindo, Bachmann? Até agora, não tivemos muito sucesso nesse campo.

— Ele pode não *precisar* colaborar conosco — retrucou Bachmann, sentindo a garganta se fechar. — Pode ser melhor que não precise. Deixemos que siga seu caminho, com nossa ajuda.

— Isso é pura especulação, naturalmente.

— Na posição em que *Felix* se encontra, ele não faz sentido. Você tem nosso relatório sobre o homem conhecido como Almirante, que foi convocado para ajudá-lo na estação ferroviária. Você tem o relatório sobre o motorista do caminhão de *Felix*. A fuga do garoto deve ter custado uma fortuna, mas ele dorme na rua. Ele é checheno, mas não um checheno de verdade. Se fosse, sairia em busca de outros chechenos. É muçulmano, mas não sabe a diferença entre uma mesquita sunita e uma xiita. Em uma noite, é visitado por uma advogada de direitos civis e por um banqueiro inglês. Para ele, tinha que ser Hamburgo. Por quê? Ele está aqui com uma missão. Qual é ela?

Mohr interrompeu.

— Com uma missão! Sim! A missão de contatar uma mulher terrorista e seu filho e estabelecer uma célula adormecida de *jihadis* de pele clara aqui em Hamburgo! Ele é um terrorista fugitivo, esconde-se com um valentão turco que foi inspirado por um agitador islâmico, deixou a barba crescer e depois a raspou e fingiu ter se tomado ocidental. Ele desaparece com uma advogada alemã no meio da noite, carregando só Deus sabe o que na bolsa, e você quer *explorá-lo inconscientemente*?

Emitindo seu julgamento do trono, a voz de Keller tinha a rispidez de uma sentença de morte.

— Nenhum oficial de segurança responsável pode ignorar uma ameaça clara e presente para satisfazer uma ambição operacional vaga. Meu ponto de vista é o de que uma operação de busca e descoberta que resulte em prisões de alto nível servirá para intimidar simpatizantes islâmicos e restaurar a confiança nos responsáveis pela localização deles. Alguns casos clamam por uma solução sólida. Este é um deles. Portanto, proponho que você deixe de lado quaisquer interesses que possa imaginar ter investido no caso e que o encaminhemos para a Polícia Federal para que o processo seja realizado de acordo com a Constituição.

— Você está falando em *prisão*?

— Estou falando em qualquer coisa que o caso exija de acordo com a lei.

E o que quer que o leve a ganhar pontos com seu amigo de extrema-direita Burgdorf, do Comitê Conjunto, Bachmann pensou amargamente. O que quer que o consagre como o supercérebro da inteligência por trás da fraca Polícia Federal. E que me deixe no meio do nada, que é onde você quer que eu esteja.

Mas, desta vez, ele conseguiu não dizer tudo isso.



Lado a lado, Erna Frey e Bachmann caminharam de volta pelo pátio para o humilde estábulo da unidade. Chegando ao escritório, Bachmann largou o paletó no braço do sofá e telefonou para Michael Axelrod, do comitê, pela linha encriptada.

— Diga a ele que foi tudo culpa minha — disse Erna Frey, com as mãos na cabeça.

Mas para surpresa de ambos, Axelrod pareceu muito menos perturbado do que deveria.

— Vocês já comeram? — ele perguntou com o jeito afável de sempre, depois de ouvir o que Bachmann tinha a dizer. — Então peguem um sanduíche e fiquem onde estão.

Eles aguardaram o helicóptero de Keller decolar, mas isso não aconteceu, o que apenas os deixou ainda mais deprimidos. Não estavam com apetite para sanduíches. Eram 16 horas quando o telefone encriptado tocou.

— Vocês têm dez dias — disse Axelrod. — Se não tiverem um bom argumento em dez dias, eles o prenderão. É assim que as coisas funcionam aqui. Dez dias, não onze. É melhor que vocês tenham sorte.

6

Estou fazendo isto por meu cliente Magomed, ela disse a si mesma enquanto lutava para organizar o caos em sua mente.

Estou fazendo isto por meu cliente Issa.

Estou fazendo isto pela vida acima da lei.

Estou fazendo isto por mim.

Estou fazendo isto porque o banqueiro Brue me deu dinheiro, e o dinheiro me deu a ideia. Mas não há verdade alguma nisso! A ideia estava crescendo em mim muito antes do dinheiro de Brue. O dinheiro de Brue só a tornou possível. No momento em que me sentei com Issa e ouvi sua história, eu soube que o sistema parava ali, que aquela era a vida impossível de ser salva que eu precisava salvar, que eu precisava me ver não como advogada, mas sim como médica, como meu irmão Hugo, e perguntar a mim mesma: qual é meu dever em relação a este homem ferido? Que tipo de advogada alemã eu sou se o abandonar na sarjeta das leis para que sangre até a morte, como Magomed?

Enquanto pensar assim, manterei a coragem.



Estava amanhecendo. Filetes sombrios de nuvens negras e azuladas borravam o céu rosado da cidade. Annabel estava andando um metro à frente, e Issa, contrariando os modos muçulmanos, seguia-a de perto em seu longo sobretudo preto, e na imaginação dela os dois eram um par de refugiados eternos: ela com uma mochila e ele com seu alforje. Os lamentos na cena final na casa de Leyla ainda ressoavam em sua mente: De repente, com Melik de pé a seu lado e em silêncio, Leyla não tem a menor ideia do motivo pelo qual Issa está partindo! Os gritos dela são lamentos aos céus. Ela nem sabia que ele estava partindo! Por que ninguém lhe havia dito? Para onde, em nome de Deus, Annabel o está levando a esta hora da noite? Amigos? Que amigos? Se soubesse, teria

preparado comida para a viagem! Issa é seu filho, seu presente de Alá, a casa dela é a casa dele, ele pode ficar para sempre!

Quinhentos dólares? Leyla não aceitará um centavo deles! Ela não fez nada por dinheiro, apenas por Alá e por amor a Issa. E onde, em nome de Alá, ele conseguiu esse dinheiro, afinal de contas? Aquele russo rico que veio aqui e foi embora? Além disso, ninguém aceita notas de cinquenta dólares hoje em dia! São todas falsas. E, se Issa queria lhe dar dinheiro, por que o escondeu durante duas semanas em vez de oferecê-lo logo, como um homem?

Depois disso, Melik, agora também em lágrimas, precisa implorar pelo perdão de Issa e jurar sua amizade eterna, a qual provou presenteando-o com seu precioso pager Azan, a novidade muçulmana que sinaliza eletronicamente os horários das orações, dado a ele por um tio amado.

— Receba isso, meu irmão. É seu, mantenha-o sempre a seu lado. É muito fácil de usar. Você nunca perderá a hora.

E, enquanto demonstra como funciona — pois Issa não tem conhecimento desse tipo de coisa —, Annabel fica no lugar de Melik ao lado da janela e volta a observar a van de comida congelada estacionada 50 metros rua abaixo, da qual ninguém saiu ainda, motivo pelo qual, assim que chegaram a rua, ela decidiu não virar à direita ou à esquerda, e sim, bem diante da van, caminhar com Issa a esmo, ao longo da rua, por um beco e, por sorte, por um portão estreito que levava a uma rua paralela mais larga, com tráfego e um ponto de ônibus. Inicialmente, Issa estava rígido de medo e Annabel precisou puxar a manga do casaco dele — somente a manga, atenção, não o braço, nem mesmo através do tecido — para fazer com que se movesse.

— Você sabe para onde estamos indo, Annabel?

— É claro que sei. Mas vamos para lá com cautela. Não seguiremos a rota convencional. A estação de metrô mais próxima fica a dez minutos de caminhada.

— Não devemos nos falar no trem, Issa. Se alguém abordar você, aponte para sua boca e balance a cabeça.

E, observando-o concordar, pensou: *sou apenas mais um dos mafiosos de Anatoly organizando sua próxima fuga.*



O metrô estava repleto de trabalhadores imigrantes. Guiado por Annabel, Issa tomou seu lugar entre eles, mantendo a cabeça baixa como o resto das pessoas enquanto ela olhava para a janela preta, observando o reflexo dele. Não somos um casal. Somos duas pessoas solteiras que, por acaso, estão no mesmo vagão, e é assim que somos na vida, é melhor que nós dois acreditemos nisso. A cada parada, ele levantava os olhos e olhava para ela, mas Annabel o ignorou até a quarta. Na saída da estação havia uma fila de táxis bege. Annabel pegou o primeiro deles, entrando pela porta traseira e deixando-a aberta para que Issa se juntasse a ela. Mas, para seu horror momentâneo, ele desapareceu para depois surgir no assento da frente, ao lado do motorista, presumivelmente para que pudesse evitar contato físico com ela. O gorro dele estava tão baixo sobre a testa que tudo que restava a ela para contemplar era a cabeça abafada de Issa e o mistério sobre o que estaria se passando dentro dela. Em um cruzamento a 500 metros da rua de Annabel, ela pagou o motorista e os dois voltaram a caminhar. Ainda há tempo, ela pensou, quando a ponte apareceu e sua coragem vacilou novamente. Tudo que preciso fazer é atravessar a ponte com ele, entregá-lo na delegacia, receber o obrigado de uma comunidade grata e passar o resto da vida na vergonha.



A mãe de Annabel era juíza distrital e o pai um advogado e diplomata aposentado do serviço estrangeiro alemão. A irmã, Heidi, era casada com um promotor público. Somente o irmão mais velho, Hugo, a quem ela adorava, tinha conseguido se livrar do mundo do direito e primeiro se tornara clínico geral e, depois, um psiquiatra brilhante mas caprichoso que alegava ser o último freudiano puro do mundo.

Que a própria Annabel, a rebelde da família, tivesse sucumbido ao direito continuava sendo um mistério para ela. Teria sido para agradecer aos pais? Nunca. Talvez tivesse imaginado que entrando na profissão que eles praticavam ela pudesse demonstrar como era diferente deles em uma linguagem que compreendessem; que arrancaria a lei das garras dos ricos de vida fácil e a levaria para as pessoas que mais precisavam dela. Se fosse esse o caso, 19 meses no Santuário haviam lhe mostrado o quanto estava errada.

Sentada nos deploráveis tribunais de faz de conta, mordendo o lábio enquanto escutava as histórias de terror dos clientes serem selecionadas por burocratas de baixo escalão cuja experiência no exterior se resumia a duas semanas em Ibiza, ela deveria ter imaginado que chegaria um momento — que chegaria um cliente — que a levaria a abandonar todos os princípios profissionais e legais que, um dia, ela abraçara relutantemente.

E ela estava certa. O dia chegou, e também o cliente: Issa. Exceto que, antes de Issa, houve Magomed, e Magomed — o burro, crédulo, maltratado e não exatamente verdadeiro Magomed — é que lhe ensinara: nunca mais.

Nunca mais a corrida tarde demais para o aeroporto no meio da madrugada; ou o avião para São Petersburgo na pista de decolagem com a porta de passageiros aberta; ou a figura algemada de seu cliente sendo carregada pelos degraus; ou as mãos — seriam reais ou imaginárias? —, as mãos algemadas acenando desesperadamente para ela através da janela da aeronave.

Portanto, não diga a Annabel que ela tomou uma decisão impulsiva, no calor do momento, em relação a Issa. A decisão havia sido tomada naquele dia no aeroporto de Hamburgo, enquanto ela observava o avião que transportava Magomed desaparecer nas nuvens baixas. Assim que colocou os olhos sobre Issa na casa de Leyla e arrancou dele sua história, ela soube: era ele que eu esperava desde Magomed.



Primeiro, obrigando-se a seguir as regras de envolvimento do fórum familiar, ela estabeleceu com calma para si mesma os fatos do caso: A partir do momento em que pôs os pés na Suécia, Issa ficou além da salvação.

Não existe procedimento legal que ofereça a ele mais do que uma esperança remota de salvação.

As corajosas pessoas que deram abrigo a ele estão se arriscando. Ele não pode ficar aqui por muito mais tempo.

Depois, ela passou às questões práticas: como, em termos claros, na realidade, considerando a presente situação, Annabel Richter, formada em direito pelas universidades de Tübingen e de Berlim, pode cumprir seu dever solene em relação a seu cliente? Qual a melhor maneira de esconder, abrigar e alimentar este cliente, sendo outro preceito do fórum familiar que o fato de que você só pode fazer um pouco não é desculpa para não fazer coisa alguma?

Nós advogados, não somos colocados na terra para sermos icebergs, Annabel, seu pai gostava de pregar: logo ele, dentre todos os homens! Nosso trabalho consiste em reconhecer nossas emoções e em controlá-las.

Sim, querido pai. Mas será que, algum dia, não lhe ocorreu que ao controlá-las você também as destrói? Quantas vezes podemos dizer "lamento" até que não lamentemos mais?

E o que — perdoe-me — você quer dizer exatamente por controle? Será que está falando em encontrar os motivos legais certos para fazer a coisa errada? E, se estiver, não foi o que nossos brilhantes advogados alemães fizeram durante o Grande Vácuo Histórico, também conhecido como a era nazista — todos os 12 anos de sua duração —, que por alguma razão é tão pouco citada nas deliberações de nosso fórum? Bem, a partir deste momento, eu controlo meus sentimentos.

Na vida — como você gostava de me avisar quando eu pecava gravemente contra você —, posso fazer qualquer coisa que desejar, desde que esteja preparada para pagar o preço por isso. Bem, querido pai, estou preparada. Pagarei o preço. Se isso significar adeus à minha bela porém curta carreira, também pagarei por isso.

E acontece que, por um ato da bondosa Providência, se é nisso em que acreditamos, estou temporariamente em posse de dois apartamentos: um do qual não vejo a hora de me livrar e o outro uma joia de frente para o porto que comprei com o resto do dinheiro de minha amada avó há apenas

seis semanas e de cuja reforma estou sofrendo as dores de parto. E se isso não fosse o bastante, a Providência, ou a culpa, ou um surto repentino de compaixão inesperada — ela não tinha tempo para avaliar — havia lhe provido de dinheiro. Dinheiro de Brue: para o qual havia não somente um plano a curto prazo — um plano emergencial de duração e conveniência estritamente limitadas — mas, graças à generosidade de Brue, um plano a um prazo mais longo; um plano que lhe proporcionava tempo para pensar em soluções; um plano que, implementado prudentemente com a ajuda do mimado irmão, Hugo, não somente manteria Issa escondido em segurança daqueles em seu encalço, mas também o colocaria no caminho rumo à recuperação.

— E imagino que entrará em contato comigo — Brue havia dito, como se ele, da mesma forma que Issa, precisasse ser resgatado por ela.

De quê? Entorpecimento emocional? Estaria Brue também se afogando? Será que ele também só precisava que ela esticasse à mão?



Haviam chegado à casa dela. Virando-se, Annabel viu Issa encolhido na escuridão de um limoeiro que os cobria, com a bolsa agarrada nas dobras do casaco preto.

— Qual é o problema?

— Sua KGB — ele murmurou.

— Onde?

— Seguiram-nos do táxi. Primeiro em um carro grande, depois em um pequeno. Um homem e uma mulher.

— Eram apenas dois carros que passaram por nós por acaso.

— Tinham rádio.

— Na Alemanha, todos os carros têm rádio. Alguns também têm telefones. Por favor, Issa. E mantenha a voz baixa. Não queremos acordar todo mundo.

Olhando para os dois lados da rua mas sem ver nada fora do comum, Annabel desceu os degraus até a porta da frente, destrancou-a e acenou

com a cabeça para que Issa entrasse, mas ele se encolheu para um lado e insistiu em seguir depois dela, a alguma distância.

Ela havia deixado o apartamento às pressas. A cama de casal estava desfeita, o travesseiro amassado e os pijamas jogados sobre ela. O guarda-roupas tinha duas portas — na esquerda, as roupas dela, e na direita, as de Karsten. Ela havia expulsado Karsten três meses antes, mas ele nunca tivera coragem de pegar suas coisas. Ou talvez achasse que, deixando-as lá, estivesse assegurando o direito de retornar. Bem, ele que se dane. Um casaco de camurça de uma loja cara, jeans de marca, três camisetas, mocassins de couro macio. Ela jogou as coisas na cama.

— São de seu marido, Annabel? — Issa perguntou da porta.

— Não.

— De quem são, por favor?

— Pertenciam a um homem com quem tive um relacionamento.

— Ele morreu, Annabel?

— Nós terminamos — respondeu, desejando, àquela altura, que não tivesse dito a ele para que a chamasse pelo primeiro nome, apesar de sempre fazer isso com os clientes, mantendo o sobrenome apenas para si própria.

— Por que vocês terminaram, Annabel?

— Porque não éramos adequados um para o outro.

— Por que não eram adequados? Vocês não se amavam? Talvez tenha sido severa demais com ele, Annabel. Isso é possível. Você pode ser muito severa. Percebi isso.

A princípio, ela não sabia se gargalhava ou se o esbofeteava. Mas, quando olhou para ele, viu apenas confusão em seus olhos, além de medo, e lembrou-se de que, no mundo do qual ele escapara, não havia privacidade. Simultaneamente, um segundo pensamento lhe ocorreu, que a envergonhou e a desconcertou: ela era a primeira mulher com quem Issa ficava sozinho depois de anos de confinamento, e eles estavam em pé no quarto dela nas primeiras horas da manhã.

— Você pega aquela mala para mim, por favor, Issa?

Dando um longo passo para trás para abrir caminho para ele, Annabel perguntou-se se deveria ter colocado o telefone celular no bolso do casaco, se bem que só Deus sabia para quem ela telefonaria se as coisas apertassem. A maleta de viagem de Karsten estava acumulando poeira em cima do armário. Issa pegou-a e colocou-a na cama, ao lado das roupas.

Annabel enfiou as roupas na mala e pegou o colchonete enrolado que estava guardado na parte inferior do secador de roupas.

— Ele era advogado, como você, Annabel? Esse homem com quem você teve um relacionamento?

— Não importa o que ele era. Não lhe diz respeito, e está encerrado.

Agora, era ela que desejava uma distância maior entre eles. Na cozinha, Issa era alto e presente demais para ela, não importava o quanto se mantivesse afastado. Ela colocou um saco de lixo na mesa e levantou bruscamente alguns itens para a aprovação dele: pão integral, Issa? Sim, Annabel. Chá verde? Queijo? Iogurte vivo da loja de produtos orgânicos a dez minutos de bicicleta da casa dela, a qual ela favorecia determinadamente em oposição ao supermercado no fim da rua? Sim, Annabel, para tudo.

— Não posso lhe dar carne, certo? Não como carne.

Mas o que ela queria dizer era: não tem nada demais aqui. Tudo que está acontecendo sou eu arriscando meu pescoço por você. Sou sua advogada e isso é tudo, e estou fazendo isso por princípios, e não pelo homem.

Eles carregaram a bagagem até o cruzamento. Pegaram um táxi e ela indicou o caminho até um ponto próximo à entrada do porto. Então, pela segunda vez, seguiu a pé com ele pelo resto do caminho.



O apartamento novo era um *loft* que ficava a oito lances de uma instável escada de madeira, ocupando o sótão de um antigo armazém das docas que, segundo o proprietário, fora o único prédio que os ingleses tiveram a bondade de deixar para a posteridade quando bombardearam o restante de Hamburgo até o esquecimento. Tinha forma de navio, 14 metros por 6, vigas de metal e uma grande janela em forma de arco com vista para o porto. O banheiro ficava sob um beiral e a cozinha sob o outro. Ela vira o apartamento pela primeira vez no dia em que fora posto à venda, com metade dos jovens ricos de Hamburgo tropeçando uns nos outros para

comprá-lo, mas o proprietário tinha gostado dela e, diferentemente do senhorio atual, era gay e não queria levá-la para a cama.

Naquela mesma noite, já era milagrosamente dela, uma vida livre de Karsten sendo formada, e pelas últimas seis semanas ela vinha cuidando dele com carinho, preocupando-se com as fiações, com os trabalhos em gesso e com a pintura, substituindo as tábuas do assoalho e, à noite, depois de mais uma sessão nauseante no tribunal ou de outra batalha perdida contra as autoridades, voando para lá de bicicleta somente para ficar na janela com os cotovelos no parapeito observando o sol se pôr e os guindastes, os navios cargueiros e os embarcadouros entrelaçarem-se e se relacionarem do jeito que os homens deveriam fazer, respeitosamente e sem bater uns nos outros, as gaivotas voando em círculo e se enfrentando e as crianças fazendo alvoroço na praça.

E no que sabia se tratar de um surto alegre de otimismo, Annabel se parabenizaria pela mulher na qual estava prestes a se tornar, casada com o trabalho e com sua família no Santuário — Lisa, Maria, André, Max, Horst e a valente Ursula, a chefe —, homens e mulheres que, como ela, eram dedicados a lutar a favor das pessoas que haviam sido marcadas pelos acidentes da vida para virar sucata. Ou, colocando de outra forma: voltando para casa tão exausta e vazia quanto o apartamento que a aguardava, sabendo que, não importasse o quanto tivesse se esforçado durante todo o dia, só poderia esperar por ela mesma à noite. Mas até mesmo nada era melhor do que Karsten.



Eles subiram lentamente a escada, Annabel na frente. A cada andar, ela colocava o saco de lixo com provisões no chão e se assegurava de que Issa continuava atrás dela, esforçando-se com a mala e o colchonete. Ela teria dividido o peso com ele, mas sempre que tentava ele a afastava com raiva, apesar de depois de dois andares ter ficado parecido com uma criança envelhecida e magra, e depois do terceiro sua respiração vir em arfadas que ecoavam para cima e para baixo pela escadaria.

O barulho que faziam a preocupou até que lembrou que era sábado e que não havia mais ninguém no prédio. Todos os outros andares tinham sido ocupados por escritórios chiques de alta-costura, de móveis de luxo e de alimentos *gourmet*: mundos que ela dissera a si mesma ter deixado resolutamente para trás.

Issa havia parado na metade do último lance e estava olhando além dela, o rosto rígido de medo e incompreensão. A porta para o *loft* era de ferro antigo e com parafusos pesados. O cadeado gigante teria protegido a Bastilha. Ela desceu correndo até Issa e, desta vez, acidentalmente, ignorou seu braço, apenas para senti-lo se retrair.

— Não estamos prendendo você, Issa — ela disse. — Estamos tentando mantê-lo livre.

— Da sua KGB?

— De todos. Apenas faça o que eu disser.

Ele balançou a cabeça lentamente. Em seguida, em um ato de submissão terrível, abaixou-a e, passo a passo, mas com um esforço tal que seus pés pareciam acorrentados, seguiu Annabel pelo resto da escada. Depois, parou novamente, com a cabeça ainda baixa e os pés unidos enquanto esperava que ela destrancasse a porta. Mas todos os instintos dela lhe diziam para não o fazer.

— Issa?

Sem resposta. Esticando a mão direita até que ela estivesse diretamente na linha de visão dele, Annabel colocou a chave sobre ela e ofereceu-a a Issa do mesmo modo que oferecera cenouras a seu cavalo quando era pequena.

— Aqui. Abra você a porta. Não sou seu carcereiro. Pegue a chave e destranque a porta para nós. Por favor.

Ele permaneceu olhando para baixo, para sua mão aberta e para a chave enferrujada sobre ela, pelo que pareceu a Annabel uma vida inteira. Ou a ideia de pegar a chave dela era demais para Issa ou ele temia entrar em contato com sua pele exposta, pois primeiro sua cabeça e depois a parte superior do corpo voltaram-se abruptamente na direção oposta a ela em rejeição. Mas Annabel se recusava a ser rejeitada.

— Você quer que eu a abra? — ela perguntou. — Preciso saber, por favor, Issa. Você está me dizendo que eu posso abrir esta porta? Tenho sua permissão? Responda-me, por favor, Issa. Você é meu cliente. Preciso de suas instruções, Issa. Permaneceremos aqui e ficaremos com muito frio e

cansados até que você me instrua a abrir esta porta. Você está me ouvindo, Issa? Onde está seu bracelete?

Estava na mão dele.

— Coloque-o de volta no pulso. Você não corre perigo aqui. Ele recolocou o bracelete no pulso.

— Agora, diga-me para abrir a porta.

— Abra.

— Fale mais alto. Abra a porta, por favor, Annabel.

— Abra a porta, por favor.

— Annabel.

— Annabel.

— Agora, observe enquanto destranco a porta a seu pedido, por favor. Pronto. Está feito. Entre primeiro e você me segue. Não é nada parecido com uma prisão. Deixe a porta aberta depois de entrar, por favor. Não a fecharemos até precisarmos.



Havia três dias que Annabel não ia ao apartamento. Um rápido olhar ao redor disse a ela que os pedreiros estavam mais adiantados do que ela temera. Os trabalhos em gesso estavam quase todos prontos, os azulejos que havia encomendado estavam empilhados no chão, a banheira antiga que sua mãe encontrara em Stuttgart instalada com as torneiras de cobre que Annabel comprara no mercado das pulgas. O suprimento de água fora restaurado. Do contrário, por que os pedreiros teriam deixado suas xícaras de café na pia? O telefone que encomendara estava em seu plástico-bolha no centro do chão, esperando para ser instalado.

Issa descobrira a janela em arco. Totalmente imóvel, de costas para Annabel enquanto contemplava o céu que clareava, ele voltou a ser alto.

— Será apenas por um ou dois dias enquanto eu resolvo algumas coisas — ela disse suavemente para ele de dentro da sala. — Aqui é onde o manteremos em segurança, para seu próprio bem. Trarei livros e comida e o visitarei todos os dias.

— Eu não posso voar? — ele perguntou, ainda olhando para o céu.

— Receio que não. Você também não pode sair, até que estejamos prontos para mudá-lo para outro lugar.

— Você e o Sr. Tommy?

— Eu e o Sr. Tommy.

— Ele também me visitará?

— Ele está consultando seus arquivos. É o que deve fazer. Não sou banqueiro nem você. Nem tudo pode ser resolvido de imediato. Precisamos dar um passo de cada vez.

— O Sr. Tommy é um cavalheiro importante. Quando receber o título de médico, irei convidá-lo para a cerimônia. Ele tem um bom coração e fala russo como um Romanov. Onde ele aprendeu a falar daquele jeito?

— Acho que em Paris.

— Você também aprendeu russo lá, Annabel?

Desta vez, pelo menos, não era sobre Karsten. Ele parara de suar. Sua voz estava novamente calma.

— Aprendi russo em Moscou — ela disse.

— Você foi à escola em Moscou, Annabel? Isso é muito interessante! Eu também fui à escola em Moscou. Se bem que por pouco tempo, é verdade. Qual escola, por favor? Qual número? Talvez eu conheça sua escola. Eles aceitavam estudantes chechenos? — disse, claramente excitado por fazer uma conexão entre o mundo dele e o dela, talvez imaginando que tivessem sido amigos de escola.

— Eu não tinha um número.

— Por que não, Annabel?

— Não era esse tipo de escola.

— Que tipo de escola não tem um número? Era uma escola da KGB?

— Não, claro que não! Era uma escola particular — em seu desgaste repentino, ela se ouviu contando o resto a ele. — Era uma escola particular para filhos de oficiais estrangeiros que moravam em Moscou. Assim, estudei nela.

— Seu pai era um oficial estrangeiro que morava em Moscou? Que tipo de oficial, Annabel?

Ela voltou atrás.

— Eu estava hospedada na casa de uma família de um oficial estrangeiro. Eu me qualificava para estudar nessa escola particular, e foi lá que aprendi a falar russo.

E isso é mais do que eu pretendia lhe contar, porque nem você irá extrair de mim o fato, desconhecido até mesmo no Santuário, de que meu pai era adido civil da Embaixada Alemã em Moscou.

Um alarme estava apitando, e não era o dela. Temendo que pudessem ter disparado algum alarme deixado pelos pedreiros, Annabel olhou ansiosamente ao redor da sala em busca da fonte do som, mas era o pager de Issa, dado a ele por Melik, convocando-o para a primeira hora de oração do dia.

Contudo, ele permanecia na janela. Por quê? Estaria procurando seus perseguidores da KGB? Não. Estava determinando a direção de Meca a partir da luz do amanhecer antes que seu corpo magro como um lápis se dobrasse nas tábuas nuas do assoalho.

— Por favor, deixe a sala, Annabel — ele disse.



Esperando na cozinha, Annabel abriu espaço e desempacotou o saco de lixo. Sentada em um banco com um cotovelo na mesa de decorador e com o punho pressionado contra a bochecha, mergulhou em um devaneio no qual, por um ato de autotransposição, encontrou-se olhando, como acontecia com frequência quando estava cansada, para a coleção do pai de pequenas pinturas de mestres flamencos que ficava na parede da sala de estar da propriedade da família nos arredores de Freiburg.

— Comprados em um leilão em Munique por seu avô, querida — sua mãe respondera quando a rebelde Annabel, com 14 anos, mergulhara em uma investigação solitária da procedência das pinturas. — O gosto que seu pai tem por colecionar ícones.

— Por quanto?

— Nos valores atuais, sem dúvida valem muito. Mas, na época, foram centavos.

— Comprados em um leilão quando? — ela perguntou. — De quem? A quem os quadros pertenciam antes que vovô os comprasse por centavos em um leilão em Munique?

— Por que não pergunta a seu pai, querida? — a mãe sugeriu com uma doçura excessiva para os ouvidos de Annabel. — Foi o pai dele, e não o meu.

Mas, quando Annabel perguntou ao pai, ele se transformou em alguém que ela não conhecia.

— Aqueles tempos fazem parte do passado e acabaram — retrucou em tom oficial que jamais havia usado ao falar com ela. — Seu avô tinha faro para arte e pagou o preço de mercado. Pelo que sei, são falsificações. Em todo caso, nunca mais ouse fazer essa pergunta.

E nunca mais fiz, ela recordou. Nem em todos os fóruns da família desde então, fosse por amor, medo ou, pior, por submissão à disciplina contra a qual se revoltava, ela ousara repetir a pergunta. E os pais dela se consideravam radicais! Eram rebeldes, ou tinham sido: filhos de 1968 nas barricadas dos protestos estudantis, carregando cartazes instando os americanos a saírem da Europa! "Vocês, jovens de hoje, não sabem o que é um protesto de verdade!", gostavam de lhe dizer rindo quando ela saía da linha.

Pegando o bloco de notas da mochila, ela começou a fazer uma lista de compras à luz da claraboia. Suas listas eram uma piada de família, tanto quanto sua intransigência. Em um minuto, ela era uma lesma caótica com toda a sua vida desorganizada na mochila; no outro, era uma superorganizadora germânica que fazia listas das listas que precisava fazer.

Sabonete.

Toalhas.

Mais comida.

Doce e salgado.

Leite fresco.

Papel higiênico.

Revistas médicas em russo, onde encontrar?

Meu toca-fita. Somente clássicos, sem lixo.

E não, não vou comprar um maldito iPod; recuso-me a ser uma escrava do consumismo.

Sem saber se Issa ainda estava rezando, Annabel retornou silenciosamente à grande sala. Estava vazia. Ela correu para a janela. Fechada, nenhum vidro quebrado. Deu meia-volta e, com a luz atrás de si, olhou para os fundos da sala.

Ele estava dois metros acima dela, no topo de uma escada dos pedreiros. Como uma estátua da era soviética, tinha uma tesoura gigantesca em uma mão e, na outra, um avião que devia ter recortado do rolo de papel de parede que estava ao pé da escada.

— Um dia, serei um grande engenheiro aeronáutico, como Tupolev — ele anunciou sem baixar os olhos na direção dela.

— Nada mais de médico? — Annabel disse para cima, cedendo a ele como faria a um suicida.

— Médico também. E talvez, se tiver tempo, advogado. Desejo adquirir as Cinco Excelências. Você conhece as Cinco Excelências? Se não as conhece, não é educada. Já tenho uma boa base em música, literatura e física. Talvez você se converta ao Islã e eu me case com você e cuide de sua educação. Será uma boa solução para nós dois. Mas você não deve ser severa. Veja, Annabel.

Articulando seu corpo comprido para a frente até um ponto no qual desafiava a lei da gravidade, ele largou delicadamente o avião de papel no ar.



Ele é apenas mais um cliente, Annabel repetia para si mesma com raiva enquanto fechava a porta ao sair e trancava o velho cadeado.

Um cliente que precisa de atenção especial, é verdade. Atenção não ortodoxa. Atenção ilegal. Mas, apesar disso, um cliente. E em breve também receberá os cuidados médicos dos quais necessita. Ele é um caso, um caso legal com uma ficha. Certo, é também um paciente. Ele é uma criança danificada e traumatizada que não teve infância e eu sou sua advogada, sua babá e sua única ligação com o mundo.

Ele está tentando me agradar mas não sabe como. Está dizendo as palavras certas, mas não é o homem que deveria dizê-las. Case comigo, Annabel. Veja meu avião de papel, Annabel. Converta-se ao Islã, Annabel. Não seja severa, Annabel. Quero ser um advogado, um médico, um grande engenheiro aeronáutico e algumas outras coisas que acontecerão comigo

antes de ser enviado de volta à Suécia para ser transportado de lá para o *gulag*, Annabel. Por favor, deixe a sala, Annabel.

No porto, o amanhecer se transformara em manhã. Ela subiu uma passarela de pedestres que corria ao longo do muro do porto. Nas últimas semanas de espera pela materialização do novo apartamento, caminhara ali com frequência, registrando as lojas nas quais compraria e os cafés nos quais encontraria as amigas, fantasiando sobre os trajetos que faria até o trabalho: em um dia, iria de bicicleta, no outro, pegaria a barca com a bicicleta, permaneceria a bordo por três paradas, desembarcaria e pedalaria novamente, mas agora só conseguia pensar nas palavras de despedida de Issa depois que ela o havia preparado para ser trancado novamente: — Se eu dormir, voltarei para a prisão, Annabel.

De volta a seu antigo apartamento, Annabel movimentava-se com a precisão elaborada pela qual o fórum familiar jamais deixara de lhe provocar. Ela estivera com medo e se recusara a admitir isso. Agora, podia celebrar a vitória sobre o medo.

Primeiro, desfrutou do banho que havia prometido a si mesma e lavou o cabelo. A quase exaustão de uma hora antes fora substituída por uma sede de ação.

Depois do banho, vestiu-se para sair: bermuda de lycra até os joelhos, tênis, uma blusa leve para um dia quente, um colete de xerpa e — na mesa de bambu próxima à porta — o boné e as luvas de couro. A necessidade que tinha de fazer exercícios era insaciável. Tinha certeza de que, sem eles, engordaria em uma semana.

Depois, enviou e-mails aos construtores e aos comerciantes com a mesma mensagem urgente: *Lamento muito, amigos, por favor não façam nenhum trabalho no novo apartamento até segunda ordem. Imprevistos legais com o empréstimo, tudo será resolvido nos próximos dias. Recompensarei vocês integralmente por qualquer faturamento perdido.* Tschüss, Annabel Richter.

E à lista de compras a seu lado, acrescentou NOVO CADEADO, pois as pessoas não necessariamente leem os e-mails do fim de semana antes de saírem para o trabalho na segunda-feira.

O celular estava tocando. Oito da manhã. Toda manhã de sábado, incluindo feriados, às 8 em ponto, *Frau Doktor Richter* ligava para a filha Annabel. Aos domingos, ligava para a irmã de Annabel, Heidi, porque era a mais velha. A ética familiar não permitia que qualquer uma das filhas

pudesse dormir até mais tarde ou fazer amor no sábado ou no domingo, ou em qualquer outra manhã. Primeiro, a mãe fazia seu *Discurso para a Nação*. Annabel já estava sorrindo.

— Estou sendo totalmente indiscreta, mas Heidi acha que pode estar grávida de novo. Ela saberá com certeza na terça-feira. Até lá, a notícia está embargada, Annabel. Entendeu?

— Entendi, mãe, e que adorável para você. Já no quarto neto, e ainda continua uma criança!

— Assim que for oficial, você poderá parabenizar sua irmã, naturalmente.

Annabel absteve-se de dizer que Heidi estava furiosa e que somente as súplicas do marido a haviam impedido de fazer um aborto.

— E seu irmão Hugo recebeu uma oferta de trabalho na ala de psicologia humana em um grande hospital universitário em Colônia, mas diz que não tem certeza de que eles sejam freudianos de verdade, de modo que é possível que não aceite o emprego. Francamente, às vezes ele é burro demais.

— Colônia poderia ser bom para Hugo — Annabel disse, sem acrescentar que falava em média três vezes por semana com Hugo e que sabia muito bem quais eram os planos do irmão: permanecer em Berlim até que seu tórrido caso amoroso com uma mulher casada e dez anos mais velha chegasse ao fim ou explodisse na cara dele, ou, o que, para Hugo, era basicamente a norma, as duas coisas.

— E seu pai concordou em fazer o discurso inaugural em uma conferência de juristas internacionais em Turim. Sendo como é, já começou a escrever e não conseguirei uma palavra dele até setembro. Você já voltou com Karsten?

— Estamos trabalhando nisso.

— Que bom.

Uma pequena pausa.

— E como foram seus exames, mãe? — Annabel perguntou.

— Uma estupidez como sempre, querida. Sempre que alguém me diz que os resultados foram negativos fico deprimida porque sou uma otimista nata. Depois preciso me recompor.

— E deu negativo?

— Houve uma pequena voz positiva, mas ela foi abafada imediatamente pelas negativas.

— Qual deu positivo?
— A droga do meu fígado.
— Você contou ao papai?
— Ele é um homem, querida. Ou me dirá para tomar outra taça de vinho ou pensará que estou morrendo. Vá pedalar.



Agora, ao grande plano.

A vida de Hugo, como sempre, era de equilíbrio precário. O marido de sua amante era uma espécie de executivo itinerante com o hábito sem consideração de ir para casa nos fins de semana. Convenientemente, Hugo passava as noites de sábado e domingo no hospital, fazendo plantão no albergue da equipe e atendendo pacientes durante o dia. Sendo assim, o truque era pegá-lo depois das 8 da manhã, quando terminava o turno da noite, e antes das 10 da manhã, quando ele começava as visitas. Eram 8h20. Portanto, a hora ideal.

Por segurança, Annabel precisava de um telefone público e, para sua paz de espírito, de um lugar com o qual estivesse familiarizada. Ela escolheu um antigo abrigo de caçadores que fora transformado em café no parque de cervos em Blankenese, normalmente a uma distância de 15 minutos de pedalada pesada. Ela fez o percurso em 12 minutos e precisou pedir um chá de ervas e ficar sentada, olhando para a bebida, enquanto recuperava o fôlego. No corredor que levava aos banheiros havia uma antiga cabine telefônica inglesa vermelha. No balcão, ela negociou um punhado de moedas para estar preparada.

Como de hábito, ela e Hugo passavam metade do tempo se provocando e a outra metade conversando honestamente. Talvez por estar se sentindo tão honesta, ela exagerou na provocação.

— Tenho um cliente que é um pesadelo, Hugo, ela começou. Muito inteligente mas, psicologicamente, um caco. Só fala russo. Ele precisa relaxar e de cuidados profissionais. As circunstâncias pessoais são péssimas e não podem ser descritas pelo telefone. Acho que você seria o

primeiro a concordar que ele precisa seriamente de ajuda — ela disse, tentando não soar como uma súplica.

Mas tentar falar ao coração mole de Hugo foi um erro: — Eu? Não tenho certeza disso. Quais são os supostos sintomas? — ele perguntou rispidamente, com sua voz profissional.

Ela os havia anotado.

— Delírios. Em um minuto ele acha que vai governar o mundo e no outro está tremendo como um camundongo.

— Todos estamos. O que ele é, político?

Ela soltou uma gargalhada, mas teve a sensação desconfortável de que Hugo não estava brincando.

— Surtos de raiva imprevisíveis, dependência abjeta em um minuto e, logo depois, volta a ser dono de si. Isso faz sentido? Não sou médica, Hugo. Ele está pior do que isso. Ele realmente precisa de ajuda. Agora. Com urgência. E com total confidencialidade. Não existem locais assim? Devem existir.

— Bons, não. Não que eu conheça. Não para o que você quer. Ele é perigoso?

— Por que deveria ser?

— Você percebeu sinais de violência nele?

— Ele ouve música sozinho. Fica sentado horas olhando pela janela. Faz aviões de papel.

— Não acho que isso seja violento.

— Qual a altura da janela?

— Hugo, cale a boca!

— Ele olha para você de algum modo estranho? Estou perguntando. É uma pergunta séria.

— Ele não olha. Desvia o olhar. Na maior parte do tempo, apenas desvia os olhos — ela se recompôs. — Tudo bem, um lugar quase bom. Um lugar que o abrigará, ficará de olho nele, não fará um monte de perguntas e que apenas... dê a ele o espaço necessário, ajude-o a se recuperar.

Ela estava falando demais.

— Ele tem dinheiro? — perguntou Hugo.

— Sim. Muito. Seja qual for o preço.

— De onde?

— De todas as mulheres ricas com quem vai para a cama.

— Ele está gastando descontroladamente? Comprando Rolls-Royces e colares de pérolas?

— Na verdade, ele não sabe que tem dinheiro — ela respondeu, começando a se desesperar. — Mas ele tem. Ele está bem. Quero dizer, financeiramente. Outras pessoas estão com o dinheiro. Por Cristo, Hugo. É realmente necessário que seja tão difícil assim?

— Ele só fala russo?

— Eu já lhe disse.

— E você está trepando com ele?

— Não!

— Você pretende?

— Hugo, seja sensível pelo menos uma vez, pelo amor de Deus.

— Eu estou sendo sensível. É isso que está deixando você irritada.

— Veja, tudo que preciso... que ele precisa... resumindo, é levá-lo rapidamente para algum lugar... digamos dentro de uma semana... mesmo que não seja perfeito. Caso seja apenas adequado e muito privado. Nem mesmo as pessoas no Santuário sabem que estamos tendo esta conversa. Isso é o quanto precisa ser privado.

— Onde você está?

— Em uma cabine telefônica. Meu celular quebrou.

— Hoje é fim de semana, caso não tenha percebido — ela aguardou. — E na segunda tenho reunião o dia todo. Ligue para meu celular na segunda à noite, em torno das 21 horas. Annabel?

— O quê?

— Nada. Vou procurar um lugar. Ligue para mim.

7

— *Frau Elli*... — Brue começou a falar caprichosamente.

A viagem a Sylt e o almoço na casa de praia de Bernhard haviam transcorrido de modo previsível, com a mistura social costumeira de ricos senis com jovens entediados, lagosta e champanhe e uma caminhada pelas dunas durante a qual Brue consultou diversas vezes o celular para caso tivesse perdido alguma chamada de Annabel Richter mas, infelizmente, não perdera. À noite, o mau tempo fechou o aeroporto, obrigando os Brue a se instalarem na casa de hóspedes, o que, por sua vez, levou a mulher de Bernhard, Hildegard, chapada de cocaína, a pedir desculpas exageradas por não ser capaz de oferecer a Mitzi acomodações mais apropriadas ao apetite dela. Uma briga ameaçou começar, mas o ágil Brue, como de costume, acalmou os ânimos. No domingo, ele se saiu mal no golfe, perdeu mil euros e, depois, foi forçado a comer bolinhos de fígado e a beber Obstler com um velho barão do transporte marítimo. Agora, finalmente, era segunda de manhã, a reunião da diretoria sênior havia terminado e Brue pedira a *Frau Ellenberger* que fizesse a gentileza de ficar se tivesse um instante, algo que havia planejado durante todo o fim de semana.

— Peço-lhe apenas uma pequena coisa, *Frau Elli* — ele começou em um inglês teatral.

— Mr. Tommy, nada é pequeno demais. Estou sob suas ordens — ela respondeu no mesmo tom.

Esses rituais absurdos, realizados durante mais de um quarto de século, primeiro pelo pai de Brue em Viena e agora pelo filho, deveriam celebrar a corrente sólida do Frères.

— Se eu dissesse Karpov para a senhora, *Frau Elli*, Grigori Borisovich Karpov —, e se acrescentasse a palavra Lipizzaner, como acha que reagiria?

A piada terminou muito antes de ele concluir a pergunta.

— Acho que ficaria triste, *Herr Tommy* — ela disse em alemão.

Triste como, exatamente? Triste por Viena? Por seu pequeno apartamento na Operngasse que sua mãe tanto amava?

— Pelo seu bom pai.

— E pelo que ele pediu à senhora a respeito das Lipizzaners, talvez?

— As contas Lipizzaners não eram corretas — ela disse, olhando para baixo.

Era uma conversa que deveriam ter tido há sete anos, mas Brue jamais acreditara em mover pedras desnecessariamente, muito menos quando tinha uma boa ideia do que encontraria sob a superfície.

— Mas, ainda assim, a senhora continuou, muito lealmente, a administrá-las — ele sugeriu gentilmente.

— Eu não as administro, *Herr* Tommy. Assumi o papel de saber o mínimo possível a respeito de como são administradas. Esse é o trabalho do gerente de fundos de Liechtenstein. É o domínio dele e, presumo, é assim que ele ganha a vida, não importa o que pensemos sobre sua ética. Faço somente o que prometi a seu pai.

— E isso incluía, acredito, remover os arquivos pessoais de titulares antigos ou atuais das contas Lipizzaners.

— Sim.

— Foi o que fez no caso de Karpov.

— Sim.

— E os documentos nesse arquivo, portanto — ele parou por um instante —, são todos os documentos que nos restam?

— Sim.

— No mundo. Na *oubliette*, no sótão em Glasgow, aqui em Hamburgo.

— Sim — ela disse enfaticamente depois de uma pequena hesitação que não passou despercebida para Brue.

— E fora esses documentos, a senhora tem alguma memória *pessoal* de Karpov, da época, de algo estranho que meu pai possa ter dito ou deixado de dizer sobre ele?

— Seu pai tratava a conta de Karpov com...

— Com?...

— *Respeito*, *Herr* Tommy — ela respondeu, ruborizando.

— Mas, com certeza, meu pai tratava todos os clientes com respeito?

— Seu pai falava de Karpov como um homem cujos pecados deveriam ser perdoados, mesmo antecipadamente. Ele não era sempre tão indulgente em relação aos clientes.

— Ele disse *por que* deveriam ser perdoados?

— Karpov era especial. Todas as Lipizzaners eram especiais, mas Karpov era muito especial.

— Ele disse quais foram os pecados, aqueles que deveriam ser perdoados antecipadamente?

— Não.

— Ele sugeriu que poderia haver, como posso dizer?, uma vida amorosa desorganizada com a qual deveria lidar? Filhos concebidos fora do casamento espalhados por aí, e assim por diante?

— Tais coisas foram amplamente insinuadas.

— Mas não abordadas especificamente? Nenhuma menção a um filho ilegítimo amado, por exemplo, que pudesse aparecer da rua um dia e se anunciar?

— Muitas dessas contingências foram faladas em relação às Lipizzaners. Não posso dizer que tenha uma memória em particular ligada a uma delas.

— E *Anatoly*. Por que o nome Anatoly me diz alguma coisa? Foi algo que ouvi? Anatoly resolveria o problema?

— Havia um Anatoly que era um intermediário, acredito — *Frau Elli* respondeu relutantemente.

— Entre...?

— Entre o senhor Edward e o coronel Karpov, quando Karpov não estava disponível ou não queria estar.

— Como advogado de Karpov na época?

— Como... — ela hesitou — seu *facilitador*. Os serviços de Anatoly se estendiam além do meramente legal.

— Ou *ilegal* — sugeriu Brue, mas, sem obter reconhecimento de sua esperteza, deu uma de suas voltas pela sala. — E sem incomodá-la para que abra a *oubliette*, pode me dizer, em termos gerais, não destinados à publicação, qual porcentagem dos fundos totais em Liechtenstein pertence à conta de Karpov?

— Cada titular das Lipizzaners recebeu cotas proporcionais ao investimento feito.

— É o que sei.

— Se o titular da conta decidisse em qualquer momento aumentar seu investimento, o número de cotas também aumentaria.

— Isso parece fazer sentido.

— O coronel Karpov foi uma das primeiras Lipizzaners, e o mais rico. Seu pai o chamava de Membro Fundador. Em quatro anos, o investimento dele foi aumentado em nove vezes.

— Por Karpov?

— Por transferências de crédito para a conta dele. Não se sabia se era o próprio Karpov que fazia os depósitos ou se eram outras pessoas que os faziam por ele. Os recibos dos créditos, depois de compensados, eram destruídos.

— Pela senhora?

— Pelo seu pai.

— Algum depósito diretamente em dinheiro? Notas bancárias em uma maleta, pode-se dizer? À moda antiga? Nos tempos de Viena?

— Não na minha presença.

— E na sua ausência?

— Quantias em dinheiro eram depositadas ocasionalmente na conta.

— Pelo próprio Karpov?

— Acredito que sim.

— E por terceiros?

— Possivelmente.

— Como Anatoly?

— Não era exigido que os signatários se identificassem formalmente. O dinheiro era entregue, a conta do beneficiário era indicada e um recibo era emitido no nome dado pelo depositante.

Outra volta pela sala enquanto Brue refletia sobre o uso da voz passiva.

— E quando, a senhora supõe, foi feito o último depósito na conta de Karpov?

— Pelo que sei, os depósitos continuam a ser feitos até hoje.

— Literalmente até hoje? Ou apenas até recentemente, digamos?

— Não estou em posição de saber, *Herr* Tommy.

Nem em seu tempo, pensou Brue.

— E o valor do fundo de Liechtenstein totalizava quanto, aproximadamente, quando deixamos Viena, antes de ser dividido entre os cotistas, obviamente?

— Quando deixamos Viena, só havia um cotista, *Herr* Tommy. O coronel Karpov estava sozinho. Os outros haviam caído pelas beiradas.

— É mesmo? E como *isso* aconteceu?

— Não sei, *Herr* Tommy. Pelo que sei, as outras Lipizzaners foram compradas por Karpov ou desapareceram por meios naturais.

— Ou *antinaturais*?

— Isso é tudo que posso dizer, *Herr* Tommy.

— Diga-me um valor aproximado. De cabeça — pediu Brue.

— Não posso falar pelo nosso gerente de fundos de Liechtenstein, *Herr* Tommy. Não é algo que esteja dentro da minha competência.

— Veja bem, uma *Frau* Richter telefonou para mim — Brue explicou com o tom de quem está abrindo o jogo. — Uma advogada. Imagino que tenha recebido o recado dela nesta manhã quando colhia os frutos do fim de semana.

— Recebi sim, *Herr* Tommy.

— Ela tinha algumas perguntas a me fazer a respeito de... um certo cliente dela... e, supostamente, nosso também. Perguntas urgentes.

— Foi o que entendi, *Herr* Tommy.

Ele havia se decidido. Certo. Ela estava se fazendo de difícil. Ela já tinha uma certa idade. E sempre se fizera de difícil em relação às Lipizzaners. Mas ele faria dela sua aliada, contaria a ela toda a história e a conquistaria. Se não pudesse confiar em *Frau* Elli, em quem no mundo poderia confiar?

— *Frau* Elli.

— *Herr* Tommy.

— Acredito que seria muito bom se tivéssemos uma conversa honesta sobre... bem, sapatos, navios e...

Ele sorriu e parou de falar, esperando que ela soltasse uma de suas citações favoritas de Lewis Carrol, mas em vão.

— Portanto, o que sugiro é — ele continuou, como alguém que acaba de ler uma ótima ideia — um *grande* bule de seu adorável café vienense, um pouco dos biscoitos de páscoa caseiros de sua mãe e duas xícaras. E, enquanto faz isso, diga à telefonista que estou em reunião, e a senhora também.

Mas o *tête-à-tête* proposto por Brue não transcorreu de acordo com o esperado. *Frau* Ellenberger realmente voltou com o café — apesar de ter levado mais tempo para prepará-lo do que um homem toleraria esperar — e foi, como sempre, a essência da cortesia. Quando solicitada a sorrir, sorria. Os biscoitos de páscoa da mãe dela eram incomparáveis. Mas no instante em que Brue tentou fazê-la falar mais sobre o coronel Karpov, *Frau* Elli se levantou e, olhando para a frente como uma criança em uma apresentação na escola, deu à luz uma declaração formal.

— *Herr* Brue, lamento comunicar que fui informada de que as contas Lipizzaners transgridem os limites da legalidade. Tendo em vista minha

posição júnior no banco na época e o compromisso que assumi com seu falecido pai, também fui aconselhada a não discutir mais essas questões com o senhor.

— É claro, é claro — disse Brue com leveza, tendo orgulho de si mesmo por se sair melhor quando sofria um revés. — Plenamente compreendido e aceito, *Frau* Elli. O banco agradece à senhora.

— E o senhor Foreman ligou — ela disse na porta, quando Brue correu atrás dela para ajudar com a bandeja de café.

Por que estava falando de costas para ele? Por que a nuca dela estava vermelha?

— De novo? Céus, para quê?

— Estava confirmando seu almoço hoje.

— Mas ele já confirmou na sexta-feira!

— Ele precisava saber se o senhor tinha alguma exigência alimentar. O La Scala é especializado em peixe, aparentemente.

— Eu sei que é especializado em peixe. Janto lá pelo menos uma vez por mês. Também sei que não abre para almoço.

— Parece que o senhor Foreman fez um acordo com o gerente. E estará acompanhado do sócio, um certo senhor Lantern.

— O raio de luz dele — sugeriu Brue, mordazmente satisfeito com a própria astúcia. Mas ela ainda o evitava como se ele estivesse amaldiçoado, e Brue, por sua vez, estava se perguntando que tipo de homem era aquele que conseguia persuadir Mario, proprietário do Scala, a abrir suas dependências para o almoço, ainda por cima em uma segunda-feira, não importava que o restaurante fosse minúsculo.

Frau Ellenberger finalmente concordou em olhar para ele: — O senhor Foreman tem credenciais sólidas, *Herr* Tommy — ela disse, com uma ênfase que ele não conseguiu interpretar. — O senhor me pediu para conferir a respeito dele, e foi o que fiz. O senhor Foreman é recomendado pessoalmente por sua própria firma de procuradoria em Londres e por um grande banco londrino. Ele está vindo especialmente de Londres.

— Com o raio de luz?

— O senhor Lantern virá separadamente, de Berlim, onde compreendo que ele vive. Estão propondo um almoço para se conhecerem, sem comprometimento de nenhum dos lados. O projeto deles é substancial e exigirá um extenso estudo de viabilidade.

— E eu sei disso há quanto tempo?

— Há exatamente uma semana, *Herr Tommy*. Discutimos isso no mesmo horário, segunda-feira passada, obrigada.

Por que diabos o obrigada?, Brue se perguntou.

— O mundo enlouqueceu ou fui eu quem ficou louco, *Frau Elli*?

— É o que seu pai costumava dizer, *Herr Tommy* — *Frau Elli* respondeu com afetação, e Brue voltou a pensar em Annabel: aquela jovem vibrante e soberana em uma bicicleta, cuja identidade não dependia de ocasiões sociais.



Para surpresa e alívio de Brue, os senhores Foreman e Lantern acabaram se revelando uma companhia bem interessante. Quando chegou ao La Scala, eles haviam usado seu charme para que Mario lhes indicasse a mesa favorita de Brue, ao lado da janela, e os aconselhasse sobre qual vinho etrusco Brue preferia para que o tivessem pronto para ele. E lá estava a garrafa, descansando aberta em um balde de gelo.

Depois, Brue ficou intrigado a respeito de como exatamente eles sabiam que o La Scala era seu restaurante preferido, mas presumiu que, como a maioria dos membros do mundo bancário de Hamburgo sabia que ele comia lá, eles também deveriam saber. Ou talvez Foreman tenha conseguido usar seu charme para obter a informação de *Frau Ellenberger*, porque charme Foreman tinha aos montes. Às vezes, você conhece um gêmeo e se identifica imediatamente com ele. Foreman tinha a mesma altura e idade que Brue, e o mesmo formato de cabeça. Era rústico, de um jeito britânico que Brue admirava, com os olhos felizes e um sorriso tão desarmador que fazia você sorrir também, além de uma voz grave com o tom confiante de quem aprendera a aceitar o mundo como ele era.

— Tommy Brue! Muito bem, sir, muito bem para todos nós — ele murmurou, levantando-se enquanto Brue atravessava a porta. — Apresento-lhe Ian Lantern, meu parceiro no crime. Incomoda-se se o chamarmos de Tommy? Também sou Edward, como seu querido pai. Mas pode me chamar de Ted. Ele jamais teria aceitado isso, não é mesmo? Para ele, era Edward ou nada.

— Ou, na dúvida, *sir* — respondeu Brue, para o deleite de todos.

Será que ele dera alguma atenção especial àquela particularmente primeira referência a seu pai, tão cheia de propriedade? Bem no fundo, onde Brue jamais perdera o equilíbrio — ou pelo menos nunca até a noite de sexta-feira? Pelo que percebia, não. Edward Amadeus OBE fora uma lenda em vida e continuava lendário. Brue estava acostumado a ouvir pessoas falarem dele como se o conhecessem, o que interpretava como elogio.

A primeira impressão de Lantern foi igualmente favorável. Jovens ingleses, nos dias de hoje, na pequena experiência que Brue tinha com a espécie, não se pareciam em nada com Lantern. Ele era pequeno, bem cuidado e elegante em um terno cor de carvão com ombros inclinados e um botão no paletó, tudo no típico estilo do jovem executivo promissor de quando o próprio Brue fora um deles. O cabelo castanho-claro de Lantern era curto, em estilo militar. Ele falava com suavidade e ponderação e era de uma cortesia envolvente.

Mas, como Foreman, irradiava uma autoconfiança tranquila que dizia que ele não pertencia a ninguém. Lantern também tinha o que Brue aprendera a chamar de sotaque sem classe social, o que tocava o democrata em seu interior.

— Que ótimo que você pensou em nós, Ian — ele disse com entusiasmo para fazer a ligação instantânea. — Nós, banqueiros, sentimos um pouco marginalizados atualmente, com todos os figurões ostentando suas posses.

— É um privilégio conhecê-lo, Tommy, e isso é um fato — respondeu Lantern, dando em Brue um segundo aperto de mão honrado, como se não conseguisse largar a mão dele. — Ouvimos muitas coisas grandiosas sobre você, não é mesmo, Ted? Nenhuma discordância em lugar algum.

— Nunca, nem mesmo uma — Foreman entonou, depois do que os três se sentaram e Mario apressou-se em apresentar uma perca gigante, que jurou ter sido morta em homenagem a eles. Depois de algumas brincadeiras, decidiram que o peixe deveria ser assado em sal marinho. E por que não uma entrada de vieiras com molho de alho enquanto aguardavam?

— O almoço é por nossa conta — eles insistiram.

— Absolutamente — protestou Brue. — Os banqueiros sempre pagam.

Mas ele estava em menor número. E, além disso, a ideia fora deles. Assim, Brue fez exatamente o que sabia que deveria fazer: recostou-se e se preparou para se divertir, em pleno conhecimento de que os senhores Foreman e Lantern, muito provavelmente, estavam ali para sugá-lo, como a maioria das pessoas com quem fazia negócios. Bem, que tentem. Se eram predadores, pelo menos eram predadores civilizados, o que Deus bem sabia que não era sempre o caso. Depois de um fim de semana horrível sem um pio de Annabel, sem falar no desconcertante não diálogo com *Frau Elli*, Brue não estava disposto a ser crítico.

E, droga, ele *gostava* dessa gente britânica. Como um expatriado, cultivava uma nostalgia poderosa pela terra onde nascera. Os oito anos desesperadores no colégio interno na Escócia deixaram um vazio dentro dele que tempo nenhum morando no exterior poderia preencher: o que provavelmente explicava por que, desde o começo, dera-se tão bem com Foreman, enquanto o pequeno Lantern, como um elfo enfeitiçado, alternava seu sorriso respeitoso entre os dois jogadores.

— Infelizmente, Ian não toca em bebida — disse Foreman, desculpando-se pela falta de interesse do companheiro no vinho que Mario lhe servira. — Ele é da nova estirpe. Em nada parecido conosco, velhos chatos. Aos velhos chatos! Saúde! E a Annabel Richter, que insiste em pedalar sua bicicleta por minha cabeça sempre que sente vontade.



Mais tarde, antes da bomba explodir, Brue se esforçava para lembrar o que conversaram durante tanto tempo. Eles tinham amigos em comum em Londres e Brue pensou que provavelmente, mas não com certeza, os amigos mútuos conheciam Foreman muito melhor do que Foreman os conhecia. Mas, não deu muita importância. Quem forma redes de contatos faz isso o tempo todo. Não há mal algum nisso. Ele disse que supunha que deveriam falar de negócios, apesar de nenhum dos anfitriões parecerem ansiosos por isso. E ele já havia repassado o material de costume sobre a integridade e a solidez do Frères, e especulado apropriadamente quanto a Wall Street estar em boa saúde, considerando os problemas com as

hipotecas *subprime* — o Frères, graças a Deus, passara com cuidado por aquele terreno! —, e se o aumento nos preços das commodities afetaria a movimentação em direção a ativos fracos no mercado global, e será que a bolha asiática iria reinflar ou permanecer murcha, e será que o boom doméstico na China significa que deveríamos estar procurando mão de obra barata em outro lugar? — assuntos nos quais Brue era toleravelmente bem versado a partir da leitura de publicações financeiras, mas sobre os quais, na verdade, não tinha opinião: fato que o possibilitava se permitir devanear mais sobre Annabel Richter sem perturbar os ouvintes.

E depois veio o tema dos árabes. Brue jamais soube qual dos dois havia levantado o assunto. Era Ted que estava correto ao pensar que o pai de Brue tinha sido um dos primeiros banqueiros ingleses a adular investidores árabes desafeiçoados depois da confusão de 1956 — ou teria sido Ian? Não importa: independentemente de quem tenha soltado a lebre, o outro correu atrás. E sim, era mesmo verdade, Brue concordou com cautela, sem citar nomes, que um ou dois membros inferiores dos governos saudita e do Kuwait tinham conta no Frères, apesar de o próprio Brue, estando mais para um cara europeu, jamais ter compartilhado muito do entusiasmo do pai por aquele mercado.

— Mas sem ressentimentos? — Foreman perguntou com cuidado. — Nenhum rancor ou algo do tipo?

Bom Deus, não, nem pensar, respondeu Brue. Tudo era doce como uma torta. Alguns haviam morrido, alguns haviam se mudado e outros haviam ficado. Simplesmente, os árabes ricos gostavam de fazer negócios com os mesmos bancos com os quais os outros árabes ricos tratavam e, atualmente, o Frères não estava verdadeiramente em posição de oferecer esse tipo de segurança.

Na hora, eles pareceram satisfeitos com a resposta. Em retrospecto, era como se a pergunta fizesse parte de um roteiro e eles a tivessem soltado artificialmente na conversa. E, talvez, inconscientemente, tenha sido exatamente isso que o levou, mesmo que um pouco tarde, a perguntar sobre eles: — Mas e vocês, cavalheiros? Conhecem nossa reputação, ou não estariam aqui. Como podemos ajudar? Ou, como gostamos de dizer, o que podemos fazer por vocês que os figurões não podem? — *Porque sem meu banco de merda, vocês não estariam aqui.*

Foreman parou de comer e limpou os lábios com o guardanapo enquanto olhava as mesas vazias ao redor em busca de uma resposta e

depois para Lantern, que, em contraste, parecia não ter ouvido coisa alguma. Com as mãos de jóquei bem cuidadas, estava realizando uma cirurgia na perca, pele em um lado do prato, espinhas no outro e uma pequena pirâmide de carne empilhada no centro.

— Você se incomodaria muito se eu lhe pedisse para desligar essa coisa por um instante? — Foreman perguntou tranquilamente. — Cá entre nós, me deixa muito nervoso.

Brue percebeu que Foreman se referia ao celular que havia colocado a seu lado para o caso de receber uma improvável ligação de Annabel. Depois de um momento de confusão, desligou o telefone e colocou-o no bolso. Nessa altura, Foreman se inclinava sobre a mesa em sua direção.

— Agora, aperte o cinto e escute — Foreman aconselhou em um murmúrio confidente. — Somos da Inteligência Britânica, está entendendo? Espiões. Ian é da Embaixada em Berlim e eu de Londres. Nossos nomes são limpos. Se não gostar, pode conferir com o embaixador de Ian. Minha área é a Rússia. Há 28 anos, que Deus me ajude. Foi por isso que conheci seu falecido pai, Edward Amadeus. No que lhe dizia respeito, na época meu nome era Findlay. Talvez você tenha ouvido seu pai falar de mim uma vez ou outra?

— Receio que não.

— Maravilha.

— Esse era Edward Amadeus. Silencioso até o fim. Sem querer ser muito específico, sou o cara que arrumou a Ordem do Império Britânico dele.

Brue poderia ter esperado razoavelmente que Foreman parasse por ali, oferecendo-lhe a oportunidade de fazer algumas perguntas esclarecedoras entre as milhares que passavam por sua cabeça, mas Foreman não tinha a menor intenção de oferecer tal folga. Tendo aberto uma brecha nas defesas de Brue, ele seguia em frente para a vitória. Naquela altura, estava confortavelmente recostado na cadeira, com as pontas dos dedos juntas e uma expressão benigna, até mesmo pastoral, em seus traços desgastados, com a aparência de um convidado relaxado para o almoço oferecendo observações sobre o estado do universo.

Sua voz, ajustada para um alcance curto, tinha um tom leve e misteriosamente alegre. Havia música na cozinha — alaúde, pelo que Brue conseguia identificar — e Foreman falava em um volume abaixo dela. Ele estava descrevendo um cenário de um tempo que estava tão morto e

enterrado quanto o pai de Brue, mas que, como o fantasma de seu pai, se recusava a descansar: os últimos anos da Guerra Fria, Tommy, quando o cavaleiro russo estava morrendo em sua armadura e toda a Rússia emanava o odor fétido de decomposição.

Ele não falou da grande lealdade dos russos que haviam espionado para ele, nem de seus ideais ou motivações elevadas. Se você estivesse tentando convencer um soviético de primeiro escalão a arriscar o pescoço pelo capitalismo, acredite em mim, Tommy, era necessário oferecer a ele aquilo em torno do que o capitalismo gira: dinheiro aos montes.

E você não oferecia apenas o dinheiro em si, porque ele não poderia gastá-lo enquanto estivesse trabalhando para você, tampouco poderia ostentá-lo, passar para os filhos, para a esposa ou para a amante. Se tentasse fazer isso, seria um grande idiota e mereceria ser descoberto, o que costumava acontecer.

Então você oferecia um pacote ao futuro espião.

Um elemento-chave do pacote era um banco ocidental tradicional, sólido e flexível, porque você sabe tão bem quanto eu, Tommy, que os russos amam a tradição. Outro elemento fundamental era um sistema impermeável para transferir a pilhagem conquistada a duras penas para os herdeiros e os cessionários sem as formalidades normalmente ligadas ao processo: legitimação de testamento, obrigações com o Estado, revelação total e as perguntas inevitáveis sobre a origem da pilhagem, todas essas coisas que você sabe, Tommy.

— Então era o caso do ovo e da galinha — Foreman prosseguiu com o mesmo tom terno enquanto Brue lutava para colocar o pensamento em ordem. — Nesse caso, o ovo vinha primeiro. Um ovo de ouro. Um coronel cooptado do Exército Vermelho que percebeu para onde os ventos estavam soprando e decidiu vender o patrimônio antes da Grande Quebra. Ele raciocinava do mesmo modo que vocês. Digamos que as ações da Soviéticas SA estavam em queda, e ele queria vender a parte dele antes que se tornasse lixo no mercado. E ele tinha muito a vender. Também tinha alguns amigos interessantes para apresentar a nós. Camaradas que pensavam como ele, que estrangulariam a própria mãe por um pouco de dinheiro vivo. Vou chamá-lo de Vladimir, certo? — ele sugeriu.

E eu, o chamarei de Grigori Borisovich Karpov, Brue estava pensando. E Annabel também. Depois das primeiras ondas de choque, uma calma inesperada havia tomado conta dele.

— Vladimir era um merda, mas era *nossa* merda, como não diz o ditado. Maldito demais, corrupto até as botas, mas com acesso ultraprivilegiado a segredos militares. O que, em nosso trabalho, é a receita exata para amor verdadeiro. Ele participava de três comitês de inteligência, servira nas forças especiais soviéticas na África, em Cuba, no Afeganistão e na Chechênia e fizera todo o barulho que você pode imaginar e mais um pouco. Ele conhecia todo irmão oficial corrupto, os esquemas que eles tramavam, sabia como ameaçá-los e como comprá-los. Coordenava uma máfia no Exército Vermelho cinco anos antes de qualquer pessoa fora da Rússia saber que havia máfias lá: sangue, petróleo, diamantes, heroína do Afeganistão transportada por aviões de carga do Exército Vermelho. Quando a unidade dele foi desmobilizada, Vladimir fez com que seus homens passassem a vestir ternos Armani mas mantivessem as armas. De que outra maneira poderiam negociar com a concorrência?

A esta altura, Brue estava fazendo o que havia decidido: não dizer nada, parecer atento mas sem envolvimento e perguntando-se secretamente por que Foreman estava lhe contando tudo aquilo tão detalhadamente e irradiando todo o seu considerável poder de conquistar amizades em direção a ele, como se os três já fossem irmãos em uma empreitada ainda por ser revelada.

— O problema era, e não foi a primeira vez que isso ocorreu em nosso negócio, nem a última, que, para manter Vladimir feliz, não precisávamos apenas colocar seu dinheiro em um banco e aumentar o valor; também precisávamos lavar o dinheiro para ele.

Surpreendentemente, à medida que Brue passava a conhecê-lo, Foreman parecia sentir que isso exigia alguma justificativa.

— Bem, se nós não fizessemos isso, os americanos teriam feito e estragado tudo. E foi assim que viemos a ter uma conversa tranquila com seu pai. Vladimir gostava de Viena. Já tinha sido delegado para lá algumas vezes. Gostava das valsas, dos puteiros e das Wiener Schnitzels. Que outro lugar poderia ser melhor para uma ocasional visita a seu dinheiro do que a boa e velha Viena? E seu pai foi, bem, maravilhosamente receptivo. Na verdade, teve muito gosto. Essa é uma das coisas interessantes a respeito dessa brincadeira. Quanto mais respeitável o sujeito é na vida pública, mas rápido vem correndo quando nós, espiões, assobiamos. No momento em que sugerimos as Lipizzaners, ele caiu fora. Se tivéssemos dado liberdade

a seu pai, teríamos transformado todo o banco em uma subdivisão do Serviço Secreto. Esperamos que, quando lhe explicarmos nosso pequeno problema, você sinta o mesmo, não é verdade, Ian? Não a parte sobre a subdivisão — gargalhadas alegres dos dois —, não seguiremos esse caminho, graças a Deus! Apenas, bem, uma ajudinha aqui e ali.

— Contamos com você, Tommy — Lantern concordou com seu sotaque leve do norte e o sorriso sempre pronto de um homem pequeno que tenta agradar.

E, outra vez, Foreman poderia ter pedido tempo decentemente, mas estava se aproximando do ponto central da história e não queria se distrair. Mario pairava ao redor com o cardápio de sobremesas. Brue também estava pairando, mas na sala particular de seu pai em Viena, com a porta trancada, revendo furiosamente a última parte da discussão inacabada que tivera com ele sobre as contas Lipizzaners: *Então agora me dizem que você era um espião britânico. Vendendo o Frères rio abaixo por uma medalha britânica. Que pena que você não foi capaz de me dizer isso pessoalmente.*

Foreman estava dizendo que o último posto de Vladimir fora na Chechênia. E, se Brue pegasse tudo que já tinha ouvido a respeito daquele inferno e multiplicasse por dez, teria uma ideia geral de como era aquele lugar — russos reduzindo tudo a cinzas e chechenos retribuindo sempre que tinham uma chance.

— Mas para Vladimir e seu grupo foi uma festa grande e longa — ele confidenciou no mesmo tom de intimidade, como se a história tivesse passado anos adormecida dentro dele e somente a presença de Brue conseguia extraí-la. — Bombardeios, bebedeiras, estupros e saques. Desviando petróleo e vendendo para quem pagasse mais. Depois, enfileirando os habitantes locais e matando-os pelo que havia feito para depois ser promovido pelo trabalho — desta vez, Foreman concedeu uma pausa, mesmo que somente para indicar uma mudança na direção da história. — De todo modo, esse era o pano de fundo, Tommy. E foi nesse pano de fundo que Vladimir se apaixonou. Ele tinha esposas em todo o mundo, mas esta, por algum motivo, o tocou. Alguma beldade chechena que ele agarrou, instalou no complexo de escritórios em Grozny e por quem se apaixonou perdidamente. E ela por ele, ou pelo menos foi disso que ele se convenceu. Amor e Vladimir não ficavam bem juntos, admito, ou não da maneira que você e eu possamos compreender a palavra. Mas,

para Vladimir, ela finalmente era um amor de verdade. Pelo menos, foi o que ele me contou. Bêbado. Em Moscou. Enquanto desfrutava de uma licença merecida do *front* checheno.

Foreman havia se tornado um agente na própria narrativa. Seu rosto havia relaxado, assim como a voz confidente. E Brue estava sendo convidado a ingressar em seu círculo de afeições estranhas, arrastando com ele Annabel e sua bicicleta.

— Em nosso negócio, Brue, conforme envelhecemos, essas são as partes de nossas vidas pelas quais damos os olhos para falar a respeito mas nunca podemos. Acredito que seja parecido em seu mundo.

Brue ofereceu alguma resposta trivial.

— Você está fechado em um esconderijo seguro e malcheiroso com seu contato no subúrbio de Moscou. Você tem proteção da embaixada e levou o dia todo para chegar lá sem ser percebido. Você tem no máximo uma hora com ele e está atento para passos nas escadas. Ele está lhe passando microfilmes sobre a mesa e você está tentando interrogá-lo e instruí-lo ao mesmo tempo. "Por que o general tal disse isso a você? Conte-me sobre sua base de foguetes e coisa e tal. O que você acha do novo procedimento de sinalização?" Mas ele não está ouvindo. Está com lágrimas descendo pelas bochechas e tudo que quer falar é sobre uma garota incrível a quem estuprou. E agora, que Deus o ajude, ela o ama e está carregando seu filho. E ele é o homem mais feliz do mundo. Ele jamais soube que poderia ser assim. Portanto, fico feliz por ele. Bebemos em homenagem a ela. Por Yelena, ou seja lá qual for seu nome. E pelo bebê, que Deus o abençoe. Esse é meu trabalho, ou costumava ser. Metade espião e metade assistente social. Ainda me restam sete meses. Só Deus sabe o que farei comigo. As firmas de segurança privadas estão na minha cola, mas acho que prefiro refletir sobre tempos passados — ele acrescentou de modo apaziguador e deu um sorriso triste que Brue tentou retribuir apropriadamente.

"Então, Vladimir estava apaixonado — continuou Foreman com mais empolgação. — E, como todos os grandes amores, aquele não durou. Assim que a mulher teve o filho, a família dela infiltrou um de seus irmãos no campo para matá-la. Vladimir estava desolado, como era de se esperar. Quando sua unidade foi transferida para Moscou e dissolvida, ele levou o garoto consigo. A esposa principal em Moscou não ficou muito feliz. Ela disse a Vladimir que ressentia ter que cuidar de um bastardo de

pele escura. Mas Vladimir não desistiu dele. Ele amava o garoto posto no mundo pelo amor de sua vida e fez dele o herdeiro para seu dinheiro sujo, e nada mudaria aquilo.

A história havia terminado? As sobrancelhas de Foreman se levantaram e ele deu de ombros, como que para dizer: o mundo é assim, o que se pode fazer.

— E agora? — Brue perguntou.

— Agora a grande roda da história deu uma volta completa, Tommy. O passado é passado, o filho de Vladimir é um homem e está a caminho para visitar o filho de Edward Amadeus e reivindicar o que lhe cabe.

Desta vez, Brue não foi conquistado tão facilmente quanto pareciam esperar. Ele estava crescendo dentro do papel, fosse lá qual fosse.

— Perdoe-me — ele começou, depois de invocar o sóbrio momento de reflexão de um banqueiro —, não quero estragar seu divertimento, mas tenho certeza de que se voltasse agora ao banco, pedisse os arquivos das contas Lipizzaners e estabelecesse qual cliente está mais próximo da descrição fornecida por vocês, além das provisões que fez para seu herdeiro...

Ele não precisou dizer mais nada. De um bolso no paletó, Foreman tirou um envelope branco que fez Brue se lembrar das caixinhas brancas com fitas do grudento bolo de casamento de sua filha, embaladas em guardanapos, que Georgie enviara aos amigos ausentes para celebrar o breve casamento com um artista de 50 anos chamado Millard.

Dentro do envelope havia um cartão branco com o nome KARPOV escrito com esferográfica. No outro lado, o nome Lipizzaner.

— O nome lhe diz algo? — indagou Foreman.

— O nome?

— Sim. Não o cavalo. O sobrenome do cara.

Mas Brue não fugiria em pânico. Alguma objeção obstinada estava se formando dentro dele e ia muito além do dever de descrição que tinha como banqueiro. Ia muito além dos surtos de rispidez escocesa que o acometiam sem aviso, os quais controlava rapidamente. E essa objeção tinha muitas ramificações, sobre as quais ele refletiria em momento apropriado, mas Brue sabia que Annabel Richter estava envolvida de alguma forma e que ela precisava de sua proteção, o que significava que Issa também precisava. Enquanto isso, ele responderia do modo que lhe ocorresse mais naturalmente. Ele se transformaria em um porco-espinho,

como Edward Amadeus costumava dizer. Ele se encolheria e arrepiaria os espinhos. Ele diria o mínimo e deixaria que eles preenchessem os silêncios.

— Eu precisaria conferir com meu caixa-chefe. As Lipizzaners são como um mundo à parte no Frères — ele disse. — Meu pai quis que fosse assim.

— Você está dizendo *a mim* que foi ele quem quis! — exclamou Foreman. — Seu túmulo proverbial era uma verdadeira *matraca* no que dizia respeito à Embaixada Britânica! Exatamente o que eu disse a Ian antes de você chegar. Não foi, Ian?

— Essas foram as palavras dele, Tommy. Literalmente — disse o pequeno Lantern com seu belo sorriso.

— Então, talvez você saiba mais sobre elas do que eu — sugeriu Brue. — As Lipizzaners permanecem como uma área cinzenta para mim. Elas têm sido uma espinha na garganta de meu banco por duas décadas. Lantern, diferentemente de Foreman, não se debruçou sobre a mesa para confidenciar com Brue, mas sua voz do norte, como a de Foreman, sabia como permanecer em um volume mais baixo que o da música.

— Tommy. Explique-nos o procedimento. Se o rapaz em questão, ou alguém delegado por ele e equipado com a senha ou a referência necessária, entrasse em seu banco, certo?

— Estou ouvindo e Annabel também, com atenção.

— E essa pessoa reclamasse uma conta Lipizzaner, limpasse a conta, pode-se dizer, em que ponto isso chegaria a seu conhecimento? Seria imediatamente? Dois dias depois? Como funcionaria?

Brue, o porco-espinho, deixou a dúvida sem resposta por tanto tempo que Lantern poderia ter se perguntado se a teria entendido.

— Antes de tudo, presume-se que ele marcaria um encontro e declararia suas intenções — ele disse com cautela.

— E se o fizesse?

— Nesse caso, minha assistente-sênior, *Frau* Ellenberger, iria me alertar antecipadamente. E, estando tudo bem, eu me colocaria à disposição. Se houvesse um elemento pessoal, não tenho certeza se isso se aplica a tal caso, mas digamos, pelo bem do argumento, que haja, se o pai *dele* conheceu *meu* pai, por exemplo, e ele especificasse isso, então, obviamente, eu faria questão de recebê-lo mais calorosamente. O Frères reserva muita coisa em função desse tipo de continuidade — ele deu

algum tempo para que a ideia se sedimentasse. — Se, por outro lado, não fosse marcado um encontro e eu estivesse em uma reunião ou afastado de minha mesa, então seria possível, mas improvável, que o negócio fosse realizado sem meu conhecimento. O que seria desagradável. Eu lamentaria.

A julgar pelo ar preocupado de Brue, ele parecia já estar se lamentando.

— Obviamente, as Lipizzaners são essencialmente uma categoria à parte — ele prosseguiu em tom reprovador. — E, francamente, não é uma categoria muito feliz. Se pensarmos muito sobre elas, suponho que, com o tempo, tenhamos passado a considerar as que nos restaram como adormecidas ou trancadas. Não há correspondência direta com os clientes. Todos os documentos e contas são mantidos no banco. Esse tipo de coisa — acrescentou com desdém.

Foreman e Lantern trocaram olhares, aparentemente incertos quanto a quem falaria a seguir, e até que ponto iriam. De certo modo para a surpresa de Brue, Lantern decidiu que seria ele.

— Tommy, compreenda que precisamos falar com o garoto com urgência — ele explicou com seu sotaque do norte em um volume ainda mais baixo. — Precisamos falar com ele de forma privada e imediata. Extraoficialmente e assim que ele aparecer. Antes que ele fale com qualquer outra pessoa. Mas precisa ser natural. A *última* coisa que queremos que ele pense é que existe alguém de olho nele, ou que os funcionários foram alertados de algum modo, ou que existe algum objetivo em função dele, no banco ou em qualquer outro lugar. Isso destruiria tudo de uma vez por todas, certo, Ted?

— Completamente — Foreman confirmou em seu novo papel de segundo violino.

— Ele entra, anuncia sua presença e vê quem veria normalmente. Ele faz o requerimento, faz seu negócio e, enquanto faz isso, você nos avisa. É tudo que pedimos neste estágio — disse Lantern.

— Como *exatamente* aviso vocês?

Novamente Foreman, como auxiliar de Lantern: — Você telefona para Ian em Berlim. Imediatamente. Antes mesmo de apertar a mão do rapaz ou que ele suba para seu andar para tomar um café em seu escritório. "O rapaz está aqui." É tudo que precisa dizer. Ian cuidará do resto. Ele tem pessoas. Os telefones dele são monitorados o dia todo.

— Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana — confirmou Lantern, entregando seu cartão a Brue por cima da mesa.

Um timbre em preto e branco que poderia ser da realeza. *Embaixada Britânica, Berlim. Ian K. Lantern, Conselheiro, Defesa & Relações Internacionais*. Uma série de números telefônicos. Um deles estava sublinhado com uma esferográfica azul e marcado com uma estrela. Como eles sabem que meu escritório fica no andar superior? Do mesmo modo que Annabel sabia? — passando de bicicleta pela minha janela? Evitando contato visual com os anfitriões, Brue colocou o cartão de Lantern no bolso junto com o cartão marcado com "Karpov" e "Lipizzaner".

— Portanto, o cenário que estão me propondo é presumivelmente o seguinte — Brue sugeriu. — Corrijam-me se estiver errado. Um cliente novo em folha entra em meu banco. Ele é filho de um cliente importante que está morto. E reclama uma... uma quantia considerável de dinheiro. E, em vez de aconselhá-lo, como deveria fazer, sobre como poderíamos cuidar da melhor maneira do dinheiro para ele e investi-lo, entrego-o a vocês sem nem mesmo o consultar...

— Errado, Tommy — Lantern o corrigiu. O sorriso não havia mudado.

— Por quê?

— Não *em vez de*. Além de. Queremos que faça as duas coisas.

Primeiro, avise-nos, e depois se comporte como se não o tivesse feito. Ele não sabe que você nos informou. A vida segue de modo completamente normal.

— Então devo mentir.

— Se prefere colocar dessa forma.

— Durante quanto tempo?

— Receio que isso seja assunto nosso, Tommy.

Talvez Lantern tenha soado um pouco mais abrupto do que pretendia, ou talvez Foreman, como o homem mais velho, apenas tenha achado isso, e sentiu que precisava fazer uma correção.

— Ian só precisa ter uma conversa muito privada que vai ajudar muito o rapaz, Tommy. Você não estará ferindo nem um fio de cabelo de seu novo cliente Se pudéssemos contar a você toda a história, você acharia que estamos oferecendo a ele uma ajuda considerável.

Ele está se afogando. Tudo que precisa fazer é esticar a mão, uma voz de corista dizia a ele.

— Ainda assim, acho que vocês concordariam que se trata de um pedido muito grande a se fazer a um banqueiro — Brue insistiu enquanto os dois homens trocavam olhares. Desta vez, a tarefa de responder recaiu sobre Foreman.

— Digamos apenas que há uma parte confusa da história que precisa ser esclarecida, Tommy. Você aceitaria isso? Alguns pontos sem nó deixados por um certo cliente seu já falecido.

— Se não os pegarmos agora, eles poderiam voltar para assombrar a *todos nós* de maneira bem grave, Tommy — Lantern concordou sinceramente. Aparentemente, referia-se aos pontos sem nó. Os pontos sem nó que voltariam para assombrá-los.

— *Todos nós*? — repetiu Brue.

Depois de outro olhar para Lantern, Foreman deu de ombros resignadamente, indicando que, tendo ido tão longe, poderia muito bem ir até o fim e ser condenado.

— Não tenho certeza se fui instruído a dizer isso, Tommy. Mas direi mesmo assim. Existe um ponto de interrogação em Londres em relação a como tudo isso poderia afetar seu banco se não o ajudarmos, se é que me entende.

— Estamos fazendo absolutamente tudo que podemos, Tommy. No nível mais elevado possível.

— Não se pode ir mais alto — Foreman concordou.

— Só mais uma coisa, Tommy — Lantern acrescentou como um aviso. — É possível que haja alguns alemães estranhos bisbilhotando. Se isso realmente acontecer, pedimos novamente que nos avise de imediato para que possamos resolver o problema. O que, é claro, faremos sem delongas. Desde que você nos dê uma chance.

— Mas o que, por Deus, os alemães poderiam querer? — Brue perguntou, pensando que pelo menos uma alemã já estava bisbilhotando, mas não era para esse tipo de alemães que estavam chamando sua atenção.

— Talvez eles não gostem muito de banqueiros ingleses operando contas negras no território deles — sugeriu Lantern, levantando suas sobrancelhas jovens.



No táxi, Brue checkou o celular e telefonou para *Frau* Ellenberger. Não, nenhum sinal dela, *Herr* Tommy. Nem em sua linha direta.

Havia um lugar, um lugar precioso, aberto ao público mas ainda assim privado para ele, onde Brue se refugiava quando a vida ficava opressiva. Era um pequeno museu dedicado à obra do escultor Ernst Barlach. Brue não era um aficionado por arte, e Barlach era não mais do que um nome em sua cabeça — bastante vago, diga-se de passagem —, até um dia, havia dois anos, quando Georgie, com a voz inexpressiva, informara a ele num telefonema transatlântico que seu bebê de seis dias estava morto. Ao receber a notícia, ele foi até a rua, chamou o primeiro táxi e disse ao motorista idoso e, julgando pelo nome na licença, croata, que o levasse para um lugar privado, sem especificar qual. Meia hora depois, sem que nem mais uma palavra fosse trocada entre os dois, eles se aproximaram de um prédio baixo de tijolos na extremidade de um grande parque. Durante um momento nauseante, Brue acreditou que tivesse sido levado a um crematório, mas havia uma mulher vendendo ingressos em uma mesa, de modo que comprou um e entrou em um pátio envidraçado habitado apenas por figuras míticas.

Uma das figuras estava vestida de monge, flutuando. Outra estava entregue à depressão e uma terceira à contemplação ou ao desespero. Outra gritava, mas não era possível dizer se de dor ou de prazer. O que era evidente para Brue, no entanto, era que cada figura estava tão solitária quanto ele próprio e que cada uma estava comunicando alguma coisa, mas ninguém as ouvia, cada uma em busca de um consolo que não estava disponível, o que, por si só, já era uma espécie de consolo.

E que, de modo geral, a mensagem de Barlach ao mundo era de uma compaixão profunda e perplexa por seu sofrimento, motivo pelo qual, desde aquele dia, Brue tenha ido até lá talvez uma dúzia de vezes, quando estava em desespero temporário — o cão negro, como Edward Amadeus o chamava —, quando as coisas estavam indo seriamente mal no banco ou, por exemplo, quando Mitzi lhe disse, praticamente com todas as letras,

que ele não preenchia os padrões exatos que exigia em um amante, algo que ele mais ou menos presumira, mas preferiria não ter ouvido. Mas ele nunca tinha ido até lá no mesmo estado de raiva adiada e de perplexidade em que não encontrava agora.

Eu mantive minha palavra, ele disse aos amigos íntimos de Barlach. *Eu a defendi e dissimulei*. Menti como eles mentiram: por omissão. As mentiras deles continham tantas omissões que, quando terminaram de contá-las, eu só conseguia ouvir as mentiras. Mentiras de espões, não ditas em voz alta mas, como centros vazios, descritas pelo que não era dito: Issa nunca foi, nem é agora, muçulmano. Mentira.

Issa nunca foi um ativista checheno. Nunca foi ativista de ninguém. Mentira.

Issa é apenas um filho de espião comum, sem nada de especial, assim como eu, em vias de reclamar seu legado sujo de mim. Mentira.

E ele *certamente* não foi torturado nem preso, tampouco escapou da prisão, por Deus!

E ele não está *remotamente* conectado a um suposto terrorista islâmico fugitivo que é procurado pelos suecos e aparece em todos os sites policiais — incluindo, o que é uma premissa justa, o do Serviço Secreto Britânico.

Não para tudo isso! O problema de Issa — se for problema dele — está ligado a uma história suja, seja ela qual for. Ele gira em torno de alguns pontos sem nó deixados por nossos pais, o que nos torna, de alguma maneira indefinida, culpados em conjunto.

Mas, piedosamente, se eu fizer tudo que me mandaram, os senhores Foreman e Lantern, com a assistência do nível mais elevado, salvarão minha pele E, enquanto estiverem fazendo isso, também me salvarão dos alemães.

Mas Brue não estava em desacordo consigo mesmo quando se despediu de Barlach e caminhou para o parque ensolarado. Ele não dera um mau passo. Um grito barlachiano de dor e prazer cresceu dentro dele à medida que despertou para a realidade de seus sentimentos. Desde o encontro no Atlantic, há tanto tempo, Annabel Richter fora uma força instrutiva, até mesmo *moral*, ele poderia dizer. A partir daquele momento, ele não havia visto nem pensado coisa alguma sem se referir a ela mentalmente: seria esse o caminho certo, será que Annabel aprovaria?

Inicialmente, ele vira a si próprio como a vítima usada em uma operação hostil. Depois, zombou de si mesmo: eu, um adolescente de 60

anos, lutando contra minha testosterona minguante. Em nenhum instante a terrível palavra amor, seja lá o que significasse para ele, entrou no diálogo que travava consigo. Amor era Georgie. Todo o resto — o hálito quente e pegajoso, os protestos eternos —, francamente, era para os outros. Elimine a pose, e ele se perguntou se realmente seria para os outros, mas era algo que só dizia respeito a eles. Ainda assim, quando alguém com a metade de sua idade invade sua vida e se nomeia seu mentor moral, você se senta e escuta, obrigatoriamente. E se ela for a mulher mais atraente e interessante e o amor mais impossível que jamais atravessou seu caminho, os motivos são ainda mais fortes.

E sexo? Quando se casou com Mitzi, ele sabia que estava dando um passo maior do que as pernas. Ele não tinha rancor em relação a ela por causa disso, e nem ela em relação a ele, aparentemente. Se obrigado a assumir um ponto de vista, ele provavelmente argumentaria que ela o mantivera no estilo ao qual estava acostumado e lhe mandava a conta, o que era justo. Brue não podia culpá-la por ter apetites que ele não conseguia satisfazer.

Agora, ele pelo menos era capaz de compreender a si mesmo. Ele havia confundido sua necessidade. Havia investido no mercado errado. Brue não estava em busca de sexo. Era *isto*. E agora encontrara *isto*, o que era um esclarecimento importante e muito chocante de sua própria natureza. A testosterona minguante não era um problema. O problema era *isto*, e *isto* era Annabel.

E, era por *isto*, tanto quanto por qualquer outra razão, que ele mentira aos senhores Lantern e Foreman. Eles falaram a respeito de seu pai como se fossem donos dele. Eles intimidaram o filho em nome do pai, também achando donos dele. Eles chegaram perto demais de um território que pertencia somente a ele e a Annabel, e ele os mantivera a distância. Ao fazer isso, ele entrara de modo consciente e deliberado na zona de perigo dela, a qual agora compartilha com Annabel. E como consequência, a vida se tornara intensa e preciosa para ele, pelo que agradecia a ela com todo o coração.

— E a casa de Brue Frères está sucumbindo — observou Mitzi. Era a mesma noite. Estavam sentados no jardim de inverno, admirando as plantas. Brue estava tomando Calvados, presente de um cliente francês.

— É mesmo? — ele respondeu com leveza. — Eu não sabia. Quem diz isso, se é que posso perguntar?

— Bernhard, que ouviu de seu amigo geriátrico Haug von Westerheim, que supostamente sabe dessas coisas. É verdade?

— Ainda não. Não que *eu* saiba.

— *Você* está sucumbindo?

— Não perceptivelmente. Por quê?

— Você parece incapaz de controlar seus sinais. Em um instante, saltita como um cachorrinho e, no outro, odeia todos nós. É uma mulher, Tommy? Eu tinha a impressão de que você já tinha desistido de nós a esta altura.

Mesmo pelas regras dos jogos que jogavam — e dos que não jogavam —, a pergunta era incomumente direta, e Brue permitiu-se levar um tempo incomumente longo para responder.

— Um homem, na verdade — ele respondeu, refugiando-se mentalmente em Issa. Com isso, Mitzi abriu um sorriso como se soubesse de alguma coisa e voltou a ler seu livro.

8

O prédio não era um santuário — pelo menos, não do lado de fora. Era um cúmplice culpado e maltrapilho do período nazista, espremido em uma esquina entre armazéns clandestinos e extravagantes de cigarros. Em suas úmidas paredes, pichações de crepúsculos tropicais e obscenidades. De um lado ficava um pequeno café chamado Asyl e do outro um mercado afro-asiático de roupas usadas. Dentro, no entanto, tudo era pressa, eficiência e otimismo determinado.

E esse era o clima da manhã de segunda-feira quando Annabel, esforçando-se ao máximo para aparentar normalidade, subiu as escadas carregando a bicicleta até o lugar habitual no saguão de entrada, acorrentou-a a um mu" e seguiu as setas pintadas com purpurina: subiu a escada de tijolos até li recepção, onde acenou e esperou como de costume até que Waganza, a recepcionista, a visse através da porta de vidro e apertasse o botão que destrancava a porta; entrou na recepção, passando pelas fileiras habituais de homens em ternos marrom, mulheres em *hijabs* e crianças na área infantil com paredes de vidro empilhando blocos de construção, dando alface para a família de tartarugas ou enfiando os dedos ansiosamente entre a cerca de arame da casa dos coelhos — e por que todos estavam tão quietos naquela manhã ou era sempre assim? —, entrou na sala onde Lisa e Maria, as arabistas da casa, já estavam sentadas ao lado dos primeiros clientes do dia; um rápido olá e um sorriso para cada uma; depois seguiu pelo corredor dos advogados que, por causa dos raios do sol da manhã, parecia-se mais com um caminho para o paraíso — e por que a porta de Ursula estava fechada tão cedo numa segunda-feira com a luz vermelha acesa acima dela, a qual dizia para ninguém entrar? Ursula, que se orgulhava de manter a porta aberta para todo o mundo e impelia a todos a fazerem o mesmo? —, até chegar a seu próprio escritório, onde tirou a mochila das costas, colocou-a no chão como o fardo de culpa no qual havia se transformado, sentou-se à mesa, fechou os olhos e colocou as mãos na cabeça por um instante, antes de buscar refúgio no computador, olhando para a tela sem ver nada.

Na tranquilidade repentina do escritório, na mesma sala onde recebera, encaminhado por Ursula, o primeiro telefonema de Melik, que implorava

para que visitasse seu amigo que falava russo e que precisava desesperadamente da ajuda dela, Annabel reviu o fim de semana como se ele compreendesse toda sua vida.

As peças ainda se recusavam a se encaixar. Ao longo de dois dias e duas noites, ela o visitara cinco vezes: ou teriam sido seis? Ou sete, se contar a vez em que o levou para lá? Novamente na noite de sábado. Duas vezes no domingo. Outra vez ao amanhecer do dia de hoje, quando interrompi suas orações. Quantas vezes no total? Mas peça a ela para relatar com precisão as horas que passara com ele, que as organize em algum tipo de ordem racional — o que falaram enquanto caminhavam cada um em sua corda bamba, quando haviam rido e quando haviam se recolhido cada um a seu canto —, e tudo se fundia, os incidentes começavam a trocar de lugar.

Teria sido para o jantar de sábado que cozinham juntos no escuro uma sopa de batata com cebola em seu fogareiro de acampamento, como crianças ao redor de uma fogueira?

— Por que não acende a luz, Annabel? Está na Chechênia, esperando um ataque aéreo? É ilegal acender as luzes hoje? Nesse caso, toda Hamburgo está na ilegalidade.

— É melhor não chamar atenção desnecessariamente, é tudo.

— Às vezes, o escuro chama mais atenção do que a luz — ele observou depois de uma longa reflexão.

Nada que não fizesse sentido para ele; sentidos do mundo dele, e não do dela. Nada que não tivesse um toque de uma profundidade conquistada a duras penas, alcançada diante do desespero.

Teria sido na manhã de domingo que ela levava para ele jornais russos da banca da estação de trens — ou na tarde? Ela lembrava de ter pedalado até a estação e de ter gasto uma pequena fortuna comprando o *Ogonyok*, o *Novi Mir* e o *Kommersant*, como que pensando melhor, flores no estande da estação. A primeira ideia fora uma begônia da qual ele pudesse cuidar. Depois, considerando os planos que tinha para Issa, decidiu que seria melhor comprar flores cortadas, mas quais? Será que rosas representavam amor para ele? Que Deus a proteja. Ela se satisfez com tulipas, apenas para descobrir que não cabiam na caixa presa na dianteira da bicicleta, de modo que acabou carregando-as com uma das mãos, como uma tocha olímpica, por todo o trajeto até a frente do porto, somente para descobrir que o vento havia arrancado as pétalas.

E quando se sentaram em extremidades opostas do *loft*, ouvindo Tchaikovsky, e ele saltou repentinamente, desligou o toca-fitas e retornou para seu lugar no caixote abaixo da janela em arco para recitar para Annabel um poema heroico checheno sobre montanhas, rios, florestas e o amor frustrado de um nobre caçador checheno — traduzindo arbitrariamente trechos para o russo quando tinha vontade ou, como ela suspeitava, quando sabia o que significavam, o que não era sempre o caso, e segurando o bracelete de ouro enquanto falava — bem, aquilo tinha sido na noite anterior ou no sábado?

E quando ele descrevera, durante uma reminiscência distraída, um espancamento que havia sofrido enquanto era levado de uma sala para outra por dois homens a quem insistia em chamar de "os japoneses", apesar de não ficar claro se a expressão era uma descrição verdadeira da etnia deles ou o apelido que tinham na prisão e se o espancamento ocorrera na Rússia ou na Turquia? Ele só se importava com as salas: naquela sala, bateram em meu pé, na outra, em meu corpo, e em outra me deram choques elétricos.

Não importa quando tinha acontecido, aquele fora o momento em que se sentira mais inclinada a se apaixonar por ele, quando a intimidade em tal escala se tornou um ato de estupenda generosidade e todo o seu ser estava reagindo a ele: devem tudo a ele, ele está se humilhando para que eu possa conhecê-lo e curá-lo. O que posso oferecer em troca? Mas, assim que a resposta ameaçou se apresentar, Annabel retraiu-se por completo, porque naquele caminho jazia a negação da promessa que havia feito a si própria: colocar a vida dele — e não o amor — acima da lei.

Ela também lembrava das longas passagens em que, como alguém que viveu sozinho por muito tempo, ele mal falava, ou permanecia em silêncio. Mas os silêncios de Issa não eram opressivos. Annabel os recebia como uma espécie de elogio, mais um ato de confiança. E quando terminavam, ele tagarelava tanto que os dois eram como amigos antigos que se reencontravam e ela se via retribuindo na mesma moeda, falando sobre a irmã, Heidi, e seus três bebês, sobre Hugo, o médico brilhante de quem tanto se orgulhava — Issa não se cansava de ouvir sobre ele — e até mesmo sobre o câncer da mãe.

Mas nunca sobre o pai, não pergunte por quê. Talvez por causa do antigo posto de adido civil em Moscou. Ou talvez ela sentisse a longa

sombra do coronel Karpov. Ou talvez Annabel soubesse que agora, finalmente, era ela quem controlava a própria vida, e não o pai.

Mas ela era a advogada de Issa, e não uma simples anfitriã. Não uma, mas meia dúzia de vezes, ela o persuadiu, implorou a ele, praticamente o ordenou a fazer um requerimento formal da herança, mas sempre sem sucesso. O que ela esperava que ele viesse a ganhar fazendo a solicitação era algo sobre o que mal ousava pensar. Mas quem poderia duvidar de que, se o tamanho da herança fosse tão grande quanto Brue insinuara, todos os tipos de portas se abririam misteriosamente para ele? Ela ouvira sobre casos — alguns sussurrados no próprio Santuário — de árabes e asiáticos ricos cujos históricos eram sujos até os céus, e ainda assim tinham recebido um tratamento bondoso na forma de uma boa propriedade e uma boa conta bancária na Alemanha.

Primeiro, cuide dele, ela dizia para si própria. Quando ele estiver calmo e forte, trabalhe nele para valer. Espere a solução de Hugo.

E Brue? De modo realista, mas também intuitivamente, ela acreditava que passara a compreender quem ele era: um homem rico e solitário na fase final da vida, em busca da dignidade do amor.



O telefone estava tocando.

Ligação interna de Ursula.

— Estamos adiando nossa reunião habitual de segunda-feira para as 14 horas, Annabel. Tudo bem para você?

— Tudo bem.

Nada bem. A voz incisiva de Ursula era um aviso. Ela tinha alguém na sala com ela. Estava falando para uma plateia.

— *Herr* Werner está aqui.

— Werner?

— Do Gabinete de Proteção à Constituição. Ele deseja lhe fazer algumas perguntas sobre um cliente seu.

— Ele não pode fazer isso. Sou advogada. Ele não tem permissão para perguntar e eu não tenho autorização para responder. Ele deve conhecer a

lei tão bem quanto você e eu.

E, quando Ursula não disse nada: — Sobre qual cliente ele está falando, afinal de contas?

Ele está ao lado dela, Annabel pensou. *Está ouvindo tudo que falamos*.

— *Herr* Werner está acompanhado por um *Herr* Dinkelman, Annabel, também do Gabinete de Proteção. São cavalheiros muito sérios e desejam discutir com você, com urgência, "uma afronta pública temida, a qual se acredita estar prestes a acontecer".

Ela está citando as palavras deles, devorando-os deliberadamente em meu benefício.

Herr Werner beirava os 30 anos e era gordo, com olhos pequenos e aguados, sobrancelhas claras e um brilho no rosto pálido e alimentado em excesso. Quando Annabel entrou na sala, Ursula estava sentada em sua mesa e *Herr* Werner estava de pé atrás dela, exatamente como Annabel o imaginara, com a cabeça inclinada para trás e a boca formando uma curva imperiosa para baixo enquanto submetia Annabel a uma revista visual prolongada: rosto, seios, coxas, pernas e, novamente, o rosto. Concluída a inspeção, deu um passo rígido à frente, pegou a mão de Annabel e se curvou sobre ela com uma pequena mesura.

— *Frau* Richter. Meu nome é Werner. Sou uma daquelas pessoas que são pagas para ajudar o grande povo alemão a dormir em paz à noite. Sob a lei, meu Gabinete tem responsabilidades, mas nenhum poder executivo. Somos oficiais, e não policiais. A senhora é advogada, e portanto já sabe disso. Permita-me apresentar *Herr* Dinkelman, de nossa unidade de coordenação — prosseguiu, largando a mão dela.

Mas, inicialmente, *Herr* Dinkelman, de nossa unidade de coordenação, estava invisível. Ele havia se sentado em um canto atrás da mesa de Ursula, e só agora aparecia. Tinha quarenta e poucos anos, cabelos claros, era atarracado e tinha um ar de autopiedade que parecia reconhecer que seus melhores dias já haviam passado. Vestia um paletó de bibliotecário amassado de linho e uma gravata xadrez velha.

— *Coordenação?* — repetiu Annabel, olhando de lado para Ursula. — O que o senhor *coordena*, *Herr* Dinkelman? Ou não temos permissão para saber?

O sorriso de Ursula foi no máximo morno, mas o de *Herr* Dinkelman foi brevemente encantador: um sorriso de palhaço, indo até os ossos da face.

— *Frau* Richter, sem mim o mundo não coordenado desmoronaria imediatamente — ele disse em tom bem-humorado, segurando a mão de Annabel por um pouco mais de tempo do que ela considerava necessário.

Os quatro se sentaram em círculo ao redor da mesa baixa de madeira de pinheiro, com Ursula, com seus olhos azuis, as costas rígidas e o cabelo prematuramente grisalho enrolado em um coque, no papel de mãe. Ursula tinha cadeiras tão profundamente acolchoadas que era impossível ficar imponente nelas. Em cada cadeira havia uma de suas almofadas bordadas a mão. Administro minha raiva trabalhando com as agulhas, ela dissera a Annabel em uma das pequenas conversas que travavam. Havia garrafas térmicas de tamanho industrial, leite, açúcar, canecas e um arranjo orgulhoso de diferentes tipos de água. Ursula é uma gourmet da água, como eu. E entre o café e a bandeja de água havia uma grande foto em papel brilhante de Issa, com seu rosto inteiro e os dois perfis.

Mas Annabel era a única pessoa olhando para a fotografia de Issa, como ela própria percebeu gradualmente. Todos os outros olhavam para ela: Werner demonstrando astúcia profissional, Dinkelman com seu sorriso de palhaço e Ursula com a impassividade estudada que adotava em momentos de crise.

— Você reconhece este homem, Annabel? — indagou Ursula. — Como advogada, não precisa dizer nada a estes cavalheiros a menos que você seja objeto de uma investigação.

— Você e eu sabemos disso.

— Nós também, *Frau* Meyer! — *Herr* Werner gritou enfaticamente. — Desde o primeiro dia de nosso treinamento! Advogados são uma área impenetrável. Mantenha os dedos longe deles, especialmente se forem mulheres! — afirmou, saboreando a insinuação. — E não esquecemos que também há a exigência de confidencialidade que recai sobre a senhora, *Frau* Richter, em relação a seu cliente. Também respeitamos isso. Plenamente, não é verdade, Dinkelman?

O sorriso de palhaço confirmou com humildade: — *Plenamente*.

— Seria completamente ilegal tentarmos persuadir *Frau* Richter a violar a confidencialidade do cliente. Para a senhora também, *Frau* Meyer. Nem mesmo *a senhora* poderia convencê-la! A menos que ela seja pessoalmente objeto de uma investigação, o que não é o caso, é óbvio. Não no presente momento. Ela é advogada, é uma cidadã, e leal, presumimos, e membro de uma distinta família de advogados. Tal pessoa não é objeto de

investigação, a menos que as circunstâncias sejam altamente excepcionais. Esse é o espírito de nossa Constituição, e somos protetores dela em espírito e de acordo com a lei. Portanto, naturalmente, sabemos disso.

Finalmente, ele parou de falar. E esperou enquanto a observava. Todos fizeram o mesmo, e Dinkelman era o único que sorria.

— Na verdade, eu *realmente* reconheço este homem — Annabel aceitou depois de uma longa pausa para indicar suas preocupações profissionais. — É um de nossos clientes. Recente — dirigindo-se a Ursula, e somente a ela. — Você não o conheceu, mas o encaminhou para mim porque ele fala russo — pegando calmamente a fotografia, fingiu examiná-la com mais cuidado e colocou-a de volta sobre a mesa.

— Qual é o *nome* dele, por favor, *Frau* Richter? — Werner deixou escapar no ouvido esquerdo de Annabel. — Não a estamos pressionando. Talvez a senhora também esteja comprometida a preservar a confidencialidade do nome dele. Se for o caso, não a pressionaremos. Mas acontece que temos uma ofensa pública em potencial que está prestes a ocorrer. Mas deixe para lá.

— O nome dele é Issa Karpov. Ou pelo menos é o que ele diz — ainda com firmeza e, deliberadamente, para Ursula —, ele é metade russo, metade checheno. É o que diz. Com alguns clientes, não é possível ter certeza, como nós duas bem sabemos.

— Oh, mas *nós* podemos ter certeza, *Frau* Richter! — Werner a contradisse com um vigor inesperado. — Issa Karpov é um criminoso islâmico russo com um longo histórico de condenações por ações militares. Ele entrou ilegalmente na Alemanha, contrabandeado por *outros* criminosos, talvez também islâmicos, e não possui nenhum direito neste país.

— Todos têm direitos, com certeza — Annabel sugeriu em uma reprovação delicada.

— Não na situação dele, *Frau* Richter. Não na situação dele.

— Mas o senhor Karpov procurou o Santuário Norte para *regularizar* sua situação — Annabel objetou.

Werner fingiu gargalhar.

— Oh, céus! Seu cliente não lhe disse que quando o navio no qual estava atracou em Gotemburgo ele fugiu da prisão para entrar ilegalmente na Alemanha? E que depois, em Copenhague, voltou a escapar? Depois de escapar da Turquia e, antes disso, da Rússia?

— O que meu cliente me disse é uma questão que diz respeito somente a ele e a mim, não podendo ser divulgado a terceiros sem o consentimento dele, *Herr Werner*.

A expressão de Ursula era a mais inescrutável possível. Ao lado dela, *Herr Dinkelmann* passava os dedos grossos sobre os lábios, de um lado para o outro, enquanto observava Annabel com um sorriso paternal.

— *Frau Richter* — Werner prosseguiu com um tom que indicava que sua paciência estava chegando ao fim —, estamos procurando com *urgência* um *fugitivo islamita violento*. Um homem desesperado, suspeito de manter ligações terroristas. É nosso dever proteger as pessoas dele. E protegê-la também, *Frau Richter*. A senhora é uma mulher solteira e indefesa, além de muito atraente, se é que posso dizer isso. Portanto, pedimos à senhora e a *Frau Meyer* que nos auxiliem em nosso dever. Onde este homem pode ser encontrado, por favor? E a segunda pergunta, que talvez seja a primeira; *quando o viu pela última vez?* Mas somente se quiser responder, é claro. Talvez a senhora não se incomode em proteger um terrorista ou possibilitar a ocorrência de uma afronta pública.

Com a intenção de saber a opinião de Ursula quanto à propriedade da pergunta, Annabel virou-se para se dirigir a ela, mas o intervalo foi longo demais para que *Herr Werner* pudesse suportar: — Não precisa perguntar à sua diretora, *Frau Richter*! Deixe-me dizer o que sei e poderá decidir qual é a resposta correta segundo os interesses de seu cliente. Ninguém a está obrigando. Temos testemunhas. *O que fez com Issa Karpov depois que deixaram a casa da senhora Leyla Oktay às quatro da manhã de sábado?*

Então eles sabem.

Sabem alguma coisa, mas não tudo.

Eles sabiam por alto, mas não tudo. Ou, pelo menos, era no que ela deveria acreditar. Se soubessem de tudo, Issa estaria em um voo para São Petersburgo a esta altura, como Magomed, acenando os punhos algemados para ela da janela do avião.

— *Frau Richter*. Pergunto novamente, por favor. O que fez com Issa Karpov depois que saíram da casa dos Oktay?

— Eu o acompanhei.

— A pé?

— A pé.

— Às quatro da manhã? Faz isso com todos os clientes? Caminha pelas ruas com eles ao amanhecer? Isso é uma prática normal para uma

advogada jovem e atraente? Se estiver pedindo novamente que quebre a confidencialidade do cliente, retiro completamente a pergunta. A senhora atrapalhará nossas investigações, mas deixe para lá. Nós o pegaremos, mesmo que seja tarde demais.

— Nossa discussão se estendeu até o final da madrugada, o que não é incomum com clientes de origem oriental ou asiática — Annabel prosseguiu, depois da devida reflexão.

— Havia tensão na residência dos Oktay. O Sr. Karpov não queria se aproveitar mais da hospitalidade deles. Ele é um homem de sensibilidade considerável. A situação irregular dele estava se tornando uma fonte de ansiedade para eles, e ele tinha consciência disso. Eles também estão prestes a partir de férias para a Turquia.

Annabel ainda estava dirigindo as respostas a Ursula, e não a Werner. Ela as estruturava em frases curtas, conferindo uma a uma com Ursula antes de seguir adiante. Ursula, como uma esfinge, olhava para o nada com os olhos semicerrados enquanto o relaxado *Herr* Werner, sentado a seu lado, preservava o sorriso terno.

— Descreva exatamente seu trajeto, por favor, *Frau* Richter! E também os meios de transporte. Devo avisar que a senhora está em uma situação potencialmente perigosa, e não somente por causa de Issa Karpov. Não somos policiais, mas temos responsabilidades. Prossiga, por favor.

— Fomos a pé até Eppendorfer Baum e pegamos o metrô.

— Para onde? Por favor, conte a história toda, e não uma parte de cada vez.

— Meu cliente estava aflito e o trem o perturbou. Depois de quatro estações, pegamos um táxi.

— Pegaram um táxi. Sempre uma coisa de cada vez. Porque precisa entregar os fatos como se fossem moedas de ouro, *Frau* Richter? Pegaram um táxi para onde?

— Inicialmente, não tínhamos destino certo.

— Isso é uma piada! A senhora deu um endereço ao motorista: um cruzamento a menos de um quilômetro do Consulado Americano! Como pode dizer que não tinha *destino* certo quando deu um destino ao motorista?

— Muito facilmente, *Herr* Werner. Se pudesse entrar por um instante na mentalidade de muitos de nossos clientes, compreenderia que coisas assim acontecem todos os dias — ela foi brilhante. Nenhuma palavra fora

do lugar. Nem mesmo uma falta menor. Ela nunca tinha sido tão boa nos jogos de mentiras legais dos fóruns familiares. — O Sr. Karpov tinha um destino em mente, mas por motivos próprios não queria me dizer qual era. Aquele cruzamento segue em muitas direções. Ele também me servia muito bem, pois moro bem perto dali.

— Mas não pegou o táxi diretamente para seu apartamento! Por que não? Ele poderia ter andado de lá, e a senhora já estaria sã e salva em casa. Ou será que atingimos outro obstáculo intransponível em sua história?

— Não, eu com certeza não peguei o táxi para meu apartamento — encarando Werner diretamente.

— Por que não?

— Talvez eu não tenha ido a meu apartamento.

— Por que não?

— Talvez eu não esteja inclinada a mostrar a meus clientes onde moro. Talvez eu tenha decidido ir para o apartamento de um dos meus muitos amantes, *Herr* Werner. — Entre os quais você gostaria tanto de estar, ela estava pensando.

— Mas dispensou o táxi

— Sim.

— E caminhou. Não podemos saber para onde.

— Correto.

— E Karpov caminhou com a senhora, claro. Ele não deixaria uma bela mulher sozinha na rua às 4h30 da manhã. Ele é um homem sensível. Nem um pouco perigoso. Foi o que disse, não foi?

— Não.

— Não o quê?

— Não, ele não caminhou comigo.

— Então ele também caminhou, mas em outra direção!

— Correto. Ele seguiu para o norte e desapareceu. Presumo que tenha entrado em uma rua transversal. Eu estava mais preocupada com que não me seguisse do que em observar para onde ele estava indo.

— E depois?

— O que quer dizer com *e depois*?

— Não o viu desde então? Teve contato com ele?

— Não.

— Nem por intermediários?

— Não.

— Mas ele lhe deu um número de telefone, naturalmente. E também um endereço. Presumo que um imigrante ilegal desesperado não conquiste uma jovem e talentosa paladina em um dia e a dispense no outro.

— Ele não me deu nenhum número de telefone ou endereço, *Herr* Werner. Em nosso trabalho, isso também é muito normal. Ele tem o número do Santuário. Eu, naturalmente, espero ter notícias dele de novo, mas é possível que isso não aconteça — mais uma vez buscando a confirmação tácita de Ursula, mas recebendo somente um aceno de cabeça muito remoto. — Essa é a natureza de nosso trabalho aqui no Santuário. Clientes entram em nossas vidas e desaparecem. Eles precisam de tempo para conversar com os companheiros aflitos, para rezar, para se recuperar ou para sucumbir. Talvez o Sr. Karpov tenha uma esposa e uma família que já estejam aqui. Raramente nos contam a história toda. Talvez ele tenha amigos, camaradas russos, chechenos. Talvez tenha se colocado nas mãos de uma comunidade religiosa. Não sabemos. Às vezes, eles retornam no dia seguinte, às vezes em seis meses e, às vezes, nunca.

Herr Werner ainda estava considerando como lançar o contra-ataque quando seu colega até então silencioso decidiu entrar na conversa.

— E quanto ao outro cara que estava na casa dos turcos na noite de sexta feira? — perguntou *Herr* Dinkelman, no tom alegre de um homem que gostava de uma boa festa. — Um cara grande, imponente, bem vestido. Da minha idade. Até mais velho. Também é advogado de Karpov?

Annabel estava lembrando de seu professor de direito em Tübingen, discursando sobre a arte do interrogatório. Jamais subestime o silêncio de uma testemunha, ele gostava de dizer. Existem silêncios eloquentes e silêncios culpados, e também silêncios de espanto genuíno e silêncios de criatividade. O truque é saber qual tipo de silêncio está ouvindo da testemunha. Mas este silêncio era só dela.

— Isso é parte de sua coordenação, *Herr* Dinkelman? — ela perguntou em tom de brincadeira, enquanto organizava desesperadamente seus pensamentos.

O sorriso de palhaço novamente, a curva perfeita.

— Não flerte comigo, *Frau* Richter. Sou suscetível demais. Apenas me diga agora: quem era aquele homem? A senhora o levou até lá. Ele ficou horas dentro da casa. Depois, partiu sozinho, pobre coitado. Caminhou pela cidade toda, como se tivesse perdido algo. O que estava procurando?

Ele apelou para Ursula:

— Todos *caminham* nessa história, *Frau* Meyer. Isso me cansa. Depois, de novo para Annabel, sem pressa: — Vamos lá. Apenas me diga quem ele é. Um nome. Qualquer nome. Invente um.

Mas Annabel adotara a expressão de seu pai quando dizia para que nunca mais tocassem no assunto.

— Meu cliente tem um benfeitor em potencial aqui em Hamburgo. Como um homem em sua posição, ele deseja permanecer anônimo por enquanto. Concordei em respeitar seu desejo.

— Todos respeitaremos. Ele falou, ou apenas ficou sentado observando, esse benfeitor anônimo?

— Falou com quem?

— Com seu garoto. Issa. Com a senhora.

— Ele não é meu garoto.

— Estou perguntando se o benfeitor anônimo participou da conversa. Não estou perguntando o tema da conversa. Estou perguntando: ele participou? Ou é surdo-mudo?

— Ele participou.

— Então era uma conversa entre três partes. A senhora. O benfeitor. Issa. Pode me dizer isso. Não está violando regra alguma. Vocês ficaram sentados, os três, e conversaram socialmente. Pode me dizer sim ou não.

— Nesse caso, *sim* — e, para acompanhar, ela deu de ombros.

— Uma conversa livre. Havia assuntos a serem discutidos entre vocês, os quais a senhora não pode revelar. Mas vocês os discutiram de modo livre e desobstruído. Certo?

— Não sei o que está tentando insinuar.

— Não precisa saber. Apenas responda. Ocorreu uma conversa plena e desinibida entre vocês três, que fluiu livremente, sem obstruções?

— Isso é ridículo.

— Sim. É mesmo. A conversa aconteceu?

— Sim.

— Então ele fala russo, como a senhora.

— Eu não disse isso.

— Não, realmente não disse. Alguém precisou dizer pela senhora.

Admiro isso. Seu cliente é um garoto de sorte.

Herr Werner estava fazendo um último esforço para recobrar o domínio da situação.

— Então foi *para lá* que Issa Karpov foi quando o deixou a sós às 4h30 da manhã! — ele gritou. — Ele foi encontrar esse *benfeitor anônimo*! Talvez o próprio pagador terrorista! A senhora o deixou em um cruzamento em uma área rica da cidade, e, assim que estava em segurança e fora do caminho, ele foi para a casa do benfeitor. A senhora considera isso uma hipótese razoável?

— É tão razoável ou absurda quanto qualquer outra hipótese, *Herr* Werner — Annabel retrucou.

E, surpreendentemente, foi o genial e ultrapassado *Herr* Dinkelmann, em vez de seu superior mais jovem e ríspido, quem decidiu que haviam detido *Frau* Meyer e *Frau* Richter por tempo demais.

— Annabel?

As duas estavam a sós.

— Sim, Ursula.

— Talvez fosse melhor se você faltasse à reunião de hoje à tarde. Suspeito que tenha exigências importantes em relação a seu tempo. Existe mais alguma coisa que queira me contar sobre nosso cliente desaparecido?

Annabel não tinha mais nada a dizer a ela.

— Ótimo. Nosso mundo é de meias medidas. Soluções perfeitas não estão a nosso alcance, por mais que desejemos o contrário. Acho que já tivemos essa conversa antes.

Era verdade. Sobre Magomed. Não podemos esperar que uma instituição forneça nossas utopias pessoais, Ursula havia lhe dito quando Annabel conduzira uma marcha de protesto dos funcionários a seu escritório.

Não era pânico. Annabel não entrava em pânico. Nem em seus próprios termos. Ela estava reagindo a uma situação crítica que corria o risco de se desenrolar.

Do Santuário, ela pedalou o mais rápido que pôde até um posto de gasolina nos limites da cidade, atenta aos retrovisores presos ao guidão em busca de sinais de que estivesse sendo seguida. Ela não tinha ideia de quais seriam os sinais.

No caixa, trocou dinheiro por um punhado de moedas.

Telefonou para o celular de Hugo e foi atendida pela caixa postal, como esperado.

Telefonou para o serviço telefônico e obteve o número do hospital no qual ele trabalhava.

Ele havia dito que na segunda-feira teria reuniões o dia todo. *Telefone para mim segunda à noite*. Mas, agora, segunda à noite era tarde demais. A reunião, ela lembrava, era sobre a reestruturação da ala psiquiátrica do hospital. Ela falou primeiro com uma telefonista do hospital e, depois de muita barganha, com o assistente do administrador do hospital. Ela disse que era irmã do doutor Hugo Richter e que se tratava de um assunto familiar urgente. Será que ele poderia ser chamado ao telefone para uma conversa curta?

— É melhor que seja importante, Annabel.

— Meu cliente explodiu em minhas mãos, Hugo. Ele precisa de uma clínica agora. Estou falando *agora* mesmo.

— Que horas são? Hugo, o único médico do mundo que nunca tem um relógio.

— Dez e meia. Da manhã.

— Telefone para você na hora do almoço. Meio-dia e meia. Para seu celular. Ele está funcionando ou você ainda não carregou?

Ela queria dizer "nada de celular" mas, em vez disso, disse "obrigada, Hugo, obrigada mesmo". Ele está funcionando direito, acrescentou.

No pátio do posto, duas mulheres estavam fazendo algo com uma van amarela e maltratada. Annabel tirou-as da cabeça. As vans de *Herr* Werner deviam ser impecáveis. Matando tempo, Annabel pedalou para seu mercado preferido: os arenques em conserva de que ele gosta, chocolate amargo orgânico e queijo emental para o que ela rezava que viesse a ser a última noite deles no apartamento. E a marca favorita dela de água sem gás, que agora também era a favorita dele.

Hugo ligou exatamente às 12h30, como ela sabia que ele faria, tendo ou não relógio. Ela estava sentada em um banco no parque com a bicicleta apoiada em um poste de luz. Ele começou agressivamente, o que ela esperava que fosse um bom sinal.

— Eu devo ser o médico que o *está indicando* para esse lugar? Assinar um atestado para ele sem nem mesmo saber seu nome? Porque isso é um péssimo começo. De todo modo, você nem precisa de um atestado falso — ele prosseguiu antes que ela pudesse responder. — Eles terão algum charlatão no próprio local que medirá a pulsação dele e fará um diagnóstico de mil euros por dia. Tenho duas possibilidades. As duas são facadas cinco estrelas.

A primeira sugestão dele era em Königswinter, o que ela descartou por causa da distância. A segunda era ideal: uma fazenda convertida perto de Husum, a somente duas horas de trem ao norte de Hamburgo.

— Pergunte pelo doutor Fischer e coloque um prendedor de roupas no nariz. Este é o número. E não me agradeça. Apenas espero que ele valha a pena.

— Ele vale — ela disse, e discou o número.

O doutor Fischer compreendeu a situação imediatamente.

Ele compreendeu de imediato que Annabel falava em nome de um amigo íntimo, mas não ousou perguntar a natureza da amizade.

Ele compreendeu imediatamente o ponto de vista dela em relação à necessidade de descrição ao telefone e compartilhava dele.

Ele compreendeu que o paciente anônimo só falava russo, mas não previu qualquer problema nesse aspecto, pois muitas de suas enfermeiras mais experientes vinham da região que ele chamava delicadamente de Leste.

Ele compreendeu que o paciente não era de modo algum violento, mas que estava traumatizado por uma série de incidentes infelizes, sobre os quais seria melhor discutir pessoalmente.

Ele aceitou a posição dela de que um regime de repouso absoluto, muita comida e caminhadas acompanhadas poderiam proporcionar a cura necessária. Naturalmente, tais decisões dependeriam de uma avaliação detalhada do caso dele.

Ele compreendeu a necessidade de urgência, e propôs uma entrevista inicial sem compromisso entre o paciente, o médico e a consultante.

Sim, perfeitamente, amanhã à tarde seria ótimo, às 16 horas seria conveniente? Então marquemos às 16 horas em ponto.

E apenas mais alguns detalhes. O paciente estava em condições de viajar sozinho ou precisava de assistência? Por um custo extra, havia a disponibilidade de assistentes e de transporte apropriado.

Finalmente, ele compreendeu que Annabel gostaria de se informar a respeito dos custos básicos da clínica, os quais, mesmo sem a atenção adicional de especialistas, eram astronômicos. Mas, graças a Brue, sim, ela disse, o amigo enfermo, felizmente, estava em condições de pagar um adiantamento substancial.

Então, até amanhã, *Frau* Richter, quando, esperamos, todas as formalidades pendentes possam ser resolvidas prontamente. E qual o nome

dela, novamente? Endereço? E a profissão, por favor? E este era o número de seu celular, certo?

Annabel havia trazido para Issa o jogo de xadrez da avó, um tesouro. Ela gostaria de ter pensado nisso antes. Era uma atividade esportiva para ele. Antes de um movimento, Issa ficava sentado imóvel no lugar no qual Annabel achava que ficava sentado o dia todo quando ela não estava lá: na soleira da janela de tijolos em arco, com as pernas longas dobradas até o queixo e as mãos de filósofo que lembravam aranhas emaranhadas ao redor deles. Então ele se movia para a frente rapidamente, movia a peça e saltava, ficando novamente de pé e dançava até o outro lado do *loft* para soltar seus aviões de papel e fazer piruetas ao ritmo de Tchaikovsky enquanto Annabel contemplava o próprio movimento no jogo. Música, ele afirmara, não era contra a lei islâmica, desde que não atrapalhasse os momentos de oração. As vezes, as declarações religiosas dele pareciam mais com sabedoria adquirida do que com convicção.

— Estou providenciando para que vá para um novo lugar amanhã, Issa — ela disse, aproveitando um momento de leveza. — Um lugar mais confortável onde podem cuidar direito de você. Bons médicos, boa comida, todos os confortos decadentes do Ocidente.

A música havia parado, assim como a agitação dos pés dele.

— Para me esconder, Annabel?

— Durante um período curto, sim.

— Você também ficará lá? — enquanto uma das mãos buscava o bracelete da mãe.

— Farei visitas. Com frequência. Levarei você até lá e o visitarei sempre que puder. Não fica muito longe. Duas horas de trem — disse, casualmente, como pretendia.

— Leyla e Melik virão?

— Acredito que não. Não até que você esteja em situação legal.

— É uma prisão, esse lugar onde vai me esconder, Annabel?

— Não, *não* é uma prisão! — ela se conteve. — É um lugar para descansar. Uma espécie de... — ela não queria dizer a palavra, mas disse mesmo assim —, é uma clínica especial onde você pode recuperar suas forças enquanto esperamos Mr. Brue.

— Clínica *especial*?

— Particular. Mas muito cara. Tem que ser, pois é muito boa. É por isso que precisamos falar novamente sobre o dinheiro que Mr. Brue está

guardando para você. Mr. Brue fez a gentileza de nos adiantar dinheiro para que fique lá. Esse é outro motivo pelo qual precisa reclamar sua herança. Para que possa pagar de volta a Mr. Brue.

— Uma clínica da *KGB*?

— Issa, nós *não temos* KGB aqui!

Ela estava amaldiçoando a própria estupidez. Para ele, clínica era pior do que prisão.

Issa precisava rezar. Ela se recolheu para a cozinha. Quando retornou, ele eslava empoleirado no lugar de sempre na soleira da janela.

— Sua mãe ensinou você a cantar, Annabel? — ele perguntou com uma voz pensativa.

— Quando eu era pequena, ela me levava para a igreja. Mas não acho que tenha realmente me ensinado a cantar. Acho que ninguém me ensinou. Não acho que conseguiriam. Nem mesmo os melhores professores.

— Para mim, basta ouvir você falar. Sua mãe é católica, Annabel?

— Luterana. Cristã, mas não católica.

— Você também é luterana, Annabel?

— Fui educada para ser.

— Você reza para Jesus, Annabel?

— Não mais.

— Para o único Deus?

Ela não aguentava mais.

— Issa, escute-me.

— Estou escutando, Annabel.

— Não podemos escapar do problema não falando sobre ele. É uma clínica boa. A clínica boa será um lugar seguro para você. Para ficar na clínica boa, precisamos ter seu dinheiro. O que significa que você precisa reclamá-lo. Estou lhe dizendo isso como sua advogada. Se não fizer o requerimento, não será capaz de se tornar estudante de medicina aqui, nem em nenhum outro lugar no mundo. Ou o que quer que decida fazer com sua vida.

— A palavra de Deus prevalecerá. Será feita a Sua vontade.

— Não. Será a *sua*. Não importa o quanto reze, é *você* quem precisará tomar a decisão.

Será que nada o convenceria? Aparentemente, não.

— Você é uma mulher, Annabel. Você não está sendo racional. O Sr. Tommy Brue ama o dinheiro dele. Se eu disser que fique com o dinheiro,

ele ficará grato a mim e continuará a me ajudar. Se eu tirar o dinheiro dele, ele não me ajudará e ficará com raiva. Essa é a lógica da posição que ocupa. Para mim, também é uma lógica conveniente, já que, para mim, dinheiro é algo imundo e me recuso a sujar minhas mãos com ele. Você quer o dinheiro para você?

— Não seja bobo!

— Então não temos utilidade para ele. Você gosta dele tão pouco quanto eu. Você ainda não está pronta para aceitar a realidade de Deus em sua vida, mas tem um senso moral. Isso diz muito a favor de nosso relacionamento. Construiremos a partir desse entendimento.

Desolada, ela enterrou o rosto nas mãos, mas o gesto pareceu não o interessar.

— Faça a gentileza de não me mandar para essa clínica, Annabel. Prefiro ficar aqui, em sua casa. Quando você tiver se convertido ao Islã, viveremos aqui. Diga isso também a Mr. Brue. Você precisa partir agora, ou será uma provocação contra mim. É melhor que não apertemos as mãos. Vá com Deus, Annabel.

Ela havia deixado a bicicleta no saguão. As luzes enevoadas do porto brilhavam no crepúsculo e ela precisou piscar várias vezes até que se clareassem. Lembrando-se de que a ciclovía passava pelo outro lado da rua, ela tomou seu lugar em meio ao amontoado de pessoas aguardando na faixa de pedestres. Alguém estava dizendo seu nome. Ela não tinha certeza de que a voz não estava dentro de sua cabeça, mas não podia ter sido porque era uma voz de mulher, ao passo que a voz em sua cabeça era a de Issa.

A voz que estava ouvindo, agora que a escutava adequadamente, falava com ela sobre sua irmã.

— Annabel! Meu Deus! Como *você* vai? Como vai Heidi? É verdade que já está grávida de novo?

Uma mulher robusta da mesma idade de Annabel. Casaco de camurça verde, jeans. Cabelo curto, sem maquiagem, grande sorriso. Com a mente ainda lutando para retornar ao mundo real, Annabel ganhou tempo enquanto buscava por uma ligação: Freiburg? Escola? Esqui na Áustria? Academia de ginástica?

— Oh, vou bem — disse. — Heidi também vai bem. Você está fazendo compras?

O sinal de pedestres ficou verde. Elas atravessaram lado a lado, com a bicicleta de Annabel entre as duas.

— Ei, Annabel! O que está fazendo nesta parte da cidade? Não mora mais em Winterhude?

Uma segunda mulher se aproximara pelo lado esquerdo de Annabel, o lado sem a bicicleta. Era grande, bochechas rosadas e um lenço de cigano. Chegaram ao meio-fio e só havia as três. Uma mão forte fechou-se sobre o pulso do braço que segurava a bicicleta. Outra mão segurou o braço esquerdo de Annabel e, em um gesto que poderia se passar por afeto, forçou-o para trás das costas. Com a dor, Annabel teve a lembrança perfeita das duas mulheres no posto de gasolina naquela manhã.

— Entre calmamente no carro — explicou a segunda mulher, com os lábios roçando na orelha de Annabel. — Sente-se no centro do banco de trás, por favor, sem confusão. Tudo amigável e normal. Minha amiga cuidará de sua bicicleta.

A van amarela maltratada estava com as portas traseiras abertas. Um motorista e um homem estavam sentados na dianteira, olhando para a frente. Com o braço da mulher em torno de seu ombro, Annabel deixou que ela a colocasse no banco traseiro. Ela ouviu o som da bicicleta atrás da van, seguido por um golpe surdo. Na confusão, não percebeu que haviam pegado sua mochila. Sem pressa, as mulheres sentaram-se a seu lado, pegaram suas mãos, enfiaram uma algema em seus pulsos e a ocultaram no assento entre seus corpos.

— O que vão fazer com ele? — Annabel sussurrou. — Ele está trancado! Quem o alimentará quando eu não estiver lá?

Um Saab sedã preto passou por eles. A van seguiu-o de perto. Ninguém estava com pressa.

9

Reúna seus dados clara e calmamente.

Você é uma advogada.

Você pode estar com raiva, com um vulcão de fúria dentro de si aguardando para entrar em erupção, mas é a advogada, e não a mulher, quem falará por você.

Este elevador barulhento de ferro no qual você se encontra a está levando para cima, e não para baixo. Você sabe isso pela sensação no estômago, que é diferente das outras coisas que sente, como a náusea e a dor lancinante da violação.

Portanto, você está prestes a ser entregue em um andar superior, e não em um porão, o que a faz sentir-se cautelosamente grata.

O elevador não para em andares intermediários. Ele não possui controles, espelhos ou janela. Ele cheira a óleo diesel e a mato. É um elevador de gado. Ele cheira como o campo esportivo de sua escola no outono. Discuta.

As pessoas no elevador estão aqui pela vontade de outras pessoas. Você está de pé entre duas mulheres que a abduziram fingindo ser suas amigas. Depois, foram ajudadas por uma terceira mulher, que não fingiu ser suas amigas. Nenhuma delas se identificou. Ninguém usou um nome que você pudesse escutar a não ser o seu próprio.

Ninguém, nem mesmo Issa, pode descrever para você a sensação de perder a liberdade, mas agora você está começando a aprender. Você é uma advogada começando a aprender.



Com o Saab preto à frente indicando o caminho, eles fizeram uma procissão grandiosa por campanários e docas, pararam corretamente nos sinais vermelhos, indicaram quando iam virar para a esquerda ou para a direita, atravessaram em velocidade moderada avenidas de villas

confortáveis com janelas iluminadas, entraram em uma área industrial devastada, passaram por sulcos com obstáculos pontiagudos de ferro colocados no caminho, reduziram a velocidade mas não pararam em uma guarita protegida por rolos de arame farpado, observaram a cancela vermelha e branca ser içada com a passagem do Saab e chegaram a um pátio de asfalto profusamente iluminado no qual, de um lado, viam-se alguns carros estacionados e prédios de escritórios com janelas apagadas e, do outro, um antigo estábulo de cavalos que era um primo distante das cavalariaças na propriedade da família em Freiburg.

Mas a van não parou. Escolhendo o lugar mais escuro do pátio, ela continuou lentamente e, ao que pareceu a Annabel, furtivamente, até parar a alguns metros do estábulo. Soltando suas mãos das algemas entre as almofadas do banco, as captoras a puxaram para o asfalto e a arrastaram à força até uma porta pesada. A porta foi aberta por dentro e Annabel foi carregada através dela. Uma terceira mulher, mais jovem, o rosto coberto de sardas e cabelo cortado como o de um garoto, estava aguardando para ajudar.

Estavam na sala dos arreios, mas não havia arreios. Nas paredes, pinos de ferro e prateleiras para selas. Um velho balde de cavalo com um número regimental marcado nele. Uma cama baixa com um colchonete e apenas um cobertor. Uma bacia de hospital com água. Sabão. Toalha. Luvas de borracha.

Cada mulher guardava um terço de Annabel. Os olhos da mulher com sardas eram da mesma cor que os dela. Talvez fosse por isso que tivesse ficado com a tarefa de se dirigir a ela. Era uma mulher do sul, talvez de Baden-Württemberg, de onde vinha Annabel, outro motivo. Você tem uma escolha, Annabel, ela estava explicando. Estamos seguindo um procedimento padrão para os que se associam a terroristas. Você pode aceitar pacificamente ou ser imobilizada. O que vai ser?

Sou advogada.

Aceita ou não?

Aceitando, Annabel recitou para si mesma os conselhos inúteis de última hora que dava aos clientes antes de enfrentarem os tribunais: *diga a verdade... não perca a calma... não chore... mantenha a voz baixa e não tente flertar com eles... eles não querem odiar nem amar você, não querem ter pena de você... querem fazer o trabalho deles, receber e ir para casa.*



A porta do elevador se abriu, revelando uma pequena sala branca, como aquela em que haviam colocado sua avó quando ela morreria. Atrás da mesa de madeira descoberta em que sua avó deveria estar deitada, estava sentado o homem que naquela manhã dissera se chamar *Herr Dinkelman*, baforando em um cigarro russo: ela reconheceu o cheiro imediatamente. O mesmo cigarro que seu pai fumava em Moscou depois de um bom jantar.

E ao lado de *Herr Dinkelman*, uma mulher alta e magra com cabelo grisalho e olhos castanhos que, apesar de nada parecida com sua mãe, emanava a mesma sagacidade.

E, na mesa diante deles, os conteúdos de sua mochila, dispostos como provas para um tribunal mas sem as bolsas plásticas e as etiquetas. E, no lado da mesa mais perto dela, apenas uma cadeira, para Annabel, a acusada. Em pé diante dos juízes, ela ouviu as *tumps* e *planks* do elevador de carga descendo.

— Meu nome verdadeiro é Bachmann — *Dinkelman* disse, como que se contradizendo. — Se você estiver pensando em nos processar, meu nome completo é *Günther Bachmann*. E esta é *Frau Frey. Erna Frey*. Ela veleja. Espiona e veleja. Eu espiono, mas não velejo. Sente-se, por favor.

Annabel caminhou até a mesa e se sentou.

— Quer registrar seu protesto agora e acabar logo com isso? — *Bachmann* perguntou, tragando o cigarro. — Falar sobre sua posição especial como advogada, toda essa merda? Seus privilégios incríveis, sua confidencialidade com o cliente? Como você poderia fazer com que eu fosse expulso pela orelha amanhã? Como violei todas as regras, o que realmente fiz? Pisoteei a própria essência da Constituição? Você vai cuspir para mim toda essa porcaria, ou simplesmente presumimos isso? Oh, e diga-se de passagem, quando é seu próximo encontro com o terrorista procurado Issa Karpov, a quem escondeu em seu apartamento?

— Ele não é terrorista. Vocês são. Exijo falar imediatamente com um advogado.

— Sua mãe, a grande juíza?
— Um advogado que possa me representar.
— Que tal seu ilustre pai? Ou talvez seu cunhado em Dresden? É, você *realmente* tem influência. Dois telefonemas e você pode jogar todo estabelecimento legal na minha cabeça. A pergunta é: você *quer* isso? Não quer. É tudo besteira. Você quer salvar o pescoço do seu garoto. É tudo que quer nessa história toda. Dá para ver de longe.

Erna Frey fez sua contribuição, ainda mais ponderada.

— Sua escolha é entre nós e ninguém, querida. Há pessoas não muito longe de onde estamos sentados que só gostariam de fazer de Issa o objeto de uma prisão dramática e receber o crédito. E é claro que a polícia ficaria muito feliz se pudesse prender pessoas que pudessem ser vistas como cúmplices. Leyla, Melik e Mr. Brue, até onde sabemos, até mesmo seu irmão, Hugo. Seriam manchetes esplêndidas para eles, não importa o resultado. Eu mencionei o Santuário Norte? Imagine o que os pobres apoiadores de Ursula diriam. E tem você. *O objeto oficial de investigação de Herr Werner*, para usar a terminologia desagradável da qual *Herr Werner* tanto gosta. Abuso da posição de advogada. Abrigar conscientemente um terrorista procurado. Mentir para as autoridades e todo o resto. Sua carreira estará terminada quando tiver, quanto?, digamos, 40 anos quando finalmente sair da prisão.

— Não me importo com o que façam comigo.

— Mas não estamos falando de você, não é mesmo, querida? É de Issa.

Bachmann, cuja capacidade de atenção era aparentemente limitada, já havia perdido interesse pela conversa e vasculhava as coisas que estavam na mochila: o caderno de espiral, seu diário, sua carteira de motorista e a de identidade, o lenço de cabeça — levando-o ostensivamente ao nariz como que para conferir a presença de um perfume que ela nunca usou. Mas ele voltava sempre ao cheque de Tommy Brue, colocando-o contra a luz, examinado frente e verso, analisando os números ou a caligrafia e balançando a cabeça em um espanto calculado.

— Por que não compensou isto? — perguntou.

— Estava esperando.

— Esperando o quê? Pelo Dr. Fischer, da clínica?

— Sim.

— Não teria durado muito, teria? Cinquenta mil. Não naquele lugar.

— Duraria o bastante.

— Para quê?

Annabel encolheu os ombros em desânimo: — Para tentar. Isso é tudo. Apenas tentar.

— Brue disse que haveria mais de onde isso veio?

Prestes a responder, Annabel mudou de ideia abruptamente.

— Preciso saber o que faz com que vocês dois pensem que são diferentes — ela disse desafiadoramente, virando-se para Erna Frey.

— De quem, querida?

— Das pessoas que vocês dizem que querem que a polícia o prenda e mande de volta para a Rússia ou para a Turquia.

Respondendo pelos dois, Bachmann pegou novamente o cheque de Brue e estudou-o como se a resposta estivesse nele.

— Oh, somos diferentes, sim — ele grunhiu. — Com certeza. Mas você estava nos perguntando o que pretendemos fazer com seu garoto.

Ele colocou o cheque à sua frente, mas não o perdeu de vista. — Bem, não tenho certeza de que *saibamos* disso, Annabel. Na verdade, tenho certeza de que *não sabemos*. Gostamos de pensar que fazemos o tempo aqui. Ficamos de boa. Esperamos o máximo possível. E vemos o que Alá oferece — ele acrescentou, colocando o dedo no cheque. — E se Alá cumprir o esperado, bem, talvez seu garoto termine como uma alma livre, vivendo no Ocidente e capaz de se permitir viver seus sonhos e esperanças mais extravagantes. Do contrário, se Alá *não cumprir* o esperado, ou se *você* não o fizer —, bem, ele volta para o lugar de onde veio, não é mesmo? A menos que os americanos façam um lance por ele. Nesse caso, não saberemos onde estará. E, provavelmente, nem ele.

— Estamos tentando fazer o melhor por ele, querida — Erna Frey disse com uma sinceridade tão evidente na voz que Annabel foi impelida por um instante a acreditar nela.

— Günther também sabe disso, só não se expressa muito bem. Não achamos que Issa seja mau. Não estamos fazendo esse tipo de julgamento, de forma alguma. E sabemos que ele é um pouco instável, mas quem não seria? Só que também acreditamos que, mesmo assim, ele possa nos ajudar a prender algumas pessoas muito más.

Annabel tentou rir.

— Um espião? Issa? Você está louca! Você está tão doente quanto ele!

— Foda-se o que quer que seja — Bachmann retrucou irritado. —

Nenhum papel nesta peça já está escrito. Isso inclui o seu. O que realmente

sabemos é que, se você estiver no mesmo barco que nós e se conseguirmos chegar aonde queremos, juntos estaremos salvando muito mais vidas inocentes do que você jamais conseguiria alimentando os coelhos no Santuário Norte.

Pegando o cheque da mesa, Bachmann levantou-se com impaciência.

— Portanto, a primeira coisa que quero saber é: o que, por Deus, um banqueiro inglês vindo de Viena não muito bem-sucedido e que fala russo anda fazendo, surgindo em uma noite de sexta-feira para oferecer seus respeitos ao Sr. Issa Karpov? Você quer ir para algum lugar mais civilizado, ou ficará nessa mesa, desanimada?

Mas Erna Frey tinha uma mensagem mais delicada: — Nós não lhe contaremos toda a verdade, querida, não podemos. Mas tudo que lhe contarmos será verdadeiro.



Já era madrugada, e Annabel ainda não tinha chorado.

Ela contara a eles tudo o que sabia, o que sabia pela metade, o que achava e o que suspeitava, até os últimos detalhes, mas não tinha chorado, nem mesmo reclamado. Como ela mudara tão rapidamente para o lado deles? O que acontecera com a rebelde dentro dela — com seu famoso poder de argumentação e sua resistência, tão valorizados pelo fórum familiar? Por que não havia tecido outra teia de mentiras como a que tecera para *Herr* Werner? Seria a síndrome de Estocolmo? Ela se lembrou de um pônei que tivera uma vez. Chamava-se Moritz e era um delinquente. Indomável e impossível de cavalgar. Nenhuma família em toda Baden-Württemberg o queria — ela Annabel ouvir sobre ele e, para exercitar seu poder, passou por cima dos pais e levantou dinheiro entre os colegas da escola para comprá-lo. Quando Moritz foi entregue, ele deu um coice no cavaleiro, abriu um buraco no estábulo e fugiu para o gramado. Mas na manhã seguinte, quando Annabel Foi tremendo ao encontro dele, Moritz caminhou até ela, abaixou a cabeça para o cabresto e foi escravo dela para sempre. Ele já tinha enfrentado muita oposição e queria que outra pessoa cuidasse de seus problemas.

Então foi isso que ela acabou de fazer? Jogou a toalha e disse "tudo bem, malditos, sou de vocês", como dissera a homens duas vezes antes, quando a dureza pura da persistência deles a reduzira a uma submissão furiosa?

Não. O mal estava na lógica, ela estava convencida disso: no desligamento voluntário com o qual a advogada dentro dela recuou e reconheceu que não tinha nem mesmo a sombra de um caso para defender, muito menos para vencer — não em nome de seu cliente, mas de si mesma, apesar de ser a última pessoa com quem se importava. A advogada pragmática dentro dela — desejava ardentemente acreditar nisso — é que lhe disse que a única esperança era se jogar à mercê do tribunal; ou seja, seus manipuladores.

Falara de Brue e do Sr. Lipizzaner, da chave e da carta de Anatoly, de Issa e Magomed, e depois novamente de Brue: da aparência dele e de como falava, e como reagira a esse ou àquele momento no café Atlantic antes de irem para a casa de Leyla. E o que foi mesmo que ele disse sobre estudar em Paris? E todo o dinheiro que ele dera a ela de repente — *por quê?* Seria para entrar nas suas calcinhas, querida? — Erna Frey fez a pergunta, e não Bachmann. No que dizia respeito a garotas bonitas, ele era suscetível demais.

Mas não tinha sido uma confissão extraída dela furtivamente ou por meio de ameaças e induções. Tinha sido Annabel se perdendo desavergonhadamente: uma liberação catártica de conhecimento e emoções que haviam ficado presos dentro dela por tempo demais, a derrubada de todas as barreiras que ela erguera em sua mente: contra Issa, Hugo, Ursula, bombeiros, decoradores e eletricitas e, acima de tudo, contra ela mesma.

E eles estavam certos: ela não tinha escolha. Como Moritz, ficara exausta com a própria oposição. Para salvar Issa, ela precisava de amigos, e não de inimigos, fossem eles realmente diferentes dos outros ou que estivessem apenas fingindo.

Um corredor estreito levava a um quarto minúsculo. A cama de casal estava feita com lençóis limpos. Tão cansada que poderia dormir em pé, Annabel olhou ao redor enquanto Erna Frey lhe mostrava como o chuveiro funcionava e se despidia depois de retirar as toalhas sujas e substituí-las por outras limpas, as quais retirara de uma gaveta.

— Onde vocês dois dormirão? — Annabel perguntou, sem saber por que se importava.

— Não se preocupe, querida. Apenas descanse bastante. Você teve um dia muito duro e amanhã será igual.

Se eu dormir, volto para a prisão, Annabel.



Tommy Brue não estava na prisão, mas tampouco dormia.

Às quatro da mesma manhã, ele saíra da cama de casal e, descalço, desceu a escada na ponta dos pés e foi para o estúdio, onde guardava seu caderno de endereços. Havia seis números listados sob o nome Georgie. Cinco estavam riscados. O sexto estava marcado como "celular de K", escrito com a letra de Brue. K de Kevin, o último endereço conhecido dela. Fazia três meses desde a última vez em que ligara para lá, e muito mais tempo desde que conseguira falar com outra pessoa que não Kevin. Mas, desta vez, havia algo urgentemente errado com ela e ele sabia disso. Não chame de premonição. Não chame de ataque de pânico. Chame do que é: medo de pai.

Usando o celular para que nenhuma luz reveladora aparecesse no telefone da mesa de cabeceira de Mitzi, ele discou o número de Kevin, fechou os olhos e esperou para ouvir a fala arrastada e de boca mole dizendo a ele que sim, lamento muito, Tommy, mas Georgie não está com vontade de falar com você agora, ela está bem, está ótima, mas fica um pouco irritada. Mas, desta vez, ele *exigia* falar com ela. Insistia em nome dos direitos paternos, não que tivesse algum. Um rock explodiu em seus ouvidos e fortaleceu sua decisão, assim como a voz gravada de Kevin informando que, se você realmente precisar deixar um recado, cara, que então apenas o deixe, mas, como ninguém costuma ouvir muito os recados por aqui, por que não desligar e telefonar outra hora — até que a mensagem foi interrompida pela voz de uma mulher.

— Georgie

— Quem é?

— É você mesma, Georgie?

— É claro que sou eu, pai. Não reconhece minha voz?

— Eu apenas não sabia que você atendia o telefone. Não estava esperando isso. Como você está, Georgie? Está tudo bem?

— Estou ótima. Aconteceu alguma coisa? Você parece péssimo. Como está a nova Sra. Brue? Jesus, que horas são aí? Pai?

Ele estava segurando o telefone com o braço esticado enquanto se recompunha. A nova senhora Brue, oito anos depois. Nunca *Mitzi*.

— Não há nada de errado, Georgie. Também estou ótimo. Ela está dormindo. Por alguma razão, eu estava apenas desesperadamente preocupado com você. Mas você está bem. Está mais do que bem, posso perceber. Fiz 60 anos semana passada. Georgie?

Não a desafie, o psiquiatra detestável de Viena costumava dizer. Quando ela mergulha em um de seus silêncios, espere até que retorne.

— Você não pareceu *bem*, pai — ela reclamou, como se conversassem todos os dias da semana. — Achei que fosse Kevin telefonando do supermercado, mas era você. Simplesmente me surpreendeu.

— Eu não tinha ideia de que vocês fossem a supermercados. O que ele está comprando?

— A loja toda. Ele ficou louco. É um homem de 40 anos que viveu à base de pinhas durante dez anos e que diz que filhos são o fim da vida como a conhecemos. Agora, só pensa em colchões para trocar fraldas, macacões com orelhas de coelho, um berço com babados e em um bugre com teto solar. Foi assim quando você engravidou a mamãe? E eu dizendo a ele que estamos duros e que ele precisa devolver tudo que comprou?

— Georgie?

— Sim?

— Isso é incrível. É maravilhoso. Eu não sabia.

— Nem eu, até mais ou menos cinco minutos atrás.

— É para quando, por Deus? — se você não se importar que eu pergunte.

— Para daqui a cinquenta anos. Você pode acreditar? E Kevin já está agindo como um pai grávido? Ele até quer casar comigo agora que aceitaram seu livro.

— Livro? Ninguém nem sequer me disse que ele estava escrevendo.

— É um manual. *Cérebro, dieta e contemplação*.

— Maravilhoso!

— E feliz aniversário, tá? Venha nos ver algum dia. Eu te amo, pai. Será uma menina. Kevin decidiu.

— Posso mandar algum dinheiro para você? Para ajudar? Para o bebê? Para o berço com babados e outras coisas? — ele tinha cinquenta mil euros na ponta da língua, mas se conteve e esperou a resposta dela.

— Talvez mais tarde. Vou falar com Kevin e telefone para você. Talvez tudo bem, se for para o berço com babados. Só não quero dinheiro do tipo dinheiro no lugar de amor. Dê-me novamente seu número.

Pela décima nona ou pela nonagésima vez nos últimos dez dias, Brue passou seus números: o celular, o de casa e o que toca em minha mesa no banco. Ela os anotara? Talvez tenha anotado desta vez.

Brue serviu-se de um uísque. Notícias incríveis, maravilhosas. As melhores que poderia ter imaginado.

Uma pena que Annabel não pudesse lhe dizer que também estava bem. Porque na verdade, agora percebia, era com Annabel, e não com Georgie, que estivera tão preocupado quando acordou de sobressalto e desceu a escada sorrateiramente.

Resumindo, então, fora um caso de paranoia mal dirigida, como o psiquiatra detestável de Viena teria dito.



Essa escada é uma estupidez.

Eu jamais deveria ter comprado este lugar.

Todos estes pequenos ângulos, curvas e lances de escada. Eu poderia quebrar meu pescoço.

Essa mochila pesa uma tonelada. Que diabos colocamos dentro dela?

As alças estão cortando meus ombros como arame.

Mais um lance e estarei lá.

Ela havia dormido. Depois de duas noites em claro no apartamento olhando para o teto, um sono profundo e sem sonhos, como o de uma criança.

— Issa ficará muito satisfeito com você, querida — Erna Frey assegurara a ela, acordando-a com uma xícara de café e sentando-se na

cama. — Você dará a ele exatamente a notícia que ele está esperando. E um ótimo café da manhã.

Ela repetira aquilo no espelho retrovisor enquanto Annabel se encolhia na parte de trás, esperando para ser deixada na frente do prédio: — Apenas se lembre de que não há nada de falso ou infame no que está fazendo, querida. Você é a portadora da esperança dele e ele confia em você. Coloquei o iogurte por último. Sua chave está no bolso direito do anoraque. Tudo pronto? Então, pode ir.

O novo cadeado abriu, a porta de ferro precisou ser empurrada com as duas mãos, uma música suave tocava no rádio e ela pensou que fosse Brahms. Annabel ficou na porta, cheia de medo, de vergonha e de uma tristeza nauseante e desesperada pelo que estava prestes a fazer. Ele estava deitado inclinado sob a janela, no pedaço de chão onde ficava sua cama, com o longo corpo enrolado da cabeça aos pés em um cobertor marrom com a parte superior do gorro despontando em uma extremidade e as meias de marca de Karsten na outra. Arrumado com cuidado ao lado dele estava tudo que precisava para acompanhá-lo para a próxima prisão: o alforje, o casaco preto, bem dobrado, as pantufas de Karsten e seus jeans de marca. Estaria ele nu fora as meias e o boné? Ela fechou a porta atrás de si mas permaneceu no mesmo lugar, com toda a extensão do *loft* entre eles.

— Devemos partir imediatamente para a clínica, por favor, Annabel — Issa anunciou debaixo do cobertor. — Mr. Brue forneceu um guarda armado e um ônibus cinza malcheiroso com barras nas janelas?

— Infelizmente não há nenhum ônibus nem um guarda armado — ela respondeu com bom humor. — E nada de clínica. Você não vai a lugar algum, no fim das contas — e retirando-se para a cozinha. — Eu trouxe um café da manhã exótico para comemorarmos. Você quer se juntar a mim aqui quando tiver levantado? Talvez você queria orar.

Silêncio. O som de pés com meias se arrastando no chão. Ela se agachou diante da geladeira, abriu a porta e colocou a mochila a seu lado.

— Nada de clínica, Annabel?

— Nada de clínica — ela repetiu, e o som dos passos parou.

— Ontem você me disse que eu precisava ir para uma clínica, Annabel. Agora, não devo ir. Por quê?

Onde ele está? Annabel estava assustada demais para se virar.

— Simplesmente não era um movimento tão bom quanto pensamos — ela disse em voz alta. — Burocracia demais. Formulários demais para preencher e perguntas desconfortáveis para responder — sugestão de Erna Frey. — Decidimos que você ficaria melhor aqui.

— Nós?

— Mr. Brue. Eu.

Mantenha Brue entre vocês, Bachmann aconselhara. Se Issa o vê como um ser superior, mantenha-o assim.

— Não compreendo sua motivação, Annabel.

— Mudamos de ideia, isso é tudo. Sou sua advogada e ele é nosso banqueiro. Analisamos as opções e decidimos que você ficaria melhor aqui em meu apartamento, onde prefere ficar.

Ela tomou coragem e olhou para Issa. Ele estava de pé na porta, ocupando a passagem, enrolado no cobertor marrom, um monge com olhos escuros como carvão, observando-a tirar as coisas da mochila que tinha tudo que ela dissera a Erna Frey que Issa gostava: seis potes de iogurte de frutas, pães quentes com sementes de papoula, mel grego, coalhada e queijo emental.

— Mr. Brue ficou chateado ao saber que precisaria pagar muito dinheiro à clínica, Annabel? Esse é o motivo pelo qual ele mudou de ideia?

— Eu lhe disse o motivo. Sua própria segurança.

— Você está mentindo para mim, Annabel.

Ela se levantou abruptamente e deu meia-volta para encará-lo. Havia apenas um metro entre os dois. Em qualquer outro momento, ela teria respeitado a zona de exclusão invisível que os mantinha afastados mas, desta vez, manteve a posição.

— Eu *não* estou mentindo para você, Issa. Estou lhe dizendo que, para seu próprio bem, houve uma mudança de planos.

— Seus olhos estão vermelhos, Annabel. Você andou bebendo álcool?

— Não, claro que não.

— Por que *é claro*, Annabel?

— Porque não bebo álcool.

— Você o conhece muito bem, esse Mr. Tommy Brue, por favor?

— Do que você está falando?

— Você andou bebendo álcool com Mr. Brue, Annabel?

— Issa, pare com isso!

— Você tem um relacionamento com Mr. Tommy Brue que seja comparável ao relacionamento que teve com o homem insatisfatório em seu apartamento anterior?

— Issa, já falei, *pare!*

— Mr. Tommy Brue é o sucessor do homem insatisfatório? Mr. Brue exerce um poder desproporcional sobre você? Eu vi como ele olhava com desejo para você na casa de Leyla. Você sucumbe aos desejos abjetos de Mr. Brue porque ele é materialmente rico? Mr. Brue acredita que, mantendo-me aqui em sua casa, ele a esteja subjugando à vontade dele e também assegurando que não seja obrigado a pagar grandes quantias à clínica da KGB?

Ela retomara o autocontrole. *Não queremos que você seja complacente*, Bachmann dissera. *Queremos que seja criativa. Queremos sua mente gélida e sua mente astuta de advogada, e não um monte de merda emocional imatura que não leva a nada.*

— Olhe, Issa — disse ela persuasivamente, voltando-se para a mochila. — Mr. Brue não quer apenas alimentar seu corpo. Olha o que ele te mandou.

Uma edição russa de *Águas de primavera* e *Primeiro amor*, de Turgueniev.

Os contos de Chekhov, também em russo.

Um disc-player, discos clássicos de Rachmaninoff, Tchaikovsky e Prokofiev e — porque Erna pensa em tudo — pilhas sobressalentes.

— Mr. Brue gosta de nós dois e nos respeita —, disse ela. — Ele não é meu amante. Isso está na sua imaginação, em nenhum outro lugar. Não queremos mantê-lo aqui por mais um dia do que o necessário. Faríamos qualquer coisa na terra para libertá-lo. Você tem que acreditar nisso.



A van amarela estava onde ela a havia deixado. O mesmo garoto estava ao volante. Erna Frey continuava sentada no banco do carona. Ela ligara o rádio do carro e ouvia Tchaikovsky. Annabel colocou a bicicleta na traseira, largou a mochila, entrou e fechou as portas.

— Essa é a coisa mais suja que já precisei fazer na vida — ela comentou, olhando para fora do para-brisa. — Muito obrigada. Eu realmente adorei.

— Bobagem, querida. Você fez tudo lindamente —, disse Erna Frey. — Ele está feliz. Ouça.

Tchaikovsky ainda estava tocando no rádio, mas a recepção parecia estranhamente irregular, até que Annabel reconheceu o som dos pés de Issa marchando pesadamente pelo *loft* nos mocassins de Karsten, cantando a plenos pulmões numa voz de tenor desafinada.

— Então eu fiz isso também — disse ela. — Perfeito.

10

A varanda de madeira era coberta de glicínias. O pequeno mas imaculado jardim era cuidado à maneira romântica, com um arbusto de rosas e um lago com lírios e sapos ornamentais. A casa em si era pequena mas muito bonita, uma casa de Branca de Neve com telhas rústicas cor-de-rosa e chaminés extravagantes, instalada ao lado de um dos canais mais desejáveis de Hamburgo. Eram precisamente 19 horas. Bachmann conhecia a importância da pontualidade. Ele estava vestido em seu melhor terno e carregava uma maleta de executivo. Ele havia polido os sapatos pretos e, com a ajuda do spray de Erna Frey, alisou seu tufo de cabelo em uma submissão temporária.

— Schneider — murmurou no interfone e a porta da frente abriu-se de imediato somente para ser prontamente fechada atrás dele por *Frau* Ellenberger.



Nas cerca de dezoito horas desde que Erna Frey mandara Annabel para a cama, Bachmann, com ajuda de Maximilian, atacara o computador central em busca de todos os Karpov conhecidos pela humanidade, telefonou para um contato no Serviço de Segurança Austríaco e obrigou-o a desenterrar a triste história do Brue Frères de Viena em seus anos de declínio, depois alugou a cabeça irritadiça do chefe da vigilância urbana da equipe de Arni Mohr sobre o estilo de vida do principal acionista sobrevivente do banco, despachou um analista para vasculhar os arquivos do escritório de finanças de Hamburgo e — no meio da tarde — atacou Michael Axelrod, do Comitê Conjunto, durante uma hora inteira na linha encriptada para Berlim antes de solicitar todos os arquivos sobre um acadêmico muçulmano altamente respeitado vivendo no norte da Alemanha, conhecido por sua visão moderada e pelos modos agradáveis na televisão.

Para obter alguns dos arquivos, Bachmann precisou de autorização especial da seção de lavagem de dinheiro do Comitê. Para Erna Frey, havia algo de demente em Bachmann enquanto ele bamboleava de um lado para o outro entre a toca dos analistas e a deles, fumava inúmeros cigarros, mergulhava nos arquivos espalhados sobre sua mesa ou exigia ver algum memorando esquecido que enviara a ela, e agora jazia enterrado nas entranhas do computador de Erna.

— Por que os malditos ingleses, entre os povos do mundo inteiro? — ele exigira saber. — O que faz um vigarista russo procurar um banco inglês numa cidade austríaca? Tudo bem, Karpov sênior admira a hipocrisia deles. Ele respeita as mentiras cavalheirescas deles. Mas como diabos ele os encontrou? Quem o enviou a eles?

E às 15h: *Eureka!* Ele tinha nas mãos uma pasta marrom magra que catara nas catacumbas do escritório do promotor público. Estava marcada para ser destruída, mas escapara das chamas por milagre. Bachmann fez o tempo mais uma vez.



Estavam sentados em poltronas floridas, frente a frente, na janela de sacada da sala de estar impecável de *Frau* Ellenberger, um pedaço da Inglaterra, bebendo chá Earl Grey na melhor porcelana Minton. Nas paredes, gravuras da Londres antiga e paisagens de John Constable. Em uma estante Sheraton, edições de Jane Austen, Trollope, Hardy, Edward Lear e Lewis Carrol. Na sacada, botões primaveris delicados em vasos Wedgwood.

Durante um longo período, nenhum dos dois falou. Bachmann sorria com gentileza, principalmente para si mesmo. *Frau* Ellenberger olhava para a janela com cortinas de renda.

— A senhora se opõe que usemos um gravador, *Frau* Ellenberger? — ele perguntou.

— Enfaticamente, *Herr* Schneider.

— Então, nada de gravador — Bachmann anunciou com determinação, recolocando o aparelho na maleta enquanto deixava outro funcionando lá.

— Mas posso tomar notas — ele sugeriu, colocando um bloco no colo e mantendo a caneta a postos.

— Exigirei uma cópia do que quer que decida colocar nos arquivos — ela disse. — Se tivesse me avisado com mais antecedência, meu irmão estaria aqui para me representar. Infelizmente, ele tem negócios em outro lugar hoje à noite.

— Seu irmão é bem-vindo para inspecionar nossos arquivos a qualquer momento.

— É o que esperamos, *Herr* Schneider — disse *Frau* Ellenberger.

Quando abriu a porta da frente para ele, ela ruborizara. Agora, estava espectralmente pálida e bela. Com os olhos grandes e vulneráveis, o cabelo penteado para trás, o pescoço longo e o perfil de menina, para Bachmann ela era uma daquelas mulheres bonitas que entram na meia-idade sem serem percebidas e desaparecem.

— Posso começar? — ele perguntou.

— Por favor.

— Há sete anos, a senhora fez uma declaração voluntária sob juramento a meu antecessor e colega, *Herr* Brenner, a respeito de certas preocupações que tinha em relação às atividades de seu empregador na época.

— Não mudei de empregador, *Herr* Schneider.

— Fato do qual estamos cientes, e o qual respeitaremos — Bachmann respondeu com reverência, fazendo ostensivamente uma observação para si mesmo para assegurá-la.

— É de se esperar, *Herr* Schneider — *Frau* Ellenberger disse novamente para as cortinas enquanto apertava os braços da cadeira.

— Posso dizer que a admiro por sua coragem?

Ele poderia, ou talvez não, pois ela não deu o menor sinal de que o tivesse ouvido. Sua integridade também, é claro. Mas, acima de tudo, sua coragem. Posso perguntar o que a levou a conseguir?

— E posso perguntar ao senhor o que está fazendo aqui?

— Karpov — Bachmann respondeu prontamente. — Grigori Borisovich Karpov. Um antigo cliente valioso do Banco Brue Frères, de Viena, agora em Hamburgo. Detentor de uma conta Lipizzaner.

Enquanto ele falava, a cabeça dela virou-se em sua direção, parcialmente — foi o que pareceu a Bachmann — em desgosto, mas também parcialmente com um prazer espirituoso, mesmo que culpado.

— Não me diga que ele continua com seus velhos truques — ela exclamou.

— O próprio Karpov, não lamento lhe informar, não está mais entre nós, *Frau* Ellenberger. Mas sua obra sobreviveu a ele. Assim como seus comparsas no crime. Motivo pelo qual, sem violar o sincretismo oficial, estou aqui nesta noite. Dizem que a história não para para respirar. Quanto mais fundo cavamos, mais longe parecemos voltar no tempo. Permita-me lhe perguntar: o nome Anatoly significa alguma coisa para a senhora?

Anatoly, *consigliere* do falecido Karpov?

— Remotamente. Como um nome. Ele era o corretor.

— Mas a senhora nunca o conheceu.

— Não havia intermediários — ela corrigiu a si mesma. — Foi Anatoly, obviamente. O corretor *extraordinaire* de Karpov, era como Mr. Edward o chamava. Mas veja bem, Anatoly não era apenas um corretor. Era mais um endireitador. Sempre recolhendo os pedacinhos desonestos de Karpov e fazendo com que parecessem direitos.

Bachmann armazenou a informação extraordinária mas não tentou se aprofundar nela.

— E *Ivan*? Ivan Grigorevich?

— Não conheço nenhum Ivan, *Herr* Schneider.

— O filho natural de Karpov? Que viria posteriormente a se chamar *Issa*?

— Não conheço nenhum herdeiro do coronel Karpov, natural ou não, apesar de não ter dúvida de que tenham sido muitos. Mr. Brue Junior fez a mesma pergunta a mim há poucos dias.

— Ele fez?

— Sim. Fez.

E, novamente, Bachmann deixou a observação passar. Um interrogador quase decente, ele gostava de pregar nas raras ocasiões em que era solto entre os novatos no Serviço Secreto, não derruba a porta da frente. Ele toca a campainha e depois entra pela porta dos fundos. Mas não tinha sido esse o motivo pelo qual se conteve, como confessou posteriormente a Erna Frey. Era *a outra música* que estava ouvindo: a sensação de que, enquanto ela lhe contava uma história, ele estava ouvindo outra diferente, e ela também.

— Então, posso lhe perguntar, *Frau* Ellenberger, voltando no tempo novamente, se me permite, antes de mais nada, o que a levou, há sete anos,

a fazer aquele depoimento tão corajoso?

Ela levou algum tempo para ouvi-lo.

— Sou alemã, caso não saiba — ela respondeu com irritação, quando ele estava prestes a repetir a pergunta.

— Sim, claro.

— Eu estava voltando para a Alemanha. Minha pátria.

— De Viena.

— O Frères estava prestes a abrir uma filial na Alemanha. Minha Alemanha. Eu desejava... Sim, bem, eu *desejava*... — ela falou com raiva e franziu as sobrancelhas olhando para as cortinas rendadas para o jardim, como se o problema estivesse lá.

— A senhora queria traçar uma linha, talvez? Uma linha sobre o passado? — Bachmann sugeriu.

— Eu desejava reentrar em meu país em *estado puro* — ela retrucou com uma animação repentina. — Imaculada. O senhor não compreende?

— Ainda não, mas estou chegando lá, tenho certeza.

— Eu desejava um começo limpo. *Com o banco. Com* minha vida. Não é assim a natureza humana? Desejar um novo começo? Talvez o senhor não pense assim. Homens são diferentes.

— Havia também o fato, acredito, de que seu distinto empregador de muitos anos havia falecido, e que *Brue junior* — usando a expressão dela — havia recentemente assumido o banco — sugeriu Bachmann, baixando a voz em submissão ao tom didático de *Frau Ellenberger*.

— Este é o caso, *Herr Schneider*. O senhor fez seu dever de casa, estou satisfeita em perceber. Tão poucos fazem o dever de casa hoje em dia. Eu era *muito* jovem — ela relatou em um tom impiedoso de autodiagnóstico. — Muito mais nova do que aparentava, lembre-se disso. Se me comparar com a juventude moderna, eu era uma verdadeira *criança*. Venho de uma família pobre e não tinha nenhuma experiência no mundo *fora* dela.

— Mas permita-me dizer que a senhora era uma recruta inexperiente em seu primeiro trabalho! — Bachmann protestou, nivelando-se à indignação dela. — As ordens vinham de cima e a senhora as obedecia. Era jovem e inocente, e ocupava uma posição de confiança. Não está sendo um pouco *dura* consigo mesma, *Frau Ellenberger*?

Será que ela o ouvira? E, caso tivesse ouvido, por que sorria? A voz dela estava mudando. Estava mais jovem. Conforme recomeçou a falar, sua voz adquiriu uma cadência mais brilhante, um ritmo vienense mais

suave e fresco, que cobria até mesmo as observações mais severas com um verniz piedoso. E, com a voz mais jovem, uma figura mais jovem: ainda magra, ainda respeitosa e ereta, mas mais ativa e sedutora nos gestos. E o mais estranho era que seu próprio modo de falar parecia escolhido para agradar aos ouvidos de alguém superior a ela tanto em idade quanto em posição, enquanto Bachmann não era nenhuma das duas coisas. Além disso, por um ato inconsciente de ventriloquismo de si própria, ela invocava não somente a voz de sua juventude desaparecida, mas a voz na qual fora conduzida a relação com a pessoa a quem estava descrevendo.

— *Havia* aqueles a meu redor que eram *diretos*, *Herr Schneider* — ela recordou, feliz. — Muito *diretos*, desde que isso lhes assegurasse a atenção de *Mr. Edward* — um nome a se valorizar e reconhecer. Um nome a ser saboreado. — Mas não era *mesmo* meu estilo, oh não. Foi minha reticência, não minha franqueza, que *me* recomendou a ele. Ele mesmo me disse isso.. “Elli, quando se está procurando uma secretária de luxo, é melhor escolher a que esteja lá atrás na multidão.” Esse era o lado *áspero* dele falando — ela acrescentou sonhadoramente. — Inicialmente, fui pega de surpresa por esse lado *áspero*. Demorei até me acostumar. Você não espera algo assim de um cavalheiro refinado como *Mr. Edward*. Depois, foi tudo bem. Era *real* — ela disse com orgulho, e ficou novamente em silêncio.

— E a senhora tinha... O que, na época? — Bachmann finalmente perguntou, mas muito delicadamente, determinado a não quebrar o encantamento por nada.

— Vinte e dois anos, e com as notas secretariais mais altas. Meu pai tinha morrido quando eu era mais jovem, entenda. Existe uma nuvem sobre como morreu, não me importo de contar ao senhor. Enforcou-se, foi o que ouvi, mas nunca oficialmente. Somos católicos. O irmão de minha mãe era padre em Passau e foi gentil o bastante para nos acolher. O que mais se podia ser em Passau? Infelizmente, com o tempo, meu tio se tornou afetuoso demais em relação a mim, e achei prudente, sob o risco de aborrecer minha mãe, recolher-me à faculdade de secretariado em Viena. Sim. Bem. Foi isso. Ele me violentou, caso queira saber. Na época, mal percebi. Você não percebe, não se for inocente.

E ficou em silêncio de novo.

— E o Brue Frères foi seu primeiro posto — Bachmann sugeriu.

— Posso apenas lhe dizer — *Frau* Ellenberger continuou, em resposta a uma pergunta que ele não fizera — que Mr. Edward me tratou com uma consideração *exemplar*.

— Eu não duvidaria disso.

— Mr. Edward era um modelo de retidão.

— Meu escritório não questiona isso. Acharmos que foi induzido a se perder.

— Ele era inglês no melhor sentido da palavra. Quando Mr. Edward me fazia confidências, sentia-me lisonjeada. Quando me convidava para acompanhá-lo socialmente, por exemplo, para apenas um pequeno jantar — ela estava usando as palavras em inglês —, depois de um longo dia de trabalho e antes de voltar para casa para relaxar com a família, eu me sentia orgulhosa de ter sido escolhida.

— Quem não ficaria? Ninguém.

— Que ele fosse não apenas velho o bastante para ser meu tio, e sim praticamente para ser meu avô, não despertava uma preocupação indevida em mim — ela resumiu com firmeza, como que a título de registro. — Já tendo me acostumado às atenções de um homem mais velho, aceitei-as como normais para uma pessoa em minha posição. A diferença era que Mr. Edward tinha vida. Ele não era meu tio. Quando contei a minha mãe o que acontecera, ela não viu minha situação como infeliz, pelo contrário, aconselhou-me a não colocá-la em perigo por causa de considerações insignificantes. Mr. Edward, tendo apenas um filho de quem deveria se lembrar, com certeza não se esqueceria de uma bela moça que lhe demonstrara uma amizade amorosa em seus anos de declínio.

— E ele não se esqueceu, não é mesmo? — Bachmann incitou, olhando apreciativamente pela sala, mas ele a havia perdido novamente, e tinha a impressão de que ela quase perdera a si mesma. — Então, em qual ponto, exatamente, *Frau* Ellenberger — ele continuou com brilho, recomeçando —, a intrusão do *coronel Karpov* jogou uma maldição sobre a felicidade de vocês dois, se é que posso colocar dessa forma?

Será que ela realmente não o escutara?

Ainda não?



Ela levantou as sobrancelhas ao máximo e virou a cabeça com atenção por um lado. Depois, fez outra declaração para o arquivo: — A chegada de Grigori Borisovich Karpov como um dos principais clientes do Frères coincidiu com o pleno e improvável florescimento de meu relacionamento com Mr. Edward. Eu não podia na época, tampouco posso agora, determinar qual evento precedeu o outro. Mr. Edward tinha entrado no que posso apenas descrever como sua segunda ou terceira juventude. Ele era positivo nas atenções em relação a mim e, em espírito, era muito mais aventureiro do que muitos homens mais jovens da comunidade banqueira vienense — ela refletiu um pouco, começou a dizer algo, balançou a cabeça e deu um sorriso remissivo furtivo. — *Muito* positivo, caso queira saber — o momento desapareceu. — O senhor perguntou quando, acredito. Quando ele entrou em cena, suponho que seja o que queira dizer. Karpov. É isso?

— Algo assim.

— Então, deixe-me lhe contar sobre Karpov.

— Por favor.

— Seria tentador descrever Karpov como o típico urso russo. Mas isso é apenas *metade* da história. Sobre Mr. Edward, ele agiu como uma droga revitalizante. "Karpov é minha droga estimulante", ele comentou comigo certa vez. A irreverência de Karpov em relação às normas tradicionais da vida incensaram uma fagulha de identificação no coração de Mr. Edward. Nas semanas que antecederam o lançamento do sistema Lipizzaner, Mr. Edward viajara para Praga, Paris e Berlim Oriental com o único propósito de conhecer o novo cliente.

— Com a senhora?

— Às vezes comigo, sim. Na verdade, com frequência. E, às vezes, o pequeno Anatoly chegava com sua maleta, bendito seja. Eu sempre me perguntei o que guardava nela. Um revólver? Mr. Edward dizia que era seu pijama. Imagine uma maleta em uma casa noturna! Ele simplesmente pagava tudo com o que tinha nela! Apenas de um bolso na parte da frente,

onde guardava o dinheiro. Nunca vimos o que tinha na parte principal. Era altamente secreto. Ser careca tornava a situação um pouco mais engraçada, de algum modo.

Ela permitiu-se dar um riso de menina.

— Nenhum momento tedioso, não com Karpov. Todo encontro era uma mistura de anarquia e cultura e você nunca sabia qual das duas iria receber — ela franziu as sobrancelhas acentuadamente, corrigindo-se. — Direi o seguinte, *Herr* Schneider. O coronel Karpov era um admirador genuíno e apaixonado de todas as formas de arte, música e literatura, além da física. E também de mulheres, é claro. Não é preciso dizer isso. Em russo, ele descreveria a si mesmo como *kulturny*. Culto.

— Obrigado — disse Bachmann, escrevendo diligentemente no bloco de notas.

O mesmo tom duro:

— Depois de farrear até o amanhecer em uma casa noturna e de utilizar os quartos de cima, duas ou até três vezes, posso dizer, e de discursar sobre literatura entre as visitas, ele precisava explorar imediatamente as galerias de arte e visitar os pontos culturais da cidade. Dormir, da maneira como compreendemos o processo, não era um conceito para ele. Para Mr. Edward e para mim, foi uma jornada única de educação.

A severidade a abandonou e ela começou a rir suavemente e a girar a cabeça. Para acompanhá-la, Bachmann abriu seu sorriso de palhaço.

— E as contas Lipizzaners eram discutidas abertamente nessas ocasiões? — ele perguntou — Ou era tudo... na surdina, secreto... somente entre os dois homens? E Anatoly, quando estava presente?

Outro silêncio enervante conforme o rosto dela se fechava repentinamente com a memória.

— Oh, Mr. Edward, mesmo quando mais liberado, nunca era menos do que reservado, posso garantir! — ela reclamou, reconhecendo a questão sem a responder diretamente. — Em questões bancárias, bem, acredito que fosse natural. Mas também era em relação à *esfera privada*. Algumas vezes, perguntei-me se eu era a única além de Mrs. Brue. Mas então ela morreu — ela acrescentou sem mudar o tom. — Ele ficou perturbado, tenho certeza. Tão triste, na verdade. Veja bem, achei que poderíamos nos casar. Mas, no final das contas, não havia vagas. Não para Elli.

— E ele era reservado também sobre o amigo inglês, Mr. Findlay. Acredito que recorde de seu depoimento — Bachmann lembrou, avançando muito delicadamente na direção da pergunta que viera fazer.



O rosto dela ficou sombrio. Seu maxilar moveu-se para a frente em rejeição, os lábios pressionados um no outro.

— Não era esse o nome dele? *Findlay*? O inglês misterioso? — Bachmann insistiu delicadamente. — É o nome que está em seu depoimento. Ou entendi errado?

— Não. O senhor *não* entendeu errado. *Findlay* entendeu errado. Muito errado mesmo.

— Findlay, o *gênio do mal* por trás das contas Lipizzaners?

— *Ninguém* deveria se interessar por Mr. Findlay. Mr. Findlay deveria ser imediatamente relegado ao esquecimento, e para sempre. Isso é o que deveria acontecer ao *nosso Mr. Findlay* — ela disse, adotando uma voz furiosa de cantiga de ninar. — Mr. Findlay deveria ser *feito em pedacinhos e colocado em um vaso até morrer*.

O surto de energia repentino com o qual ela fez o pronunciamento confirmou o que Bachmann suspeitava havia algum tempo: que apesar de poderem estar bebendo chá inglês em finas xícaras de porcelana em uma bandeja de prata, com um passador de prata, uma leiteira de prata e um bule de prata com água fervida, e beliscando com gosto um brioche inglês feito em casa, os cheiros que chegavam esporadicamente a ele do hálito de *Frau Ellenberger* derivavam de algo muito mais potente do que um mero chá.

— Ele era tão mau assim, então? — Bachmann admirou-se. — *Fazê-lo em pedacinhos. Dar a ele o que merece*. — Mas ela havia se recolhido às próprias memórias, de modo que ele podia muito bem estar falando sozinho. — Veja bem, eu entendo o que quer dizer. Se alguém desse uma volta em meu patrão, eu também ficaria com muita raiva. Ficar sentado ali observando seu patrão ser levado pelo caminho do jardim — nenhuma resposta. — Ainda assim, nosso Mr. Findlay deve ter sido uma figura e

tanto. Não é verdade? Qualquer um capaz de desviar Mr. Edward da coisa certa... Apresentá-lo a vigaristas russos como Karpov e seu corretor *extraordinaire*... — Ele quebrara o encantamento.

— Findlay *não era* uma figura e tanto, muito obrigada! — *Frau* Ellenberger retrucou furiosamente. — Ele não era *nem um pouco* uma figura. Mr. Findlay foi construído inteiramente a partir de características roubadas de outras pessoas! — e prontamente colocou a mão sobre os lábios para calá-los.

— Qual era a aparência de Findlay? Dê-me uma palavra que represente uma imagem. *Mr. Findlay*.

— Esperto. Perverso. Lustroso. Nariz seco.

— Quantos anos?

— Quarenta. Ou fingia ter. Mas a sombra dele era muito, muito mais velha.

— Altura? Aparência geral? Qualquer característica física da qual se lembre?

— Dois chifres, uma cauda longa e um cheiro *muito* forte de enxofre. Bachmann balançou a cabeça em espanto.

— A senhora realmente não gostava muito dele, não é mesmo?

Frau Ellenberger passou por outra de suas metamorfoses abruptas. Sentou-se tão ereta quanto uma professora, apertou os lábios e encarou-o com um olhar de reprovação severa.

— Quando um homem é deliberadamente excluído de sua vida, *Herr* Schneider... da vida de *alguém*... alguém com quem você esteja emocionalmente ligado, a quem se revelou em toda sua feminilidade... é normal ver o causador disso tudo com nojo e suspeita, ainda mais se ele for o corruptor de seu... da integridade bancária de Mr. Edward.

— A senhora o encontrava com frequência?

— Uma vez, e uma foi o bastante para fazer um julgamento. Ele marcou uma reunião, passando-se por um cliente em potencial. Veio ao banco e travei uma conversa casual com ele na sala de espera, o que era parte de minhas obrigações. Foi a única vez em que apareceu no banco. Depois disso, Findlay usou sua mágica maligna e fui totalmente excluída. Pelos dois.

— Pode explicar isso?

— Podíamos estar no meio de um momento privado, eu e Mr. Edward. A sós. Ou ele podia estar me ditando uma carta, não havia diferença. O

telefone tocava. Era Findlay. Mr. Edward precisava somente ouvir a voz dele para dizer "Elli, vá empoar o nariz". Se Findlay desejasse marcar uma *reunião* com Mr. Edward, ela era realizada na cidade, jamais no banco, e eu era novamente excluída. "Não nesta noite, Elli. Vá cozinhar uma galinha para sua mãe."

— Alguma vez reclamou com Mr. Edward sobre esse tratamento rude?

— A resposta dele era que havia alguns segredos no mundo dos quais nem eu podia compartilhar, e Teddy Findlay era um deles.

— Teddy?

— Esse era o nome dele.

— Não acredito que tenha mencionado isso.

— Não quis mencionar. Éramos Teddy e Elli. Apenas ao telefone, obviamente. E na força de um encontro na sala de espera durante o qual não discutimos nada substancial. Era tudo fingimento. Com Findlay, era assim: *fingir*. Nossa suposta intimidade ao telefone jamais teria sobrevivido à realidade, pode ter certeza. Mr. Edward queria que eu ficasse admirada com a impertinência dele, de modo que, naturalmente, fiquei.

— O que a faz ter tanta certeza de que Findlay estava por trás da operação Lipizzaner?

— Ele a organizou!

— Com Karpov?

— Com Anatoly, às vezes, agindo em nome de Karpov. Era o que eu percebia. A distância. Mas a criação era somente dele. Ele se vangloriava dela. *Minhas Lipizzaners. Meu pequeno estábulo. Meu Mr. Edward*, era o que estava dizendo na verdade. Era tudo planejado. O pobre Mr. Edward jamais teve uma chance. Ele foi *ludibriado*. Primeiro, o telefonema jocoso, muito charmoso, solicitando a reunião... privada e pessoal, obviamente, sem terceiros, sem nada para os arquivos. Então o convite lisonjeiro à Embaixada Britânica e um drinque com o embaixador para *oficializar*. Oficializar o que, posso saber? *Nada* a respeito das Lipizzaners era oficial! Elas eram o *oposto* de oficial. Eram dopadas e mancadas desde o começo. Impostores com pernas tortas se passando por cavalos puro-sangue, isso é o que eram!

— Ah, sim, a *Embaixada* — Bachmann concordou vagamente, como se a Embaixada tivesse lhe escapado da mente por um momento; porque um interrogador quase decente não arromba a porta. Mas, na verdade, a Embaixada Britânica era algo totalmente novo para ele, e também seria

para Erna Frey. Nada no depoimento dela de sete anos atrás os havia preparado para o envolvimento da Embaixada Britânica em Viena.

— Mas exatamente *quando* a Embaixada surgiu? — ele perguntou, fingindo constrangimento. — Conte-me novamente, por favor, *Frau* Ellenberger. Talvez eu não tenha feito meu dever de casa tão bem quanto pensei.

— Mr. Findlay apresentara-se inicialmente como uma espécie de diplomata britânico — ela respondeu severamente. — Um diplomata *informal*, se é que existe tal tipo, do que duvido.

A julgar pelo rosto de Bachmann, ele também duvidava, apesar de ele próprio ter sido um.

— Depois, reinventou-se como *consultor financeiro*. Se o senhor me perguntar, ele nunca foi nenhuma das duas coisas. Era um charlatão e foi isso o que sempre foi.

— Então as Lipizzaners ganharam vida por cortesia da Embaixada Britânica em Viena — Bachmann refletiu em voz alta. — É claro que sim! Lembro-me agora. Perdoe meu pequeno lapso.

— Foi lá que todo o plano Lipizzaner foi elaborado, não tenho dúvida. Na noite em que Mr. Edward retornou da primeira reunião na Embaixada, ele descreveu todo o acordo para mim. Fiquei chocada, mas não estava em posição de demonstrar isso. Depois, todos os *refinamentos* ou *melhorias* propostos eram invariavelmente seguidos por consultas a Mr. Findlay. Poderia ser em uma cidade distante ou em Viena, mas sempre bem longe do banco, ou pelo telefone, no modo disfarçado ao qual Mr. Edward insistia em se referir como *código de palavras*. Era um termo que eu jamais o ouvira usar antes. Boa-noite, *Herr* Schneider.

— Boa-noite, *Frau* Ellenberger.

Mas Bachmann não se moveu. Ela também não. Posteriormente, ele confessou a Erna Frey que, em toda a sua carreira, jamais chegara tão perto de um momento de intuição psíquica. *Frau* Ellenberger ordenara-o a partir, mas ele não partira porque sabia que havia algo mais que ela estava morrendo de vontade de contar a ele, mas estava com medo.

Ela estava lutando com o senso de lealdade de um lado e a raiva do outro. De repente, a raiva venceu: — E agora ele está de volta — ela sussurrou, arregalando os olhos de espanto. — Fazendo tudo de novo com Mr. Tommy, que não é metade do homem que o pai era. Senti o cheiro da voz dele no momento em que telefonou. Enxofre, foi o que senti. Ele é um

Belzebu. *Foreman*. Dessa vez, disse que se chama Foreman. Ele precisa ser o dono do show, sempre precisou. Na semana que vem, será *Fiveman*!



A apenas 100 metros de onde o carro de Bachmann o aguardava, havia uma pequena floresta à beira do lago atravessada por uma trilha pública. Entregando a maleta ao motorista, Bachmann foi tomado por um desejo espontâneo de passear ali sozinho. Havia um banco desocupado e Bachmann sentou-se nele. A noite estava caindo. A hora mágica de Hamburgo havia começado. Mergulhado em pensamentos, ele olhou para o lago que escurecia e para as luzes da cidade surgindo ao redor dele. Por um momento durante o encontro, como um ladrão com consciência, ele teve a sensação de que tinha roubado da pessoa errada. Abanando a cabeça diante desse enfraquecimento de sua determinação, pegou um telefone celular de um bolso de seu paletó burocrático e selecionou a linha direta de Michael Axelrod.

— Sim, Günther?

— Os ingleses querem o mesmo que a gente — ele disse. — Mas *sem* a gente.



Ao telefone, Ian Lantern não poderia ter sido mais doce, Brue teve de reconhecer. Ele foi apologeticamente, aceitou plenamente que Tommy tinha uma agenda assustadoramente cheia e jamais sonharia em atrapalhá-la por nada no mundo, mas Londres estava em seu encalço.

— Não posso dizer mais nada ao telefone, infelizmente. Preciso de um encontro a sós com você para ontem, Tommy. Uma hora deve bastar. Apenas me diga onde e quando.

Não sendo tolo, Brue começou na defensiva.

— Seria a respeito do mesmo assunto que discutimos extensivamente durante o almoço, por acaso? — ele sugeriu, sem ceder um centímetro sequer.

— Relacionado. Não totalmente, mas de perto. O passado levantando sua cabeça feia novamente. Mas nada ameaçador. Nada que desacredite ninguém. Na verdade, é para nossa vantagem. Uma hora e você estará liberado.

Tranquilizado, Brue olhou para a agenda, apesar de não haver necessidade. Quarta-feira era a noite de Mitzi ir à ópera. Tanto ela quanto Bernhard tinham desconto de sócios. Para Brue seria uma noite de frios da geladeira ou um lanche e uma partida de sinuca no clube Anglo-Germânico: nas quartas-feiras, ele podia escolher.

— Dezenove e quinze em minha casa estaria bom para você? — ele começou a dar o endereço, mas foi interrompido por Lantern.

— Fabuloso, Tommy. Estarei lá pontualmente.

E foi o que fez. Com um carro e um motorista aguardando na rua. E flores para Mitzi. E aquele maldito sorriso que não tirava do rosto enquanto bebia água gasosa com gelo e uma fatia de lima.

— Não, fico em pé se não se incomodar, obrigado — ele disse afavelmente quando Brue lhe ofereceu uma cadeira. — Três horas na *autobahn*, é bom poder esticar minhas velhas pernas.

— Você deveria experimentar o trem.

— Sim, deveria, não é mesmo?

Assim, Brue também ficou em pé, com as mãos atrás das costas e o que esperava que fosse o ar cortês mas ressentido de um homem ocupado que foi incomodado na própria casa e merecia uma explicação.

— Temos muito pouco tempo, Tommy, como disse, então descreverei primeiro o problema no qual *você* se encontra e, depois disso, talvez possamos ver o problema no qual *nós* estamos. Tudo bem?

— Fique à vontade.

— Trabalho com terrorismo, diga-se de passagem. Não acho que tenhamos mencionado isso durante o almoço, ou mencionamos?

— Acredito que não.

— Oh, e não se preocupe com Mitzi. Se ela e o namorado desistirem no intervalo, meus amigos serão os primeiros a nos avisar. Por que não se senta e termina o uísque que estava bebendo?

— Estou bem assim, obrigado.

Lantern ficou decepcionado, mas seguiu em frente: — Posso lhe dizer que não foi uma sensação muito boa, Tommy, ouvir de minha contraparte alemã que, longe de ignorar o paradeiro de um certo Issa Karpov, você passou metade de uma noite sentado com ele na companhia de testemunhas. Isso nos fez parecer um pouco burros. Não é como se não tivéssemos perguntado a você, não é verdade?

— Você me pediu para informar a você caso ele fizesse alguma solicitação. Ele não tinha feito solicitação. Ainda não fez.

Lantern aceitou a posição de Brue, assim como aceitaria a de qualquer homem mais velho, mas estava claro que, ainda assim, não estava plenamente satisfeito.

— Havia um grande volume de informação que, francamente, você possuía e que nos teria sido útil. Teria nos colocado à frente no jogo, em vez de termos de engolir um enorme pedaço da torta da humildade.

— Que *jogo*?

O sorriso de Lantern tornou-se genuinamente lamentoso.

— Sem comentários, lamento. Em nosso negócio, precisamos saber das coisas, Tommy.

— No meu também.

— Na verdade, Tommy, nós conduzimos um pequeno estudo sobre sua motivação. Nós e Londres. O passado de sua família, sua filha com a primeira esposa... Georgie, estou certo?... Filha de Sue? Ninguém conseguiu compreender muito bem por que vocês se separaram, o que é triste, é o que sempre penso. Em minha opinião, um divórcio desnecessário é uma espécie de morte. Meus pais nunca superaram, *sei disso*. Nem eu, suponho, de certo modo. De qualquer forma, ela está grávida, o que é bom. Georgie. Você deve estar muito satisfeito.

— Mas de que diabos está falando? Não consegue cuidar da própria vida?

— Isso foi apenas para tentarmos entender por que você foi tão obstrutivo, Tommy, e o que estava protegendo. Ou a quem. Era somente você? Foi o que nos perguntamos. Ou o Brue Frères? Seria o jovem Karpov, você gostou dele por um motivo ou outro? Estou dizendo que houve mentiras, Tommy. Você realmente nos enganou. Sou obrigado a admitir que estamos impressionados.

— Acho que me recordo que vocês também não foram exatamente muito generosos com a verdade.

Lantern escolheu não dar ouvidos.

— Contudo — prosseguiu cordialmente —, quando olhamos o estado relativamente fraco das finanças do Brue Frères e fizemos uma estimativa do quanto o velho Karpov deve ter guardado, achamos que o compreendemos melhor: ah, então é *isso* que preocupa Tommy! Ele está esperando que os milhões de Karpov o acompanhem muito agradavelmente na velhice. Não é de surpreender que você não queira ninguém solicitando o dinheiro. Você gostaria de fazer algum comentário a respeito?

— Por que não presumimos simplesmente que você esteja certo — Brue falou com rispidez —, e depois você sai da minha casa?

O sorriso jovem de Lantern abriu-se em simpatia.

— Não posso fazer isso, Tommy, lamento. Nem você, se é que me entende. Além disso, há uma jovem no caso, ouvimos dizer.

— Besteira. Não tenho nenhuma jovem. Pura bobagem. A menos que esteja se referindo à advogada do garoto... — fingindo desesperadamente tentar se lembrar do nome —, *Frau* Richter. Russófona. Representando a inscrição dele no asilo e tudo mais.

— E muito atraente, julgando por tudo que ouvimos. Se você gostar delas pequenas, assim como eu.

— Não reparei. Imagino que, na minha idade, meus olhos para as moças não sejam os mesmos de antigamente.

Ponderando a necessidade de Brue de fazer uma referência desacreditando sua idade naquele momento, Lantern caminhou para o aparador e, demonstrando um grande relaxamento, serviu-se mais água com gás.

— Portanto, esse é o *seu* problema, Tommy, sobre o qual me estenderei no momento adequado. Mas, enquanto isso, eu gostaria de lhe informar do *meu* problema, que, francamente, graças a você, não é muito melhor do que o seu. Posso?

— Pode o quê?

— Acabei de lhe dizer. Descrever a profundidade da montanha de merda na qual você nos enfiou. Está ouvindo ou não?

— É claro que estou.

— Bom. Porque amanhã de manhã, exatamente às 9 horas, aqui em Hamburgo, participarei de uma reunião extremamente *delicada* e

altamente secreta, cujo tema será ninguém mais do que Issa Karpov, a quem você fingiu jamais ter visto. Mas que, na verdade, você viu.

Ele havia se transformado em outra pessoa: didático, incontável e napoleônico, enfatizando algumas palavras inesperadas como notas em um piano desafinado.

— E *nessa* reunião, Tommy, na qual, graças a você, espero ser pressionado *de alguma maneira* contra a parede, eu preciso... meu *escritório* precisa... todos nós que estamos fazendo a coisa certa nesta situação extremamente delicada... Londres, os alemães e outros serviços amigáveis, os quais *não* me darei o trabalho de mencionar na atual conjuntura, *precisam*... que *você*, Mr. Tommy Brue do Banco Brue Frères... sendo um bom patriota inglês e admitidamente inimigo do terrorismo... esteja não apenas preparado, mas também *ansioso* por colaborar comigo de qualquer maneira, formato ou jeito, *como* determinado por esta operação altamente secreta, da qual pelo menos por enquanto você permanecerá totalmente ignorante. Portanto, minha pergunta a você é: *estou certo?* Você *vai* colaborar ou, como antes, nos *obstruirá* na guerra contra o terror?

Ele não deu a Brue tempo para disparar de volta. Parara de latir e já estava demonstrando compaixão:

— Veja bem, Tommy, *mais* do que sua boa vontade, à qual estamos apelando aqui, pense em tudo que existe contra você. Você está a um pequeno passo da liquidação judicial, mesmo sem uma acusação de lavagem de dinheiro. E *mais*, não vale nem a pena pensar no que os alemães vão achar de um banqueiro inglês residente que anda trocando figurinhas com um terrorista islâmico fugitivo. Você está fodido. Não sei se estou sendo claro. Quer que eu fale sobre Annabel?

— Então é chantagem — Brue sugeriu.

— Vara com cenoura, Tommy. Se nos sairmos bem, os pecados passados do banco serão esquecidos, a cidade terá uma opinião melhor a seu respeito e o Brue Frères sobreviverá para lutar mais um dia. O que poderia ser mais justo do que isso?

— E o garoto?

— Quem?

— Issa.

— Ah. Certo. Seu lado altruísta. Bem, isso depende de como *você* interpretará seu papel, naturalmente. Obviamente, ele é propriedade dos

alemães. Não podemos interferir na soberania deles, de modo que, basicamente, eles terão de decidir. Mas ninguém o deixará pendurado para secar ao sol depois disso, de jeito nenhum. Ninguém por aqui faz *isso*.

— E *Frau* Richter? O que se supõe que ela tenha feito?

— Annabel. Oh, ela também está na merda, teoricamente: aliando-se a ele, providenciando seu sumiço e provavelmente dormindo com ele.

— Eu perguntei o que acontecerá com ela.

— Não, não perguntou. Você perguntou o que ela fez. Eu contei a você. Não é possível saber o que eles farão com ela. Se tiverem bom-senso, darão uma espanada nela e a colocarão em pé novamente. Ela é terrivelmente bem relacionada, como tenho certeza de que sabe.

— Não sabia.

— Família conhecida de juristas, estabelecida há muito tempo, serviço diplomático alemão, títulos que não usam. Propriedades em Freiburg. Que sigam meu conselho e deem um tapa na mão dela e a mandem para casa, que é como este país funciona.

— Então devo lhe dar um cheque em branco com meus serviços, é o que está dizendo?

— Bem, para falar a verdade, é basicamente isso, Tommy. Você assina na linha pontilhada, deixamos o passado para trás e seguimos em frente juntos, proativamente. E reconhecemos que estamos fazendo um trabalho que vale a pena. Não somente para nós. Para todos aqueles *lá fora*, como dizemos no ramo.

E, para o assombro de Brue, havia realmente um documento que deveria assinar, o qual, sob análise, tinha muitos dos aspectos de um cheque em branco. Estava dentro de um envelope marrom espesso que residia no paletó de Lantern. O documento comprometia Brue a realizar um "trabalho de importância nacional" não especificado e chamava a atenção dele para as diversas cláusulas draconianas do Ato de Segredos Oficiais e para as penalidades que o aguardavam se as transgredisse. Espantado, ele olhou primeiro para Lantern e depois ao redor do jardim de inverno em busca de ajuda. Sem encontrar nenhuma, assinou.



Lantern havia partido.

Transfigurado de raiva, com raiva demais até mesmo para terminar o uísque, como Lantern sugerira com tanta consideração, Brue ficou de pé no próprio hall, olhando para a porta da frente fechada. Seu olhar caiu no buquê de flores que ainda estava embrulhado sobre a mesa. Pegou as flores, cheirou-as e as colocou de volta onde estavam.

Gardênias. As favoritas de Mitzi. Bom florista razoável. Não é nenhum pão-duro esse Ian, não quando está torrando o dinheiro do governo. Por que ele as trouxera? Para mostrar que sabia? Sabia o quê? Que gardênias eram as favoritas de Mitzi? Do mesmo modo que sabiam que eu comia peixes no La Scala? E como fazer com que Mario abrisse para o almoço em uma segunda-feira?

Ou para mostrar que ele *não sabia* — que ela tinha ido à ópera com o amante, o que, é claro, ele sabia; contudo, pela lógica do negócio dele, o que você sabe é o que finge não saber. Portanto, oficialmente, ele não sabia.

E Annabel? Oh, ela também está na merda.

Brue não estava disposto a dar muito crédito ao que Lantern dissera, mas acreditava nesta parte. Durante quatro dias e quatro noites, ele contemplara todas as maneiras possíveis de contatá-la com discrição: uma nota entregue pelo portador do Frères em mãos no Santuário Norte, uma mensagem insípida na secretária eletrônica ou no celular dela.

Mas por delicadeza — palavras de Lantern —, ou por simples covardia, como preferisse colocar, ele se contivera. Nos momentos mais estranhos no escritório, quando sua mente deveria estar concentrada em grandes finanças, ele se pegava com o queixo apoiado na mão, olhando para o telefone e desejando que ele tocasse. Mas o telefone não tocou.

E agora, exatamente como havia temido, ela estava com problemas. E nenhuma conversa sedutora de Lantern o convenceria de que ela escaparia ilesa. Tudo que ele precisava era de um motivo para ligar para ela e, em sua raiva, chegara a ele. Que Lantern enforque a si mesmo. Tenho um

banco para administrar. E um uísque para terminar. Bebeu tudo em um só gole e ligou para ela da linha de casa.

— *Frau* Richter?

— Sim?

— Aqui é Brue. Tommy Brue.

— Olá, Mr. Brue.

— Liguei em má hora?

Julgando pelo tom seco dela, parecia que sim.

— Não, tudo bem.

— Apenas achei que devia lhe telefonar por dois motivos. Se realmente tiver um minuto. Pode ser?

— Sim, sim, é claro.

Ela está drogada? Amarrada? Está recebendo ordens? Consultando alguém antes de responder?

— O *primeiro* motivo... Não quero entrar em detalhes ao telefone, obviamente... É que houve um problema com um cheque emitido recentemente. Ele não parece ter sido compensado.

— As coisas mudaram — ela disse após outra espera interminável.

— Como?

— Decidimos tomar outras providências.

Nós? Você e quem, na verdade? Você e Issa? Não parecia para Brue que Issa participasse do processo de tomada de decisões. — Mudaram para melhor, acredito — ele disse, dando um ar otimista. — Talvez não. É o que der certo, não é mesmo? — o mesmo tom seco, uma voz do abismo. — O senhor quer que eu o rasgue? Que o envie de volta?

— *Não, não!* — enfático demais, diminua o tom. — Não se houver alguma possibilidade de que a senhora ainda tenha utilidade para ele, é claro que não. Eu ficaria perfeitamente feliz que o compensasse enquanto todo o assunto permanece pendente, por assim dizer. E se não der em nada, bem, devolva depois a parte que não tiver usado — ele hesitou, em dúvida se arriscava o segundo motivo. — E sobre a *outra* questão bancária. As coisas avançaram nesta frente?

Nenhuma resposta.

— Quero dizer, a respeito dos supostos direitos de nosso amigo — ele tentou gracejar. — O cavalo de competição sobre o qual falamos. Se nosso amigo propõe assumi-lo.

— Ainda não posso discutir isso. Preciso falar novamente com ele.

— A senhora telefonará para mim quando isso acontecer?

— Talvez quando tiver conversado um pouco mais com ele.

— E no meio-tempo, descontará o cheque?

— Talvez.

— E você está bem? Sem dificuldades? Problemas? Existe algo em que eu possa ajudar.

— Estou bem.

— Ótimo.

Um longo silêncio das duas partes. Do lado dele, ansiedade impotente; do dela, uma indiferença aparentemente profunda.

— Então teremos uma boa conversa em breve? — ele sugeriu, invocando o que restava de sua ansiedade.

Eles a teriam, ou não. Ela havia desligado. *Eles estão escutando*, Brue pensou. Estão na sala com ela. Estão conduzindo sua voz de corista.



Ainda segurando o celular, Annabel sentou-se diante da pequena escrivaninha branca em seu apartamento antigo, olhando pela janela para a rua escura. Atrás dela, sentada na única poltrona, Erna Frey tomava chá verde atentamente.

— Ele quer saber se Issa fará a solicitação — Annabel disse —, e o que aconteceu com o cheque.

— E você protelou — Erna Frey respondeu em aprovação. — E muito bem, foi o que achei. Talvez, na próxima vez em que ele telefonar, você tenha notícias melhores para ele.

— Melhores para ele? Melhores para você? Melhores para quem?

Colocando o telefone na escrivaninha e a cabeça entre as mãos, Annabel olhou fixamente para ele, como se o aparelho contivesse todas as respostas tio universo.

— Para todos nós, querida — Erna Frey disse, levantando-se quando o telefone tocou pela segunda vez. Mas era tarde demais. Como uma viciada, Annabel já o havia agarrado e estava dizendo seu nome.

Era Melik, querendo se despedir antes de partir com a mãe para a Turquia, mas também precisando saber como estava Issa, porque se sentia culpado.

— Ouça, quando retornarmos... Diga a meu irmão... Diga a nosso amigo... *A qualquer hora*. Certo? Assim que ele melhorar, será bem-vindo. Ele pode ter seu espaço de volta e devorar a casa toda. Diga que ele é um cara muito legal, certo? Melik disse isso. Ele poderia me derrubar em um *round*, certo? Não no ringue, talvez. Mas lá fora. Onde esteve. Você entende o que estou dizendo?

— Sim, Melik, entendo o que está dizendo. E mande lembranças minhas a Leyla. E diga a ela para que tenha um ótimo casamento, um casamento tradicional. E aproveite também, Melik. Longa vida a sua irmã e ao futuro marido. Muita felicidade para eles. E retorne são e salvo, Melik, assegure-se de que cuidará de sua mãe, ela é uma mulher boa e corajosa, ela ama você e foi uma ótima mãe para seu amigo...

E mais da mesma coisa, até que Erna Frey pegou delicadamente o telefone dos dedos rígidos de Annabel e o desligou, enquanto sua outra mão descansava com ternura sobre o ombro dela.

11

Nem a resposta exagerada a Melik nem a reação gélida a Brue foram episódios isolados na nova existência de Annabel. A cada dia que passava, o espírito dela vagava entre a vergonha, o ódio aos que a controlavam, um otimismo luminoso e irracional e longos períodos de aceitação acrítica da situação.

No Santuário, apesar de *Herr* Werner, sob indicação de Bachmann, ter dado um telefonema para Ursula informando-a de que o assunto Issa Karpov não preocupava mais as autoridades de modo ativo, Annabel se manteve retraída.

Erna Frey era agora sua vizinha e guardiã. Um dia depois de deixar Annabel em frente ao porto com a van amarela, ela assumira residência no andar térreo de um apart-hotel de aço e concreto a menos de 100 metros de distância. Pouco a pouco, o apartamento tornou-se o terceiro lar de Annabel. Ela passava lá antes de cada visita a Issa e depois retornava. Às vezes, por conforto, também dormia lá em um quarto infantil que nunca ficava muito escuro por causa dos anúncios luminosos na rua.

As duas visitas diárias a Issa não eram mais aventuras arriscadas, mas peças teatrais ensaiadas sob a direção meticulosa de Erna Frey e — à medida que os dias iam passando — também de Bachmann. Na privacidade cortinada da pequena sala de estar do esconderijo, eles a instruíam a sós ou juntos, antes e depois de cada subida pela escadaria sinuosa. Cenas passadas eram reencenadas e analisadas, cenas novas eram projetadas e refinadas, tudo com a mesma intenção de persuadir Issa a reclamar sua herança e a se salvar dos horrores da expulsão.

E Annabel, compreendendo pouco, quando tanto, o propósito maior deles, era tacitamente grata pela orientação, percebendo para o próprio desespero que havia se tornado dependente dela. Enquanto os três estivessem debruçados sobre o gravador, o contato dela com a realidade eram Erna e Günther, e não Issa, que por sua vez era a criança problema ausente deles.

Somente quando caminhava a via dolorosa de 100 metros pela calçada movimentada e reentrava na presença de Issa é que seu estômago embrulhava e sua língua ficava seca de vergonha e ela desejava passar por

cima de todas as tarefas sujas que cumprira para seus manipuladores. Ainda pior, ela tinha a impressão de que Issa, com seus poderes de empatia de presidiário, era capaz de perceber seu estado alterado e a confiança adicional que, não importava o quanto Annabel resistisse, ela obtinha por estar sob o controle deles.

— Dê a ele o máximo de si que puder, querida, desde que de uma distância segura — aconselhou Erna. — Apenas o leve gentilmente até a água. A decisão dele, quando for tomada, será mais emocional do que racional.

Annabel jogou xadrez com ele, ouviu música e, sob indicação de Erna, tocou em assuntos que dois dias antes seriam indiscutíveis. Contudo, curiosamente, à medida que a relação entre os dois se tornava mais relaxada, ela se via cada vez menos inclinada a deixá-lo se safar com suas espiadelas em seu estilo de vida ocidental, particularmente com as referências reprovadoras a Karsten, cujas roupas caras ele parecia bem feliz em vestir.

— E você já *amou* uma mulher, Issa, além de sua mãe? — ela perguntou, com toda a extensão do *loft* entre os dois.

Sim, ele concordou após um longo silêncio. Ele tinha 16 anos. Ela tinha 18 e já era órfã: uma chechena pura como a mãe, devota, bela e casta. Não houve expressão física dos sentimentos dos dois, ele assegurou a Annabel, somente amor.

— E o que aconteceu com ela?

— Ela desapareceu.

— Qual era o nome dela?

— Isso é irrelevante.

— Desapareceu como, então?

— Ela foi mártir do Islã.

— Como sua mãe.

— Ela foi mártir.

— Que *tipo* de mártir? — Silêncio. — Mártir voluntária? Você quer dizer que ela se sacrificou deliberadamente pelo Islã? — Silêncio. — Ou foi relutante? Uma vítima, como você? Como sua mãe?

Isso era irrelevante, Issa repetiu depois de uma eternidade. Deus era piedoso. Ele a perdoaria e a receberia no paraíso.

Ainda assim, a simples admissão de que Issa amara algum dia representava um enfraquecimento das defesas dele, como Erna Frey

destacou prontamente:

— Isso não foi um amassado na armadura dele, querida, foi um rombo! — exclamou. — Se ele falou de amor, vai falar de qualquer coisa, religião, política, o que for. Ele pode não saber ainda, mas quer que você o convença. A melhor maneira de fazer isso é continuar insistindo. — E seguiu com seu tom doce do qual Annabel se tornara dependente: — Você está se saindo maravilhosamente bem, querida. Ele tem muita sorte.

Annabel continuou em seu trabalho de sapa.

No dia seguinte, às seis, café da manhã. Café e *croissants* frescos, cortesia de Erna Frey. Comeram sentados no que, àquela altura, havia se tornado suas posições habituais: Issa sob a janela e Annabel encolhida no canto mais afastado, com a saia cobrindo as pesadas botas pretas.

— Houve bombardeio novamente em Bagdá hoje — ela anunciou. — Você ligou o rádio esta manhã? Oitenta e cinco mortos, centenas de feridos.

— É a vontade de Deus.

— Você quer dizer que Deus aprova que muçulmanos matem muçulmanos? Não acho que seja um Deus que eu entenda muito bem.

— Não julgue Deus, Annabel. Ele será duro com você.

— Você aprova?

— O quê?

— Os assassinatos.

— Não se pode deixar Alá feliz matando inocentes.

— Quem é inocente? *Quem* se pode matar para deixar Alá feliz?

— Alá sabe. Ele sempre sabe.

— Como *nós* saberemos? Como Alá nos dirá?

— Ele nos disse pelo Alcorão Sagrado. Ele nos disse pelo Profeta, que a paz esteja com ele.

Espere até ter certeza de que ele baixou a guarda e, depois, ataque, Erna Frey a aconselhara. Ela tinha certeza agora.

— Andei lendo sobre um acadêmico islâmico famoso. O nome dele é Dr. Abdullah. Já ouviu falar dele? Dr. Faisal Abdullah? Que mora aqui na Alemanha? Ele aparece ocasionalmente na televisão. Não com frequência. É devoto demais.

— Por que deveria ter ouvido falar dele, Annabel? Se aparece na televisão ocidental, não é um bom muçulmano, foi corrompido.

— Ele não é nada assim. É devoto, ascético e um acadêmico islâmico altamente respeitado que escreveu livros importantes sobre a fé e a prática islâmica — ela retrucou, ignorando o olhar de escárnio e suspeita que já se formava no rosto dele.

— Em que língua ele escreveu esses livros, Annabel?

— Em árabe. Mas foram traduzidos para várias línguas. Para o alemão, o russo, o turco e praticamente qualquer língua que se possa imaginar no mundo. Ele representa muitas instituições de caridade muçulmanas. Também escreveu extensivamente sobre a lei da doação muçulmana — insinuou.

— Annabel.

Ela esperou.

— É seu propósito trazer à minha atenção o trabalho desse Abdullah para me convencer a aceitar o dinheiro imundo de Karpov?

— E se for?

— Então, por favor, leve ao seu coração a informação de que eu nunca farei isso.

— Oh, eu levo — ela respondeu, perdendo a paciência. — Levo sim ao meu coração. — E levou? Ou estava fingindo? Não sabia mais. — Acredito de coração que você nunca será médico ou o que quer que queira ser. E que minha vida nunca mais será a mesma. E que o Sr. Brue nunca vai receber de volta o dinheiro que me deu para cuidar de você, porque a qualquer momento virão aqui, encontrarão você e o mandarão de volta para a Turquia ou a Rússia ou para algum lugar ainda pior. E essa não será a vontade de Deus. Será sua própria escolha estúpida e teimosa.

Respirando pesadamente, uma parte dela furiosa com ele, outra parte gelada, ela viu que ele se levantara e estava olhando da janela em arco o mundo lá embaixo iluminado pelo sol.

Se acontecer naturalmente, perca a paciência com ele, aconselhou Bachmann. Da mesma forma que você perdeu com a gente na noite em que a tiramos da rua, o que a fez amadurecer.

Voltando ao apartamento seguro, Annabel encontrou Erna Frey e Bachmann entusiasmados, mas indecisos. O elogio de Erna Frey não teve limites. Annabel tinha feito tudo soberbamente, excedendo todas as expectativas, e as coisas tinham avançado muito mais rapidamente do que se atreveram a antecipar. Agora, era deixar Issa suando por mais um dia inteiro ou mandar Annabel de volta ao Santuário na hora do almoço, sob

um pretexto qualquer, e aproveitar a vantagem apresentando a ele os livros de Abdullah.

Mas não contavam com a repentina queda no moral de Annabel, na esteira de sua conquista. No início, absorvidos, não notaram sua mudança de humor quando ela se sentou de mãos juntas na ponta da mesa. Eles assumiram que ela estava recurando o fôlego depois de sua provação. Então Erna Frey estendeu a mão e tocou seu braço, e ela o puxou como se tivesse sido mordida. Mas Bachmann não era de dar bola para o humor de seus agentes.

— Que diabos é isso? — ele a interpelou.

— Sou sua cabra amarrada, não sou? — Annabel respondeu.

— Você é *o quê*?

— Atraio Issa. Aí atraio Abdullah. Então você destrói Abdullah. Isso é o que você chama de salvar vidas inocentes.

Bachmann estava em pé acima dela.

— Isso é uma *besteira total* — ele gritou em seu ouvido. — Enquanto você joga bola, seu filho ganha um passe livre. E, para sua informação, não me proponho a tocar um cabelo sequer da cabeça venerável de Abdullah. Ele é um ícone de tolerância amorosa e inclusão, e eu não estou no negócio de causar motins!

Eles se decidiram pela opção do almoço. Annabel faria uma visita a Issa ao meio-dia, deixaria lá os livros de Abdullah, alegaria a pressão do tempo e voltaria à noite para ouvir sua reação.

Ela concordou com tudo isso.

— Não banque a sentimental comigo, Erna — disse Bachmann, depois.

— Não há espaço para isso nesta operação.

— Cite uma vez em que eu tenha sido — disse Erna Frey.



Annabel e Issa estavam sentados como de costume cada um numa extremidade do *loft*. A noite chegou. Ela havia feito sua visita na hora do almoço e depositado os três pequenos livros do dr. Abdullah em russo.

Agora ela estava de volta. Tirou uma folha de papel de seu anoraque. Até agora, eles mal tinham se falado.

— Eu baixei isso. Quer ouvir? É em alemão. Vou ter que traduzir.

Ela esperou uma resposta e, não recebendo nenhuma, falou em voz alta o suficiente para os dois:

— Dr. Abdullah, nascido no Egito, tem cinquenta e cinco anos. É um estudioso de renome mundial, filho e neto de imãs e *muftis* e professores. Em sua turbulenta juventude como estudante no Cairo, ele foi arrebatado pelas doutrinas da Irmandade Muçulmana, preso, preso e torturado por suas convicções militantes. Em sua libertação, ele arriscou a morte novamente, desta vez nas mãos de seus antigos companheiros, pregando o caminho da fraternidade, da veracidade, da tolerância e do respeito por todas as criaturas de Deus. Dr. Abdullah é um estudioso reformista tradicionalista que enfatiza o exemplo do Profeta e seus companheiros.

E novamente esperou: "Você está me ouvindo?"

— Eu prefiro Turgueniev.

— É porque você se recusa a tomar uma decisão? Ou porque você não quer que uma estúpida mulher infiel lhe traga livros dizendo o que um bom muçulmano faz com seu dinheiro? Quantas vezes tenho que lembrar que sou sua advogada?

Na penumbra, ela fechou os olhos e os reabriu. Ele não tem mais senso de urgência? Por que ele deveria se preocupar com grandes decisões quando lhe tiramos todas as pequenas?

— *Issa, acorde, por favor.* Muçulmanos devotos em todos os lugares pedem conselhos ao dr. Abdullah. Por que você não? Ele representa muitas instituições de caridade muçulmanas importantes. Algumas enviam ajuda à Chechênia. Se um estudioso muçulmano sábio como o Dr. Abdullah está disposto a lhe dizer o caminho certo para usar seu dinheiro, por que diabos você não vai ouvi-lo?

— Não é meu dinheiro, Annabel. Foi roubado do pessoal da minha mãe.

— Então, por que você não encontra uma maneira de devolvê-lo? E quanto a você realmente se tornar um médico, para que possa ir para casa ajudá-los? Não é isso que você quer fazer?

— O Sr. Brue considera esse Abdullah favoravelmente?

— Não acho que ele o conheça. Talvez o tenha visto na televisão.

— É irrelevante. A opinião de um não-crente em relação ao Dr. Abdullah não tem significado. Vou ler esses livros e, com a ajuda de Deus, formar um julgamento.

Sua última barreira finalmente estava caindo? Em um momento de inexplicável temor, ela rezou para que não fosse.

Passou-se outra era antes de ele falar novamente: — No entanto, o Sr. Tommy Brue é um banqueiro e pode, portanto, consultar este Dr. Abdullah de uma perspectiva secular. Primeiro, ele estabelecerá, com a assistência de outros oligarcas, se o homem é considerado honesto em suas relações seculares. O povo oprimido da Chechênia foi assaltado muitas vezes, não só por Karpov. Se ele for honesto, o Sr. Brue então proporá certas condições para ele em meu nome, e o Dr. Abdullah interpretará os comandos de Deus.

— E depois disso?

— Você é minha advogada, Annabel. Você vai me aconselhar.



O pequeno restaurante era o Louise, na Maria-Louisenstrasse, a principal artéria de um acolhedor bairro cheio de lojas de antiguidades, boutiques bio e salões de toilette dos bichinhos ricos que habitavam esse desejável quarteirão. Nos dias em que Annabel se considerava uma alma livre, Louise era o lugar em que ela gostava de se empoleirar num domingo de manhã para tomar um *latte*, ler jornais e ver o mundo passar. E este foi o lugar que ela escolheu para o encontro com Mr. Tommy Brue, do Brue Frères Bank, na certeza de que ele não se sentiria pouco à vontade em um ambiente tão seguro e protegido.

Por sugestão de Erna Frey, ela propôs o meio da manhã, hora em que o restaurante estava pouco ocupado, e Brue provavelmente estaria disponível em tão curto prazo. Porque, como Erna havia dito corretamente, *se o seu Mr. Tommy é algum tipo de banqueiro, ele certamente terá um compromisso para o almoço*. Ao que Annabel não respondeu, como podia ter feito, que, pelo que suspeitava sobre os sentimentos de Brue, ele teria

cancelado um almoço com o presidente do Banco Mundial para acomodá-la em sua agenda.

Não obstante, por sua própria ideia — por capricho, depois de um longo e inexpressivo olhar fixo ao espelho —, decidiu se arrumar um pouco para o encontro. Mr. Tommy Brue gostaria disso. Nada de extravagante, mas ele era um bom homem, apaixonado por ela e merecia a atenção. Seria bom se apresentar diante dele como uma ocidental para variar! Então, para o inferno os apetrechos a que se forçava pelas sensibilidades muçulmanas de Issa — seu uniforme de prisão, como ela estava começando a pensar. Que tal, com seu melhor jeans, uma blusa branca de seda que Karsten havia comprado para ela e ela nunca usara? E seus sapatos novos, elegantes mas também bons para andar de bicicleta? E já que estava nisso, um pouco de maquiagem para iluminar as bochechas pálidas e destacar seus pontos fortes ocultos? O franco entusiasmo de Brue quando ela ligou do apartamento-prisão de Erna, primeira coisa que fez de manhã depois de ver Issa, realmente a tocou:

— Maravilhoso! Fantástico! Muito bem, você já falou com ele. Estava começando a achar que você nunca conseguiria, mas você conseguiu! Apenas diga o lugar e a hora!

E quando ela insinuou Abdullah, embora não o mencionasse pelo nome porque Erna achava que seria prematuro: — Preocupações éticas e religiosas? Minha cara, nós, banqueiros, lidamos com elas todos os dias! O essencial é que seu cliente aceite fazer a solicitação. Uma vez resolvida, Frères moverá o céu e a terra para ele.

Em outro homem de sua idade, tal entusiasmo poderia deixá-la apreensiva, mas depois do insosso desempenho dela na última vez em que se falaram, ela se sentiu intensamente aliviada, contente mesmo. Porque o mundo inteiro não dependia do comportamento dela? Cada palavra, sorriso, careta e gesto seu naqueles dias não pertenciam aos que a possuíam? — Issa, Bachmann, Erna Frey e, no Santuário, Ursula e toda a sua antiga família, todos que deliberadamente evitavam seus olhos enquanto a observavam secretamente?



Não é de admirar que ela não conseguisse dormir. Ela só tinha que colocar a cabeça no travesseiro para experimentar uma reprodução vívida das muitas e variadas apresentações do dia: Exagerei minha preocupação com o bebê doente da telefonista do Santuário? Como reagi quando Ursula sugeriu que era hora de tirar umas férias? E por que ela sugeriu isso afinal, quando tudo o que faço é a cabeça baixa e a porta fechada, dando a impressão de estar trabalhando com afinco? E por que penso em mim como a borboleta da Austrália, que só precisa bater as asas para iniciar um terremoto do outro lado da terra?

De volta a seu próprio apartamento na noite anterior, animada pelo de acordo de Issa quanto à sua reivindicação, ela revisitou o site do Dr. Abdullah e assistiu a trechos de suas aparições na televisão e entrevistas, e ficou muito satisfeita de saber que Günther Bachmann não pretendia machucar um fio de cabelo de sua venerável cabeça, não que ele tivesse algum problema de cabelo, aliás: ele era pequeno, careca e brilhante — e *erhaben*, palavra favorita de seu professor de catecismo no internato que acabava de lembrar, para definir o sublime. Sua sublimidade, como a de Issa, abrangia tudo o que ela queria ouvir de um homem bom: pureza de mente e corpo, amor como um absoluto e reconhecimento dos muitos caminhos para Deus ou o que quer que escolhêssemos chamá-lo.

Confundi-a, ela teve que admitir, que ele não fizesse referência ao que os outros poderiam perceber como o lado negativo do Islã como é praticado, mas seu benigno sorriso erudito e otimismo perspicaz anulou sem esforço tais críticas. Todas as religiões tinham crentes que foram desviados pelo seu zelo e o islamismo não era exceção, dissera ele; todas as religiões estavam sujeitas a mau uso por homens maus; a diversidade foi um presente de Deus para nós e devemos louvá-lo por isso. Nessas circunstâncias, ela gostava das melhores referências de Abdullah à necessidade de doações generosas e de suas referências comoventes aos infelizes da terra do Islã, que eram seus clientes, assim como os dele.

Misteriosamente confortada por esses pensamentos dispersos, ela finalmente caiu num sono profundo e acordou brilhante e pronta.

E se sentiu reconfortada novamente quando viu o rosto inesperadamente feliz de Brue quando ele atravessou as portas de vidro do restaurante de Louise e se aproximou dela com as duas mãos estendidas para ela como um russo. Ela até teve um desejo espontâneo de abandonar o restaurante e devolver a ele um café em seu apartamento, só para mostrar o quanto ela o valorizava como um amigo necessitado, mas depois aconselhou cautela a si mesma, porque tinha a sensação de que estava guardando tanta coisa dentro da cabeça que, se ela soltasse, tudo sairia ao mesmo tempo, e ela imediatamente se arrependeria, assim como todas as pessoas a quem ela devia lealdade.

— Agora o que estamos tendo? Bem, eu não acho que sou eu, não é?
— Ele disse, puxando um rosto cômico para seu copo de leite sabor baunilha, e ordenou a si mesmo um expresso duplo. — Como estão os turcos, a propósito?

Turcos? Que turcos? Ela não conhecia turcos. Sua mente estava em tantos outros lugares que levou um momento para recuperar Melik e Leyla dos rostos que se aglomeravam nela.

— Oh, tudo bem — ela disse, e olhou estupidamente para o relógio, pensando que eles deviam estar no ar agora, a caminho de Petersburgo. Ela quis dizer Ancara.

— Eles estão se casando com minha irmã — disse ela.

— *Sua* irmã?

— A irmã de Melik — ela se corrigiu e ouviu-se rir com ele em seu deslize da língua. *Ele parece muito mais jovem*, ela pensou, e decidiu contar a ele. Então ela o fez, e com um olhar do qual ficou imediatamente envergonhada.

— Meu Deus, você realmente acha isso? — ele respondeu, enrubescendo docemente. — Bem, eu tive uma boa notícia familiar, para ser honesto. *Sim*.

O sim aparentemente indicava que ele não tinha liberdade para dizer mais no momento, o que ela entendeu completamente. Ele era um homem honrado, ela sabia, e ela realmente esperava que eles pudessem se tornar amigos de longa data, embora não do tipo que ele provavelmente tinha em mente. Ou foi o pensamento em sua mente e não na dele?

De qualquer maneira, ela decidiu que era hora de ser severa. Por sugestão de Erna, ela havia trazido uma cópia do texto que mostrara a Issa, além do número de telefone do Dr. Abdullah, endereço residencial e e-mail, também disponíveis gratuitamente na Internet. Lembrando-se de tudo com pressa, ela tirou as páginas de sua mochila e entregou-as a ele enquanto se observava no espelho.

— Bem, eis o seu homem — ela disse em sua voz mais severa. — O homem da doação a muçulmanos. E enquanto ele olhava as páginas com alguma perplexidade — já que ela ainda tinha que explicar seu propósito a ele... ainda não tinha explicado, mas o faria —, ela mergulhou alegremente em sua mochila. De novo. Desta vez surgiu com o cheque dele de cinquenta mil euros, pelo qual se sentiu obrigada a agradecer mais uma vez, tão profusamente que ele parou de ler sobre o Dr. Abdullah, o que fez os dois rirem juntos, olhos nos olhos, o que ela normalmente não permitiria, mas tudo bem com Brue porque ela confiava nele, e de qualquer maneira ela estava rindo mais alto do que ele, até que se controlou e confirmou isso no espelho.

— Resumindo, há complicações — ela disse, ainda olhando diretamente o rosto dele, e ficou triste ao ver algumas linhas de preocupação começando a aparecer na face até agora iluminada pela boa notícia da família, mas assim é a vida.

A complicação, ela explicou, basicamente se devia ao fato de que seu cliente gostaria de doar tudo a boas causas muçulmanas e, para isso, queria instruções do grande e bom Dr. Abdullah sobre o caminho certo a tomar, exceto que por conta do status *extremamente* delicado do cliente — que ambos conhecemos, por isso não preciso aprofundar — ele *não estava* em posição de fazer a abordagem diretamente e, portanto, uma vez que ele estabeleceu com sucesso sua reivindicação do dinheiro do pai, o que você já disse não ser um problema, ele conta com Mr. Tommy, como ele o chama afetuosamente, para fazer isso por ele.

— Este seria um procedimento aceitável para o Brue Frères? — ela terminou, ainda olhando nos olhos dele, e lhe deu seu sorriso mais luminoso, que, infelizmente para ela, ele parecia incapaz de retribuir com convicção.

— E nosso cliente está... indo bem? — ele perguntou, duvidoso, as sobrancelhas quase ultrapassando a testa em sua preocupação.

— Nas circunstâncias, ele está bem, obrigada, Mr. Brue. Muito bem, na verdade. As coisas podiam ser muito, muito piores, eu diria.

— E ele ainda está... ele não foi...?

— Não — cortou ela. — Não, Mr. Brue, ele não foi. Nosso cliente está exatamente como o viu, obrigada.

— E em mãos seguras?

— As mais seguras, nas circunstâncias, sim. Muitas mãos, na verdade.

— E quanto a *ti*, Annabel? — ele perguntou, com uma mudança terrível de voz. E, inclinando-se com urgência sobre a mesa, agarrou o antebraço dela e ficou segurando, enquanto a olhava com uma ternura tão amorosa em seus olhos que seu primeiro instinto foi compartilhar sua preocupação e explodir em lágrimas, e o segundo foi claramente recuar, procurando abrigo no profissionalismo. A essa altura, também registrara, com reprovação, que ele se permitira a liberdade de usar seu prenome e o *ti* sem o consentimento dela. Para isso não havia realmente desculpa. Ela ficou rígida, e o culpou por isso também. E ainda por estar trincando os dentes. Seu peito doía, mas quem dá a mínima para o que a machuca ou não? Certamente não um banqueiro de meia-idade que ousava tocá-la no antebraço.

— Eu não desmorono — ela anunciou. — Entende?

Ele entendeu. Ele já estava se afastando, parecia envergonhado de si mesmo, mas de alguma forma ainda segurava o pulso dela.

— Eu nunca desmorono. Sou advogada.

— E muito boa — ele estava concordando, com sua espontaneidade.

— Meu *pai* é advogado. Minha *mãe* é advogada. Meu *cunhado* é advogado. Meu *ex* é advogado. Karsten. Eu o chutei porque ele trabalha numa companhia de seguros e estava protelando o pagamento de indenização a vítimas do amianto, esperando que morressem. Não nos permitimos, na minha família, em nossa profissão, ser conduzidos pelas emoções. Nem xingar. Xinguei você uma vez. E me arrependo disso. Peço desculpas. Xinguei de banco de merda. Não é um banco de merda. É só um banco. Um banco perfeitamente digno e honrado, na medida em que seja possível que um banco o seja.

Não contente em continuar segurando seu pulso, ele estava tentando colocar um braço nas costas dela. Ela o retirou. Podia ficar em pé e assim fez.

— Sou uma advogada que não está em posição de negociar, Sr. Brue, o que é a coisa mais estúpida e inútil do universo. Só não tente me consolar. Não *estou* disponível para esquemas engenhosos. Ou concretizamos isso ou Issa está perdido. Estamos na operação *Salve Issa. Este é o único esquema possível, racional, pela segurança de Issa.* Fui totalmente clara?

Mas antes que Brue pudesse produzir uma resposta apropriada, ela se sentou com um solavanco na cadeira, e as duas mulheres do outro lado da sala se precipitaram para ela. Uma já passava o braço pelas costas dela, como Brue tentara fazer, e a outra acenava com a mão gorda para um Volvo estacionado irregularmente na curva.

12

Günther Bachmann estava se preparando para montar sua barraca. Desde as nove da manhã, os grandes compradores de Berlim estavam entrando na antessala de Arni Mohr, provando seu café, mandando pedidos aos subordinados, latindo em celulares e fazendo caretas para os notebooks. No estacionamento havia dois helicópteros oficiais. Os motoristas comuns precisam se contentar com a área dos estábulos. Guarda-costas em ternos cinza percorriam o pátio como gatos perdidos.

E Bachmann, a causa de tudo aquilo, o homem que fazia o tempo, o agente de campo durão em seu único terno respeitável, percorria a sala, ora conversando a meia-voz com um burocrata eminente, ora dando tapinhas no ombro de um velho amigo. Pergunte a Bachmann quanto tempo seu produto levou para ficar pronto, e se ele conhecesse você o suficiente, daria seu sorriso de palhaço e murmuraria *vinte e cinco putos anos*, que era o tempo, de uma forma ou de outra, que trabalhava no mundo secreto.

Erna Frey o abandonara. Ela deve estar perto daquela *pobre criança*, como ela agora chamava Annabel. Se ela precisasse de uma segunda desculpa, o que ela não sabia, ela atravessaria a Terra em vez de respirar o mesmo ar que o Dr. Keller de Colônia. Privada de sua influência estabilizadora, Bachmann se movia mais rápido e falava com mais intensidade — mas talvez com muita intensidade, como um motor com uma engrenagem faltando.

Quais desses homens e mulheres com seus afáveis sorrisos e olhares de lado eram seus amigos da hora e quais eram seus inimigos? Que comitê, ministério, seita religiosa ou partido político obscuro possuía sua lealdade? Apenas um pequeno punhado, até onde ele sabia, já ouvira uma bomba explodir de raiva, mas na longa e silenciosa guerra pela liderança de seu Serviço, eles eram veteranos endurecidos.

E essa era outra aulinha que Bachmann teria adorado dar a esses emergentes especuladores da inteligência pós-11/9 e seus aliados — outra Cantata de Bachmann que ele manteve na manga ao ser chamado de volta a Berlim. Pouco importava quantos brinquedinhos *high-tech* tivessem em seus armários de espião, ou os muitos códigos mágicos que quebraram e as

conversas que ouviram, e as deduções brilhantes que tiraram do éter sobre as estruturas organizacionais do inimigo, ou a falta delas, e as lutas intestinas, e os jornalistas domesticados lutando para trocar suas pérolas questionáveis de conhecimento por dicas plantadas e um trocado no bolso — no fim das contas é sempre o imã humilhado, o mensageiro secreto infeliz no amor, o cientista venal da defesa paquistanesa, o oficial iraniano preterido na promoção, o solitário cansado de dormir sozinho que, entre todos, dá a informação concreta sem a qual todo o resto é forragem para os manipuladores da verdade, ideólogos e politopatas que arruinam a terra.

Mas quem estaria ali para ouvi-lo? Bachmann, o primeiro a saber, era um profeta banido para o deserto. De toda a espionagem de Berlim reunida aqui hoje, apenas Michael Axelrod, alto, lânguido, inteligente e ligeiramente envelhecido, que naquele momento estava inclinado a se dirigir a ele, podia ser descrito como um aliado.

— Tudo bem, até agora, Günther? — perguntou ele, com seu habitual meio sorriso.

A pergunta não era sem propósito. Ian Lantern tinha acabado de entrar. Na véspera, numa reunião improvisada pelo próprio Axelrod, os três tomaram drinques muito amigavelmente no bar do hotel Four Seasons. O Pequeno Lantern tinha sido muito inglês e envergonhado por pescar nas águas de Günther, e muito franco e aberto sobre o que Londres planejava fazer com Issa se algum dia o fisesse — “e, honestamente, Günther, ele era um brilho tão minúsculo em nossa vida. Olha, estou absolutamente *convencido* de que no final teríamos chegado até vocês e diríamos: ‘Vamos nos unir nessa e fazer o que você estiver fazendo’” — que Bachmann sabia que tinha desconfiado de Lantern a vida toda.

Mas o que ele não tinha negociado era Martha, que entrou na antessala de Arni Mohr nos saltos de Lantern, quase como se ele fosse seu arauto, o que talvez ele fosse: a majestosa Martha, a número dois da CIA em Berlim — e somente privilegiados sabiam quantos eram — vestia-se como o próprio Anjo da Morte em um *kaftan* de cetim vermelho coberto de lantejoulas negras. E se esgueirando atrás de Martha, tão colado nos saltos dela que podia estar usando sua massa para se proteger, ninguém menos do que Newton, aliás Newt, ex-vice-chefe de operações da embaixada dos EUA em Beirute, o equivalente de Bachmann lá, e que, ao ver o antigo companheiro, abriu caminho até ele e o abraçou enquanto gritava: “Putá

merda, Günther, eu te vi pela última vez estendido no chão do bar do Comodoro! Que porra você está fazendo em Hamburgo, cara!”

E Bachmann, enquanto ria e reagia como um bom sujeito, silenciosamente fazia a Newton a mesma pergunta: por que em nome do céu a estação Berlim da CIA está se intrometendo no meu território? Quem os convidou e por quê? E assim que os dois passaram a outras presas, ele perguntou isso a Axelrod.

— São observadores inofensivos. Acalme-se. Ainda nem começamos.

— Observando o quê? Newt não observa, ele corta gargantas.

— Eles consideram que podem contribuir com Abdullah. Eles acreditam que ele cofinanciou um ataque a um de seus conjuntos habitacionais na Arábia Saudita, e outro, que falhou, a uma base de escuta dos EUA no Kuwait.

— E daí? Pelo que sabemos, ele cofinanciou as Torres Gêmeas. Estamos tentando recrutá-lo, não julgá-lo. Como eles chegaram aqui? Quem os avisou?

— O Comitê Conjunto. Quem mais?

— *Quem* no Comitê Conjunto? Que parte do Comitê Conjunto? Quem na meia dúzia de partes do Comitê Conjunto? Está me dizendo que *Burgdorf* os avisou? *Burgdorf* entregou minha operação aos *americanos*?

— Consenso — Axelrod retrucou, no momento que Martha escolheu para se livrar de Arni Mohr e se dirigia a ele, rebocando Ian Lantern.

— O quê? Günther Bachmann, que surpresa! — berrou ela, em sua voz navio-a-navio, como se só agora o percebesse no horizonte. — Por que diabos você ainda está cumprindo tempo de prisão *nesse* buraco perdido? — Agarrando a mão dele, puxou-o para seu amplo corpo, como se precisasse dele para si mesma. — Você já conheceu meu pequeno Ian? Claro que sim. Ian é meu poodle britânico. Eu o levo a Charlottenburg todas as manhãs, não é, Ian?

— Religiosamente — disse um Lantern agradecido ao lado dela. — E depois ela limpa meu traseiro — acrescentou, piscando o olho para seu novo amigo Günther.

Axelrod havia se retirado. Do outro lado da sala, Burgdorf murmurava algo com seu sátrapa Dr. Otto Keller, mas olhava para Bachmann, então talvez estivessem falando de Bachmann. Burgdorf aos sessenta anos parecia uma criança descontente, amuada porque os irmãos tinham mais

amor de mãe do que ele. As portas duplas se abriram. Arni Mohr, o empresário, chamava seus convidados para a festa.

Perturbado pela presença dos americanos, além de confuso, Bachmann assumiu seu lugar na ponta da longa mesa de reunião. Mohr havia lhe dado o lugar de honra — ou seria a cadeira do burro? É verdade que Bachmann era o criador da operação; mas também, se as coisas dessem errado, o culpado. As decisões do Comitê Conjunto, apesar das brigas, eram, como Axelrod acabava de lembrar, coletivas. Os pretendentes autônomos, como Bachmann, eram, portanto, objeto de risco, assim como o lucro, aceitos ou rejeitados por consenso. Talvez por isso os campos rivais de Burgdorf e Axelrod se postaram na extremidade mais distante da mesa, deixando seus burocratas no espaço entre eles e o agressor.

Para enfatizar a importância dos observadores, Mohr deu a Martha e Newton uma mesa separada — mas, combinando com a consternação de Bachmann, os dois se tornaram inexplicavelmente três, graças à chegada de uma mulher de ombros largos em seus quarenta anos, dentes perfeitos e longos cabelos louro-cinza. E se isso não bastasse, no curto espaço de tempo desde que Newton, com seu metro e oitenta e tantos, tinha abraçado Bachmann, tinha crescido nele uma barba, ou talvez Bachmann não a tivesse percebido antes: uma saliência perfeitamente aparada em forma de pá, preta, empoleirada na ponta do queixo, exatamente onde alguém podia aterrisar seu punho, exceto que Newton já o teria golpeado.

O doce e gentil Ian Lantern, embora fosse estrangeiro, era um jogador cooptado. Ele havia sido colocado na mesa principal, mas perto da mesa dos observadores para poder sussurrar no ouvido de Martha. À esquerda de Lantern ficava Burgdorf, mas bem distante, para Burgdorf, tão elegante, elegante e gentil, não gostava de proximidade física. Dois lugares depois estava uma dupla de mulherengos da equipe de lavagem de dinheiro de Berlim. A vocação deles era o envelhecimento precoce resolvendo enigmas de como uma transferência bancária de dez mil dólares levantada de boa fé por uma instituição de caridade muçulmana em Nuremberg podia virar quinhentos litros de tintura de cabelo numa garagem em Barcelona.

Os demais rostos diante de Bachmann eram ministeriais ou pior: gente do alto escalão do Tesouro; uma mulher fúnebre do gabinete do chanceler; um absurdamente jovem chefe de departamento da Polícia Federal e um antigo editor de Berlim cuja perícia era matar reportagens da imprensa.

Bachmann deveria começar? Mohr fechou a porta e trancou-a. Keller franziu o cenho para o celular e o enfiou no bolso. Lantern deu uma gorjeta a Bachmann, com seu sorriso arenoso que dizia: *Vá em frente, Günther*. Bachmann foi em frente.

— Operação *Felix* — anunciou ele. — Posso considerar que todos aqui viram o material? Ninguém desinformado?

Ninguém desinformado. Cada rosto se virou para ele.

— Então, o professor Aziz nos dará um perfil do nosso alvo.

Bata neles com Aziz primeiro, e deixe a parte difícil pro fim, Axelrod havia aconselhado.



Durante vinte anos, Bachmann tinha amado Aziz: quando Aziz era seu agente principal em Amã; quando Aziz apodrecia numa prisão tunisiana com sua rede enforcada e sua família escondida; e no dia em que Aziz saiu mancando dos portões da prisão, os pés descalços destroçados, até o carro da embaixada alemã que o levaria ao aeroporto para se reinstalar na Baviera.

E ele amava Aziz agora, quando uma porta lateral se abriu e Maximilian, aparecendo brevemente, deixou passar a figura diminuta, militar, cabelos escuros, terno escuro, bigodudo, que entrou suavemente na sala e ocupou seu lugar em uma plataforma elevada no extremo oposto da mesa: Aziz, o espião reassentado, o principal especialista do Comitê Conjunto nos atalhos do *jihadismo* e sobre nos atos e meditações de seu ex-colega de escola dos tempos do Cairo, Dr. Abdullah.

Só que Aziz não o chama de Abdullah. Ele o chama de *Signpost*, sendo este o codinome caprichoso escolhido por Axelrod em referência velada ao manual espiritual de todos os militantes islâmicos, chamado *Signposts Along the Way*, escrito por seu mentor Sayyed Qutub enquanto se sentava sobre sua sentença numa prisão egípcia. A voz de Aziz é grave e ressaltada pela dor.

“*Signpost* é, em todos os aspectos, apenas um homem de Deus”, ele começa, assumindo o papel de advogado da defesa. “Ele é um erudito

inteiramente genuíno e erudito. Ele é inquestionavelmente devoto. Ele prega o caminho pacífico. Ele acredita sinceramente que o uso da violência em derrubar os governos islâmicos corruptos é contrário à lei religiosa. Ele publicou recentemente uma nova tradução para o alemão dos ditos do profeta Maomé. É uma excelente tradução. Eu não conheço melhor. Ele vive simplesmente e come mel”. Ninguém ri. “Ele é um apaixonado por mel. Entre os muçulmanos, ele é conhecido por essa paixão pelo mel. Os muçulmanos gostam de tipificar as pessoas. Ele é um homem de Deus, do Livro e do mel. Mas infelizmente é nossa percepção que ele também é um homem da bomba. O caso não está provado. Mas a evidência é persuasiva”.

Bachmann rouba uma olhada rápida em volta da mesa. Mel, Deus e bombas. Todos os olhos no professorzinho soldado, ex-amigo do bombista devorador de mel.

“Até cinco anos atrás ele usava ternos sob medida. Era um dândi. Mas desde que começou a aparecer na televisão alemã e a participar de debates públicos, adotou um traje mais humilde. Ele queria se tornar visível por sua humildade. Por seu estilo de vida abstêmio. É um fato. Não sei bem por que ele fez isso.

Nem a audiência.

“Durante toda a sua vida, *Signpost* lutou sinceramente para superar as distinções sectárias dentro da Umma. Por isso, sugiro que ele seja admirado”.

Ele hesita. A maioria dos presentes, mas não todos, sabe que por *Umma* ele está se referindo à comunidade de todos os muçulmanos no mundo.

“Em suas atividades de levantamento de fundos, *Signpost* se sentou na diretoria de muitas organizações de caridade, algumas amargamente rivais, com o propósito de promover e distribuir o *zakat*”, continuou Aziz, dando uma rápida olhada na audiência.

“O *zakat* representa dois e meio por cento do salário de um muçulmano que, sob a lei da Sharia, deveria ser dedicado a boas causas, como escolas, hospitais, alimento para pobres e necessitados, bolsas de estudo para estudantes e *orfanatos*. Orfanatos muçulmanos. Estes são o seu grande amor. Para nossos órfãos, declarou *Signpost*, ele viajará pelo mundo o resto de sua vida sem dormir. E devemos admirá-lo por isso

também. O Islã tem muitos órfãos. *Signpost* era ele mesmo um órfão, produto de escolas rigorosas, muito rigorosas de Alcorão”.

Mas há um lado negativo nesse compromisso, que o aperto de sua voz indica:

“Os orfanatos, eu diria, são um dos muitos pontos em que causas sociais e terroristas inevitavelmente se cruzam. Orfanatos são santuários para os filhos dos mortos. Entre os mortos estão os mártires, homens e mulheres que deram suas vidas defendendo o Islã, seja no campo de batalha ou como homens-bomba. Não cabe aos doadores caridosos investigar a forma particular de martírio. Receio, portanto, que as ligações com os promotores do terrorismo sejam, nesse contexto, inevitáveis”.

Se a audiência tivesse respondido com um "amém", Bachmann não teria ficado surpreso.

“*Signpost* é intrépido”, insiste o professor Aziz, retomando seu papel de advogado de defesa. “Em busca da missão de sua vida, ele testemunhou o sofrimento de seus irmãos e irmãs muçulmanos em alguns dos piores lugares da Terra, eu diria o pior *absoluto*. Nos últimos três anos, ele viajou com risco pessoal para Gaza, Bagdá, Somália, Iêmen e Etiópia; também para o Líbano, onde experimentou em primeira mão a devastação israelense do país. Isso, receio, não o desculpa.”

Ele respira fundo, como se se enchendo de coragem, embora coragem, na memória de Bachmann, seja a última coisa que Aziz não tenha.

“Devo dizer que nesses casos, para muçulmanos e não-muçulmanos, há sempre a mesma pergunta: se a evidência persuasiva estiver correta, um homem como *Signpost* está fazendo um pouco de *bom* para fazer o *mal*? Ou ele está fazendo um pouco de *mal* para fazer o *bem*? O objetivo de *Signpost* na minha opinião foi sempre fazer o *bem*. Pergunte-lhe sobre os usos aceitáveis da violência e ele lhe dirá que, ao abordar a questão do terror, temos que distinguir entre revolta legítima contra a ocupação, por um lado, e o terrorismo declarado, que não apoiamos, por outro. A Carta das Nações Unidas *permite* a resistência à ocupação. *Partilhamos* essa visão, como todos os europeus liberais. *No entanto*”, e ele parece repentinamente melancólico, “*no entanto*, o que aprendemos nesses casos — e *Signpost*, segundo a evidência persuasiva, não é exceção — é que homens *bons* aceitam um pouco de *mal* como elemento necessário em seu trabalho. Para alguns, pode ser até vinte por cento. Para outros, doze ou dez. Para os outros ainda, até mesmo cinco. Mas cinco por cento mal pode

ser muito ruim, mesmo se os 95% restantes forem muito bons. Eles conhecem os argumentos. Mas em suas cabeças — ele toca a sua — é *insolúvel*. Eles têm um *lugar* para o terror em suas mentes e não é um lugar totalmente *negativo*. Eles o veem...” — estaria ele procurando a palavra em sua própria consciência, fingindo ser a de Abdullah? — “como um tributo *doloroso, mas necessário*, à grande diversidade que é a Umma. Infelizmente, isso *não* constitui uma desculpa. Mas constitui, eu me atreveria a sugerir, uma *explicação*. Portanto, enquanto *Signpost* pode ter certeza em sua *mente* do que ele considera o caminho certo, ele não iria tão longe a ponto de dizer na cara dos militantes que eles estão errados. Porque em seu *coração*, ele não tem certeza. Este é o seu paradoxo insolúvel e ele não está sozinho. Pois todos os crentes não estão procurando o caminho certo? E os mandamentos de Deus não são difíceis de compreender? *Signpost* pode desgostar profundamente do que os militantes fazem. Provavelmente ele desgosta. Mas quem é ele para dizer que eles são menos piedosos, ou menos guiados por Deus, do que ele mesmo — assumindo sempre que a evidência persuasiva nos persuade?

Bachmann olha rapidamente para Burgdorf, depois rapidamente para Martha, porque a principal espiã americana e o pretense tsar da inteligência alemã estão compartilhando um olhar. É um olhar sem expressão, sinalizando nada além que um vínculo particular. Então, o atento Lantern percebe o olhar também e, esforçando-se para fazer parte dele, inclina-se para trás em seu assento até chegar perto do ouvido de Martha e sussurra algo que também não causa impacto no rosto dela.

Se Aziz testemunhou essa interação, ele a ignora.

“Também devemos considerar *esta* possibilidade”, continua ele. “Por sua origem e suas conexões, *Signpost* está sob pressão moral dos companheiros crentes. Isso pode acontecer. Sua cooperação não é apenas assumida, é exigida. ‘Se não nos ajudar, estará nos traindo.’ Talvez *Signpost* também esteja sujeito a outras formas de coerção. Ele tem esposa e filhos de um casamento anterior, agora vivendo na Arábia Saudita. Não sabemos”, ele insiste, com ênfase dolorosa. “Nunca saberemos. Talvez o próprio *Signpost* nunca saberá exatamente como se tornou o que é — supondo que seja o que é”. Aziz se prepara para o que parece ser um último apelo à compreensão improvável. “Talvez *Signpost* não queira saber — talvez ele realmente nem saiba — onde os cinco por cento acabam. O último link, talvez ninguém saiba. Uma mesquita precisa de um

telhado. Um hospital precisa de uma ala. E pela graça de Alá há um intermediário que lhes dá esse dinheiro. Mas os postos mais pobres do islamismo não são exatamente conhecidos por sua contabilidade meticulosa. Assim, o intermediário pode ter o suficiente para comprar explosivos para dois coletes suicidas.” Ele tem uma última mensagem. “Noventa e cinco por cento de *Signpost* conhecem e amam o que ele faz. Mas cinco por cento não querem saber e não podem. Eu sinto muito.”

Pelo quê?, Bachmann quis perguntar a ele.

“Então, o que ele é?”.

Uma voz masculina impaciente exige abruptamente. É Burgdorf.

“Por suas ações, *Herr* Burgdorf? Em seu efeito, você quer dizer? Assumindo que a evidência esteja correta?

“Não é com isso que estamos lidando aqui? Depois dessa suposição? As ações dele?”

Burgdorf, o homem-criança rabugento, é famoso por sua aversão ao dualismo esquerdista. “Me dê conselheiros de um braço só, Michael”, ele é famoso por ter gritado com Axelrod numa imprópria discussão pública. “Não me dê mais gente que me diga ‘por um lado isso, por outro aquilo’!”

“*Signpost* é um eixo, *Herr* Burgdorf”, admite tristemente o professor Aziz, do púlpito. “Não na substância do que ele faz, mas nos detalhes. Um pouco de dinheiro retirado aqui, um pequeno desvio ali — as somas não são grandes. No nível em que o terror opera atualmente, não precisam ser. Alguns milhares de dólares podem ser suficientes. Nos piores lugares, algumas centenas farão o milagre. Se estamos falando do Hamas, menos.

Ele parece prestes a acrescentar algo. Talvez ele esteja se lembrando do que apenas algumas centenas de dólares fizeram. Burgdorf o interrompe:

“Então, ele financia o terror”, retruca em voz alta, soletrando para a compreensão geral.

“Com efeito, *Herr* Burgdorf, sim. Se o que acreditamos for verdade. Noventa e cinco por cento dele, não. Noventa e cinco por cento dele apoiam pobres, doentes e necessitados muçulmanos. Mas cinco por cento dele financiam o terror. Conscientemente e com ingenuidade. Ele é, portanto, um homem mau. Essa é a tragédia dele.

Axelrod viu esse momento chegando e se preparou.

— Professor Aziz, você não está sugerindo algo diferente? Pelo que temos ouvido nas entrelinhas, você não concordaria que, dados os

incentivos certos, digamos, e a correta convergência de pressões e ameaças, *Signpost* é o material ideal de recrutamento para o campo da paz... como ocorreu com você, muitos anos atrás, nos dias em que era um irmão muçulmano que apoiava a ação direta?

O professor Aziz se despede de seu público e é escoltado para fora. Ele está em segurança — mas por que correr o risco? Ao vê-lo partir, Bachmann ouve, deliberadamente, o sussurro mal disfarçado de Martha para Lantern: — *Vou lhe dizer uma coisa, Ian. Vou me contentar com cinco por cento agora.*

Uma enxurrada de atividades descoordenadas seguiu-se à partida de Aziz. Martha se levantou e saiu da sala com o celular no ouvido, varrendo com ela Newton e a loura-cinza de ombros largos. Aparentemente, Mohr reservara um escritório no qual a Agência podia fazer sua *observação inofensiva*. Burgdorf estava debruçado sobre Keller, ainda sentado, murmurando em seu ouvido enquanto olhavam em direções opostas. E Bachmann, lutando para conter a ansiedade que se acumulava nele, rezava para si mesmo sua ignorada cantata:

Não somos policiais, somos espões. Não prendemos nossos alvos. Nós os desenvolvemos e os redirecionamos para alvos maiores. Quando identificamos uma rede, assistimos, ouvimos, penetramos e, aos poucos, controlamos. Detenções têm valor negativo. Destroem uma aquisição preciosa. Enviam você de volta à prancheta, procurando outra rede tão boa quanto a que acabou de estragar. Se Abdullah não fizer parte de uma rede conhecida, eu pessoalmente o transformo em parte de uma. Se necessário, invento uma rede só para ele. Funcionou para mim no passado e vai funcionar com Abdullah, apenas me dê uma chance. Amém.



Nas mãos de uma lendária analista chamada Frau Zimmermann, que Bachmann encontrara em suas fugazes visitas à embaixada de Beirute, *Signpost* está se transformando de religioso comedor de mel com uma falha de cinco por cento num tesoureiro terrorista de dentes vermelhos.

Em uma tela acima do cabeção de Frau Zimmermann aparecem diagramas como árvores genealógicas, mostrando de quais respeitáveis instituições muçulmanas de caridade *Signpost* faz uso indevido, a fim de sugar dinheiro e material para terroristas. Nem todas as suas transações de cinco por cento são financeiras. Os miseráveis de Djibuti clamando por cem toneladas de açúcar? Uma das instituições de caridade garantirá que uma remessa seja despachada de uma só vez. A caminho de Djibouti, no entanto, a embarcação de ajuda para no humilde porto de Berbera, costa norte da Somália devastada pela guerra, para depositar outra carga, explica ela, batendo irritada na tela com o ponteiro, como que para afastar um inseto intruso.

E verifica-se em Berbera que dez toneladas de açúcar são descarregadas por engano. Bem, essas coisas acontecem, quer estejamos em Berbera ou Hamburgo. O erro trivial não é descoberto até que o navio esteja mais uma vez em movimento. Quando chega ao destino oficial, os destinatários estão com tanta fome e tão agradecidos por receber noventa toneladas que ninguém se queixa das dez toneladas desaparecidas. Enquanto isso, em Berbera, dez toneladas de açúcar estão comprando detonadores, minas terrestres, revólveres e lançadores de foguetes para militantes somalis cujo objetivo na vida é espalhar desordem e chacinas a baixo preço.

Mas quem pode culpar a caridade que, em sua bondade inquestionável, forneceu açúcar para a fome de Djibuti? E quem se atreveria a colocar a culpa em *Signpost*, o piedoso defensor da tolerância e da inclusão entre os povos de todas as religiões?

Frau Zimmermann.

Ela também encaminharia sua audiência a seus arquivos FELIX, que detalham o raciocínio atrás de suas descobertas. Para os iniciantes, ela tem outro diagrama, ainda mais simples que o primeiro. Consiste em um arquipélago de bancos comerciais, pequenos e grandes, espalhados pelo globo. Alguns são nomes familiares, outros mais propensos a ter seu quartel general nas favelas de uma cidade montanhosa no Paquistão. Nada conecta o um ao outro. Tudo o que têm em comum é a luz de um alfinete, que aparece quando *Frau Zimmermann* aponta para eles, como uma velhinha irritada sacode seu guarda-chuva para o ônibus que parte.

Um belo dia, uma quantia moderada de dinheiro é paga nesse banco, diz ela. Vamos dizer em Amsterdã. Vamos dizer dez mil euros. Um

homem gentil chega e paga.

E o dinheiro fica nesse banco. A crédito de um indivíduo ou uma empresa ou uma instituição ou uma instituição de caridade. Mas não se mexe. Fica a crédito do sortudo titular da conta. Talvez por até seis meses. Um ano.

Então, uma semana depois, eis que uma quantia do mesmo montante é paga a esse banco a milhares de quilômetros de distância — digamos — de Karachi. E também fica lá. Nenhuma ligação telefônica, nenhuma transferência online. Apenas um homem diferente na rua.

“Até que, um mês depois, uma quantia muito semelhante finalmente chega aqui”, diz *Frau Zimmermann*, com a voz aguda subindo em indignação. O ponteiro indica o norte de Chipre. “O lugar visado o tempo todo, pago pelo escambo silencioso, que sem inteligência operacional detalhada não podemos esperar traçar. Inúmeras transações desse tipo acontecem a cada hora. Apenas alguns poucos apoiam atos terroristas. Fontes combinadas e dados computadorizados ocasionalmente nos mostram o caminho: mas apenas um caminho. Esse é o dilema. Se traçarmos a corrente desta vez, quem dirá que a seguiremos na próxima vez? Da próxima vez pode ser completamente diferente. Essa é a beleza do sistema. A menos que o mestre da cadeia se torne complacente, ou preguiçoso, e comece a se repetir. Então um padrão se forma e, com o tempo, certas presunções podem ser feitas. O ideal é identificar o mestre da cadeia e seu primeiro elo. *Signpost* é um mestre da cadeia que ficou preguiçoso”.

Um ponto luminoso brilha sobre a cidade de Nicósia. O ponteiro dá um toque acusador e fica lá.

“Com codificação, ou seja, são transferências invisíveis”, a lendária *Frau Zimmermann* retoma em seu alemão sulista de mestre-escola. “Repetição é o sonho do investigador. Com base na observação de três anos dessa empresa de transporte extremamente insignificante, que tem um longo histórico de descarregar alimentos e outras mercadorias em lugares duvidosos por engano e não se incomodar muito em recuperá-los” — o nome inócuo da SEVEN FRIENDS NAVIGATION COMPANY é repentinamente exibido em vermelho no alto da ilha, enquanto o ponteiro permanece resolutamente em seu posto — “e com base nos pagamentos de primeira conexão de *Signpost* para esta conta beneficente neste banco” — Riad acende, junto com o nome do banco, em árabe e em inglês — “e o dinheiro

correspondente é pago *neste* banco” — o ponteiro muda para Paris — “e a mesma soma vai para *este* banco” — estamos em Istambul — “tudo para contas que agora podemos pré-identificar, então dizemos que é uma suposição muito sólida do envolvimento de *Signpost* no financiamento do terrorismo. Se *Signpost* fosse limpo, é nossa convicção que ele nunca teria tido contato direto com *esta* empresa de transporte marítimo de baixo custo. No entanto, ele pessoalmente contratou esta empresa em mais de uma ocasião, embora consciente — e talvez *porque* ele saiba — de que mais de uma vez entregou mercadorias no lugar errado. Prova não é. Mas, como base na suposição, grita bem alto”.

Enquanto a tela se retrai, a voz meticulosa de *Frau Zimmermann* é interrompida pelo majestoso martelo de Martha, crescendo na sala.

— Quando você diz *suposição sólida*, Charlotte — *como diabos ela sabe o primeiro nome da mulher*, pergunta-se Bachmann, *e como diabos ela voltou para cá sem que eu percebesse?* —, você está querendo dizer tipo uma *prova*? Ele faz o movimento que queremos que faça, esse movimento da primeira conexão, e então isso é a prova? Que se sustentaria num tribunal americano?

A perturbada *Frau Zimmermann* ia protestar que a questão estava acima de seu nível salarial quando Axelrod habilmente a retira dela.

“De que tribunais você está falando aqui, Martha? Seus tribunais militares a portas fechadas ou o velho tipo, quando o acusado podia saber do que foi acusado?”

Algumas almas mais livres riem. O resto finge que não ouviu.

“*Herr* Bachmann tem uma proposta operacional, vamos ouvir, por favor.



Um homem que faz o tempo não aceita placidamente que não-iniciados olhem por cima de seu ombro enquanto realiza sua magia. Bachmann tinha a sensibilidade do artista quanto a compartilhar o processo de criação. No entanto, lutou para atender a audiência. Em linguagem despretensiosa de leigo, projetada para atrair o pessoal do

mercado de espões, expôs os argumentos que, com a assistência editorial de Erna Frey e Axelrod, formaram o núcleo de sua apresentação apressadamente escrita. O objetivo operacional, explicou, era estabelecer a prova da culpa de *Signpost*, mas ao mesmo tempo deixar sua reputação e eminência inalteradas e, a longo prazo, reforçadas, com todas as suas conexões de caridade intactas. Para pegar seus *cinco por cento* e usá-los como um canal e um posto de escuta. Contra sua inclinação, Bachmann se forçou a usar a expressão "guerra ao terror". Portanto, o primeiro passo era o mais vital: comprometer totalmente *Signpost*, deixá-lo saber que estava comprometido e lhe oferecer a escolha: líder espiritual da Umma, ou...

— Ou o *que* exatamente, Günther? Conte-nos. — Martha, a *inofensiva observadora*, interrompeu.

— Humilhação pública e possível prisão.

— Possível?

Axelrod veio em socorro: — Isso aqui é a Alemanha, Martha.

— Certo. É a Alemanha. Você o testa e digamos que, para variar, ele seja condenado. Quanto tempo ele fica preso? Tipo seis anos, sursis aos três? Vocês não sabem o que é cadeia. Quem vai interrogá-lo?

Axelrod não tinha dúvida. — Ele é propriedade alemã e seria interrogado sob a lei alemã. Isso se ele se recusar a jogar o jogo. É muito melhor, no entanto, que ele mantenha sua situação e colabore conosco. Acreditamos que ele o faça.

— Por quê? Ele é um terrorista fanático. Talvez ele prefira se explodir.

Bachmann novamente: — Não é a nossa leitura dele, Martha. Ele é um homem de família, estabelecido, respeitado em toda a Umma, admirado no Ocidente. São trinta anos desde que saiu da prisão. Não pedimos que se torne um traidor. Oferecemos a ele uma nova definição da palavra *lealdade*. Garantimos sua posição aqui, prometemos cidadania alemã, que ele solicitou meia dúzia de vezes sem sucesso. Tudo bem, talvez no começo nós o ameacemos. Mas isso são as preliminares. Então nos tornamos amigos dele. “Venha até nós e vamos trabalhar juntos criativamente para um Islã melhor e mais moderado.”

— E que tal uma anistia para atos terroristas do passado? —, sugeriu Martha, agora aparentando aderir ao argumento em vez de contestá-lo. — Você ofereceria isso também?

— Se ele confessar tudo de peito aberto. Se Berlim sancionar. Como parte necessária do pacote. Sim.

A sombra da hostilidade mútua havia passado. Martha estava sorrindo largamente. — Günther, querido. Quantos anos você tem, pelo amor de Deus? Cento e cinquenta?

— Cento e quarenta e nove —, Bachmann respondeu, jogando o jogo dela.

— E pensar que meu último ideal morreu quando eu tinha dezessete anos e meio! — Martha gritou, para uma gargalhada geral, liderada por Ian Lantern.



Mas Bachmann estava longe de ter vencido. Uma busca disfarçada dos rostos em volta da mesa confirmou o que ele temia desde o início: a perspectiva de uma relação amorosa com um financiador de terrorista não satisfazia a todos os paladares.

— Então, agora estamos dando *cidadania* a nossos inimigos —, um conhecido do Ministério do Exterior sugeriu acidamente. — Estamos abrindo os braços não apenas para *Signpost*, terrorista internacional identificado, mas para nosso bom amigo *Felix*, criminoso russo fugitivo com uma série de condenações por atos de violência de inspiração muçulmana. Nossa hospitalidade para criminosos estrangeiros parece ser ilimitada. O homem tem nossa completa misericórdia, por isso lhe oferecemos cidadania alemã como incentivo. Fico imaginando até que ponto nossa gentileza pode ir.

— É pela garota —, Bachmann rosnou, ficando vermelho.

— Ah, claro. A jovem dama metida nesse caso. Esqueci.

— A garota nunca teria trabalhado para nós se não tivéssemos dado a ela nossa promessa solene de que *Felix* seria libertado. Sem ela, nunca teríamos *Felix*. Ela fez amizade com ele, convenceu-o a procurar *Signpost*.

Percebendo que suas palavras haviam sido recebidas com um silêncio incrédulo, senão francamente cético, Bachmann enterrou a cabeça nos ombros beligerantemente.

— Dei minha *palavra*. A palavra de agente para agente, isso não se quebra jamais. Era esse o acordo. Aprovado pelo Comitê. — Esta última

frase foi dirigida diretamente a Burgdorf, enquanto Axelrod parecia desconfortável. — Ela é advogada dele — disse, fitando a mesa inteira agora. — Como advogada dele, ela se comprometeu a fazer o que for preciso para proteger seu cliente. Ela coopera porque garantimos a ela que o cliente será beneficiado. Ele vai ficar livre e sozinho para estudar e rezar, que é tudo o que ele quer fazer. É por isso que ela está com a gente.

— Também nos disseram que está apaixonada por ele —, a mesma voz ácida sugeriu, sem concessão. — Talvez a questão seja: quanto sobra de amor para *nós*?

E Bachmann, a despeito do olhar de advertência de Axelrod, podia muito bem ter respondido a essa brincadeira em termos que depois lamentaria, se Lantern não houvesse entrado com habilidade na brecha para desarmar a tensão.

— Posso agitar minha pequena Union Jack¹ aqui, Axe? — escolhendo Axelrod como receptor de seu humor britânico. — Sinto que devo apenas salientar que sem o envolvimento de um certo banco britânico de primeira linha não haveria *Felix* nenhum para herdar o dinheiro do pai e nenhum *Signpost* para ajudá-lo a gastar!

Mas o riso que se seguiu foi pouco franco e a tensão não diminuiu. Martha estava de cabeça baixa com Newton e sua misteriosa loura-cinza. Agora a cabeça dela subiu com um solavanco.

“Günther. Ian. Axe. Certo. Me respondam, por favor. Vocês estão realmente me dizendo que podem conseguir dar esse golpe? Quero dizer, Jesus Cristo, vamos ver o que temos aqui. Uma advogada pateta esquerdista à beira de um colapso nervoso. Um banqueiro britânico semimorto que tem tesão por ela. E um meio checheno combatente da libertação fugindo da justiça russa que pilota aviões de papel, ouve música e acha que um dia será médico. E vocês, meninos, realmente acreditam que podem colocá-los todos juntos numa sala e pegar um lavador de dinheiro islâmico que passou a vida enganando? É isso? Ou estou doida?

Para alívio de Bachmann, Axelrod respondeu.

“*Felix* não caiu do céu azul, no que diz respeito a *Signpost*, Martha. Se você consultar o arquivo, verá o *frisson* que provocamos nos sites islâmicos que controlamos, e tudo indica que nossos esforços valeram a pena. Os informes dos suecos e dos russos ajudaram. Sites islâmicos independentes já o classificam agora como grande combatente checheno e

artista da fuga. Até que o encontro dos três seja possível, a fama de *Felix* o terá precedido.



Alguém estava perguntando sobre os procedimentos operacionais. Depois que *Signpost* estivesse comprometido e protegido, quanto tempo Bachmann podia segurá-lo sem despertar preocupação quanto a seu paradeiro?

Bachmann disse que tudo dependia dos arranjos de *Signpost* para aquela noite. O tempo estava contra eles. A garota e *Felix* estavam ficando nervosos.

O foco se voltou para Arni Mohr. Desesperado para mostrar presença, ele descrevia sua última visita à central de polícia, onde, para um grupo seleta, esboçara uma parte, não tudo, naturalmente, da operação planejada.

Enquanto Bachmann ouvia, o desespero o dominava como uma doença. A polícia propôs colocar atiradores ao redor do banco contra a possibilidade de que *Signpost* estivesse usando um colete suicida, anunciou Mohr orgulhosamente. E como achavam que *Signpost* chegaria armado, também propuseram cobrir o encontro crucial no Brue Frères Bank das cinco direções: da margem de Alster, dos dois lados da rua e das duas extremidades.

Também os telhados, Mohr continuou. Seu plano era fechar a área assim que *Signpost* fosse admitido no banco e repovoá-la com sua própria versão da humanidade: em carros, em bicicletas, a pé. Com a assistência da polícia, todas as casas e hotéis próximos seriam evacuados.

Keller concordou.

Burgdorf não discordou.

Marta, embora fosse apenas uma observadora, sentiu prazer em dar sua aprovação.

Newton mencionou algo que podiam fazer para ajudar: brinquedos, coisas de visão noturna, alguma coisa pequena.

A misteriosa loura-cinza expressou concordância apertando a boca em sua cara de machadinha.

Num esforço para moderar o esquema grandioso de Mohr, Axelrod lembrou que as medidas da polícia não deviam deixar rastro, antes, durante ou depois da visita de *Signpost* ao Brue Frères. Se a notícia vazasse — para a mídia ou para a comunidade muçulmana que o estimava —, toda a esperança de ter *Signpost* como informante de alto valor seria anulada. E sim, admitiu Axelrod, até onde ele sabia, o próprio Arni Mohr estaria presente quando a polícia tecnicamente prendesse *Signpost*, mas somente se Bachmann considerasse a prisão um meio de intimidá-lo antes de começar o processo de *amizade*. Todo mundo estava confortável com isso?

Todos, exceto Bachmann, aparentemente estavam. De repente, a reunião acabou. O júri — auxiliado por seus observadores — se retiraria para estudar seu veredicto, e Bachmann, não pela primeira vez, podia voltar para seu estábulo e suar.

— Excelente trabalho, Bachmann —, Burgdorf disse a ele, afagando seu ombro em raro gesto de contato físico.

Para o ouvido de Bachmann, o aplauso soou como um obituário.



Bachmann estava sentado à sua mesa, de mãos juntas, enquanto Erna Frey trabalhava metodicamente em seu computador.

— Como ela está? — ele perguntou.

— Como esperado.

— O quanto isso é *bem*?

— Enquanto ela achar que Issa está pior do que ela, ela pode aguentar.

— Bom.

— É?

O que mais Bachmann podia dizer? Era sua culpa se Erna também gostava da garota? Era de Erna? Todo mundo parecia ter se apaixonado por ela, então por que não Erna? Amor é tudo que se pode ter e ainda assim cumprir a missão.

No estábulo inteiro o clima era igualmente sombrio. Maximilian e Niki estavam decryptando e checando os dados do dia, ou o que quer que

estivessem fazendo em vez de ir para casa. Mas nenhuma voz humana chegou ao ouvido de Bachmann, nenhuma risada ou exclamação, seja dos analistas ao lado ou dos encarregados da escuta no corredor, ou do pequeno grupo de motoristas e seguranças na rua embaixo.

Em pé na janela e com sensação de *déjà vu*, Bachmann observou o helicóptero oficial de Keller decolar para Colônia, depois o de Burgdorf para Berlim com um bando de funcionários e Axelrod; a última a subir a bordo foi Martha, sem seu Newton e sem sua loura-cinza.

Uma fileira de Mercedes pretas dirigiu-se ao portão principal. A barreira subiu e ficou no ar.

O telefone criptografado estava tocando na mesa de Bachmann. Ele atendeu e grunhia um ocasional "Sim, Michael", "Não, Michael".

Erna Frey continuava em seu computador.

Bachmann disse: — Adeus, Michael — e desligou.

Erna Frey continuou com seu trabalho.

— Conseguimos —, disse Bachmann

— O quê?

— O sinal verde. Com condições. Podemos ir em frente. O mais cedo possível. Estão preocupados com que estejamos sentados num vulcão. Tenho as primeiras oito horas dele.

— *Oito*, não nove.

— Oito bastam. Se ele não morder a isca em oito horas, Arni pode mandar prendê-lo.

— E para onde você vai levá-lo para suas oito horas, se posso perguntar? O Atlantic? O Four Seasons?

— Para seu apartamento seguro no porto

— Vai arrastá-lo até lá pelos pentelhos?

— Vou convidá-lo. Assim que ele sair do banco. “*Herr Doktor*, eu represento o governo alemão e gostaríamos de falar com você sobre certas transações financeiras ilegais que acabou de fazer”.

— E ele?

— Ele já estará no carro. Pode dizer o que preferir.

¹ Bandeira do Reino Unido.

13

Ela está catatônica.

Eles a estão enlouquecendo.

Mais uma semana disso e ela dará a eles a Georgie completa, se é que já não o fez. Ela provavelmente pensou que eu também estivesse louco.

Quando nos encontramos no Atlantic, fui o bom e velho Tommy Brue, herdeiro decadente de um banco decadente e de um casamento fracassado, um balão a deriva.

Na casa dos turcos, fui um velho idiota cheio de culpa comprando a entrada para a vida dela por cinquenta mil euros, nos quais ela jamais tocou.

E o que sou agora, dirigindo para o noroeste à velocidade controlada de 130 quilômetros por hora? O serviçal chantageado dos corruptores de meu falecido pai, a caminho de seduzir um venerável acadêmico muçulmano que é cinco por cento mau a salvar a pele do garoto que ela provavelmente ama.

— Você está apenas cumprindo os desejos de mais um cliente rico — Lantern assegurara durante a sessão tórrida de instrução em seu detestável esconderijo que fedia a cloro da piscina comunitária no pátio seis andares abaixo. — Só que do lado mais escuro de seu banco, o que explica por que está sendo particularmente discreto. E você está prestes a consultar o gerente de investimentos que ele escolher, não importa a estirpe, e você receberá uma gorda comissão seja lá como ele decidir cortar o bolo — ele acrescentou no tom afirmativo de uma miniatura do diretor da escola pública que Brue detestava.

— É uma situação bancária perfeitamente normal.

— Não segundo meus padrões.

— Também na linha da prática bancária normal — Lantern persistiu, ignorando magnanimamente a impertinência de Brue —, você assumiu a tarefa de avaliar... de acordo com os desejos de seu cliente, como lhe foram transmitidos por sua conselheira legal... se o cavalheiro que está prestes a visitar é ou não apropriado. Isso é um resumo justo?

— É algum tipo de resumo, suponho — Brue disse, servindo-se uma dose generosa de um uísque que não lhe havia sido oferecido.

— Você será astuto e objetivo. Você decidirá, na plenitude de sua sabedoria profissional, qual a melhor maneira de prosseguir para as duas partes: para seu cliente e para seu banco.

Os interesses do nobre cavalheiro muçulmano que você está consultando são de importância secundária para você, se é que chegam a ter importância.

— E na plenitude de minha sabedoria profissional, devo decidir que ele é o nobre cavalheiro muçulmano adequado para o trabalho — Brue sugeriu na mesma moeda.

— Bem, não é exatamente como se você tivesse uma grande variedade de opções, não é mesmo, Tommy? — disse o pequeno Lantern, abrindo seu sorriso conquistador.



Doze horas antes, Mitzi tivera a própria notícia para ele.

— Bernhard está sendo um chato — ela observou, enquanto Brue estava mergulhado no Financial Times. — Hildegard o está abandonando.

Brue bebeu um pouco de café e secou os lábios com um guardanapo. Nos jogos que jogavam, a primeira regra da vida era jamais ficar surpreso com coisa alguma.

— Então, com certeza, é Hildegard quem está sendo uma chata — ele sugeriu.

— Hildegard sempre é chata.

— E o que o pobre Bernhard fez que o transformou em um chato? — Brue perguntou, assumindo o papel de homem.

— Pediu-me em casamento. Devo deixar você, pedir divórcio e ir passar o verão em Sylt com ele enquanto decidimos onde viveremos pelo resto de nossas vidas — ela disse com indignação. — Você consegue imaginar compartilhar a velhice com Bernhard?

— Francamente, acho difícil imaginar compartilhar qualquer coisa com Bernhard.

— E Hildegard está pensando em processar você.

— Me processar?

— Ou me processar, qual a diferença? Por roubar seu marido. Ela pensa que você é rico. Portanto, você precisará processar Bernhard para calar a boca dela. Vou perguntar a seu amigo Westerheim quem é o melhor advogado.

— Hildegard já considerou o escândalo que seria isso?

— Ela adora escândalo. Se regozija nele. É a coisa mais vulgar que já ouvi.

— Você aceitou a proposta de Bernhard?

— Estou pensando a respeito.

— Ah. E até onde você chegou em suas deliberações?

— Não tenho muita certeza do quanto ainda servimos um para o outro, Tommy.

— Você e Bernhard?

— Você e eu.



Sobre o campo plano e pouco convidativo, o céu estava negro. A *autobahn* brilhava como vidro. Faróis de carros vindo na direção oposta avançavam contra ele. Então não servimos mais um para o outro. Bom. Ficarei bem sozinho. Venderei o banco enquanto ainda houver algo a ser vendido e cuidarei da minha vida. Posso até ir à Califórnia para o casamento da velha Georgie. Ele ainda não havia contado para Mitzi que seria avô, o que o agradava. Talvez jamais contasse.

Será que Georgie contara o segredo para a mãe? Ele esperava que sim. A velha Sue ficaria feliz como uma criança. Muitos latidos mas nada de mordidas, assim era a Sue quando você superava a parte feroz. Para ser franco, ele bem que gostaria de ter percebido isso um pouco mais cedo. Antes de Mitzi, em vez de depois, por assim dizer. Tenha em mente que não é possível fazer nada a respeito agora. Não com Sue aconchegada, sã e salva com seu vinicultor italiano. Um cara legal, em todos os aspectos. Talvez batizem uma *cuvée* em homenagem ao bebê.

Mas a exultação que sentira por um instante dissipou-se no barulho da estrada molhada e ele estava novamente com Annabel, revisitando a raiva

protetora que sentia contra o que haviam feito com ela: o caminhar robótico, o distanciamento da voz de corista, tão longe do fervor com o qual ela o atacara no quarto de Melik: *sem seu banco de merda, meu cliente não estaria aqui!*

— O banco *deve* à senhora, *Frau* Richter — ele proclamou em voz alta para o para-brisa, imitando a própria pompa. — Portanto, fico satisfeito em dizer que o banco está prestes a pagar o que deve.

O banco ama você, ele prosseguiu mentalmente. Não para possuir você, mas para ajudá-la a reencontrar sua coragem para que possa viver a vida que eu evidentemente fracassei em viver. Você está apaixonada por Issa, Annabel? Georgie se apaixonaria por ele imediatamente. Ela também amaria você. E diria a você para que cuide de mim, pois é assim que Georgie pensa. Todos deveriam cuidar de todos. É por isso que se decepciona tanto. Será que importa se você está ou não apaixonada por Issa? Amor como aparece no dicionário? Enfaticamente, não. O que importa é que você o liberte.

— O que acontece com Annabel no final de toda essa alegria? — Brue perguntara a Lantern na mesma longa reunião de instrução enquanto bebia o uísque, que de forma alguma era seu primeiro, e Lantern bebia o enésimo copo de água com gás. Fora um dia daqueles, até mesmo para o padrão de Brue: no café da manhã, a bomba de Mitzi sobre Bernhard. No escritório, uma revolta em grande escala no departamento de contabilidade em torno dos turnos de trabalho nos feriados. Em seguida, uma hora de conversa com seu respeitado advogado em Glasgow, que parecia jamais ter ouvido falar em divórcio. Depois, duas horas em um almoço imprudente no À la Carte, no qual agiu com uma astúcia hilariante para agradar um casal de clientes ricos sem senso de humor que vinham de Oldenburg. Finalmente, uma ressaca, da qual agora tentava se curar.

— O que acontece com ela, Lantern? — Brue repetiu.

— Isso é assunto estritamente alemão, Tommy — Lantern respondeu ponderadamente, recorrendo novamente à voz de diretor escolar. — Imagino que a deixarão em paz. Desde que ela não escreva suas memórias ou vire o barco de outra maneira.

— Lamento que não seja o bastante.

— O quê?

— O que você *imagina*. Quero garantias firmes. Por escrito. Para ela, com uma cópia para mim.

— Cópia do *que*, precisamente, Tommy? Acho que você está um pouco bêbado, não? Talvez devêssemos deixar esse assunto para outra hora.

Brue estava caminhando pela sala decadente.

— Quem diz que haverá outra hora? Pode não haver. Não se eu me recusar a fazer o trabalho. O que me diz disso? O quê?

— Bem, nesse caso, Tommy, Londres pode não ter outra opção senão a de adotar certas sanções que temos em relação a seu banco.

— Use-as, meu rapaz, esse é meu conselho. Aproveite-as ao máximo. Fique à vontade. O Frères entra pelo cano. Muitos lamentos no bar. Mas por quanto tempo? E de quem? *Quem?* — finalmente, estavam jogando pesado. A hora de fazer isso já havia chegado há muito tempo, na opinião de Brue. Ele tinha sacado suas facas, e eles que se fodam. — Bancos entram pelo cano todos os dias. Especialmente os velhos e ineficientes, como o meu. Diferentemente do que acontece com vocês, rapazes, quando sua operação dos sonhos dá errado, não é mesmo? Posso sentir o cheiro de algo muito importante a quilômetros de distância, e isso aqui é importante. *Uma pena em relação ao jovem Ian: nós o valorizávamos tanto.*

Esperamos que encontre um emprego decente lá fora. Saúde. Muita saúde para você e para todos que navegam com você.

Ele esperou ouvir "saúde" de volta, e ficou satisfeito quando nada foi dito.

— Apenas me diga exatamente o que o deixaria tranquilo, Tommy — Lantern sugeriu em uma voz tão insípida quanto a de um relógio falante.

— Uma Ordem do Império Britânico, para começar. Chá com a rainha. E dez milhões de libras como compensação por transformar o Frères em uma lavanderia russa.

— Acredito que isso seja uma piada.

— De forma alguma. Uma coisa de nada, assim como toda essa operação. Tenho mais exigências. Mudanças, na verdade.

— E quais seriam as exigências, Tommy?

— Número um... Você quer anotar ou acha que conseguirá se lembrar?

— Eu lembrarei, obrigado.

— Uma carta oficial. Endereçada a *Frau* Annabel Richter, com uma cópia para mim. Assinada e lacrada pela autoridade alemã competente, agradecendo a ela por sua cooperação e assegurando-a de que nenhuma ação legal ou de outro tipo será tomada contra ela. Isso e para começar, certo? O principal vem a seguir — e capturando a expressão de quase

incredulidade de Lantern: — Não estou de brincadeira, Lantern. Estou falando sério. Nada neste mundo de Deus fará com que eu passe pela porta de Abdullah amanhã se eu não tiver satisfação total. Número dois: uma prévia do passaporte alemão novo em folha para Issa Karpov, válido a partir do momento em que ele transferir seu dinheiro. Quero a amostra na minha mão para mostrá-la a Annabel, antes das hostilidades, como prova irrefutável de que quem quer que a esteja manipulando irá manter a palavra e não dará para trás. Entendeu a mensagem ou gostaria de legendas?

— Isso é puramente impossível. Você está me pedindo para procurar os alemães, obter com eles um passaporte e emprestá-lo a você? Você está completamente louco — Besteira. Merda completa, se você perdoar minha grosseria. Você está no ramo das varinhas de condão. Balance a sua, não importa o quanto seja pequena. E direi mais uma coisa.

— O quê?

— Sobre o passaporte.

— O que, sobre o passaporte?

— Passaportes são sem valor em nosso ramo. Podem ser falsificados, revogados, negados e impregnados de mensagens desagradáveis de autoridades de outros países. Certo?

— Então?

— Tenho uma garantia com você. Faça-me a gentileza de lembrar disso. Ela não expirará com a emissão do passaporte de Issa. Se, algum dia, eu ouvir que jogou sujo com ele, denuncio você. Com muito barulho, por muito tempo e com muita clareza. *Lantern da Embaixada Britânica, Berlim. O agente secreto que volta atrás no que promete.* E quando você finalmente me pegar, já será tarde demais. Agora, vou para casa. Ligue para mim quando tiver uma resposta, estou livre a qualquer hora.

— E quanto a sua esposa?

Realmente, e ela? Ele estava deitado na cama vendo o teto balançar e esperando que ele parasse. Um bilhete de Mitzi: "*Reunião de cúpula com Bernhard.*"

Boa sorte para ela. Todos deveriam ter uma cúpula.



Era meia-noite quando Lantern telefonou.

— Pode falar?

— Estou sozinho, se é o que está perguntando.

Lantern havia balançado sua varinha de condão.



Brue sinalizou para a direita e olhou no retrovisor. A estrada secundária estava se aproximando e eles continuavam atrás dele: dois homens em um BMW o seguiam desde que saíra de casa. *Alguém para cuidar de você*, Lantern havia dito com um sorriso malicioso.

A cidade era um aglomerado de tijolos vermelhos sobre campos enevoados. Uma igreja vermelha, uma estação ferroviária vermelha, um posto de bombeiros. Uma fileira de casas de dois andares em um lado da rua principal. No outro, um posto de gasolina e uma escola de aço e concreto. Havia um campo de futebol, mas ninguém estava jogando.

Era proibido estacionar na rua alta, então ele achou uma transversal e caminhou de volta.

Os guarda-costas de Lantern haviam desaparecido. Provavelmente, estavam tomando café no posto de gasolina, fingindo ser outras pessoas.

Dois homens fortes com aparência árabe e vestindo paletós marrons largos observaram Brue se aproximar. O mais velho estava balançando suas contas de oração e o jovem fumava um cigarro amarelo com um aspecto horrível. O mais velho arrastou-se um passo na direção de Brue, estendendo os braços. Cinquenta metros rua acima, dois policiais uniformizados emergiram da sombra de uma cerca viva para olhar.

— Permite-me, senhor?

Brue permitiu. Ombros, lapela, axilas, bolsos laterais, as costas, a cintura, a virilha, panturrilhas, tornozelos, todas as zonas de seu corpo, erógenas ou não. E, por insistência do segundo homem, que apagara o cigarro pisando nele, o conteúdo de seus bolsos da frente.

É uma caneta tinteiro comum, Lantern havia dito. *Parece uma caneta, escreve como uma caneta e ouve como uma caneta. Caso a desmontem, continuará sendo uma Caneta tinteiro comum.*

Eles não a desmontaram.

Um raio de sol repentino trouxe beleza ao lugar. No descuidado jardim da frente, uma mulher coberta pesadamente de preto estava numa cadeira de varanda afagando um bebê. *Georgie, daqui a sete meses*. A porta da frente se abriu. Um garoto pequeno de boné e camiseta branca olhou por trás dela, na metade da altura da porta. *Talvez ela tenha um garoto.*



— Você é bem-vindo, Mr. Brue, *sir* — declamava em inglês e sorria de orelha a orelha.

Da varanda, Brue entrou direto na sala de estar. A seus pés, três garotinhas de branco construíam um pátio de Lego enquanto uma televisão silenciosa mostrava cúpulas douradas e minaretes. Ao pé de uma escada havia um jovem barbudo de camisa listrada e calça comprida.

— Mr. Brue, *sir*, sou Ismail, secretário particular do Dr. Abdullah. Você é muito bem-vindo — disse ele, e pôs a mão direita no coração antes de estendê-la para Brue sacudir.

Se cinco por cento do Dr. Abdullah eram ruins, como Lantern insistira, então eram cinco por cento de muito pouco. Ele era minúsculo, paternal, careca e benigno, com olhos brilhantes e sobrancelhas grossas. Saltitando em volta de sua mesa, ele apertou a mão de Brue entre as suas e a manteve lá. Usava terno preto e camisa branca de gola fechada e tênis sem cadarço.

— Você é o grande Mr. Brue —, ele falou, num inglês muito rápido e muito bom. — Seu nome não é desconhecido para nós, *sir*. Seu banco já teve conexões árabes, não boas, mas conexões. Talvez você tenha esquecido. Este é um dos grandes problemas do nosso mundo moderno,

você sabe. Esquecendo A vítima nunca esquece. Pergunte a um irlandês o que o inglês fez com ele em 1920 e ele lhe dirá o dia do mês, a hora e o nome de cada homem que mataram. Pergunte a um iraniano o que o inglês fez com ele em 1953 e ele lhe dirá. Seu filho vai te dizer. Seu neto lhe dirá. E quando ele tiver um, seu bisneto também lhe dirá. Mas pergunte a um inglês ... Ele ergueu as mãos em falsa ignorância. “Se ele soubesse, ele se esqueceu. “Siga em frente!”, Você nos diz. ‘Ir em frente! Esqueça o que fizemos com você. Amanhã é outro dia!’ Mas não é, Mr. Brue.” Ele ainda tinha a mão de Brue. “Amanhã foi criado ontem, veja você. Esse é o ponto que eu estava fazendo para você. E antes de ontem também. Ignorar a história é ignorar o lobo na porta. Por favor. Sente-se. Você teve uma jornada segura, espero?

— Tudo bem, tudo bem, obrigado.

“Não estava bem, estava chovendo. Agora temos um breve sol. Na vida, devemos encarar as realidades. Você conheceu meu filho Ismail, meu secretário? Esta é Fatima, minha filha. No próximo outubro, se Deus quiser, Fátima iniciará seus estudos na London School of Economics e Ismail, no devido tempo, seguirá os passos do pai para o Cairo e eu serei um homem solitário, mas orgulhoso. Tem filhos, *sir*?

— Uma filha.

— Então também é abençoado.

— Mas não tão abençoado quanto você, pelo que vejo! — disse Brue com entusiasmo.

Como o irmão, Fátima era uma cabeça mais alta que o pai. Tinha rosto largo e bonito. Seu *hijab* marrom caía sobre os ombros como uma capa.

— Oi —, ela disse e, mergulhando os olhos nos dele, colocou a mão direita no coração em saudação.

— Os americanos são piores do que vocês, britânicos, mas eles têm uma desculpa —, continuou o Dr. Abdullah, no mesmo estilo alegre, guiando Brue em direção à poltrona estofada dos visitantes, mas sem soltar o pulso de Brue. — A desculpa deles é a ignorância. Eles não sabem o que estão fazendo de errado. Mas vocês sabem muito bem. Sabem há muito tempo. E fazem assim mesmo. Não se importa com uma piada, suponho? O humor será minha ruína, já me disseram. Mas não me confunda com um filósofo, eu imploro. Filosofia é para você, não para mim. Sou uma autoridade religiosa, sim. Mas a filosofia é para seculares e ímpios. Nossa parte do mundo está em mau estado, nem me diga. De quem

é a culpa? Eu me pergunto. Há mil anos, tínhamos mais hospitais *per capita* em Córdoba do que os espanhóis hoje. Nossos médicos realizaram operações que ainda derrotam seus médicos modernos. O que deu errado?, nos perguntamos. Envolvimento estrangeiro? Imperialismo russo? Ou secularismo? Mas também nós, muçulmanos, somos culpados. Alguns de nós haviam perdido a fé em nossa fé. Não éramos mais muçulmanos verdadeiros. Foi aí que pulamos a cerca. Fátima, precisamos de chá, por favor. Eu estudei um ano em Cambridge. Caius College. Espero que conheça. Com a Internet e a TV, não há mais segredos. Informação não é conhecimento, veja você mesmo. Informação é carne morta. Somente Deus pode transformar informação em conhecimento. E bolo, Fatima, o Mr. Brue saiu de Hamburgo na chuva. Você sente muito calor, muito frio, *sir*? Seja franco conosco. Somos pessoas hospitaleiras aqui, tentando o nosso melhor para cumprir os mandamentos de Deus. Desejamos que você esteja confortável. Se está nos trazendo dinheiro, desejamos que se sinta muito à vontade! Quanto mais confortável, melhor, dizemos! Por aqui, por favor, *sir*. Permita-nos conduzi-lo ao nosso escritório! Você é um homem gentil. Tem um bom rosto, como dizemos.

Cinco por cento ruim como? Brue estava pensando com raiva em seu nervosismo. Quando perguntou a Lantern, ele se recusara a elaborar: *Apenas aceite minha palavra, Tommy. Cinco por cento é tudo que você precisa saber.* Então me diga quem não é cinco por cento ruim? Brue exigiu de si mesmo que, com toda a família presente, seguissem por um corredor estreito. Brue Frères, com seus investimentos desonestos, clientes desonestos e Lipizzaners? Além disso, um pouco de informação privilegiada quando podemos disfarçar? Eu nos daria mais de quinze. Quanto ao nosso galante presidente e diretor administrativo, *eu*, o que vemos? Divorciado de uma boa esposa, uma criança que estou aprendendo a amar quando já é tarde demais, estraguei tudo, me casei com uma torta e agora ela está me chutando: eu daria a mim mesmo uns cinquenta por cento ruim.

Então, o que ele faz com os outros noventa e cinco por cento de si mesmo?", ele perguntou a Lantern.

Boas obras, foi a resposta evasiva.

O que eu faço com o meu? Dane-se tudo. Some tudo, confira o resultado, e você começa a se perguntar qual de nós é cinco por cento pior que o outro.

— E então, por gentileza, comece. À vontade, mas em inglês, por favor. Para as crianças, é muito importante que elas aprendam inglês em todas as oportunidades. Por aqui, por favor, *sir*. Obrigado.

Eles haviam se transferido para um humilde estúdio com vista para o jardim dos fundos. Onde não havia livros, havia caligrafia. Dr. Abdullah sentou-se em uma mesa de madeira simples, inclinando-se sobre as mãos cruzadas. Fátima deve ter preparado o chá, pois chegou instantaneamente, junto com um prato de biscoitos de açúcar. Correndo atrás dela vinha o menininho que abrira a porta da frente para ele, acompanhado da mais corajosa das três irmãs pequenas. Subindo a escada atrás de Ismail, Brue sentiu uma única gota de suor escorrendo pelo lado direito como um inseto muito frio. Mas agora eles estavam bem, ele estava calmo e profissional. Entrara em seu elemento. Tinha um resumo de Lantern bem ensaiado na cabeça e um trabalho a fazer. E lá fora, em algum lugar, sempre Annabel.

— Dr. Abdullah, perdoe-me — começou ele, atingindo uma nota de autoridade.

— Mas, *sir*, o que devo perdoar?

— Meu cliente, como mencionei ao telefone, insiste em um alto grau de confidencialidade. Sua situação é, para dizer o mínimo, delicada. Eu sinto que devemos conduzir nossos negócios sozinhos. Eu sinto muito.

— Mas você nem se propõe a me dizer o nome dele, Mr. Brue! Como posso colocar seu estimado cliente em risco se nem sei quem é?

Ele murmurou algumas palavras em árabe. Fátima se levantou e, sem olhar para Brue, saiu da sala, seguida pelas crianças pequenas e finalmente por Ismail. Esperando até a porta se fechar atrás deles, Brue tirou um envelope não lacrado do bolso e colocou-o na mesa do Dr. Abdullah.

Você veio até aqui para me escrever? —, perguntou o dr. Abdullah com humor; então, vendo a expressão sincera de Brue, colocou um par de óculos de leitura arranhados, abriu o envelope, desdobrou a folha de papel e estudou a coluna de números digitados nela. Então ele tirou os óculos, passou a mão no rosto e colocou-os novamente.

— Isso é uma piada, Mr. Brue?

— Um pouco cara, não acha?

— Cara para você?

— Para mim, pessoalmente, não. Para o meu banco, sim. Nenhum banco gosta de dizer adeus a uma soma desse tamanho.

Não convencido, o dr. Abdullah deu outra olhada nos números.

— Não estou acostumado a dizer alô a elas também, Mr. Brue. O que devo fazer? Dizer obrigado? Dizer não, obrigado? Dizer sim? Você é um banqueiro, *sir*. Eu sou um humilde mendigo de Deus. Minhas orações estão sendo respondidas ou você está me fazendo de tolo?

— Mas há condições —, advertiu Brue severamente, optando por ignorar as perguntas.

— Estou muito feliz em ouvir isso. Quanto mais condições, melhor. Tem alguma ideia de quanto dinheiro todas as minhas instituições de caridade juntam nesse hemisfério em um ano?

— Nenhuma mesmo.

— Eu achava que os banqueiros soubessem de tudo. Um terço desta quantia no máximo. Ou melhor, um quarto. Alá é todo misericordioso.

Abdullah ainda estava olhando para a folha de papel em sua mesa, as mãos se mexendo. Em sua longa vida bancária, Brue teve o privilégio de testemunhar homens e mulheres de todas as condições despertando para sua nova riqueza. Nunca tinha visto uma imagem mais radiante que a do arrebatamento inocente do bom doutor.

— Você não tem noção do que essa quantia significaria para meu povo —, disse ele, e para embaraço de Brue seus olhos se encheram de lágrimas, fazendo com que ele os fechasse e baixasse a cabeça. Mas quando ele a levantou novamente, sua voz era aguda e objetiva. — Posso saber onde se originou tanto dinheiro, como foi obtido, como chegou às mãos de seu cliente?

— A maior parte ficou no meu banco por uma década ou duas.

— Mas o dinheiro não começou no seu banco.

— Obviamente não.

— Então, onde começou, Mr. Brue?

— O dinheiro é uma herança. Na opinião do meu cliente, foi desonrosamente obtido. Também vem ganhando juros, o que eu entendo ser contrário à lei islâmica. Antes de meu cliente reivindicar formalmente, ele precisa ter certeza de que está agindo de acordo com sua fé.

— Você disse que havia condições, Mr. Brue.

— Ao pedir que distribua sua riqueza entre suas instituições de caridade, meu cliente deseja que a Chechênia receba a consideração maior.

— Seu cliente é checheno, Mr. Brue?

Ele suavizou o tom de voz, mas seus olhos endureceram e rugas finas se formaram ao redor deles, como ao sol do deserto.

— Meu cliente tem profunda preocupação com o sofrimento do povo checheno oprimido —, respondeu Brue, novamente se recusando a responder à pergunta. — Sua prioridade seria fornecer remédios e clínicas.

— Temos muitas instituições de caridade muçulmanas dedicadas a este importante trabalho, Mr. Brue. — Os olhinhos escuros ainda fixos em Brue.

— Meu cliente espera que um dia ele mesmo se torne médico. Para curar os erros cometidos com os chechenos.

— Só Deus cura, Mr. Brue. O homem só ajuda. Quantos anos tem seu cliente, se posso perguntar? Estamos olhando para um homem de idade madura? Um homem que talvez tenha feito sua própria fortuna em uma esfera legítima?

— Seja qual for a posição dele, meu cliente está determinado a estudar medicina e deseja ser o primeiro beneficiário de sua própria generosidade. Em vez de fazer uso direto do dinheiro que ele considera impuro, pede que uma instituição de caridade muçulmana financie um curso completo de treinamento médico para ele aqui na Europa. O custo seria insignificante em comparação com a doação. Mas isso lhe daria a garantia de que ele está agindo eticamente. Em todos esses assuntos, ele gostaria de receber sua orientação pessoalmente. Em Hamburgo, num horário e lugar convenientes para os dois.

O olhar do dr. Abdullah voltou para a folha de papel diante dele e depois para Brue.

— Posso apelar a seus melhores instintos, Mr. Brue?

— Claro.

— Você é um homem honrado, está claro para mim. Gentil e honrado. Não importa o que mais você seja. Cristão, judeu, eu não me importo. Só é o que parece ser. Um pai como eu. Também é um homem do mundo.

— Gosto de pensar assim.

— Então me diga, por favor, por que eu deveria confiar em você.

— Por que não deveria?

— Porque há um gosto ruim na minha boca em relação a essa proposta magnífica.

Você não está liderando nenhum massacre, disse Lantern. Está dando a ele uma chance de fazer a coisa certa. Portanto, não há necessidade de entrar em mea-culpa. Daqui a um ano, ele será grato a você.

— Se há um gosto ruim não vem de mim nem do meu cliente. Talvez tenha a ver com a origem do dinheiro.

— Assim você disse.

— Meu cliente está totalmente ciente da origem infeliz do dinheiro. Discutiu isso longamente com seu advogado, e você é a solução que eles viram.

— Ele tem advogado?

— Sim.

— Aqui na Alemanha?

O interrogatório voltava, e Brue estava grato por responder.

— Sim, de fato —, ele disse cordialmente.

— Bom?

— Suponho que sim, se ele a escolheu.

— Uma mulher então. São os melhores, me disseram. Seu cliente pediu conselho para escolher esta advogada?

— Suponho que sim.

— Ela é muçulmana?

— Teria que perguntar isso a ela.

— Seu cliente é um homem confiável como eu, Mr. Brue?

É isso que você conta a ele e nada mais, disse Lantern. *Um flash de tornozelo, o suficiente para levá-lo até aí e pará-lo.*

— Meu cliente é um homem de trágica experiência, Dr. Abdullah. Muitas injustiças foram perpetradas contra ele. Ele suportou. Ele resistiu. Mas deixaram cicatrizes.

— Portanto?

— Portanto, ele instruiu meu banco, através de seu advogado, de que o dinheiro contaminado, como ele o considera, será transferido diretamente para as instituições de caridade com as quais você e ele concordarem. Na presença dele e na sua. De Brue Frères para os destinatários. Ele não deseja intermediários. Ele está ciente de sua eminência, ele estudou seus escritos e deseja apenas sua orientação. Mas ele precisa testemunhar as transações com seus próprios olhos.

— Seu cliente fala árabe?

— Desculpe...

— Alemão? Francês? Inglês? Se ele é checheno, ele deve falar russo. Ou talvez apenas checheno?

— Seja qual for a língua que ele fale, garanto-lhe que um intérprete apropriado será fornecido.

Dr. Abdullah tocou o papel e, fixando o olhar em Brue mais uma vez, recaiu em seus pensamentos.

— Você é curioso —, ele reclamou por fim. — Como um homem libertado. Por quê? Seu banco está dizendo adeus a uma fortuna e você sorri, o que o torna paradoxal. É seu pérfido sorriso inglês?

— Talvez meu sorriso inglês tenha um motivo.

— Então talvez seja o que me incomoda.

— Meu cliente não é o único que acha desagradável a origem desses recursos.

— Mas dinheiro não tem cheiro, dizem. Não para um banqueiro, com certeza?

— Mesmo assim, acho que posso dizer que meu banco está respirando aliviado.

— A moralidade do seu banco deve ser admirada então. Diga-me outra coisa, por favor.

— Se eu puder...

A única gota de suor voltou, desta vez do outro lado das costelas de Brue.

Há uma *urgência* em tudo isso. O que *é* essa urgência? Que motor estranho está nos dirigindo, exatamente? Vamos, *sir*. Somos dois homens honestos. Estamos sozinhos.

— Meu cliente está vivendo em tempo emprestado. A qualquer momento pode deixar de estar em posição de autorizar essas doações. O que eu preciso o mais rapidamente possível é a lista de suas instituições de caridade recomendadas e uma descrição das causas que servem. Então passarei isso ao advogado dele, que enviará a nosso cliente para aprovação e podemos concluir nossos negócios.

Quando Brue se levantou para sair, o Dr. Abdullah voltou a seu eu enérgico e travesso.

— Então não tenho tempo nem alternativa —, queixou-se acusadoramente, apertando a mão de Brue com as duas e sorrindo para ele com seus olhos brilhantes.

— Nem eu —, concordou Brue com igual bom humor e no mesmo tom de queixa. — Até muito em breve, espero.

— Então, desejo-lhe uma viagem segura para casa, *sir*, para o seio de sua família, como dizemos. Alá esteja com você.

— E cuide-se também — disse Brue com o mesmo calor com que apertou desajeitadamente as mãos do médico.

Voltando ao seu carro, Brue descobriu que o suor encharcara sua camisa e formava uma faixa úmida no colarinho do paletó. Ao chegar à *autobahn*, seus dois acompanhantes apareceram atrás dele, sorrindo como idiotas. Brue não sabia o que tinha feito para diverti-los. Ou quando se odiou mais.



Desde a saída de Brue da casa de Abdullah, oito horas antes, Erna Frey e Günther Bachmann mal trocaram uma palavra, embora estivessem sentados a poucos centímetros de distância diante do mural de telas de Maximilian. Uma tela está ligada ao centro de escuta de inteligência em Berlim, outra a um satélite de vigilância, uma terceiro a uma equipe motorizada de cinco observadores de Arni Mohr.

Às 15h48, em silêncio mortal, eles ouviram de olhos semicerrados os diálogos Brue-Abdullah transmitidos pela caneta-escuta de Brue aos observadores de Lantern na garagem do outro lado da rua, repassados ao estábulo após a criptografia. A única resposta de Bachmann foi uma batida silenciosa de sua mão. Erna Frey não respondeu.

Às 17h10 veio o primeiro de uma série de telefonemas interceptados da casa de Abdullah. Uma tradução simultânea do árabe para o alemão percorre a tela de escuta. Para Bachmann, que falava árabe, a tradução era redundante. Para Erna Frey e a maioria da equipe, não era. Em cada ligação, o nome da pessoa chamada aparecia na parte inferior da tela. Uma tela paralela dava detalhes pessoais e detalhes de rastreamento. As ligações, seis no total, eram exclusivamente para respeitáveis responsáveis pela arrecadação de fundos muçulmanos e funcionários de caridade. Nenhuma das personalidades, de acordo com os comentários colaterais dos analistas, estava sob investigação. A mensagem para cada um era idêntica: “Estamos em fundos, meus irmãos, Alá misericordioso em Sua infinita

generosidade nos considerou dignos de um grande presente histórico.” Uma peculiaridade comum a cada conversa era que o Dr. Abdullah fingia — não muito convincentemente — estar falando de um presente de arroz americano em vez de dólares americanos. Por esse código simplista, milhões viraram toneladas.

A razão para dissimular, de acordo com o comentário lateral, era de precaução: ele não queria despertar por acidente o apetite de algum funcionário local que por acaso estivesse ouvindo. Havia pouca variação nas conversas. Uma única transcrição poderia ter sido feita para as seis. — Doze toneladas e meia da melhor qualidade, minha querida amiga, *toneladas americanas*, entendeu? Sim, na verdade, toneladas. Cada grão para ser distribuído entre os fiéis. Sim, seu velho idiota! Toneladas! Deus colocou suas mãos misericordiosas sobre suas orelhas estúpidas? Há condições, entende. Não muitas, mas são condições. Você ainda está ouvindo? Nossos irmãos oprimidos na Chechênia recebem a primeira remessa. Seus famintos serão os primeiros a serem alimentados. E vamos treinar mais médicos, *Inshallah*. Isso não é maravilhoso? Na Europa também. Já temos um candidato!

Esta ligação em particular foi para um certo *sheik* Rashid Hassan, amigo de longa data e ex-colega de Abdullah no Cairo, agora residindo na cidade inglesa de Weybridge, Surrey. Talvez pelo mesmo motivo, foi o mais longo e íntimo. No entanto, terminou enigmaticamente, fato observado pelos analistas. Nosso bom amigo, sem dúvida, ligará mais tarde para discutir o que quer que precise ser discutido, promete Abdullah. A resposta é um grunhido evasivo.

Às 19h42, as primeiras imagens ao vivo aparecem: *Signpost* emergindo de sua varanda parecendo muito europeu em capa impermeável da Burberry e boné *country* inglês. Ele está sozinho. Um Volvo preto espera no portão da frente, a porta traseira aberta para recebê-lo. Nota dos analistas: o Volvo está registrado em uma locadora de carros de propriedade turca em Flensburg, cento e cinquenta quilômetros ao norte de Hamburgo. Nada existe contra a empresa ou seus proprietários.

Signpost entra na parte de trás do Volvo, assistido pelo mais velho de seus dois guarda-costas, que se senta ao lado do motorista. A câmera de vigilância muda de ponto de vista, fica atrás do Volvo e o segue. *Homens piedosos não dirigem*, reflete Bachmann. Ele está observando o guarda-costas no banco da frente, que observa os espelhos retrovisores e laterais.

O Volvo chega à *autobahn*, continua para nordeste por vinte, quarenta, cinquenta e sete quilômetros. O crepúsculo está caindo. A câmera assume o verde peludo de uma lente de visão noturna. Por toda essa distância, a silhueta da cabeça do guarda-costas continuou girando entre os espelhos do carro.

Quando o Volvo estaciona em uma área de descanso, sua vigilância aumenta. O guarda-costas sai da frente do carro e faz xixi enquanto parece verificar a área de descanso em busca de alguma presença indesejada. Ele olha para a câmera, presumivelmente verificando o veículo de vigilância de Mohr estacionado uns cinquenta metros atrás dele. Voltando ao Volvo, o guarda-costas abre a porta traseira e entra no carro. *Signpost* emerge e, segurando o boné contra o vento, avança para uma cabine telefônica de vidro no extremo leste da área de descanso. Entra e imediatamente insere um cartão de verificação que tem pronto na mão. *Idiota*, pensa Bachmann. *Mas talvez o cartão, como o Volvo, não seja do próprio Signpost.*

Signpost disca e um nome aparece numa das telas de Maximilian. É o mesmo *sheik* Rashid Hassan de Weybridge, para quem *Signpost* ligou de casa mais cedo. Mas algo estranho aconteceu com a voz de *Signpost* nesse intervalo, quando, com algum *delay* e pequena dessincronização, o centre de escuta de Berlim o intercepta.

No princípio, até Bachmann mal consegue distinguir o que está ouvindo. Ele precisa recorrer à tradução simultânea na tela ao lado para obter ajuda. *Signpost* fala em árabe, mas em pesado dialeto egípcio coloquial, que ele presumivelmente acredita que derrotará o ouvido de qualquer bisbilhoteiro.

Se assim for, ele está enganado. O tradutor simultâneo, seja quem for, deve ser um gênio. Não vacila:

SIGNPOST: É Rashid?

RASHID: É Rashid.

SIGNPOST: Aqui é Faisal, primo do seu ilustre sogro.

RASHID: Então?

SIGNPOST: Tenho uma mensagem para ele. Pode transmitir?

RASHID: (*resposta atrasada*) Posso. *Inshallah*.

SIGNPOST: Houve um atraso em relação à entrega de membros artificiais e cadeiras de rodas ao hospital de seu irmão em

Mogadíscio.

RASHID: E daí?

SIGNPOST: O atraso será retificado imediatamente. Então ele estará livre para tirar suas férias em Chipre. Você pode dar a ele essa mensagem? Ele ficará feliz.

RASHID: Meu sogro será informado. *Inshallah*.

O xequê Rashid desliga.

14

— *Frau Elli* — Brue começou, dando início ao procedimento familiar.

— Mr. Tommy — *Frau Ellenberger* respondeu, preparando-se para mais uma conversa ritualística.

Ela estava enganada. Desta vez, Brue estava em modo executivo: — Estou feliz em dizer que, hoje à noite, fecharemos a última conta Lipizzaner, *Frau Elli*.

— Estou aliviada, Mr. Tommy. Não era sem tempo.

— Devo receber o solicitador hoje à noite, depois do horário bancário. É seu desejo explícito.

— Não tenho compromissos hoje à noite. Ficarei feliz em ficar até mais tarde — *Frau Elli* respondeu com uma avidez misteriosa.

Será que ela estava fazendo pressão para ver o fim das Lipizzaners — ou queria conhecer o filho bastardo do coronel Grigori Borisovich Karpov?

— Obrigado, mas não será necessário, *Frau Elli*. O cliente exige privacidade total. Contudo, eu ficaria agradecido se pudesse resgatar os documentos apropriados e os colocasse na minha mesa.

— Presumo que o solicitador tenha uma chave, Mr. Tommy?

— Segundo a advogada dele, ele possui uma chave muito apropriada. E nós temos nossa chave. Onde ela está?

— Na *oubliette*, Mr. Tommy. No cofre de parede. Guardada por uma combinação dupla.

— Atrás das caixas-fortes?

— Atrás das caixas-fortes.

— Sempre pensei que tivéssemos a política de manter as chaves das caixas-fortes o mais longe possível delas.

— Isso era no tempo de Mr. Edward. Em Hamburgo, você adotou uma política mais relaxada.

— Bem, talvez você possa fazer a gentileza de me entregar a chave.

— Preciso pedir ajuda à caixa-chefe.

— Por quê?

— A outra combinação fica com ela, Mr. Tommy.

— É claro. Você precisa dizer a ela do que se trata?

— Não, Mr. Tommy.

— Então faça a gentileza de não dizer. E fecharemos mais cedo hoje. Eu gostaria que todos deixassem o banco no máximo às 15 horas.

— Todos?

— Todos, exceto eu, se não se importa.

— Muito bem, Mr. Tommy.

Mas a raiva do rosto dela deixara Brue desconcertado, principalmente porque ele não conseguia entendê-la.

Às 15 horas o banco já estava vazio, de acordo com as instruções, e Brue telefonou para Lantern para confirmar. Em poucos minutos, a campainha tocou. Sozinho no prédio, Brue caminhou cuidadosamente para o andar inferior e encontrou quatro homens de macacão azul em pé na porta. Estacionada atrás deles, no jardim do banco, havia uma van branca que fingia pertencer à Companhia Elétrica Três Oceanos, de Lübeck. No nosso meio, previsivelmente, nós os chamamos de grampeadores, Lantern havia confidenciado, preparando-o para a invasão.

O mais velho dos quatro tinha dois dentes de ouro, como um pirata.

— Mr. Brue? — ele perguntou com os dentes brilhando.

— O que quer?

— Temos hora marcada para checar seu sistema, senhor — o homem disse em um inglês laborioso.

— Bem, entrem — Brue respondeu amargamente em alemão. — Façam o que quer que precisem fazer. Só não sujem o gesso, se não for incômodo.

Ele repetira para Lantern até ficar roxo que o Frères era repleto de câmeras por dentro e por fora. Se os grampeadores de Lantern precisavam realmente instalar mais do mesmo, por que simplesmente não adaptavam os cabos existentes? Mas isso não era bom o bastante para as pessoas a quem Lantern se referia por "nossos amigos alemães". Na hora seguinte, Brue vagou impotente por seu escritório enquanto os homens trabalhavam: saguão, área de recepção, escada, sala dos computadores dos caixas, sala das secretárias, banheiros e a *oubliette*, a qual Brue precisou destrancar com as próprias chaves.

— E agora, por favor, sua sala, Mr. Brue. Se nos permite — disse o homem com o sorriso dos dentes de ouro.

Brue ficou no andar inferior enquanto seu escritório era deflorado. Contudo, por mais que procurasse estragos, não encontrou em lugar algum

traços do trabalho deles. E quando retomou a posse de suas dependências, elas também pareciam intocadas.

Com expressões de respeito sem significado, os homens partiram e Brue, novamente sozinho e sentindo repentinamente que se encontrava a sós, debruçou-se como um fardo sobre sua mesa, sem disposição até mesmo para esticar a mão na direção da pilha de documentos envelhecidos das Lipizzaners que *Frau* Ellenberger deixara ali para sua atenção.

Mas em pouco tempo um novo Brue se asseverou. Era irrelevante que fosse o Brue antigo ou uma nova versão. Era o Brue redescoberto. Caminhando pela sala com as mãos nos bolsos ele olhou atentamente para a árvore genealógica original da família Brue, feita a mão, lembrete diário de sua inadequação durante 35 anos. Será que nossos amigos alemães enfiaram um de seus grampos atrás dela? Será que o próprio grande fundador está espionando todos os meus movimentos?

Bem, deixe-o espionar. Em poucas semanas ele estará espionando de um latão de lixo verde.

Girando nos calcanhares, Brue olhou para a sala: *minha* sala, a mesa de *meus* sócios, *meu* maldito cabideiro de madeira da Randall's, de Glasgow, *minha* biblioteca: não de meu pai, não do pai dele, e não do pai dele. E os livros nela, mesmo jamais os tendo aberto: *meus* também. E estava na hora que soubessem disso, que ele próprio soubesse. Meus para que eu faça o que quiser. Queimá-los, vendê-los ou doá-los para os Desgraçados da Terra.

Então, que se fodam. Como eu acabo de me foder, ha ha. E tendo pensado nessa pequena obscenidade — e tendo ruminado sobre ela e a saboreado —, ele a repetiu em voz alta, de modo cortês e em bom inglês, primeiro por causa de Lantern, depois pelos amigos alemães de Lantern e, finalmente, por todos aqueles que o ouviam em todas as partes. Será que já estavam ligados? Foda-se isso também.

Então, após muita deliberação, ele começou a montar a cena: Issa senta-se aqui, Abdullah ali e eu fico aqui, atrás da minha mesa.

E Annabel?

Annabel não será relegada ao fundo da classe, obrigado. Não em minha casa. Ela está aqui como minha convidada e com certeza receberá o tratamento que eu disser que merece.

E pensando nisso, Brue viu a cadeira do avô espreitando do canto mais escuro da sala, para onde a encaminhara, a cadeira horrenda,

excessivamente entalhada com o elmo dos Brue no topo e o padrão escocês dos Brue no estofamento desbotado. Arrastando-a de sua aposentadoria, Brue jogou duas almofadas sobre ela e recuou para admirar seu trabalho: é assim que ela gosta de ficar sentada, totalmente ereta, perturba-me por sua própria conta e risco.

Como toque final, Brue marchou para a geladeira na alcova, pegou duas garrafas de água mineral sem gás e colocou-as sobre a mesa de café para que estivessem na temperatura ambiente quando ela chegasse. Ele pensou em se servir um uísque enquanto pegava as garrafas, mas resistiu. Havia uma última transação vital de negócios a ser feita antes que a conferência noturna começasse, e ele estava realmente ansioso por ela.



Brue insistira no Atlantic sem dar explicações. Lantern, tendo feito um reconhecimento, aprovara humildemente a escolha. Eram 19 horas, exatamente a mesma hora em que Brue e Annabel se falaram pela primeira vez. Os mesmos odores permeavam o saguão. O mesmo *Herr* Schwarz estava trabalhando. O mesmo burburinho vinha do bar. O mesmo pianista pouco apreciado tocava canções de amor enquanto Brue tomava a mesma posição abaixo das mesmas pinturas mercantis e voltava o olhar para as mesmas portas giratórias.

Apenas o clima era diferente. Um sol baixo de primavera batia na rua, libertando os passantes e tornando-os mais altos. Ou, pelo menos, era o que parecia para Brue, talvez porque ele mesmo estivesse se sentindo mais livre e mais alto.

Ele chegara adiantado, mas Lantern e seus dois garotos haviam chegado mais cedo ainda e estavam sentados como três executivos médios entre o canto de Brue e as portas giratórias, presumivelmente para impedi-lo caso tentasse fugir correndo com o passaporte de Issa. Do outro lado da passagem entre as mesas e perto da entrada do salão onde ficavam os grelhados estavam sentadas as duas mulheres que haviam corrido para ajudar Annabel no Louise. Elas pareciam prontas para fazer tudo

novamente: sérias e metódicas enquanto travavam um diálogo nada convincente, debruçadas sobre um mapa da cidade.



Ela havia se livrado da mochila.

Foi a primeira coisa na qual Brue reparou em Annabel enquanto ela atravessava as portas giratórias. Sem mochila, com o passo mais lento, sem bicicleta. Um Volvo cor de areia a trouxera até a porta, e não era um táxi, de modo que, provavelmente, fora trazida por seus manipuladores.

Em torno do pescoço, usava o mesmo lenço que vestira como um *hijab* na casa de Leyla. Inicialmente, a saia preta e austera de advogada, a blusa de manga comprida e a jaqueta foram uma surpresa moderada para Brue. Elas sugeriam uma advogada prestes a fazer uma aparição no tribunal ou que acabara de fazer uma, até que ele se lembrou de que também escolhera seu paletó mais escuro para o compromisso daquela noite com o doutor Abdullah.

— Água? — ele sugeriu com cautela. Sem lima? Na temperatura ambiente? O mesmo pedido de antes?

Ela disse "sim, por favor", mas não sorriu.

Brue pediu duas águas, uma para ele. Apertando a mão de Annabel, ele se permitiu apenas um olhar furtivo para seu rosto, temendo o que pudesse ver. Ela aparentava estar desgastada e sem dormir. Seus lábios estavam apertados um contra o outro em autocontrole.

— E imagino que tenha companhia, não é verdade? — ele disse no mesmo tom jovial. — Podemos mandar uma bebida para eles, se quiser. Uma garrafa de champanhe.

Ela deu de ombros do mesmo jeito que Georgie fazia. Ele estava agindo deliberadamente com afetação. Estava fazendo o papel do inglês tolo. Estava usando a comédia de uma maneira que não deveria ser usada, mas era o único jeito que conhecia. Brue era um ator amador, preparando Annabel para sua grande cena e querendo mostrar a ela que a amava.

— Acredito que, na verdade, você esteja um pouco mal protegida, Annabel. Considerando o valor que parecemos ter para nossos

manipuladores. Você só tem duas bestas, enquanto eu tenho três. Os meus estão ali, se quiser dar uma olhada — ele gesticulou na direção deles. — O cara jovem e pequeno de terno é o principal intelecto deles. Lantern, esse é seu nome. Ian Lantern, da Embaixada Britânica em Berlim, você pode conferir a respeito dele com o embaixador quando quiser. Os outros dois são... bem, um pouco inferiores, para ser franco. Não têm muita coisa entre as orelhas. Presumo que você também esteja usando um equipamento de escuta?

— Sim.

Teria ele visto o princípio de um sorriso? Brue acreditava que sim.

— Bom. Então temos certeza de que contamos com uma plateia decente. Ou você acha — como se tivesse sido acometido de uma ansiedade repentina —, ou você acha que suas bestas ouvem apenas você e que os meus ouvem somente a mim? Não, isso simplesmente não pode ser, ou pode? Não sou um mago da eletrônica, mas eles não podem estar em frequências diferentes. Ou será que podem? — ele olhou para a direita e para a esquerda por cima dos ombros dela, fingindo estar conferindo. — Na verdade, não devemos nos preocupar tanto com eles — Brue disse, abanando a cabeça em autorreprovação —, afinal de contas, hoje à noite nós somos as estrelas. Eles são apenas a plateia. Tudo que eles podem fazer é escutar — ele explicou, e foi recompensado com um sorriso tão tocante, tão completamente indefeso, que era como um mundo inteiramente novo no qual ele podia se deleitar.

— Está com o passaporte dele — Annabel disse, ainda sorrindo. — Disseram-me que estava fazendo um gesto bom.

— Bem, não sei se foi bom, mas achei que você gostaria de vê-lo. Achei que eu também gostaria de dar uma olhada. Hoje em dia, simplesmente não temos ideia de com quem estamos lidando. Infelizmente, ainda não posso dá-lo a você. Posso apenas mostrá-lo e depois devo devolvê-lo ao jovem Mr. Lantern, que está à nossa direita, e que o entregará de volta a seu pessoal, que o ativará, se essa for a expressão correta, quando nosso cliente tiver feito o que pretende fazer, que também é o que esperam dele.

Brue estava oferecendo o passaporte a Annabel. Sem dissimulação, simplesmente estava oferecendo a ela um passaporte sobre a mesa com tal ostentação que os dois grupos de observadores abandonaram todo o fingimento de estarem fazendo outra coisa que não observá-los.

— Ou há variantes em seu lado da casa? — ele prosseguiu com vivacidade. — Com essas pessoas, acho que é vital comparar as versões. Podemos dizer que não estão sobrecarregados de honestidade. Eis como descreveram para mim. Você leva nosso cliente ao banco, ele faz as prescrições legais e, em seguida, é levado... diretamente, fui assegurado... para um estabelecimento cujo endereço não tenho permissão para saber, onde preencherá alguns formulários em três vias e receberá o passaporte alemão. Exatamente este que temos aqui, que ganhará vida imediatamente. Está de acordo? Ou temos um problema?

— Estou de acordo — ela disse.

Ela pegou o passaporte das mãos de Brue e o examinou. Primeiro a fotografia e depois alguns carimbos inocentes de entrada e saída, nada muito recente. Depois, a data de expiração, marcada para daqui a três anos e sete meses.

— Preciso ir com ele para receber isso — Annabel disse, deliciando-o com sua antiga determinação.

— É claro que você vai. Como advogada dele, não tem escolha.

— Ele está doente. Precisa de um tempo.

— É claro que precisa. E, depois de hoje à noite, ele terá todo o tempo que quiser — Brue disse. — E tenho um pequeno documento para você, pessoalmente — Ele pegou o passaporte de volta e colocou um envelope não lacrado na mão dela, que o aguardava. — Não se incomode em vê-lo agora. Infelizmente não é uma joia constrangedora. É apenas um pedaço de papel. Mas ele também livra você. Nada de processos vingativos ou coisa assim, desde que você não faça isso novamente, embora, naturalmente, eu espero que faça. E ele agradece a você por subir a bordo, pode-se dizer. É o mais perto que eles chegam de uma proposta de casamento nesse negócio.

— Estou pouco ligando para ser liberada.

— Bem, eu realmente acredito que você deveria — ele respondeu. Mas, desta vez, Brue falou em russo, e não em alemão, o que, para seu prazer, gerou uma movimentação violenta nos dois campos em ambos os lados do corredor entre as mesas. Cabeças levantaram, cabeças consultaram as outras desesperadamente no corredor: alguém aí fala russo? Pelas expressões chocadas nos rostos deles, não.



— Bem, agora que estamos a sós por alguns minutos.. pelo menos espero que estejamos — Brue continuou falando seu russo clássico aprendido em Paris —, existem dois assuntos altamente pessoais e confidenciais que eu gostaria de tratar com você. Posso?

Para a alegria de Brue, o rosto de Annabel iluminou-se magicamente.

— Pode, Mr. Brue.

— Você falou sobre meu banco. Meu banco de merda. Sem o banco, ele não estaria aqui. Bem, agora ele está aqui. E acreditamos que possa permanecer aqui. Você ainda gostaria que ele não tivesse vindo?

— Não.

— Fico aliviado. Também quero que saiba que tenho uma filha muito amada chamada Georgina. Para encurtar, chamo-a de Georgie. Ela é a filha de um casamento precoce que tive em um período de minha vida no qual não compreendia a natureza do casamento. Ou, no que diz respeito ao assunto, do amor. Eu não estava pronto para o casamento e tampouco para a paternidade. Mas esse não é mais o caso. Georgie terá um bebê e aprenderei a ser avô.

— Isso é maravilhoso.

— Obrigado. Eu estava esperando para contar a alguém, e agora que contei, estou satisfeito. Georgie é depressiva. Desconfio desse tipo de jargão, mas, no caso dela, estou convencido de que o diagnóstico é apropriado para sua condição. Ela precisa ser equilibrada. Acho que o termo é esse. Ela mora na Califórnia. Com um escritor. Também foi anoréxica durante algum tempo. Ficou como um passarinho morrendo de fome. Não havia nada que pudesse ser feito. Portanto, foi uma história ruim. O divórcio não ajudou. Sabiamente, ela foi para os Estados Unidos. Para a Califórnia. Onde está agora.

— Foi o que o senhor disse.

— Desculpe-me. Estou querendo dizer que ela foi para águas límpidas. Falei com ela há algumas noites. Às vezes, penso que quanto maior a distância ao telefone, mais fácil fica ouvir se ela está feliz. Ela já teve um

filho, mas ele morreu. Este não morrerá, tenho certeza. Eu sei que não. Estou me desviando do que quero dizer. Peço desculpas. Pensei em tirar algum tempo para mim quando isso terminar e ir até lá para vê-la. Talvez eu fique algum tempo. Para ser sincero, o banco está morrendo. Não posso dizer que sentirei saudade. A vida de todas as coisas tem uma duração natural. Então, pensei: quando eu estiver lá, depois de algum tempo instalado, e com você também navegando em águas límpidas, você poderia gostar de se juntar a nós por alguns dias... por minha conta, obviamente... se quiser, traga alguém... e conheça Georgie um pouco, e também seu bebê. E o mando dela, o qual tenho certeza de que é pavoroso.

— Eu gostaria.

— Não precisa responder agora. Não é uma cantada. Apenas pense a respeito. É tudo o que eu queria dizer. Agora podemos voltar a falar em alemão antes que nossa plateia fique impaciente demais.

— Eu vou — ela disse, ainda em russo. — Eu gostaria. Não preciso pensar a respeito. Eu sei que gostaria.

— Excelente — ele prosseguiu, agora em alemão, olhando para o relógio como se estivesse determinando quanto tempo passara longe da mesa. Tenho outro negócio a tratar, sobre a lista de recomendações do Dr. Abdullah para a Chechênia. Ele tem propostas amplas sobre a comunidade muçulmana em geral, mas há uma lista curta de recomendações para a Chechênia. Ele achou que nosso cliente poderia gostar de dar uma olhada nela antes da conferência de hoje à noite. Talvez isso faça com que o tempo transcorra mais facilmente. Posso dizer que estou ansioso para ver vocês dois hoje à noite, às 22 horas?

— Pode — ela disse. — Sim, pode — e, acenando com a cabeça para enfatizar as palavras, virou-se e caminhou rigidamente para as portas giratórias, onde seus acompanhantes já a esperavam.

— Nada sedicioso, Ian — Brue garantiu com leveza enquanto devolvia a Ian o passaporte de Issa. — Apenas levamos nosso livre-arbítrio para passear.



Eram 20h30 quando as mulheres de Annabel a deixaram diante do porto para que subisse sozinha a escada para seu apartamento no que ela considerava a última vez: a última vez em que Issa seria prisioneiro dela, e ela dele, a última vez em que ouviriam música russa diante das luzes do porto cintilando na janela em arco, a última vez em que ela o teria como sua criança, para alimentá-lo e satisfazê-lo, como seu amante intocável e como seu tutor de dor insuportável e esperança. Em uma hora, ela entregaria Issa a Brue e ao Dr. Abdullah. Em uma hora, Bachmann e Erna Frey conseguiriam o que desejavam. Com a ajuda de Issa, terão salvado mais vidas inocentes do que o Santuário seria capaz de salvar em toda uma vida — mas como contar os que não foram mortos?

— Essas são as recomendações do Dr. Abdullah? — Issa indagou em tom um pouco imperativo, em pé sob a luminária no centro da sala enquanto lia.

— Algumas delas. Ele colocou a Chechênia no topo da lista. Como você pediu.

— Ele é sábio. Esta instituição de caridade que ele cita aqui é bem conhecida na Chechênia. Já ouvi falar dela. Ela leva remédios e ataduras para nossos bravos combatentes nas montanhas, e também anestésicos. Nós apoiaremos esta instituição.

— Bom.

— Mas, antes de mais nada, devemos salvar as crianças de Grozny — ele disse à medida que seguia com a leitura. — E depois, as viúvas. Mulheres jovens que foram defloradas sem ser cúmplices não serão punidas, e sim acomodadas em hotéis especiais, com a vontade de Deus. Mesmo que a cumplicidade delas seja questionável, serão acomodadas. Isso é o que desejo.

— Bom.

— Ninguém será punido, nem mesmo pela própria família. Indicaremos especialistas para cuidar das mulheres — ele virou uma página. — Filhos de mártires serão favorecidos, essa é a vontade de Alá. Mas apenas se seus pais não tiverem matado inocentes. Se tiverem matado inocentes, o que não é permitido por Alá, ainda assim os acomodaremos. Você concorda com isso, Annabel?

— Parece ótimo. Um pouco confuso, mas ótimo — ela disse sorrindo.

— Também esta instituição de caridade, pela qual tenho admiração. Jamais ouvi nada dela, mas a admiro. A educação de nossas crianças tem

sido negligenciada em nossa longa guerra pela independência.

— Por que não faz uma marca ao lado das instituições das quais gosta? Você tem um lápis?

— Gosto de todas. Também gosto de você, Annabel.

Ele dobrou a lista e enfiou-a no bolso.

Não diga isso, ela estava implorando a Issa de seu canto na extremidade mais distante do *loft*. *Não me faça prometer. Não pinte um sonho impossível de ser vivido. Não sou forte o bastante para isso. Pare!*

— Quando você tiver se convertido à fé de Deus, que é a religião de minha mãe e de meu povo, e eu for um médico importante com uma qualificação ocidental e um carro como o de Mr. Brue, dedicarei todo meu tempo não profissional a seu conforto. Asseguro isso a você, Annabel. Quando não estiver grávida demais, você será enfermeira em meu hospital. Percebi que tem muita compaixão quando não está sendo severa. Mas, primeiro, você precisa ser treinada. Uma qualificação legal não é suficiente para que seja enfermeira.

— Suponho que não.

— Você está ouvindo, Annabel? Por favor, concentre-se.

— Estou apenas olhando o relógio, é tudo. Mr. Brue quer que estejamos lá antes do Dr. Abdullah. Primeiro, você precisa fazer o requerimento, mesmo que não queira aceitar o dinheiro.

— Estou ciente disso, Annabel. Estou familiarizado com as questões técnicas. É por isso que a limusine dele virá me pegar aqui em uma boa hora. Melik e Leyla estarão presentes na cerimônia?

— Não. Estão na Turquia.

— Então fico triste. Eles se alegrariam com o que estou prestes a fazer. Fornecerei às nossas crianças uma educação ampla e variada. Não na Chechênia, infelizmente. É perigoso demais. Primeiro, estudarão o Alcorão. Depois, literatura e música. Elas aspirarão a dominar as Cinco Excelências. Se fracassarem, não serão punidas. Nós as amaremos e rezaremos muitas vezes com elas. Pessoalmente, não sou proficiente nos passos necessários para sua conversão. A tarefa deve ser realizada por um imã sábio. Quando eu tiver formado uma opinião pessoal desse Dr. Abdullah, cujos textos respeito, considerarei se ele é apropriado. Eu nunca insultei você, Annabel.

— Eu sei.

— E você não tentou me seduzir. Houve momentos nos quais temi que estivesse prestes a fazer isso. Mas você manteve o controle.

— Acho que devíamos começar a nos aprontar, não acha?

— Tocaremos Rachmaninoff.

Atravessando o salão na direção da janela, Issa ligou o toca-discos. O volume estava alto, como gostava quando estava sozinho. Acordes gigantescos ressoaram pelas vigas. Issa virou-se para a janela e Annabel observou sua silhueta enquanto ele se vestia metodicamente para a viagem. O casaco de couro de Karsten não o interessava mais. Ele preferiu o velho sobretudo preto e o gorro de lã, além do alforje amarelo atravessado no ombro.

— Bem, Annabel. Siga-me, por favor. Protegerei você. Essa é a nossa tradição.

Mas ele estancou na porta e olhou para Annabel com uma franqueza tão nova que, por um momento, ela chegou a pensar que Issa estivesse prestes a fechar a porta novamente e a mantê-la dentro do apartamento com ele para que continuassem eternamente a vida que haviam compartilhado ali no alto, sozinhos no próprio mundo.

E ela talvez meio que esperasse que ele fizesse isso, mas naquela altura ele já estava descendo a escada e era tarde demais. Uma limusine preta e longa os aguardava. O motorista mantinha a porta traseira aberta. Era jovem e louro, um garoto em seu apogeu. Annabel entrou no carro. O motorista esperou até que Issa a seguisse, mas ele se recusou. O motorista abriu a porta do carona e Issa entrou.

Brue foi na frente até seu santuário, seguido de Issa e Annabel, que vestia o terno preto de advogada e o lenço na cabeça. Brue percebera de imediato que Issa era outra pessoa. O muçulmano devoto fugitivo tornara-se o filho milionário de um coronel do Exército Vermelho. Entrando no saguão, Issa olhou ao redor com desdém, como se as instalações nobres do banco não fossem exatamente aquilo com o que estivesse acostumado. Sem ser convidado, sentou-se na cadeira que Brue escolhera para Annabel, cruzou os braços e as pernas, esperando que se dirigissem a ele, relegando desta forma Annabel ao final da fila.

— *Frau* Richter, não quer ficar um pouco mais perto de nós? — Brue perguntou a ela em russo, que todos falavam.

— Obrigada, Mr. Brue, estou muito confortável — ela respondeu com seu sorriso recém-descoberto.

— Então, começarei — Brue anunciou, engolindo a decepção.

E começou, apesar da sensação curiosa de estar falando para um auditório lotado em vez de para duas pessoas sentadas a dois metros dele. Em nome do Brue Frères, deu formalmente as boas-vindas a Issa como o filho de um cliente de longa data do banco — mas, com tato, absteve-se de oferecer condolências pelo falecimento do cliente.

Issa conteve-se, mas acenou com a cabeça em reconhecimento. Brue limpou a garganta. Dadas as circunstâncias, disse, ele propunha reduzir os procedimentos formais ao mínimo. Ele fora informado pela advogada de Issa — inclinando-se levemente na direção de Annabel — que Issa propusera solicitar sua herança sob a condição de que ela fosse entregue imediatamente a organizações de caridade muçulmanas selecionadas: — Fui também informado de que, para esse propósito, será orientado por uma eminente autoridade religiosa muçulmana, o Dr. Abdullah, a quem transmiti suas instruções. O Dr. Abdullah está feliz em poder se juntar a nós em breve.

— Serei orientado por Alá — Issa corrigiu Brue com um grunhido aborrecido, dirigindo-se não a Brue, mas sim ao bracelete de ouro na forma do Alcorão, o qual apertava com a mão. — Será a vontade de Deus, senhor.

— Para isso — Brue continuou sem se deter —, em condições normais, ele exigiria que o solicitador se identificasse. Contudo, graças aos poderes de persuasão de *Frau* Richter, enfatizou, ele se sentia capaz de abrir mão de tal formalidade e de seguir sem mais delongas para o requerimento — dirigindo-se novamente a Annabel —, se o cliente assim desejar.

— Sim, senhor! Eu solicito — Issa gritou antes que ela pudesse responder. — Solicito por todos os muçulmanos! Solicito pela Chechênia!

— Bem, nesse caso, talvez queira me acompanhar — Brue disse e pegou uma pequena e brilhantemente projetada chave de sua bandeja de documentos.



A porta da *oubliette* rangeu ao ser aberta. Depois da partida dos técnicos, Brue ligara um de seus próprios sistemas. As caixas-fortes em verde-escuro estavam empilhadas ao longo de uma parede, duas fechaduras em cada. Edward Amadeus, que amava dar nomes bobos às coisas, chamava o lugar de seu pombal. Brue sabia que algumas caixas não tinham sido abertas em cinquenta anos. Agora, talvez jamais viessem a ser. Ele se virou para Annabel e viu que o rosto dela estava iluminado e repleto de ansiedade cautelosa. Olhando-o fixamente, Annabel presenteou Brue com a carta de Issa enviada por Anatoly, a qual continha a referência da caixa escrita em números grandes. Brue sabia o número de cor. E sabia de cor qual era a caixa, mas não o que ela continha: mais desgastada do que as vizinhas, ela lembrava uma caixa de munição russa. A inscrição em sua etiqueta — um cartão amarelado preso pelos quatro cantos por uma garra de ferro em miniatura — estava escrita com a caligrafia pedante do próprio Edward Amadeus: *LIP, um traço e o número, seguidos por uma legenda: nenhuma ação sem consultar EAB.*

— Sua chave, por gentileza, senhor? — Brue pediu a Issa.

Recolocando o bracelete no pulso, Issa desabotoou o sobretudo e procurou dentro da camisa a bolsa de camurça. Retirou a chave e empurrou-a para Brue.

— Acho que isso é algo que você precisa fazer, Issa — Brue disse a ele com um sorriso paternal. Veja, tenho a minha própria chave.

Brue segurou a chave do banco para que Issa a visse.

— Issa vai primeiro? — Annabel perguntou, com o prazer de uma criança brincando em uma festa.

— Acho que é o habitual, não concorda, *Frau* Richter?

— Issa, faça o que Mr. Brue pediu, por favor. Coloque a chave na fechadura e gire-a.

Issa deu um passo à frente e enfiou a chave na fechadura da esquerda. Mas, quando tentou girar a chave, ela ficou presa. Frustrado, retirou a chave e tentou a fechadura da direita. A chave girou. Ele recuou. Brue deu um passo à frente e, com a chave do banco, destrancou a fechadura da esquerda. Depois, também recuou.

Lado a lado, Brue e Annabel observaram enquanto o filho do coronel Grigori Borisovich Karpov, em pura repulsa, tomou posse dos milhões obtidos ilicitamente pelo pai, guardados para ele pelo falecido Edward Amadeus OBE sob ordens da Inteligência Britânica. À primeira vista, o

conteúdo da caixa não era muito: um grande envelope ensebado, sem lacre e sem destinatário.

As mãos magras de Issa estavam tremendo. Seu rosto, sob a luz do teto, era novamente um rosto de prisioneiro feito de sulcos e sombras, transformando-se para uma expressão de nojo. Com o indicador e o polegar, retirou fastidiosamente uma folha de papel em alto-relevo parecida com uma cédula grande. Colocando o envelope debaixo do braço para reutilizá-lo algum dia, desdobrou o documento e, com as costas viradas para Brue e Annabel, examinou-o, como um artefato, e não por qualquer informação que contivesse, pois o texto nele estava em alemão, e não em russo.

— Talvez *Frau* Richter queira fazer a tradução no andar de cima — Brue sugeriu suavemente, depois que um minuto ou mais se passara sem que Issa se movesse.

— Richter? — Issa repetiu, como se nunca tivesse ouvido o nome.

— Annabel. *Frau* Richter. Sua advogada. A mulher a quem você deve sua presença aqui hoje, e muito mais, se me permite dizer.

Retornando de onde quer que tivesse ido, Issa entregou o documento a Annabel, e depois o envelope.

— Isto é dinheiro, Annabel?

— Não ainda, mas será — ela disse.



Novamente no andar superior, Brue esforçou-se para parecer superficial, temendo que Issa, confrontado com a realidade física da monstruosidade do pai, pudesse voltar atrás. Annabel, talvez compartilhando dessa ansiedade, agiu prontamente e tomou a iniciativa. Ela passou rapidamente a Issa os termos e condições do título ao portador e perguntou se ele tinha alguma dúvida, mas Issa apenas deu de ombros concordando vagamente. Ele não tinha perguntas. Havia um recibo para ele assinar, e Brue entregou-o a Annabel, convidando-a a explicar seu propósito ao cliente. Com calma e paciência, ela explicou a Issa o significado do recibo.

O recibo significava que o dinheiro era de Issa até que ele o repassasse adiante. Se, ao assinar o recibo, ele quisesse mudar de ideia e ficar com o dinheiro, ou procurar outro uso para ele, estaria livre para fazê-lo. E ocorreu a Brue que, ao dizer aquilo a Issa, Annabel estava colocando a lealdade ao cliente acima da lealdade a seus captores e manipuladores, o que, para ela, era tanto uma questão de princípio quanto um ato considerável de coragem, pois estava colocando em risco tudo o que fora trazida para fazer ali.

Mas Issa não tinha a menor intenção de mudar de ideia. Com a caneta balançando em sua mão direita, os dedos da mão esquerda fechados e pressionados contra a testa e a corrente de ouro despontando entre eles, Issa assinou o recibo em uma série de traços raivosos. Descuidando-se momentaneamente dos modos muçulmanos, Annabel esticou a mão para pegar a caneta, encostando sem querer sua mão na dele. Issa retraiu-se, mas ela pegou a caneta mesmo assim.

Um extrato financeiro havia sido preparado pelo gerente da fundação de Liechtenstein. Em virtude do título ao portador e do recibo assinado, Issa era o único proprietário da fundação. A soma total de todos os bens dele, como fora comunicado por Brue ao Dr. Abdullah, era 12,5 milhões de dólares — ou, como o Dr. Abdullah preferira descrever ao amigo em Weybridge, Surrey, 12,5 toneladas de arroz americano.

— Issa — Annabel disse em um esforço para despertá-lo de seu transe.

Olhando para o título ao portador, Issa passou as palmas das mãos sobre suas bochechas profundas enquanto seus lábios se moviam silenciosamente em uma oração. E Brue, que conhecia há muito tempo todos os pequenos sinais da riqueza repentina — a luz suprimida de ganância, de triunfo, de alívio —, procurou em vão por eles em Issa, assim como os procurara em vão em Abdullah: ou, se é que os tinha visto, virá-los se transmitirem primeiro para Annabel, desaparecendo logo depois de terem surgido.

— Portanto — Brue disse com leveza —, presumindo que não tenhamos mais nenhuma questão a discutir, o que sugeri a *Frau* Richter que fizéssemos... E o que realmente fizemos provisoriamente sob sua aprovação, Issa... Foi colocar todo esse valor temporariamente em uma conta em nosso banco, de modo que possa ser transmitida instantaneamente, por meio eletrônico, aos beneficiários que você e o Dr.

Abdullah, sob a luz de suas preocupações éticas e religiosas, escolherem — ele esticou um braço e olhou para seu relógio caro —, dentro de, bem, digamos, sete minutos. Menos, se eu não estiver enganado.

Ele não estava. Um carro estacionava diante do jardim. Em seguida, uma conversa abafada em árabe. O motorista e o passageiro estavam se despedindo. Brue ouviu um *inshallah* e reconheceu a voz do Dr. Abdullah. Como despedida, ouviu um *salaam*. O carro partiu e um único par de passos aproximou-se da porta.

— Com licença um momento, por favor, *Frau* Richter — ele disse oficiosamente e desceu ao andar inferior para o ato seguinte.



Arni Mohr estava orgulhoso de sua nova van de vigilância e permitira que fosse utilizada somente sob a condição de que fosse posicionada fora da zona de exclusão que a polícia criara em torno do banco de Brue. Dentro da zona: observadores de rua de Arni e atiradores da polícia; fora da zona, a van, Bachmann, sua equipe de duas pessoas e um táxi bege vazio, com adesivos de propaganda. Aquele fora o acordo aprovado por Keller e Burgdorf, questionado sem sucesso por Axelrod e aceito por Bachmann sob protestos.

— Não tenho condições de combatê-los em todos os mínimos detalhes, Günther — Axelrod insistira com mais desespero na voz do que Bachmann gostaria. — Se eu precisar perder alguns peões para a rainha deles, por mim tudo bem — acrescentou, recordando os jogos de xadrez que Bachmann e Axelrod costumavam jogar no abrigo antiaéreo sob a Embaixada Alemã em Beirute.

— Mas a rainha é nossa, certo? — Bachmann insistira ansioso.

— De acordo com termos descritos, sim. Se você conseguir levar *Signpost* a seu esconderijo, se conseguir convencê-lo dentro do que concordamos e se ele der sinais de que pretende cooperar, ele é nosso. Isso responde à sua pergunta?

Não. Não responde.

Isso me faz perguntar por que você precisa de três "se" para dizer sim.

Tampouco explica o que Martha estava fazendo na reunião, tampouco por que ela trouxera Newton, o degolador de Beirute.

Nem quem era a loura de feições acentuadas com ombros largos.

Ou por que ela precisou ser contrabandeada para a sala de reuniões como bens roubados depois que todos haviam se sentado, e depois novamente contrabandeada na saída, como uma prostituta em um hotel.

E por que Axelrod, que se ressentia da presença dos Estados Unidos tanto quanto ele, fora incapaz de prevenir o ocorrido; e por que Burgdorf, aparentemente, estava de acordo.

A van, diferentemente das outras do tipo, não estava camuflada como um caminhão de mudanças, uma picape de serviços ou um furgão de carga, mas sim como o Leviatã cinzento de limpeza das ruas que um dia fora, completo e com os acessórios originais. Também era, Arni gostava de se gabar, invisível. Ninguém questionava a presença dela, muito menos tarde da noite, quando se arrastava pelo centro da cidade. Ela podia operar tão bem em movimento quanto estacionada. Era capaz de patrulhar uma rua a 3 quilômetros por hora e ninguém poderia dizer nada.

Para o local da van, Bachmann escolhera um acostamento entre a margem do Alster e a rua principal, a somente um quilômetro do banco de Brue. Sob o brilho das luzes alaranjadas da rua, a equipe da van podia admirar os castanheiros pelo para-brisa e, pelas frestas ocultas na traseira, a estátua de bronze de duas meninas eternamente prestes a soltar suas pipas.

Ao contrário de Mohr, Bachmann mantivera seus números no mínimo e seu plano de jogo simples. Para monitorar o banco de telas de computador e de imagens geradas por satélites, ele recrutara, além de Maximilian, sua inseparável namorada, Niki, que falava russo e árabe fluentemente. Para ter cobertura no caso de uma emergência imprevista, ele posicionara dois observadores de ruas em um Audi incrementado à margem da zona de exclusão até que fossem chamados. Apenas Bachmann, enquanto permanecesse na van, cuidaria de todos os contatos com Arni Mohr e com Axelrod no Comitê, em Berlim. Ele implorara a Erna Frey para que o acompanhasse mas, mais uma vez, ela recusou-se com determinação.

— Aquela pobre criança já aguentou o que podia de mim, e muito mais do que ela própria sabe — tinha sido sua resposta. E, consciente do olhar de Bachmann sobre ela, depois de um longo intervalo: — Menti para ela.

Dissemos que jamais faríamos isso. Dissemos que jamais lhe contaríamos toda a verdade, mas que o que quer que contássemos seria verdade.

— E?

— E eu menti para ela.

— Foi o que você acabou de dizer. Sobre o quê?

— Melik e Leyla.

— E, por Deus, o que você disse a ela sobre Melik e Leyla que fosse mentira?

— Não me interogue, Günther.

— Eu *estou* interrogando você.

— Você pode ter se esquecido de que tenho uma informante no grupo de Arni Mohr.

— A tenista ruim. Não me esqueci. O que a tenista ruim tem a ver com mentir para Annabel sobre Melik e Leyla?

— Annabel estava preocupada com eles. Era de madrugada. Ela veio a meu quarto e queria minha garantia de que Melik e Leyla não sofreriam por terem abrigado Issa. Por serem pessoas decentes que fizeram a coisa certa. Ela disse que estava sonhando com eles, mas acho que estava apenas deitada acordada, preocupando-se.

— E o que você disse?

— Que eles aproveitariam o casamento da filha de Leyla e retornariam descansados e felizes, que Melik derrotaria todos os adversários no ringue de boxe, que Leyla encontraria um novo marido e que depois tudo seria maravilhoso para eles. Mas era só um conto de fadas.

— Por que era um conto de fadas?

— Arni Mohr e o Dr. Keller, de Colônia, recomendaram que a permissão de residência deles fosse revogada com base no fato de terem violado suas condições ao abrigar um criminoso islâmico e encorajado a militância na comunidade turca. Eles sugerem que as autoridades em Ancara sejam informadas. Burgdorf está de acordo, desde que a detenção deles na Turquia não ocorra de modo a colocar em perigo a operação *Signpost*.

Com isso, Erna Frey desligou bruscamente seu computador, trancou seus papéis no armário de metal e recolheu-se ao esconderijo diante do porto para se preparar para a chegada de *Signpost*, o que aconteceria tarde da noite.

Sozinho e doente de raiva, Bachmann apelou novamente a Axelrod. A resposta foi tão ruim quanto temia:

— Por Deus, Günther! Quantas batalhas você quer que eu trave? Você quer que eu interrompa Burgdorf e diga a ele que temos espionado os Protetores?



Ao longo das duas horas seguintes, informações operacionais de inteligência estavam fluindo para a van em um ritmo constante e tudo era bom: o passeio de *Signpost* na noite anterior fora evidentemente uma aberração, pois de acordo com seu padrão de comportamento conhecido ele não usava telefones públicos. Tampouco tinha o hábito de deixar sua casa, a esposa e os filhos desprotegidos nas horas de escuridão. Na noite de hoje, ele propôs seguir sua prática costumeira de solicitar os serviços de um engenheiro civil aposentado, um amigo solícito e vizinho: um palestino chamado Fuad, cuja coisa preferida na vida era servir de chofer para o grande acadêmico religioso em suas saídas e debater questões profundas com ele. Na noite de ontem, Fuad estava assistindo a uma palestra no instituto cultural local. Hoje, estava livre, e os dois guardacostas de *Signpost* puderam ficar de guarda em casa, onde era o lugar deles.

Mas onde *Signpost* passaria a noite em Hamburgo depois da conferência no banco? — ou onde pensava em ficar? Se tivesse amigos esperando por ele... se tivesse reservado um quarto de hotel... se se propusesse a ir de carro tarde e dormir na própria cama... as oito horas da licença que Bachmann tinha com ele poderiam ser reduzidas a três ou quatro.

Mas pelo menos nesse ponto os deuses sorriram para os planejadores. *Signpost* aceitara um convite para dormir na casa do cunhado de Fuad, um iraniano chamado Cyrus, onde costumava ficar, e Cyrus dera a chave de casa a Fuad, pois estava com a família visitando amigos em Lübeck e não estaria de volta até a manhã seguinte.

Ainda melhor, *Signpost* iria sozinho para lá quando terminasse seus negócios no banco. Fuad implorara a permissão para esperá-lo do lado de fora do banco, mas *Signpost* fora irredutível: — Por favor, vá imediatamente para a casa de seu querido cunhado, que Deus o preserve, e fique em paz, Fuad — Abdullah ordenara a ele pelo telefone de casa. — Esse é meu comando para você, querido amigo. Seu coração é grande demais para seu peito. Se não for cuidadoso, Alá colherá você para Ele antes de sua hora. Pedirei um táxi diretamente do banco, não se preocupe.

O que explicava o táxi vazio estacionado ao lado da van.

O que explicava o retrato de Bachmann embrulhado em celofane na licença de taxista acima do painel do carro. O que explicava o casaco humilde de Bachmann e o chapéu de marinheiro pendurado na porta que se abria para as entranhas da van. Se tudo corresse de acordo com o planejado, esse seria o traje que Bachmann vestiria quando levasse *Signpost*, sequestrado, ao esconderijo diante do porto para a sua conversão forçada ao caminho da retidão.

— Preciso que três desejos se realizem antes do amanhecer — Erna Frey dissera a ele antes de partir abruptamente. — Preciso de *Signpost* na bolsa. Preciso de *Felix* e daquela pobre garota liberados e preciso de você sentado em um trem com apenas uma passagem de ida para Berlim. Classe econômica.

— E para você?

— Minha aposentadoria e meu iate transatlântico.



Signpost deveria estar no Brue Frères às 22 horas.

Às 20h30, segundo relatórios enviados pelos observadores de Mohr, Fuad dirigira até a porta da casa de *Signpost* em seu BMW 335i Coupé novo em folha, o orgulho de sua vida.

A notícia de que pretendiam usar o carro chegou tarde demais para que pudessem grampeá-lo. Saindo de casa, *Signpost* parecia bem-humorado. A instrução que dera à família, captada pelos microfones direcionais posicionados no outro lado da rua, era para que permanecessem vigilantes

e louvassem a Deus. Os ouvintes alegaram ter detectado um "ar de prenúncio" em sua voz. Um disse "pressentimento", e outro que ele falara "como se estivesse partindo em uma longa viagem e não soubesse quando estaria de volta".

As 21h14, vigilantes em um helicóptero informaram que o BMW chegara em segurança a um subúrbio no noroeste da cidade, onde parou em uma área de estacionamento com os propósitos presumidos de rezar e matar tempo até a hora do compromisso de *Signpost* no banco. Contrariando os costumes árabes, *Signpost* era conhecido por ser obsessivamente pontual.

Às 21h16 — ou seja, dois minutos depois —, os observadores de rua de Bachmann sinalizaram que *Felix* e Annabel estavam em segurança para a transferência no banco de Brue na limusine exigida por *Felix*, a qual Arni Mohr ficara mais do que satisfeito em fornecer.

Da zona de exclusão, Mohr confirmou que os dois haviam chegado em segurança, o que era totalmente desnecessário, pois Bachmann assistira à chegada no monitor de Maximilian, mas Arni Mohr nunca tivera problemas com redundâncias.

Às 21h29, Bachmann foi informado pelo próprio Axelrod, que estava em Berlim, que Ian Lantern tramara entrar arditamente na zona de exclusão e estava estacionado em um beco sem saída com uma visão privilegiada do banco e um passageiro não identificado no assento dianteiro de seu Peugeot.

Chocado, mas agora em modo operacional, Bachmann sabia que não adiantava gritar em ultraje. Em vez disso, perguntou tranquila e contidamente a Axelrod, pela linha encriptada, sob a autoridade de quem precisamente Lantern fora convidado para a festa.

— Ele tem tanto direito de estar aqui quanto você, Günther — Axelrod observou.

— Mais, aparentemente.

— Você tem sua garota com quem se preocupar, e ele tem o banqueiro.

]Mas a explicação não fazia sentido para Bachmann. Ele reconhecia que Lantern era o controlador de Brue. Mas ele também estaria de prontidão, aguardando para segurar a mão de Brue e ajudá-lo com suas falas caso ele as esquecesse? O único trabalho que restava para ele, pelo que Brue soubesse, era recolher seu homem assim que a reunião

terminasse, enxugar o suor da testa dele, dar as instruções finais e dizer a ele o quanto era bom. E, para isso, não precisava ficar esperando no local como um pai grávido a apenas 100 metros do alvo. E quem, em nome de Deus, era o passageiro? Como ele ou ela participaria da ação?

Mas Axelrod havia desligado e Maximilian levantou o braço. Fuad, o engenheiro aposentado, havia deixado *Signpost* no Banco Brue Frères.

15

No santuário de Tommy Brue no andar superior do banco, os preparativos estavam finalmente sendo compensados. Ao designar a cadeira do avô para *Nossa Estimada Intérprete*, como insistia em chamar Annabel, Brue fora capaz de colocá-la em uma posição central. Ela sentou-se exatamente como ele queria, totalmente ereta sobre as almofadas. À esquerda dela estava Issa, e o Dr. Abdullah à direita, todos de frente para Brue, que estava do outro lado da mesa. Ao vê-lo, Issa tornara-se novamente outra pessoa: indeciso, tímido e confuso ao descobrir que não havia uma língua em comum com a qual pudesse se dirigir a seu mentor recém-descoberto. Primeiro, o Dr. Abdullah o cumprimentara em árabe, e depois fez o mesmo rapidamente em francês, em inglês e em alemão. Ele até encontrou algumas palavras em checheno para Issa, que se iluminou por um instante e depois olhou envergonhado para baixo quando sua fluência secou.

Aos olhos de Brue, o Dr. Abdullah também havia se tornado outro homem desde o dia anterior. Estando ele próprio nervoso, Brue não imaginara que Abdullah pudesse estar ainda mais nervoso. Aproximando-se cuidadosamente de Issa com os braços erguidos para o abraço árabe, ele parecera, até o último minuto, incerto quanto a ir em frente com o cumprimento. Quando se acomodou com o alemão e com a tradução de Annabel, seu jeito de falar demonstrava uma reverência contida, mas também era exploratório.

— Nosso bom amigo, Mr. Brue, recusa-se corretamente a revelar seu nome a mim, senhor. E é o que deveria fazer. É o Sr. X e não posso saber de onde vem. Mas não precisamos guardar segredos entre nós. Tenho minhas fontes. Você também. Do contrário não teria mandado seu banqueiro inglês me examinar. Bem, o que ouviu a meu respeito é verdade, irmão Issa. Antes e acima de qualquer coisa, sou um homem de paz. Mas isso não quer dizer que eu fique à parte de nossa grande luta. Não sou amigo da violência, mas respeito aqueles que retornam do campo de batalha para nós. Eles viram a fumaça. Assim como eu. Eles foram torturados em nome do Profeta e de Deus. Foram espancados e

aprisionados, assim como eu, mas não cederam. A violência não é criada por eles. Eles são suas vítimas.

Esperando uma resposta, Abdullah olhou para Issa, examinando com compaixão e curiosidade o impacto de suas palavras. Mas Issa, depois de ouvir a tradução de Annabel, apenas abaixou a cabeça.

— Portanto, preciso acreditar em você — Abdullah prosseguiu. — É meu dever diante de Deus. Se Deus deseja nos dar tais riquezas, quem sou eu, Seu humilde criado, para recusá-las?

Mas então, exatamente como Brue lembrava do dia anterior, a voz de Abdullah ficou mais firme: — Portanto, diga-me, irmão, faça essa gentileza. Por qual munificência de Alá, por quais meios engenhosos, você está em liberdade neste país? Como podemos nos sentar com você, falar com você e tocar em você quando, segundo certas informações que chegaram a mim pela internet e por outros meios, metade dos policiais do mundo gostaria de algemá-lo?

Issa se virou para Annabel para ouvir a tradução e depois se voltou novamente para Abdullah enquanto a própria Annabel fornecia a resposta que Brue suspeitava ter sido escrita previamente pelas pessoas que a manipulavam: — A situação de meu cliente aqui na Alemanha é precária, Dr. Abdullah — ela disse primeiro em alemão e, depois, quase num murmúrio, fez um resumo em russo. — Pela lei alemã, ele não pode ser devolvido a um país que pratique tortura ou aplique a pena de morte. Infelizmente, essa é uma lei que as autoridades alemãs, do mesmo modo que as democracias ocidentais, ignoram com frequência. Ainda assim, faremos um pedido de asilo na Alemanha.

— Faremos? Há quanto tempo seu distinto cliente está na Alemanha?

— Ele esteve doente e só agora está se recuperando.

— E nesse meio tempo?

— Meu cliente foi perseguido, expatriado e correu um grande perigo.

— Mas, pela piedade de Deus, ele está aqui entre nós — o Dr.

Abdullah discordou, sem se convencer.

— Enquanto isso — Annabel continuou com firmeza —, e até que recebamos garantias sólidas das autoridades alemãs de que meu cliente não será deportado em nenhuma circunstância para a Turquia ou para a Rússia, ele se recusa a se colocar nas mãos delas.

— Em que mãos, então, ele colocou-se agora, que mal lhe pergunte? — insistiu o Dr. Abdullah, com os olhos saltando entre Annabel, Issa e

Brue. — Ele é um truque? E vocês? Será que todos vocês são um truque? — incluindo Brue em seu olhar impetuoso. — Estou aqui a serviço de Alá. Não tenho escolha. Mas a serviço de quem vocês estão? Faço esta pergunta com o coração: vocês são pessoas boas, ou estão dispostas a me destruir? Vocês estão aqui de alguma maneira que não compreendo, para fazer-me de tolo ou de idiota? Perdoem-me se minha pergunta os ofende. Vivemos em uma época terrível.

Determinado a saltar em defesa de Annabel, Brue ainda estava preparando sua resposta quando ela se antecipou e, desta vez, abriu mão da tradução.

— Dr. Abdullah — ela disse em uma voz que sugeria raiva ou desespero.

— Sim?

— Meu cliente veio aqui nesta noite correndo um grande risco para presentear suas instituições de caridade com uma grande quantia de dinheiro. Ele apenas pede que possa dar e que o senhor receba. Ele não pede nada em troca...

— Deus o recompensará.

— ...além da garantia de que seus estudos de medicina sejam pagos por uma das instituições de caridade que está apoiando. O senhor dará essa garantia a ele ou propõe continuar a questionar suas intenções?

— Com a vontade de Deus, os estudos de medicina dele serão custeados.

— Contudo, ele insiste em que o senhor mantenha silêncio absoluto em relação a sua identidade, a sua situação aqui na Alemanha e à fonte do dinheiro que está prestes a entregar para suas instituições de caridade. Os termos são esses. Se o senhor os honrar, ele fará o mesmo.

O olhar do Dr. Abdullah retornou para Issa: os olhos assombrados, o rosto fatigado e faminto, esticado tensamente em dor e confusão, as mãos longas e emaciadas mantidas juntas, o sobretudo puído, o gorro de lã e a barba por fazer.

E conforme Abdullah olhava para ele, seu próprio olhar se suavizava.

— Issa, meu filho.

— *Sir*.

— Estou certo ao acreditar que você não recebeu muitas instruções relativas à nossa grande religião?

— Está certo, *sir*! — Issa ganiu, com a voz fugindo do controle em meio à impaciência.

Mas os olhos pequenos e brilhantes de Abdullah haviam se fixado no bracelete que Issa passava nervosamente pelos dedos.

— Isso é feito de ouro, Issa, o ornamento que está usando?

— É o melhor ouro que existe, senhor — com um olhar apreensivo para Annabel enquanto ela traduzia o que acabara de dizer.

— O pequeno livro preso a ele: é uma reprodução do Alcorão Sagrado?

Issa assentiu com a cabeça muito antes de Annabel terminar de traduzir a pergunta.

— E o nome de Alá... essas são Suas palavras sagradas... está gravado em suas páginas?

Falando apenas para Annabel, e somente depois de uma longa pausa depois da tradução, veio o "sim, senhor" de Issa.

— E não chegou a seus ouvidos, Issa, que tais objetos, e tal ostentação, sendo meramente imitações pobres da prática cristã e judaica... por exemplo, a estrela de David de ouro ou a cruz cristã... nos são proibidos?

O rosto de Issa ficou sombrio. Sua cabeça pendeu para a frente e ele olhou atentamente para baixo, para o bracelete em sua mão.

Annabel intercedeu para salvá-lo.

— Era da mãe dele — ela disse, sem nenhuma palavra de seu cliente para que o fizesse. — Era a tradição do povo dela e de sua tribo.

Ignorando a interferência de Annabel como se jamais tivesse ocorrido, Abdullah continuou a refletir sobre a gravidade da ofensa de Issa. — Coloque-o de volta em seu pulso, Issa — ele finalmente disse. — Cubra-o com sua manga para que eu não seja obrigado a olhar para ele — e, tendo ouvido a tradução de Annabel e depois de esperar até que o comando fosse obedecido, ele prosseguiu com a homilia. — Existem homens no mundo, Issa, que só se importam com a *dunya*. Isso significa dinheiro e status material na curta vida que vivemos aqui na terra. E existem homens no mundo que não dão a menor importância para a *dunya*, mas que se importam muito com a *akhira*, que significa a vida eterna que vivemos posteriormente, de acordo com nossos méritos e fracassos aos olhos de Deus. Nossa vida na *dunya* é o tempo que nos é dado para que plantemos. Na *akhira*, veremos nossa colheita. Diga-me agora, Issa, a que você está renunciando, e em nome de quem?

Annabel mal terminara a tradução quando Issa se levantou e gritou: — Senhor! Por favor! Estou renunciando aos pecados de meu pai em nome de Deus!



Agachado ao lado de Maximilian com os punhos presos à mesa de trabalho que ficava sob as fileiras de monitores, Bachmann observara cada inflexão e cada gesto trocado entre os quatro participantes. Nada que vira de Issa o surpreendera: ele sentia que o conhecia desde que chegara à Alemanha. Uma primeira análise de *Signpost* também mostrara o que Bachmann esperava ver, algo que tinha visto inúmeras vezes em reprises na televisão e em fotos da imprensa acompanhadas de artigos que louvavam a esperteza, a moderação e a defesa da inclusão de um dos principais muçulmanos da Alemanha: um homem de espírito, ágil, carismático e inteligente, preso entre sua imagem cultivada de reclusão e seu amor pela autopromoção.

Contudo, para ele, o centro do palco era ocupado por Annabel. O malabarismo criativo com o qual lidara com o interrogatório de Abdullah deixara-o mudo de admiração, e ele não era o único. Maximilian estava rígido com as mãos no ar sobre o teclado, enquanto Niki olhava espantado o monitor.

— Que os céus nos protejam dos advogados — Bachmann finalmente se manifestou, e todos gargalharam aliviados. — Eu não disse que ela era um talento nato?

E para si mesmo: *Erna, você devia ter visto sua pobre garota agora há pouco.*



O clima no escritório de Brue continuava solene. Contudo, para Brue, estava mais para tedioso do que para tenso. Tendo descoberto as lacunas no aprendizado de Issa, o Dr. Abdullah estava discursando para ele sobre a natureza das instituições muçulmanas de caridade espalhadas pelos locais mais diversos, as quais defendia, e sobre o sistema que as financiava. Brue estava recostado em sua cadeira de couro de administrador de bancos, ouvindo o que Abdullah dizia com o que esperava que aparentasse ser um interesse profundo, enquanto admirava a tradução de Annabel.

A *zakat*, o Dr. Abdullah prosseguiu infatigavelmente, era definida pela lei muçulmana não como um imposto, e sim como um ato de servidão a Deus.

— Isso está muito correto, senhor — Issa murmurou depois da tradução de Annabel. Brue adotou uma expressão de consentimento devoto.

— A *zakat* é o coração doador do Islã — prosseguiu metodicamente o Dr. Abdullah, pausando para que Annabel fizesse a tradução. — A doação de uma parte da riqueza de um homem é determinada por Deus e pelo Profeta, que a paz esteja com Ele.

— Mas eu darei tudo! — Issa gritou, levantando-se novamente, antes mesmo de ouvir a tradução de Annabel. — Cada *kopek*, senhor! Verá! Darei cem por cento. Para todos os meus irmãos e irmãs na Chechênia!

— Mas também para a Umma como um todo, porque somos todos parte de uma grande família — o Dr. Abdullah lembrou a ele com paciência.

— Senhor! Por favor! Os chechenos são a minha família! — Issa gritou, interrompendo Annabel no meio da tradução. — A Chechênia é minha mãe!

— Contudo, como nesta noite estamos no Ocidente, Issa — o Dr. Abdullah prosseguiu com firmeza, como se não o tivesse ouvido —, permita-me informá-lo de que, hoje, muitos muçulmanos ocidentais, em vez de darem a *zakat* a amigos pessoais ou parentes, preferem doá-la para nossas muitas instituições islâmicas de caridade para que sejam distribuídas dentro da Umma de acordo com as necessidades. Entendo que esse também seja seu desejo pessoal.

Uma pausa para a tradução de Annabel. Outra pausa enquanto Issa digeriria o que fora dito, com a cabeça baixa e o cenho franzido... e ele manifestou que estava de acordo.

— E foi baseado nesse entendimento — Abdullah prosseguiu, finalmente chegando ao âmago da questão — que preparei uma lista de instituições de caridade que considereei merecedoras de sua generosidade. Entendo que você recebeu a lista, Issa. E que fez certas escolhas a partir dela. É verdade?

Era verdade.

— Então você ficou satisfeito com a lista, Issa? Ou será que eu deveria explicar a você mais precisamente as funções das instituições de caridade que recomendei?

Mas, nesta altura, Issa já tinha ouvido o bastante.

— Senhor! — ele se levantou mais uma vez. — Dr. Abdullah! Meu irmão! Assegure-me apenas de uma coisa, por favor! Estamos dando esse dinheiro para Deus e para a Chechênia. Isso é tudo que preciso ouvir! É dinheiro de ladrões, estupradores e assassinos. É um lucro ruim obtido por *riba*! É *haraam*! Lucro de álcool, carne de porco e pornografia! Não é dinheiro de Deus! É de Satã!

Tendo ouvido implacavelmente a tradução de Annabel e ajudado com as palavras em árabe, Abdullah deu sua resposta ponderada: — Você está dando o dinheiro para realizar a vontade de Deus, meu bom irmão Issa. Você é sábio e está certo em doá-lo, e, quando tiver feito isso, estará livre para estudar e adorar a Deus com modéstia e castidade. Talvez seja verdade que o dinheiro tenha sido roubado, seja fruto de usura e tenha sido submetido a outros propósitos proibidos pelas leis de Deus. Mas, em pouco tempo, ele será somente de Deus, e Ele será piedoso com você no que quer que venha depois da vida terrena, pois ninguém além de Deus pode julgar como você será recompensado, seja no céu ou no inferno.

Foi quando Brue finalmente se sentiu à vontade para agir: — Bem — ele disse animadamente, também se levantando, acompanhando Issa. — Posso sugerir que sigamos agora para o escritório do caixa e que completemos nosso negócio lá? Presumindo que *Frau* Richter aprove, é claro.

Frau Richter aprovou.



— Agora? — Maximilian perguntou a Bachmann enquanto os três observavam Brue e *Signpost* dirigirem-se para a porta, seguidos de Issa e Annabel.

Ele queria dizer: está na hora de você entrar em seu táxi e de que eu dê o sinal para que seus dois observadores o sigam no Audi?

Bachmann bateu com um polegar no monitor que ligava a van a Berlim.

— Ainda não temos o sinal verde — ele negou, e fez o máximo para dar um sorriso cru para os métodos incríveis daqueles burocratas de Berlim.

Nada de uma merda de sinal verde final, irrevogável, inegável e inqualificável. Não de Burgdorf, de Axelrod e tampouco do grupo de pessoas superinfladas que vestiam ternos e eram minuciosas, analíticas e motivadas por advogados, era o que ele queria dizer. Será que o júri ainda estava deliberando? Será que o Comitê estava procurando *até agora*, sobre seus confortáveis sofás de couro, mais uma forma de dizer não? Estariam debatendo se cinco por cento ruim seria ruim o bastante que justificasse irritar as sensibilidades feridas de nossa comunidade muçulmana moderada?

Estou oferecendo a vocês uma saída, por Deus!, Bachmann gritou em sua mente para o grupo. Façam do meu jeito, ninguém ficará sabendo! Ou talvez eu deva desistir de tudo, pegar um helicóptero para Berlim e explicar a vocês, caros colegas, precisamente o que *cinco por cento ruim* significam aqui fora no mundo real, do qual vocês estão tão diligentemente protegidos: sangue de matadouro correndo em seus sapatos e os cem por cento mortos espalhados em pedacinhos de cinco por cento por um quilômetro quadrado na praça principal da cidade?

Mas o maior temor de Bachmann era algo que ele mal ousava expressar, nem mesmo para si mesmo: medo de Martha e de sua espécie. Martha, a alma gêmea neoconservadora de Burgdorf. Martha, que observa mas não participa, como se jamais pudesse aceitar tal papel. Martha, que

gargalha alto para a operação *Felix*, como se fosse uma espécie de jogo europeu chique elaborado por um monte de liberais alemães diletantes. Ele a imaginou agora em Berlim. Será que Newton, o degolador, estava ao lado dela? Não, ele permanecera em Hamburgo com a loura. Ele imaginou Martha na Sala de Operações do Comitê, dizendo a Burgdorf o que era bom para ele se quisesse o cargo mais alto. Dizendo a ele como Langley jamais esquece os amigos.

— Sem sinal verde — Maximilian confirmou. — Aguardamos as instruções.



Ela era a advogada dele, mas nada sabia além do que fora instruída.

E as instruções, impostas a ela pela situação desesperadora de Issa e empurradas por Erna Frey, eram levar seu cliente até a mesa, aguardar até que transferisse o dinheiro e pegar o passaporte que lhe daria a liberdade.

Ela não era uma juíza como a mãe, tampouco um diplomata fanático como o pai. Era advogada, Issa era seu cliente, e se aquele sábio muçulmano estava certo ou errado, se era inocente ou culpado não fazia parte das instruções que recebera. Günther dissera que não tinha intenção de tocar um fio de cabelo dele, e ela acreditara. Ou, pelo menos, era o que estava dizendo a si mesma enquanto os quatro desciam a bela escadaria de mármore do banco de Brue, com Brue na frente, seguido de Abdullah — por que ele tremia tanto de repente? —, com Issa e Annabel na retaguarda.

Issa dera o braço direito para Annabel segurar, mas apenas na manga, sempre apenas na roupa. Ela sentia o calor de Issa através do tecido e achava que podia sentir a pulsação dele, mas provavelmente era a sua própria.

— O que Abdullah fez? — ela perguntara mais uma vez a Erna Frey na hora do almoço, esperando que a iminência da ação pudesse soltar a língua dela.

— Ele é uma parte ínfima de um barco grande e sujo, querida — Erna, a marinheira apaixonada, respondera enigmaticamente. — Com um pino.

Se você não conhece o barco, é difícil de encontrar. É fácil de perder novamente.

Além de Issa, Annabel podia ver o chapéu branco do Dr. Abdullah balançando precariamente seis degraus abaixo dela: uma parte pequena de um barco sujo.

A porta para o escritório do caixa estava aberta. Brue, pai de Georgina, estava diante do computador. Será que ele sabia usá-lo? Se precisar de minha ajuda, será atendido.



Na van, Bachmann e sua equipe de duas pessoas estavam dominados pelo mesmo silêncio que caíra sobre o grupo de quatro reunido no escritório do caixa. Uma câmera posicionada no fundo do escritório proporcionava visão completa com uma lente olho de peixe, uma segunda câmera dava *close-up* em Brue, sentado diante do teclado, digitando laboriosamente com dois dedos os códigos identificadores e os números das contas copiados de um impresso trazido por Abdullah e monitorado por uma terceira câmera, escondida numa luminária no teto. Em outro monitor com informações transmitidas pelo Comitê, em Berlim, a mesma lista estava sendo reproduzida no ritmo vacilante da digitação de Brue. As instituições de caridade não incluídas no grupo que o Dr. Abdullah já havia submetido à aprovação de Issa eram destacadas em vermelho.

— Por Deus, Michael — Bachmann implorou pela linha direta que o ligava a Axelrod. — Se não agora, quando?

— Não entre no táxi, Günther.

— Nós o pegamos, porra! O que estão esperando?

— Permaneça onde está. Não chegue mais perto do banco até que eu lhe diga para fazê-lo. É uma ordem.

Não chegar mais perto do banco do que quem? Arni Mohr? Lantern e seu passageiro não identificado? Mas Axelrod havia desligado novamente. Bachmann olhou para os monitores, capturou os olhos de Niki e desviou o olhar. Uma ordem, ele dissera. Uma ordem de quem? Axelrod? Burgdorf? Burgdorf com Martha sussurrando em seu ouvido? Ou uma ordem

consensual de um comitê que estava em guerra contra si mesmo em uma cápsula na qual o cheiro de sangue quente jamais penetrava?

O olhar de Bachmann retornou bruscamente para Niki. Um telefone preto incongruentemente antiquado que ficava em uma prateleira acima dos monitores estava soando seu toque rústico. A expressão de Niki não se alterou. Ela não levantou as sobrancelhas para ele em questionamento, tampouco o exortou ou se juntou a ele em sua hesitação. Ela deixou que o telefone continuasse tocando e aguardou um sinal dele.

Bachmann acenou com a cabeça para ela: atenda. Ela inclinou a cabeça, aguardando que a ordem fosse dita.

— Atenda o telefone — ele disse em voz alta.

Ela pegou o fone e falou em uma voz animada, meio cantante, que foi retransmitida para o sistema de alto-falantes da van. "Hansa Taxis! Obrigado por sua ligação. Onde gostaria de ser apanhado, por favor?"

Soando mais relaxado do que na noite toda, Brue deu o endereço do banco em ritmo de ditado.

— Telefone?

Brue deu o número.

— Um segundo, por favor! — Niki cantou e, fazendo uma pausa para indicar que estava consultando seu computador, colocou a mão sobre o bocal do telefone preto enquanto aguardava novamente as instruções de Bachmann. Ele deliberou mais um instante. Depois, levantando-se, pegou o chapéu de marinheiro do gancho na porta e colocou-o na cabeça, vestiu o casaco de operário, uma manga depois da outra. Finalmente, um último puxão para acomodá-lo firmemente nos ombros.

— Diga a ele que estou a caminho — ele disse.

Niki tirou a mão do bocal do telefone.

— Dez minutos, senhor — ela disse, e desligou.

Da porta, Bachmann olhou uma última vez para os monitores.

— Digam apenas *vá* — ele avisou a Maximilian e Niki. — Se o sinal verde for dado, é tudo que precisam me dizer. *Vá*.

— E se não for? — Niki perguntou pelos dois.

— Não for o quê?

— Não for dado. Se o sinal verde não for dado.

— Então vocês não precisam dizer nada, não é mesmo?



Brue detestava até mesmo ver o escritório do caixa, com seus brinquedos de alta tecnologia de uma parede à outra, e não somente por sua própria incompetência. Um dos momentos mais tristes de sua vida tinha sido diante da fogueira em seu jardim em Viena com a primeira esposa, Sue, a seu lado e Georgie do outro, observando o lendário arquivo de fichas do Brue Frères virar fumaça. Outra batalha perdida. Outro passado destruído. A partir de agora, ele seria como todo o resto.

O Dr. Abdullah cheira a talco, Brue reparou enquanto digitava laboriosamente um conjunto de números. Na casa dele, Brue não havia percebido. Talvez tivesse aplicado uma dose dupla para a ocasião. Ele se perguntou se Annabel havia percebido: quando tudo tivesse acabado, perguntaria a ela.

A camisa e o chapéu brancos de Abdullah brilhavam intensamente sob a luz fria, e ele estava apoiado em Brue, empurrando-o com o ombro enquanto apontava amavelmente com o dedo indicador primeiro um código de identificação e depois o valor a ser transferido eletronicamente.

Honestamente, para o gosto de Brue, Abdullah estava invadindo um pouco demais seu espaço, levando em conta o contato físico, o talco e o calor dentro da sala. Mas Brue havia lido que homens árabes não ligavam para isso, perfeitamente felizes em caminhar pela rua ou em se sentar em cafés de mãos dadas, e podem ser os caras mais machões da vizinhança. Ainda assim, ele gostaria de que Abdullah aliviasse um pouco, pois estava atrapalhando o trabalho.

Ismail. Por que estava pensando tão repentinamente em Ismail? Talvez porque sempre desejasse ter sido capaz de dar um irmão a Georgie. Era um menino e tanto. Se eu tivesse a aparência dele na mesma idade, teria feito sucesso. É assim. Fátima, partindo para... onde mesmo? Balliol? London School of Economics, era isso. Georgie jamais atingira essas alturas. Brilhante, lê as pessoas na hora, Georgie não deixa nada passar, mas não é o tipo de mente que se possa educar. *Nascida* educada em muitos aspectos. Mas não uma aprendiz no sentido formal, não Georgie.

Outra lufada de talco. Abdullah estava se pressionando contra ele. Meu Deus, daqui a pouco, estará sentado no meu colo. E todos aqueles filhos — três? Quatro? Mais um no jardim? Deve ser uma coisa extraordinária, reproduzir-se dessa forma. Reproduzir-se sem pensar, praticamente. Apenas mandando ver, realizando a vontade de Deus.

O indicador de Abdullah saltara umas duas linhas. Alguma transportadora marítima em Chipre. *Que* diabos isso tem a ver? Em um minuto, uma instituição de caridade de renome mundial sediada em Riad, e no seguinte uma transportadora marítima de fachada em Nicosia. Em parte para escapar da proximidade de Abdullah, e em parte para se reassegurar, Brue virou-se para Annabel.

— Estão de acordo com esta aqui? — ele perguntou em alemão. — Não parece estar marcada. Tudo que tenho é o valor. Cinquenta mil dólares. Companhia de Navegação Sete Amigos, Nicosia.

— Ah, esta seria muito essencial para os aflitos do Iêmen — Abdullah explicou a Brue antes que Annabel pudesse fazer a pergunta a Issa. — Se seu cliente está interessado em distribuir alívio médico para toda a Umma, é um meio muito eficiente de atingir tal objetivo.

Com as mãos descansando ao lado do teclado, Brue ouviu a tradução de Annabel para o russo: — O Dr. Abdullah diz que o povo do Iêmen é terrivelmente afligido pela pobreza. Esta transportadora marítima de confiança tem uma longa experiência em levar assistência até eles. Você quer esta ou não?

Issa deliberou, primeiro sim, depois não, e deu de ombros. Então, se iluminou: — Na minha prisão na Turquia havia um iemenita que estava tão doente que morreu! Agora isso não acontecerá novamente. Faça, faça, Sr. Tommy!

Obedientemente, Brue digitou os dados da transportadora e, em sua imaginação, seguiu-os pelo ar: primeiro para o banco intermediário que o Frères era obrigado a usar nas transferências — nos dias que antecederam o computador, o nome Brue teria sido suficiente —, depois para Ancara, seguindo para um banco turco-cipriota decrépito em Nicosia que provavelmente se parecia com um banheiro de quintal com cachorros sarnentos pegando sol na porta. Annabel estava batendo em seu ombro. Tinha sido um aperto, ela jamais havia tocado nele.

— Isto é um "e" comercial. Você colocou um traço.

— Coloquei? Onde? Por Deus, coloquei mesmo. Que burrice a minha. Obrigado.

Ele colocou um "e" comercial. Havia feito o trabalho. Quatorze bancos malditos e uma transportadora vagabunda. Tudo que precisava fazer agora era apertar a tecla ENTER.

— Então estamos terminados, *Frau* Richter? — ele perguntou jovialmente com a mão flutuando sobre o teclado e o indicador elevado.

— Issa? — ela perguntou.

Issa concordou distraidamente com a cabeça e retornou a suas reflexões.

— Dr. Abdullah, nenhuma preocupação?

— Obrigado. Naturalmente, estou muito satisfeito.

Todos os cem por cento de você?, Brue se perguntou.

Ainda olhando para a tecla ENTER, Brue deliberou que gesto deveria fazer e que humor seu rosto deveria expressar quando a apertasse.

Ele era um banqueiro feliz porque estava prestes a descarregar 12,5 milhões de dólares dos recursos de seu banco? Nem um pouco.

Ele era um banqueiro feliz por estar realizando um serviço ao filho e herdeiro de um cliente de longa data do banco?

Ou estaria ele mais feliz por estar salvando Annabel de um problema enorme e Issa do encarceramento eterno e de coisas ainda piores?

Na verdade, era a última opção. Mas, por segurança, Brue adotou seu rosto de diretoria e em um alívio pelo qual havia aguardado, pressionou a tecla ENTER com mais força do que pretendia.

E lá se vai a última Lipizzaner. Adeus, Edward Amadeus OBE. E adeus, Ian Lantern, e que Deus ajude a todos que navegam com você.

Ele só tinha mais uma tarefa a cumprir.

— Dr. Abdullah, *sir*. Permita-me chamar um táxi para o senhor por conta do banco.

E sem esperar a resposta do bom doutor, discou o número que Lantern havia lhe dado para aquele momento.



Dirigindo entre os cones invisíveis da zona de exclusão de Mohr, passando por carros anódinos demais para serem inocentes estacionados nas esquinas, por pedestres corpulentos sem nada para fazer além de parecerem inocentes e por engenheiros com lanternas trabalhando pouco convincentemente em caixas de luz, Bachmann estacionou diante do jardim na frente do banco, levantou a gola do casaco de operário e, como qualquer taxista esperando um passageiro, acomodou-se para ouvir rádio e olhar para o nada através do para-brisa — e menos vagamente para o visor via satélite que bruxuleava discretamente na parte inferior do painel. Ele estava recebendo imagens, mas no último minuto os técnicos de Mohr fizeram alguma besteira e não conseguiam transmitir áudio.

Seus dois observadores logo pararam o Audi meio quarteirão abaixo. Estavam ali para a eventualidade infeliz de que *Signpost* não aceitasse gentilmente ser sequestrado para um local desconhecido. Bachmann mandara que permanecessem no carro até serem chamados. Nada de confusão com os homens de Mohr, sob pena de excomunhão.

Bachmann vistoriou cuidadosamente as casas ao longo da rua e ficou horrorizado ao perceber duas figuras sombrias em um telhado e outras duas na entrada de um beco na margem do Binnen Alster. As imagens silenciosas em seu visor mostravam Annabel e *Felix* matando tempo no saguão enquanto Brue primeiro levava *Signpost* ao banheiro do andar de baixo e depois subia, presumivelmente com o mesmo objetivo, ou talvez precisasse de uma bebida rápida.

Na tela, Annabel e *Felix* estão se olhando a dois metros de distância e gargalhando com um pouco de tensão. É a primeira vez que Bachmann vê Annabel de lenço na cabeça. É a primeira vez que a vê rir. *Felix* levanta os braços e faz uma dancinha. Bachmann presume que seja algum tipo de dança chechena. Annabel, de saia longa, junta-se a ele cuidadosamente. A dança termina antes mesmo de começar.

Bachmann fechou os olhos e voltou a abri-los. Sim, ele ainda estava ali, ainda esperando o que positivamente seria o último sinal verde, ainda aguardando ordens diretas de Axelrod, mas Günther Bachmann era famoso por correr riscos e nada jamais mudaria isso.

O agente de campo sabe o que é melhor: a Lei de Bachmann. Mas por que, por que o atraso, e mais atraso, por que, por quê? A menos que Berlim tivesse feito besteira — o que, reconhecidamente, era sempre possível —, Abdullah estava comprometido até os cabelos e a operação tinha sido um

triunfo. Sendo assim, por que a orquestra não estava tocando no volume máximo e por que ele não recebia o sinal verde restando apenas poucos minutos?

O celular estava tocando. Niki, falando por Maximilian: — É uma ordem por escrito. Acabou de chegar.

— Leia — Bachmann murmurou.

"Projeto adiado. Evacuar a área agora e retornar para a Estação de Hamburgo."

— Quem assina, Niki?

— O Comitê Conjunto. Seu símbolo em cima e o do Comitê Conjunto embaixo.

— Nenhum nome?

— Nenhum nome — Niki confirmou.

Então era uma decisão consensual, o único tipo de decisão tomado pelo Comitê. Não importava quem estivesse no comando.

— É *projeto*, certo? Projeto adiado? Não *operação* adiada?

— Projeto, correto. Nenhuma referência à operação.

— E nada sobre *Felix*?

— Nada.

— Ou *Signpost*?

— Nada sobre *Signpost*. Transmitem a mensagem toda a você.

Ele tentou ligar para o celular de Axelrod e foi atendido pela caixa postal. Tentou a linha direta para o Comitê Conjunto e deu ocupado. Tentou a telefonista mas não foi atendido. No vitor, Brue está retornando do andar superior. Agora os três estão em pé no saguão, esperando *Signpost* sair do banheiro.

Projeto adiado, foi o que disseram.

Por quanto tempo? Cinco minutos ou para sempre?

Axelrod foi deixado de lado. Ele foi deixado de lado, mas deixaram que soltasse a ordem e obscureceram deliberadamente as palavras para que eu pudesse entender errado.

Nada de *Signpost*, nada de *Felix*, nada de operação, apenas projeto. Axelrod está me dizendo para usar minha iniciativa. Se puder ir, vá, mas não diga que fui eu quem mandou, diga apenas que não entendeu a mensagem. Não, repito, sim.

Issa, Annabel e Brue ainda estavam esperando que *Signpost* saísse do banheiro, assim como Bachmann.

Que diabos ele está *fazendo* lá esse tempo todo? Preparando-se para o martírio? Bachmann lembrou a expressão no rosto dele quando se aproximou de Issa para o primeiro abraço: *estou abraçando um irmão ou minha própria morte*? Ele tinha visto a mesma expressão nos rostos dos loucos em Beirute antes de saírem para que fossem mortos.

Ele saiu. *Signpost* finalmente voltou do banheiro. Está vestindo uma capa de chuva bege da Burberry, mas tirou o chapéu. Será que o deixou no banheiro ou guardou-o na maleta? Ou será que está nos dizendo alguma coisa? Será que está dizendo o que tem pensado o tempo todo: *peguem-me*. Entrei conscientemente em sua armadilha com uma isca porque, do contrário, como poderia me reconciliar com Deus, então me peguem?

Signpost para diante de Issa e olha para ele, adorando-o. Issa olha confuso para Abdullah. *Signpost* estende os braços e abraça Issa calorosamente, batendo em seus ombros: *meu filho*. *Signpost* acaricia o rosto de Issa, pega as mãos dele e as aperta ternamente contra o peito enquanto os dois ocidentais observam do outro lado do abismo cultural. Issa está agradecendo e honrando tardiamente seu guia e mentor. Annabel Richter está traduzindo. A despedida está sendo longa.

— Nada ainda, Niki?

— Está tudo morto. Monitores, tudo.

Estou sozinho, que é como sempre estou. O agente de campo sabe o que é melhor. Eles que se fodam.

Mas, milagrosamente, a tela de Bachmann ainda funciona, mesmo sem som. O saguão está vazio. Os quatro sumiram. Os técnicos de Mohr atacam novamente. Sem cobertura de vídeo da entrada do banco.

A porta da frente do banco se abre. Câmeras e telas tornam-se irrelevantes. Finalmente, o olho nu assume o papel. Luzes intrusas brilhantes demais iluminam os degraus e os pilares ao redor deles. *Signpost* é o primeiro a sair. Seu passo é incerto. Ele está morrendo de medo.

Issa também percebeu a fragilidade e caminha ao lado de Abdullah com uma mão sob o braço do mestre. Issa está sorrindo.

Atrás deles, Annabel também ri. Ar livre, finalmente. Estrelas. Até uma lua. Annabel e Brue seguindo na retaguarda. Todos, incluindo Brue, sorriem agora. Somente Abdullah parece infeliz, o que, por mim, está tudo bem. Primeiro direi a ele que seus piores temores se realizaram e, depois, que serei seu melhor e *único* amigo.



Estão vindo na minha direção.

Issa e Annabel conversam com ele e Abdullah, de algum modo, sorri, mas treme como uma folha.

Bachmann levanta lentamente a cabeça coberta pelo chapéu e olha na direção do pequeno grupo que se aproxima do táxi, numa atuação estudada. *Sou um motorista de táxi sonolento de Hamburgo, mais uma corrida e termino por hoje.*

Agora, Brue segue na frente. Brue, o cavalheiro inglês avançando na frente do grupo para guiar seu convidado que está prestes a partir.

Bachmann de chapéu e casaco puído — que apenas 15 segundos antes desligara o visor por satélite — baixa a janela e cumprimenta Brue do jeito não muito respeitoso que podia ser o de qualquer motorista de táxi trabalhando tarde da noite.

— Táxi para Brue Frères? — Brue pergunta alegremente, inclinándose para a janela aberta de Bachmann esticando uma mão para a maçaneta da porta traseira. — Fantástico! — e, virando-se para *Signpost* com o mesmo jeito animado — Estamos indo para onde hoje à noite, doutor, se não se importa que eu pergunte? Se for até sua residência, está tudo bem com o banco. Apenas gostaria que todos os nossos negócios pudessem ser conduzidos de modo tão amigável, senhor.

Mas Abdullah não teve tempo de responder ou, se teve, Bachmann jamais ouviu o que disse. Uma van branca e alta avançara pelo jardim, atingindo o táxi de Bachmann, virando-o de lado, estilhaçando a janela lateral e amassando a porta do motorista. Coberto de estilhaços de vidro e caído sobre o banco do carona, Bachmann acompanhou em câmera lenta enquanto Brue saltava da frente, o paletó enfunado como se flutuasse na água. Conseguindo ficar meio sentado, viu uma Mercedes de vidros pretos parar logo atrás da van e outra dando ré em alta velocidade e se posicionando diretamente na frente dele. Tonto por causa do impacto e dos faróis, Bachmann viu no para-brisa do primeiro Mercedes, como se fosse dia, o rosto de traços marcados e os cabelos louros da mulher sentada ao

lado de um motorista mascarado, quando o carro freou guinchando atrás da van.



Annabel pensou primeiro que estava sonhando, depois entendeu que era verdade. Ela deu um passo atrás e descobriu que estava sozinha. Abdullah também havia parado completamente e estava em pé com os pequenos pés juntos e virados para dentro enquanto olhava além dela rua abaixo. Se ele não fosse um grande acadêmico muçulmano, Annabel teria obedecido a seus instintos e o teria agarrado pelo braço, pois ele começou a balançar e ela temeu que estivesse sofrendo algum tipo de derrame, prestes a cair.

Mas ele não caiu.

Para alívio de Annabel, ele se endireitou, apenas para continuar olhando rua abaixo com um ar de reconhecimento angustiado e de horror em seu rosto, o ar de um homem cujos piores temores chegaram para lhe fazer uma visita. Ela também percebeu que a cabeça magra de Abdullah havia afundado entre os ombros enquanto ele se encolhia em autoproteção, como se imaginasse que alguém já o estivesse espancando pelas costas, apesar de não haver ninguém atrás dele para fazer isso.

Nesta altura, Annabel estava olhando além de Abdullah, para Issa, querendo capturar o olhar dele e transmitir a ele sua ansiedade. Contudo, em vez disso, ela se viu olhando na direção para a qual tanto Issa quanto Abdullah já estavam virados, e finalmente viu o que eles tinham visto, apesar da visão não ter despertado imediatamente o terror dentro dela do mesmo modo que aterrorizara Abdullah.

E por ter sido tão lenta em compreender o que estava acontecendo, para eles foi como uma brincadeira de criança. Eles pegaram Abdullah, que estava a seu lado, tão eficientemente como se estivessem roubando sua bolsa de mão. Issa, por sua vez, sendo mais avançado na consciência da força bruta, agarrou-se a seu mentor como que para salvar a própria vida, envolvendo-o com os braços magros e ajoelhando-se com ele para oferecer maior proteção.

Mas isso foi somente até que os quatro ou cinco homens mascarados formaram um círculo ao redor deles — uma espécie de formação de tartaruga, como os romanos chamavam nas aulas de história de Annabel —, arrastaram e carregaram os dois até a van, jogaram-nos dentro do veículo e embarcaram atrás deles, batendo as portas para que tivessem privacidade. Annabel viu Brue correndo a seu lado e o ouviu gritar com toda força em inglês para os homens mascarados e perguntou-se por que ele gritara em inglês. Então ela se lembrou de que os homens mascarados haviam falado palavrões curtos entre si em inglês americano, o que podia explicar por que Brue escolhera o inglês para gritar com eles, apesar de que podia muito bem ter poupado fôlego, pois não deram a menor atenção a ele.

E foi provavelmente a presença de Brue ao lado dela que lhe permitiu recobrar a razão e a libertou para que corresse a toda velocidade atrás da van à medida que ela se afastava, com a intenção de se colocar na frente dela, se ao menos conseguisse passar do capô amassado de um Mercedes que recuara.



Usando o braço direito para se arrastar para fora pela porta do carona, Bachmann meio que correu, meio que mancou ao lado da van, socando com o punho bom a lateral branca do veículo. Pulando sobre o capô do Mercedes que seguia na dianteira, ele impulsionou os pés, para a indiferença dos dois homens de balaclava sentados na frente. A van partia e suas portas laterais se fechavam, não antes que Bachmann visse homens em pé de macacões e balaclavas pretos e dois corpos inertes estirados de bruços no chão, um deles de sobretudo negro e o outro de Burberry bege. Ouviu gritos, percebeu que eram de Annabel e viu que ela havia agarrado a maçaneta de uma porta lateral e se deixava arrastar enquanto gritava sem parar em inglês "abram a porta, abram a porta, abram a porta".

O primeiro Mercedes, no qual estavam o motorista mascarado e a loura no banco do carona, havia emparelhado com a van e tentava afastar Annabel, enquanto o veículo branco acelerava, mas Annabel continuava

segurando firme, gritando "desgraçados desgraçados", também em inglês. Então ele a ouviu gritar novamente:

— Vou resgatar você! — agora em russo, e Bachmann percebeu que desta vez estava se dirigindo a Issa, e não aos sequestradores. — Resgato você nem que seja a última... e presumivelmente ia dizer ... *coisa que faça na vida*, mas naquela altura ela estava literalmente socando o ar, pois Brue a agarrara e fizera com que largasse a maçaneta. Mas, mesmo quando a colocou em pé, os braços dela continuaram esticados em direção à van num esforço para trazê-la de volta.

Com a aproximação de Bachmann, Arni Mohr adotou uma expressão de distanciamento estudado e precisou dar um telefonema que exigia que caminhasse rua abaixo, mas Newton, com seu novo tufo de barba negra, avançou afavelmente para cumprimentar o antigo colega.

— Bem, *Günther Bachmann*, por Cristo! Como é que você passou pelo bloqueio? Achamos que fosse o garotinho de Mike Axelrod. Será que o Irmão Burgdorf lhe ofereceu um assento ao lado do ringue, no final das contas?

Mas à medida que Newton se aproximava de Bachmann e percebia seu braço quebrado, seu estado desgrenhado e o olhar acusatório em seus olhos, entendeu que havia se confundido a respeito daquele homem, e parou rapidamente.

— Escute. Desculpe pelo táxi, certo? Aqueles caipiras dirigem muito mal. Agora vá cuidar desse braço. Ian levará você a um hospital. Agora, sim, Ian? Ele disse que sim. Vá agora.

— Para onde vocês o levaram? — Bachmann perguntou.

— Abdullah? Quem se importa? Para algum buraco no deserto, pelo que sei. A justiça foi feita, cara. Todos podemos ir para casa.

Ele falou as últimas palavras em inglês, mas Bachmann, atordoad, não conseguiu entender.

— *Feita?* — ele repetiu estupidamente. — O que foi feito? De que justiça está falando?

— Justiça *americana*, babaca. Qual mais, você acha? Justiça imediata, cara. Justiça sem baboseiras, *esse* tipo de justiça! Justiça sem malditos advogados em volta para perverter o curso. Você nunca ouviu falar em rendição extraordinária? Está na hora de vocês, chucrutes, arrumarem uma palavra para isso. Desistiu de falar, ou o quê?

Mas, ainda assim, Bachmann não disse nada, de modo que Newton continuou: — Olho por maldito olho, Günther. Justiça como forma de retribuição, certo? Abdullah estava matando *americanos*. Chamamos isso de pecado original. Você quer fazer brincadeirinha de espião? Vá procurar europigmeus.

— Eu estava perguntando sobre Issa — Bachmann disse.

— Issa era *ar*, cara — Newton retrucou, agora seriamente enraivecido. — De quem era a porra do dinheiro, afinal de contas? Issa Karpov financia o terror, ponto. Issa Karpov manda dinheiro para homens muito maus. Ele acaba de fazer isso. Foda-se, Günther. Entendeu? — Mas ele parecia sentir que não havia sido claro o bastante: — E que tal aqueles militantes chechenos com quem ele andava? Hein? Você está me dizendo que eram um bando de gatinhos?

— Ele é inocente.

— Besteira. Issa Karpov era cem por cento cúmplice, e daqui a duas semanas, se durar tanto, ele admitirá. Agora saia da minha frente antes que eu o tire daqui.

Flutuando na sombra do americano alto, Lantern parecia concordar.



Um frio vento noturno vinha do lago, trazendo o cheiro de óleo do porto. Annabel estava em pé no centro do jardim, olhando para a rua vazia em busca da van que havia partido. Brue estava ao lado dela. O lenço de Annabel havia caído nos ombros. Distraidamente, ela recolocou-o na cabeça e o amarrou novamente sob o queixo. Ouvindo um passo, Brue deu meia-volta e viu o motorista do táxi acidentado mancando na direção deles. Então Annabel também se virou e reconheceu o motorista como Günther Bachmann, o homem que fazia o tempo, a 10 metros dela, sem ousar chegar mais perto. Ela o examinou, sacudiu a cabeça e começou a tremer. Brue colocou o braço nos ombros de Annabel, onde sempre quisera colocá-lo, mas duvidava que ela soubesse que estava ali.

FIM

Agradecimentos

A Yassim Musharbash da *Spiegel* online, por suas pesquisas cuidadosas e incansáveis; a Clive Stafford Smith, Saadiya Chaudary e Alexandra Zernova da organização de caridade britânica Reprieve¹ e Bernhard Docke² em Bremen por seus conhecimentos jurídicos; ao escritor e jornalista Michael Jürge de Hamburgo, por suas observações valiosas e pela leitura cuidadosa dos primeiros rascunhos; a Helmuth Landwehr, ex-banqueiro, por me demonstrar os caminhos de seus menos escrupulosos ex-colegas; a Anne Harms e Annette Heise da flucht•punkt³ de Hamburgo, por me permitirem criar o Santuário Norte como uma organização-irmã fictícia, com funcionários e clientes fictícios; e ao escritor e especialista em Oriente Médio Said Aburish, por sua sábia assistência. E a Carla Hornstein que, por coincidência, me iniciou nessa jornada e me forneceu observações e conselhos valiosos.

¹ A organização Reprieve usa a lei para fazer justiça e salvar vidas, seja no corredor da morte ou em Guantánamo. (N. do A.)

² Bernhard Docke é o representante legal *pro bono* de Murat Kurnaz, o muçulmano turco-alemão preso injustamente em Guantánamo durante quatro anos e meio. (N. do A.)

³ flucht•punkt oferece assistência jurídica a pessoas que buscam asilo e pessoas sem Estado na região de Hamburgo. Reprieve e flucht•punkt são registradas como organizações de caridade. (N. do A.)